

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED

OLENIR MARIA MENDES

**MEMORIAL ACADÊMICO**  
**PROFISSÃO DOCENTE: SABERES, SABORES e LUTAS**

UBERLÂNDIA – MG

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FACED

OLENIR MARIA MENDES

MEMORIAL ACADÊMICO  
**PROFISSÃO DOCENTE: SABERES, SABORES e LUTAS**

Memorial descritivo apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a promoção à Classe de Professora Titular da Carreira do Magistério Superior, de acordo com a Portaria do MEC nº 982, de 3 de outubro de 2013, regulamentada pela Resolução nº 3/2017, do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia, de 09 de junho de 2017.

UBERLÂNDIA – MG

2023

*“Tem lugares que me lembram  
Minha vida, por onde andei  
As histórias, os caminhos  
O destino que eu mudei  
Cenas do meu filme em branco e preto  
Que o vento levou e o tempo traz...”*

*(Minha Vida - Rita Lee)*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED

MEMORIAL ACADÊMICO

COMISSÃO ESPECIAL DE AVALIAÇÃO

Dr. Marcos Daniel Longhini (UFU)  
Titular (presidente)

Dr. Domingos Manuel Barros Fernandes  
(Iscte-Instituto Universitário de Lisboa)  
Titular

Dr<sup>a</sup>. Dulcéria Tartuci (UFCat)  
Titular

Dr<sup>a</sup>. Maria Vieira Silva (UFRN)  
Titular

Dr<sup>a</sup> Marta Genú Soares (UEPA)  
Titular

Dr<sup>a</sup>. Malvina Tânia Tuttman (Unirio)  
Suplente

Dr<sup>a</sup>. Maria Irene Miranda (UFU)  
Suplente

UBERLÂNDIA – MG  
2023

## DEDICATÓRIA

Às MULHERES que passaram por minha vida. São muitas... sem elas eu nada seria.

Às professoras e aos professores que persistem, que lutam para que suas alunas e seus alunos não desistam. E muito especialmente àquelas professoras que, durante pandemia, deixaram seus lares e foram atrás das crianças que estavam com dificuldades para receber as aulas remotas.

Amores são águas doces  
Paixões, águas salgadas  
Queria que a vida fosse  
Essas águas misturadas  
Eu que já fui afluente  
Das águas da fantasia  
Hoje molho mansamente  
As margens da poesia  
Cachoeira da Vitória  
Timbó das pedras de seixo  
Vocês são minha memória  
Correm em mim desde o começo  
Quando o Subaé subia  
Beijando o Sergimirim  
Um amor de águas limpas  
Nascia dentro de mim  
E foi assim pela vida  
Navegando em tantas águas  
Que mesmo as minhas feridas  
Viraram ondas ou vagas  
Hoje eu lembro dos meus rios  
Em mim mesma mergulhada  
Águas que movem moinhos  
Nunca são águas passadas  
Eu sou memória das águas  
Sou memória das águas  
Amores são águas doces  
Paixões, águas salgadas  
Queria que a vida fosse  
Essas águas misturadas  
Eu que já fui afluente

Das águas da fantasia  
Hoje molho mansamente  
As margens da poesia  
Cachoeira da Vitória  
Timbó das pedras de seixo  
Vocês são minha memória  
Correm em mim desde o começo  
Quando o Subaé subia  
Beijando o Sergimirim  
Um amor de águas limpas  
Nascia dentro de mim  
E foi assim pela vida  
Navegando em tantas águas  
Que mesmo as minhas feridas  
Viraram ondas ou vagas  
Hoje eu lembro dos meus rios  
Em mim mesma mergulhada  
Águas que movem moinhos  
Nunca são águas passadas  
Eu sou memória das águas  
Sou das águas  
Memória das águas (Maria Bethania)  
Antonio Jorge Portugal / Joao Roberto  
Caribe Mendes

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Uberlândia, pois foram muitos anos. Primeiro, como estudante e, depois, como docente.

À minha mãe Orlandina e ao meu pai Osvaldo (*In memoriam*). Ao meu filho Antônio Mendes, à minha filha Ana Beatriz Mendes (Bri, querida) e ao meu marido Guilherme. Vocês estão aqui comigo sempre! Em nome de vocês agradeço à toda a minha família pela convivência, troca e partilha da vida.

Às amigas e amigos de toda a minha vida. A amizade é tudo!

Às minhas ex-professoras da Educação Básica, pelos primeiros processos de aprendizagens.

Às professoras e professores da graduação e pós-graduação. Foram aprendizados inesquecíveis, inclusive a militância política. Acho que aprendi direitinho.

Às minhas ex-alunas, que me alertaram e me ajudaram a ser a docente que sou. Às alunas e alunos que toparam e continuam topando participar das experiências propostas e, principalmente, pelas trocas incríveis. Valeu gente!

Aos grupos e movimentos sociais dos quais fiz e faço parte, com os quais aprendo tanto, mui especialmente ao Cebi e ao Gepae. Quantas bonitezas construímos juntas, juntos e juntas! Gratidão!

Às professoras Dulcéria Tartuci, Malvina Tânia Tuttman, Maria Irene Miranda, Maria Vieira Silva, Marta Genú Soares e aos professores Domingos Manuel Barros Fernandes Marcos Daniel Longhini que gentilmente aceitaram o convite para compor a banca de defesa deste memorial. Gratidão!

À Rosane Cristina de Oliveira Santos, técnica da UFU, hoje já aposentada, que sempre nos ajudou e continua ajudando a cumprir com nossas responsabilidades. Uma mulher incrível!

Enfim, agradeço a todas... todas as pessoas que passaram, que estão passando e que ainda vão passar por minha vida. Todas! Agradeço, inclusive às pessoas que passaram e passam por minha vida por meio das publicações, dos estudos e referências teóricas, da literatura, das poesias, das músicas e do teatro. Todas as pessoas me tornam Eu/Nós.

GRATIDÃO!

## RESUMO

Este memorial trata-se de uma narrativa reflexiva sobre minha trajetória profissional, a partir de minha atuação como docente da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. O recorte por mim escolhido aborda alguns momentos de minha história de vida por entender que são fatos que afetaram o processo de constituição da realidade que compartilho neste espaço. A Formação, o Ensino, a Pesquisa e a Extensão têm centralidade, porém faço descrição e análises de atividades que foram representativas e relevantes para a minha carreira docente. Parto do relato de minha infância, adolescência e juventude, por entender que foram determinantes na minha formação. Procurei fazer uma escrita crítica e reflexiva, por entender que esse deve ser também papel docente. Faz parte deste memorial atender aos requisitos exigidos para a Promoção da Classe de Professor Associado IV para a Classe de Professor Titular na Carreira do Magistério Superior, de acordo com a Portaria do MEC nº 982, de 3 de outubro de 2013, regulamentada pela Resolução nº 3/2017, do Conselho Diretor da UFU. Por fim, destaco que a construção deste memorial traz também as influências do contexto social e político dos últimos anos, vividos por nós, povo brasileiro.

Palavras-chave: Memorial. Docência. Avaliação Formativa.

## ABSTRACT

This memorial is a reflective narrative about my professional trajectory, starting from my role as a professor at the Federal University of Uberlândia - UFU. The selected focus of my narrative encompasses significant moments in my life, as I believe they have shaped the reality that I share within this space. Education, Teaching, Research, and Outreach activities are central, and I provide descriptions and analyses of activities that have been representative and relevant to my teaching career. I begin with an account of my childhood, adolescence, and youth, recognizing their formative impact on my development. I aimed to write critically and reflectively, recognizing that this is also the role of a professor. This memorial fulfills the requirements for the promotion from Associate Professor IV to Full Professor in the Higher Education Career, as stipulated by the Ministry of Education's Decree No. 982 of October 3, 2013, regulated by Resolution No. 3/2017 of UFU's Board of Directors. Finally, I emphasize that the construction of this memorial is also influenced by the social and political context of recent years experienced by us, the Brazilian people.

Keywords: Memorial. Teaching. Formative Assessment.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADUFU-SS - Associação de Docentes da UFU, Seção Sindical  
ANDES - Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior  
ANPED – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação  
Capes – Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior  
CBA – Ciclo Básico de Alfabetização  
Cebi – Centro de Estudos Bíblicos  
CEMEPE – Centro Municipal de Estudos e projetos educacionais Julieta Diniz  
CLT - Consolidação das Leis Trabalhistas  
CONAES - Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior  
CPA - Comissão Própria de Avaliação  
DA - Diretório Acadêmico  
DIREN - Diretoria de Ensino  
Dpope - Departamento de Princípios e Organização da Prática Educativa  
ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino  
Enem - Exame Nacional do Ensino Médio  
ESEBA - Escola de Educação Básica  
Faced - Faculdade de Educação  
FACIP - Faculdade de Ciências Integradas do Pontal  
Fumesu - Fundação Municipal de Ensino Superior de Uberaba  
FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais  
FEU - Faculdade de Educação de Uberaba  
FEUSP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo  
FHC – Fernando Henrique Cardoso  
FIT - Faculdades Integradas do Triângulo  
GEA - Grupo de Estudos em Avaliação  
GED - Gratificação de Estímulo à Docência  
Gepae - Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação Educacional  
GEPECPOP - Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares  
GPPF - Grupo de Pesquisa da Formação de Professores/as  
GTPE - Grupo de Trabalho em Política Educacional  
IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica  
IFES - Instituições Federais de Ensino Superior  
IFTM - Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro  
INHIS - Instituto de História  
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa  
LOED - Laboratório de Observação e Estudos Descritivos  
JUBJ - Jovens Unidos do Bom Jesus  
MEC - Ministério da Educação  
MESP - Movimento Escola sem Partido  
MST - Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra –  
MTST - Movimento dos trabalhadores e Trabalhadoras Sem Teto –  
ONG – Organização não governamental  
Pancs - Plantas alimentícias não convencionais  
PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência  
PJ - Pastoral da Juventude  
PPGED - Programa de Pós-Graduação em Educação  
PROEX - Pró-Reitoria de Extensão

PROGRAD - Pró-Reitoria de Graduação  
PT – Partido dos Trabalhadores e das Trabalhadoras  
PUC – Pontifícia Universidade Católica  
Sesc – Serviço Social do Comércio  
SIEX – Sistema de Informação de Extensão  
Simave - Sistema Mineiro de Avaliação  
SINAES - Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior  
SindUte - Sindicato dos e das Trabalhadoras em Educação de Minas Gerais  
SINTET -Sindicato de trabalhadoras e trabalhadores técnicos do Ensino Superior  
Unb - Universidade de Brasília  
UNESP – Universidade Estadual Paulista  
Unicamp – Universidade Estadual de Campinas  
UniCEUB - Centro Universitário de Brasília  
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos  
UFU – Universidade Federal de Uberlândia  
USP – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>MEMÓRIA DE MULHER: um capítulo à parte.....</b>	<b>20</b>
<b>3</b>	<b>FORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA, ENSINO SUPERIOR E PÓS-GRADUAÇÃO.....</b>	<b>30</b>
3.1	A Educação Básica: raras são as possibilidades para a classe trabalhadora.....	30
3.2	Educação Superior: a importância de uma Universidade pública e gratuita.....	35
3.2.1	O curso de Pedagogia da UFU: formar a/o pedagoga/o e não especialista.....	36
3.2.2	O novo estágio supervisionado.....	37
3.2.3	A formação profissional para além da sala de aula.....	39
3.3	A Pós-Graduação: mestrado e doutorado.....	42
3.3.1	O Mestrado em Educação na UFU.....	42
3.3.2	O Doutorado em Educação na USP.....	45
3.4	Formação em espaços educativos não formais.....	53
<b>4</b>	<b>TRAJETÓRIA PROFISSIONAL: Ser docente, um convite, um presente.....</b>	<b>64</b>
4.1	Memórias de professora na Educação Básica.....	64
4.1.1	Monitora das séries iniciais: a vizinha me convidou.....	65
4.1.2	Professora primária na escola pública estadual do Bairro Tocantins.....	66
4.1.3	Professora do Ciclo Básico de Educação – CBA, na Escola Estadual Marechal Castelo Branco.....	69
4.1.4	Outras experiências profissionais na Educação Básica.....	75
4.2	Memórias de professora no Ensino Superior: novamente um convite.....	77
4.2.1	Professora na antiga Faculdades Integradas do Triângulo – FIT, hoje Universidade do Triângulo – Unetri.....	77
4.2.2	Professora na Fundação Municipal de Educação Superior de Uberaba – Fumesu.....	80
4.2.3	Professora na UFU - uma conquista e muitas lutas.....	82
4.2.3.1	<i>Os desafios da docência a partir do fazer da práxis.....</i>	<i>83</i>
4.2.3.2	<i>Memórias Em Cenas – professora de Didática no curso de Teatro.....</i>	<i>93</i>
4.2.3.3	<i>As miniaulas de Didática: momento de construção coletiva sobre a prática docente.....</i>	<i>96</i>
4.2.3.4	<i>O Painel Integrado: estratégia de estudos sobre as teorias pedagógicas e sua influência no fazer docente.....</i>	<i>99</i>
4.2.3.5	<i>O campo minado: um aprendizado sobre a importância do planejamento e da avaliação na escola, a partir do trabalho coletivo...</i>	<i>105</i>
4.2.3.6	<i>Projeto integrado – 2º ano curso de Pedagogia (2016 a 2020) .....</i>	<i>112</i>
4.2.3.7	<i>O PIDID Pedagogia: e a Universidade vai para as escolas.....</i>	<i>117</i>
<b>5</b>	<b>A AVALIAÇÃO FORMATIVA NA PRÁXIS.....</b>	<b>123</b>
5.1	Os estudos sobre Avaliação Educacional na Pós-Graduação.....	143
<b>6</b>	<b>PESQUISA: antes, nasce o Gepae.....</b>	<b>147</b>
6.1	O Gepae: minhas alunas me convidaram.....	147
6.1.1	Aprendendo a pesquisar coletivamente.....	165
6.1.2	Os dezoito anos do Gepae e seu primeiro livro.....	170

6.1.3	Os Eventos Científicos organizados pelo Gepae (I e II SIAVA) .....	5
6.1.3.1	<i>O I SIAVA - Seminário Internacional de Avaliação</i> .....	
6.1.3.2	<i>O II SIAVA - Seminário Internacional de Avaliação</i> .....	
6.1.4	Participação em Eventos, Congressos, Seminários.....	181
6.1.5	As principais publicações a partir dos estudos e pesquisas do Gepae....	183
6.1.6	Outras pesquisas e experiências significativas.....	186
6.1.7	Outras publicações.....	191
7	<b>EXTENSÃO: encontros dialógicos com as comunidades</b> .....	193
7.1	Projetos junto às juventudes.....	193
7.2	O Gepae e os projetos de extensão da UFU – Vivências em formação continuada I, II e III: encontros e desencontros da avaliação educacional.....	195
7.3	Atuação do Gepae junto à Rede Municipal de Ensino de Uberlândia.....	202
7.4	Os Cadernos Temáticos.....	206
7.5	Assessorias e palestras.....	210
7.6	O documentário Mulheres Incríveis.....	211
8	<b>GESTÃO/ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS</b> .....	213
9	<b>OUTROS SABERES E SABORES</b> .....	216
9.1	Memórias sindicais.....	216
9.1.1	Performance CEGOS.....	227
9.1.2	Dia Internacional da Mulher – 8M em Uberlândia.....	228
9.1.3	O GTPE.....	230
9.1.4	O grito dos e das excluídas.....	233
9.2	O teatro em minha vida: força na alma, no coração e no corpo.....	234
10	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	243
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	248
	<b>ANEXOS</b> .....	252
	Anexo 1: Parecer da Prof <sup>a</sup> . Dr <sup>a</sup> . Dulcéria Tartuci (UFCat).....	252
	Anexo 2: Parecer da Prof <sup>a</sup> . Dr <sup>a</sup> . Maria Vieira Silva (UFRN).....	258
	Anexo 3: Parecer da Prof <sup>a</sup> . Dr <sup>a</sup> . Marta Genú Soares (UEPA).....	265

## 1 – INTRODUÇÃO

No dia da posse, devemos decretar a prorrogação da primavera por anos ininterruptos.

Em todas as cidades, e em cada povoado, cada um e cada uma de nós deverá dar vida à sua imagem do sonho.

O projeto do povo deve resplandecer desde o primeiro dia, desde a posse!

Vamos falar contra a fome e a favor da solidariedade das pessoas oprimidas: devemos transformar, em arte, essas palavras.

Temos que mostrar essas palavras como sólidas, palpáveis e beliscáveis.

Temos que teatralizá-las, pintá-las, esculpi-las, cantá-las, torná-las concretas, fotografáveis, filmáveis.

(A posse como cultura, Augusto Boal)

Foi em clima de posse que construí a escrita dessa narrativa autobiográfica. O ano de 2023, no Brasil, se inicia com a posse de Luiz Inácio Lula da Silva. Uma posse emocionante, quase 300 mil pessoas em Brasília e nós estivemos lá. Cantamos, choramos, gritamos e expressamos nossas emoções depois de viver tempos muito sombrios em nosso país. A posse de Lula representa a derrota do fascismo que tentou golpear o Brasil. Vivemos tempos difíceis, mas este, é ano de esperanças, de boas perspectivas. Muitas lutas serão travadas ainda, porém a vitória de Lula potencializa expectativas para o povo brasileiro. É tempo de reconstruir, de retomar projetos abandonados, de alimentarmos as esperanças e de combatermos a fome no país, o genocídio contra o povo yanomami, o descaso com a educação, o fascismo, as *fakes news* que tomam conta do mundo paralelo criado e vivido por uma parte de brasileiros que foram enganados. Enfim, é tempo de esperar no modo freiriano.

A esperança faz parte da natureza humana.

Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança.

A desesperança é negação da esperança.

A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto.

É preciso ficar claro que a desesperança não é maneira de estar sendo natural do ser humano, mas distorção da esperança.

Eu não sou primeiro um ser da desesperança a ser convertido ou não pela esperança. Eu sou, pelo contrário, um ser da esperança que, por “n” razões, se tornou desesperançado. Daí que uma das

nossas brigas como seres humanos deva ser dada no sentido de diminuir as razões objetivas para a desesperança que nos imobiliza.

Por tudo isso me parece uma enorme contradição que uma pessoa progressista, que não teme a novidade, que se sente mal com as injustiças, que se ofende com as discriminações, que se bate pela decência, que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante, não seja criticamente esperançosa. (FREIRE, 1996, p. 72-73)

No ano passado vivíamos em um país em condições bastante precárias e de total abandono. Tínhamos um presidente da república irresponsável, justamente em um momento tão difícil, em um contexto mundial de enfrentamento de uma pandemia. Jair Messias Bolsonaro entrou para a história como um presidente fascista, genocida e muito incompetente. Sofríamos também com a pandemia mundial, felizmente já sob controle, resultante de um trabalho maravilhoso de cientistas, homens e mulheres, que produziram vacinas capazes de nos proteger de um vírus avassalador, Sars-Cov-2, que ficou conhecido como coronavírus e responsável por espalhar uma doença, Covid-19. Vivemos uma pandemia mundial que trouxe mais de 15 milhões de mortes no mundo. O Brasil ficou entre os cinco países com maior número de mortes por Covid-19.<sup>1</sup>

Vivemos também um grande desmatamento na Amazônia por consequência de uma grande invasão de garimpeiros ilegais, responsáveis por gerar mortes dos povos originários e poluição de rios<sup>2</sup>. Tudo isso na gestão do ex-presidente genocida. No ano passado, para nosso alívio, tivemos eleições para presidente e, finalmente, uma boa notícia: elegemos Lula para presidente e o genocida teve que sair, mas não sem causar grandes transtornos.

Durante a campanha eleitoral houve incentivo a um golpe no país por incitação do ex-presidente, ódio ao Supremo Tribunal de Justiça, e alegação de que as urnas eletrônicas eram passíveis de fraude. Terminamos o ano com bolsonaristas ocupando as portas do exército como forma de pressionar e pedir ajuda militar para darem mais um golpe no país. Fracassaram.

---

<sup>1</sup> Fonte: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/informes-diarios-covid-19/covid-19-situacao-epidemiologica-do-brasil-ate-a-se-10-de-2023> Acesso em: 9 maio 2023.

<sup>2</sup> Fonte: <https://imazon.org.br/impactos-da-garimpagem-de-ouro-na-amazonia-n-2/> Acesso em: 9 maio 2023

Em 2023, logo depois da posse, o presidente Lula e sua equipe tiveram que agir firmemente contra a tentativa de golpe<sup>3</sup>. Os golpistas não tiveram êxito e mais de mil pessoas terminaram na cadeia e seguem as investigações para punir as pessoas envolvidas. Em seguida, mais desafios para a nova gestão de Lula, que se deparou com um grande genocídio contra o povo Yanomami. Foram mais de 500 mortes<sup>4</sup> de crianças e o atual governo encontrou um povo em estado total de desnutrição e doenças. Uma tristeza e grande indignação. Foi uma força-tarefa tanto contra a invasão dos garimpeiros como para salvar as vidas dos povos originários de nossa terra-mãe. Esse é o contexto que perpassa o momento de organização das memórias que serão narradas por aqui.

Em meio a tudo isto, o governo atual resgata o valor do e da servidora, por meio de pequenos gestos, conseguimos encontrar afeto e valorização do trabalho público. No mês de fevereiro, recebi uma simples e significativa manifestação de respeito e consideração por parte do novo governo, acerca do nosso trabalho como servidoras e servidores públicos e fiz questão de registrar aqui nesse memorial.

Figura 1 – Postagem do SouGov, aplicativo do governo federal



Fonte: A autora

<sup>3</sup> Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/politica/gente-preparada-tentou-dar-um-golpe-de-estado-em-8-de-janeiro-diz-lula/> Acesso em 10 maio 2023.

<sup>4</sup> Fonte: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2023/02/09/taxa-de-mortalidade-na-terra-yanomami-foi-maior-que-o-indice-nacional-no-1o-ano-da-pandemia.ghtml> Acesso em 10 maio 2023.

Nesse contexto, resgato minhas memórias e, quem sabe, novos saberes...  
Esperançar é o que queremos!

Lembranças não são saberes, mas podem transformar-se em saberes presentes quando revisitados. (MOURA e PALMA, 2008, p. 11)

Geralmente, os memoriais são escritos na primeira pessoa do singular, trazendo sua parcialidade e sua subjetividade. Confesso que esse formato me traz um certo desconforto, não por pretender, ingenuamente, apresentar imparcialidade ou impessoalidade, mas sim por acreditar e assumir um posicionamento em favor do caráter coletivo, contraditório e dialético do processo de construção do conhecimento.

Desse modo, esclareço que ora usarei a primeira pessoa do singular e ora usarei a primeira pessoa do plural, tentando garantir a dialética relação entre a parcialidade, a subjetividade e a coletividade que envolve o processo histórico que será aqui relatado. Afinal, é certo que ninguém constrói nada sozinho/a, pois somos resultados de intercâmbios, de trocas, construções entre o eu/sócio e os vários coletivos experimentados, trocas de diálogos e de negações, mas também de admissões. Enfim, na verdade, é uma tentativa de preservar a complexidade que viver implica.

É importante afirmar ainda que esse trabalho se concretiza à luz da realidade atual, vivida e pensada no presente e com isso traz, em grande medida, as autorrepresentações inacessíveis à consciência. Logo, sem qualquer pretensão de conclusão inovadora, podemos afirmar que não pretendemos fazer narrativas de verdades e nem totalidades já vividas e muito menos daquilo que foi sentido, já que não existe um significado unívoco para uma vida. Restam-nos apenas exercícios de análise e de autoanálise que consigam captar, parcialmente, momentos significativos, escolhidos e modelados para essa narrativa, as quais fazem parte das minhas memórias.

Por fim, esclareço que faço parte de um grupo, ainda minoritário dentro da academia, que faz questão de usar a flexão das palavras quanto ao gênero e, intencionalmente, não usar palavras masculinas como linguagem universal e neutra. Discordamos dessa ideia porque, na verdade, elas não são neutras. É sabido que uma das formas mais sutis de transmitir a discriminação é através da língua. Afinal, ela é reflexo da sociedade que a utiliza, e acaba transmitindo a ideologia dominante em uma sociedade sexista, refletindo e reforçando as desigualdades resultantes de discriminações exercidas contra as mulheres.

Sei que a língua corrente está cheia de armadilhas. Pretende ser universal, mas leva, de fato, as marcas dos machos que a elaboraram. Reflete seus valores, suas pretensões, seus preconceitos. (Simone de Beauvoir)

Por isso e muito mais esse memorial já se mostra parcialmente em favor das desigualdades. Talvez um aviso de que ousaremos transgredir de algum modo a sintaxe. Logo,

mas não esqueça nunca que a língua é que faz a gramática e não a gramática que faz a língua. (ANDRADE, 1993 [1942], p.4, grifos do autor)

A publicação de Cristina servirá de argumento e aprendizado que fortalecem nossa decisão.

Eu tinha cinco anos.

A professora escreveu no quadro: "Todos os homens são mortais". Senti um enorme alívio, um grande regozijo.

Naquela tarde, quando saí da escola, corri para minha casa e abracei minha mãe muito estreitamente.

- Que sorte, mamãe, tu nunca vais morrer!, disse-lhe, arrebatadamente.

- O quê? Perguntou minha mãe, surpresa.

Separei-me dela e expliquei-lhe:

- A professora escreveu no quadro que os homens são mortais. E você é mulher! Felizmente, você é mulher! Eu disse-lhe e a abracei novamente.

Minha mãe me separou ternamente dos braços dela.

- Essa frase, minha querida, inclui homens e mulheres. Todos e todas morreremos um dia.

Senti-me completamente consternada e desiludida.

- Então, por que não escreveu isso? "Todos os homens e mulheres são mortais?", perguntei.

- Bem, disse minha mãe, na verdade, para simplificar, nós mulheres estamos "trancadas" na palavra "homens".

- Trancadas? Perguntei. Por quê?

- Porque somos mulheres – minha mãe respondeu.

A resposta me deixou desconcertada.

- E por que nos prendem? Eu perguntei.

- É muito longo de explicar, minha mãe respondeu. Mas aceite assim. Há coisas que não são fáceis de mudar.

- Mas se eu disser "todas as mulheres são mortais", também tranca os homens?

- Não, respondeu minha mãe. Essa frase se refere apenas às mulheres.

Entrei numa crise de choro.

Compreendi subitamente muitas coisas e algumas muito desagradáveis, como que a linguagem não era a realidade, mas uma maneira de trancar as coisas e as pessoas, de acordo com o seu gênero, embora eu mal soubesse o que era gênero: além de servir para usar saias, o Gênero era uma forma de prisão.

(Cristina Peri Rossi – Escritora Uruguaia Vencedora em 2021 do Prêmio Cervantes)

Rossi explicou de modo muito simples o que temos defendido ao menos nos últimos quinze anos. Participamos de estudos e debates sobre o poder da língua para o processo de libertação de uma sociedade.

Sabemos que a língua, a gramática, são carregadas de história, de cultura, de poder, de opressão e de submissão. Mesmo sendo polêmico e difícil desconstruir, os espaços coletivos em que vivemos têm se recusado a aceitar alguns vocábulos considerados “neutros” quando se quer incluir a diversidade humana. Não queremos nos curvar diante de algumas imposições históricas da língua culta, padrão, resultante de uma sociedade machista, racista, capacitista, etarista, lgbtqiap+fóbica<sup>5</sup> e excludente.

A gramática apareceu depois de organizadas as línguas. Acontece que meu inconsciente não sabe da existência de gramáticas, nem de línguas organizadas (ANDRADE, 1986 [1922], p. 73).

Jamais me preocuparam erros de gramática, mas me preocupam “erros” de linguagem que fragilizam a expressão. (ABDRADE, 1990 [1928], p. 91)

As palavras masculinas, arbitrariamente definidas como “neutras”, ensinadas nas escolas e no convívio social como se fossem verdades absolutas, descartam as alternativas que a língua portuguesa oferece. Sabemos bem que é produção histórica e social. Assim, nosso coletivo tem sido resistência também quanto às formas e fôrmas impositivas da língua escrita, padrão.

No meio acadêmico, permanece o uso quase exclusivo de uma linguagem sexista. Na área da Educação, espaço majoritariamente feminino, não é diferente. Estudos comprovam (FRANCO e CERVERA, 2006; MEANA, 2004) o poder ideológico na construção de representações sociais presentes nessa linguagem. A ciência parece não se curvar à flexão da língua e tenta ser, ideologicamente “neutra”, mas finda por optar por uma linguagem sexista que fortalece não só a desigualdade de gênero, mas a própria produção da ciência centrada e reconhecida, massivamente, em um universo masculino.

Um exemplo bastante relevante e muito comum, é a palavra “pais”. Trata-se de um vocábulo masculino entendido como uma palavra neutra que tem a intenção de se referir às mães e aos pais. Na verdade, essa prática esconde a realidade que impõe uma desigualdade entre homens e mulheres acerca da tarefa de “cuidar”. Nós sabemos que a Educação das crianças tem sido, majoritariamente, responsabilidade das mulheres; há

---

<sup>5</sup> Lésbicas; gays; bissexuais; transgêneros; queer; intersexuais; assexuais; pansexuais

pouquíssimas exceções. Quando a escola usa o vocábulo “pais”, por exemplo, ela acaba compactuando com uma realidade injusta com as mulheres há séculos, qual seja, a sobrecarga de trabalho. O uso desse vocábulo esconde, que nas reuniões de “pais” participam, praticamente, as mães. Se as escolas assumem na escrita essa realidade, torna-se denúncia e instrumento de transformação social. Tem sido conveniente para os homens, os pais, o uso desse vocábulo no sentido “neutro”, e com isso a sociedade não cobra deles a responsabilidade de também cuidar. Enquanto as mulheres trabalhadoras, precisam assumir sozinhas, jornadas duplas, triplas ou quádruplas quando são também estudantes. O nosso papel político é denunciar essa desigualdade de diferentes formas, inclusive pela língua escrita. Bastaria a escola chamar uma reunião de mães para causar um grande desconforto a modelo.

Outro exemplo perpassa o trabalho docente. Essa é uma categoria majoritariamente feminina e as lutas das mulheres precisam ser explicitadas também quando se trata dessa temática. E é justamente por fazer parte desta categoria que construímos e defendemos a escrita desse memorial, assumindo uma posição política de inclusão, de luta e de resistência. Fortalece o nosso argumento o reconhecimento do próprio Paulo Freire, em seu livro “Pedagogia da Esperança”:

[...] eu usava, porém, uma linguagem machista, portanto discriminatória, em que não havia lugar para as mulheres. [...] Em certo momento de minhas tentativas, puramente ideológicas, de justificar a mim mesmo, a linguagem machista que usava, percebi a mentira ou a ocultação da verdade que havia na afirmação: ‘Quando falo homem, a mulher está incluída’. E por que os homens não se acham incluídos quando dizemos: ‘As mulheres estão decididas a mudar o mundo’? [...] A discriminação da mulher, expressada e feita pelo discurso machista e encarnada em práticas concretas, é uma forma colonial de torná-la, incompatível, portanto, com qualquer posição progressista, de mulher ou de homem, pouco importa. [...] A recusa à ideologia machista, que implica necessariamente a recriação da linguagem, faz parte do sonho possível em favor da mudança do mundo. [...] Não é puro idealismo, acrescente-se, não esperar que o mundo mude radicalmente para que se vá mudando a linguagem. Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo. A relação entre linguagem-pensamento-mundo é uma relação dialética, processual, contraditória (FREIRE, 2000, p. 66-68).

Lamentavelmente, o meio acadêmico ainda defende concepções que, muitas vezes, prendem-se às realidades históricas, que podem e devem ser transformadas, mas acabam contribuindo para manutenção de distorções, mesmo tendo farto conhecimento acerca da realidade cultural, histórica e social, como é o caso da língua.

Os estudos sobre gênero e os movimentos feministas e Lgbtqiap+ têm denunciado o caráter excludente, sexista e machista contida na norma padrão da língua escrita. Mesmo tendo uma língua rica em opções, como é o caso da língua portuguesa, a norma opta por vocábulos excludentes e machistas. Ao longo de nossa caminhada, fomos percebendo isso e hoje nos recusamos a continuar excluindo as mulheres e as pessoas Lgbtqiap+. Temos a clareza de que o vocábulo “homem”, por exemplo, não é um vocábulo neutro e ao longo da história a presença das mulheres e das pessoas que não se enquadram nesse binarismo não foi registrada porque a palavra homem não foi capaz de marcar suas presenças nos diferentes momentos históricos.

A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois polos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos ‘os homens’ para designar os seres humanos ... A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade (Simone de Beauvoir).

Desse modo, aqui estão organizadas mais do que lembranças, mas saberes que foram revisitados e que, de algum modo, poderão contribuir com meu processo formativo e de quem quer que seja.

Esse trabalho é uma condição para progressão na carreira docente federal para a classe de Professora Titular. Esta é, na verdade, a possibilidade conquistada, por meio de lutas da classe trabalhadora, em especial de servidoras e servidores públicos federais. Esta tarefa representa, ainda, um momento pessoal de completar uma carreira, uma vez que ingressei na UFU como Professora Auxiliar e hoje tenho a possibilidade de conquistar o acesso à classe de Titular. Na minha autoavaliação é justo que eu receba essa promoção como coroamento dos 26 anos de trabalho na instituição como professora efetiva e mais quatro anos como substitua, além dos outros anos em outras instituições públicas da educação básica onde trabalhei, ultrapassando trinta anos de trabalho docente.

Apoiada nas premissas acima discutidas, antecipo que a narrativa aqui apresentada tentará, sempre que possível, obedecer a uma lógica cronológica, mesmo que de modo lacunar, sem nenhuma pretensão de produzir um efeito de compatibilização entre o vivido e o pensado. Dessa forma, o nosso objetivo será narrar alguns momentos da minha trajetória pessoal e profissional como professora na UFU e em outras instituições, por entender que o meu processo de formação esteve e está em construção histórica e social e tem sido afetada pelos diferentes espaços que frequentei ao longo desses anos.

Assim, explicitar as múltiplas identidades que foram me definindo como profissional, como pessoa humana é o que pretendemos.

Escolhi trazer momentos desde a minha infância até hoje, focalizando os processos formativos vividos que contribuíram dialeticamente, de modo positivo ou negativo, para a constituição desse processo histórico profissional, social e coletivo. Desse modo, as experiências aqui relatadas foram escolhidas com parcialidade e, como disse Larrosa (2015, p. 18), “[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Assim, esse registro está totalmente contaminado pelas experiências que me passam, que me tocam, que me acontecem.

Quando nomeamos a realidade como ela é, conseguimos transmitir uma ideia exata dela. Se falarmos das profissões em feminino estaremos ajustando nossa comunicação, seja escrita ou verbal, à realidade do mundo real e diverso em que vivemos, onde há mulheres, e homens que realizam atividades, que sofrem, que estudam, que sentem e que compartilham situações e sentimentos. Assim permitiremos que as pessoas possam imaginar, conhecer e localizar-se em um mundo plural, no mundo que existe e ao qual devem ter acesso. Um mundo com muito mais alternativas e oportunidades se o uso irreal da linguística não invisibilizar mais nem sancionar ou ocultar por mais tempo as mulheres. (FRANCO e CERVERA, 2006, p. 37)

Assim, aqui estão memórias que foram retiradas das estantes e espalhadas pelo chão do meu escritório... sem ordem, sem critério, tudo embaralhado... E agora? Por onde começo? Como organizar? Temas, ordem cronológica? Será que não cairia em uma periodização a partir de uma ideia de linearidade da vida? Não. Esse modo linear não conseguiria expressar a dialeticidade vivida, rupturas, continuidades/descontinuidades e rupturas das experiências vivenciadas, a simultaneidade.

As memórias vieram, mas... Me perdi várias vezes, desânimo e cansaço percorreram meu corpo e minha mente. A vida não dava trégua: pandemia, medo, isolamento social, aulas remotas e novo aprendizado, estudantes vivendo dificuldades de adaptação (dois alunos tentaram se suicidar), algumas orientandas da pós-graduação com depressão, meu irmão internado com Covid no ápice da pandemia, correndo risco de morte, casamento em crise, separação, filha com depressão, minha mãe com 83 anos, artrose grave e dependência de cuidados. E eu? Pânico, tristezas, mas também alegrias, forças vindas de outras mulheres. Momentos difíceis, porém, uma certeza: eu não ando só!

Decidi não fazer o memorial naquele momento. Não tinha forças. Precisei me cuidar, me tratar. Veio a vacina, esperanças...pandemia sob controle, diminuição de

mortes, melhoras e possibilidades... retorno das aulas presenciais, minha filha retomando sua vida, meu casamento também foi retomado. Final de 2022, eleições e Lula é novamente presidente do Brasil. Agora sim, o momento propício para a escrita do memorial.

Então, segue o que consegui recuperar desse processo, a trajetória profissional, mas também minha vida pessoal, já que as partes se misturam em um movimento dialético, ora único, ora plural, ora organizado, ora misturado. Desejo muito que os objetivos sejam alcançados, sendo que um deles se refere ao justo e reconhecido direito da classe trabalhadora de ter uma carreira que valorize o processo e a trajetória profissional. A progressão na carreira é resultado de lutas históricas do movimento sindical, de toda a categoria de servidoras e servidores públicos, é também resultado de construção de uma carreira, com trabalho e dedicação. O direito de ascensão na carreira e, nesse caso, ao último degrau, se dá por meio da Lei 12.772 de dezembro de 2012, e depois alterada pela Lei 12.863 de 24 de setembro de 2013, que dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal. Nesse caso, em sua alínea c, do inciso IV, do parágrafo III, do art. 12, c) “lograr aprovação de memorial que deverá considerar as atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e produção profissional relevante, ou defesa de tese acadêmica inédita.” Tornar-me-ei professora Titular da carreira do magistério superior no meu país.

Ainda segundo a resolução nº 04/2014, do Conselho Diretor que regulamenta a avaliação docente no que se refere à Progressão, à Promoção e à Aceleração da Promoção nas Carreiras de Magistérios Superior e de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Pessoal Docente da Universidade Federal de Uberlândia, via avaliação de desempenho, em seu Art. 13, os documentos comprobatórios das atividades do docente deverão estar à disposição para consulta dos órgãos competentes das Faculdades, Institutos, Unidades Especiais ou dos órgãos superiores da UFU. Desse modo, informo que todas as atividades aqui relatadas foram devidamente apresentadas, comprovadas, pontuadas e enviadas para a comissão da minha unidade acadêmica ao longo desses 26 anos de carreira docente.

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.  
Caminhando e semeando no fim terás o que colher.

Cora Coralina

Então, vamos lá!

## 2 MEMÓRIA DE MULHER: um capítulo à parte

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. A fêmea humana não é dotada “naturalmente” de características como “misteriosos instintos que a destinem imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade. Essas imposições e essa mistificação do que é “ser mulher” constituem as bases da opressão patriarcal, que submete as mulheres à condição de Outro limitando sua liberdade de ação, de escolha, e a possibilidade de que ela defina a si mesma. (BEAUVOIR, 2009, p. 361)

Ser e me tornar Mulher tem sido um processo coletivo. Vivemos as lutas feministas nos juntando e nos fortalecendo como mulheres. A compreensão do que significa sermos MULHERES em uma sociedade extremamente machista muda os rumos de nossas vidas, seja em nossas casas, em nosso trabalho, em nossas relações e em nossas profissões. Nossos pensamentos, nossa forma de nos organizarmos nos sindicatos, nossos cuidados com as pessoas, nosso papel como mães, como filhas, como companheiras. Enfim, tudo isso adquire um outro sentido. Somos mulheres, no plural, mas não mais o senso comum de ser mulher no singular, como aquelas que não enxergam sua condição e, por isso, muitas vezes, se aceitam sendo nomeadas como se fossem parte dos “homens”, vocábulo “neutro” (que, como já dito, de neutro não tem nada) usado para se referir a seres humanos, incluindo mulher no singular, como se fôssemos iguais biologicamente, fisiologicamente, socialmente, culturalmente e mesmo politicamente. Não somos singular. Somos MULHERES.

Mais uma vez começa-se pelo abstrato ‘mulher’ como se a multiplicidade de rostos de mulheres se tornasse um problema. De fato, falar de mulheres, no plural, como pensa o feminismo é um obstáculo para o pensamento abstrato e monolítico da hierarquia que trabalha muitas vezes sobre conceitos distantes das vivências históricas reais. (GEBARA, 1994, p. 35)

Por isso e muito mais, preciso trazer minhas vivências históricas como parte dessa pluralidade sermos Mulheres em uma sociedade capitalista, machista, racista, discriminadora, dentre tantos outros adjetivos.

Eu decidi que não há nada de errado em se considerar feminista. Então, eu sou uma feminista e todas nós deveríamos ser feministas, porque feminismo é uma outra palavra para igualdade. (Malala Yousafzai)

Como parte do coletivo de feministas, participo com minha subjetividade, como Mulher Cis<sup>6</sup>, filha, neta, irmã, amiga, tia, companheira do Guilherme, mãe do Antônio Augusto e da Ana Beatriz, minha querida Bri, da amiga (mana) de tantas lutas Jorgetânia, da Marta, da Fatinha, da Jucyene, da Marina, da Ínia, da Mariza, da Mara, da Maria Vieira, da Myrtes, da Neli, da Taninha e de muitas outras manas. Sou professora, pedagoga, doutora, pesquisadora na área de Avaliação Educacional. Sou também militante sindicalista, feminista, cristã, participante do Cebi (Centro de Estudos Bíblicos), um movimento cristão que usa como metodologia a leitura popular da Bíblia para contribuir com o processo de libertação das pessoas e busca como projeto social a construção de um mundo fraterno, solidário, igualitário e com justiça social. Fazer parte desse grupo mudou a minha vida. Estes coletivos têm sido referências na construção de minhas subjetividades/singularidades, mas sempre na coletividade. A maioria desses coletivos trazem em comum as lutas e utopias em prol de um mundo justo, includente, socialista, feminista e igualitário.

Nesse processo de caminhada, aprendemos muito com a teóloga feminista Ivone Gebara, uma freira que tem rompido muitos silêncios impostos a nós mulheres e a ela, inclusive, afinal ela já recebeu punição vinda direto do Vaticano, em 1999, por meio do decreto de seu silenciamento por defender o direito de cada mulher decidir sobre fazer aborto ou não. Segundo Gebara (2000), em nosso cotidiano perpassa a opressão, a violência, as injustiças, enfim, o que ela chama de “mal” que está presente nas diferentes experiências vividas pelas mulheres. Esse mal se entranha na vida, nas instituições e nas estruturas sociais e é sentido pelas mulheres. É um mal, muitas vezes, visto como desígnio ou castigo de “Deus” e interpretado ao longo da história pelo viés masculino. Ivone Gebara propõe colocar em discussão uma teologia tradicional na construção desse mal que, segundo ela, perpassa por “uma metafísica caracterizada por um dualismo hierárquico e masculino” (GEBARA, 2000, p.30). Seu objetivo é também questionar e compreender o “mal vivido no feminino”. Em seu livro, ela deixa explícita a não intenção de vitimizar as mulheres e em alguns de seus capítulos, inclusive, fala do mal praticado também por mulheres, muitas vezes reprodutoras de um modelo de exclusão e

---

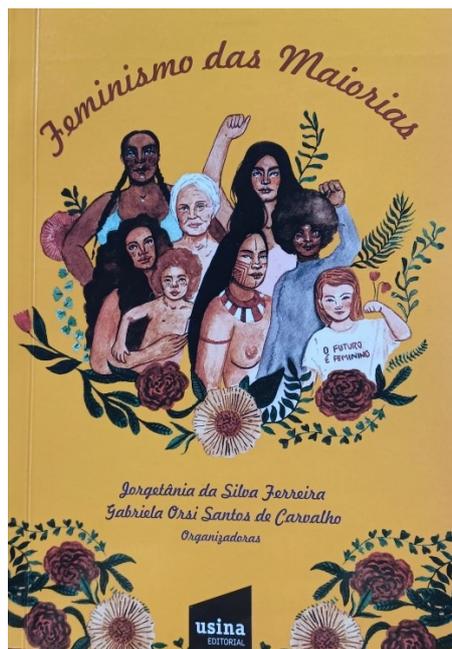
<sup>6</sup> Nessa caminhada junto às lutas coletivas aprendi que não existimos apenas como pessoas cisgênero, existem pessoas que não se identificam com o sexo biológico, por isso são identificadas como transgênero. Além disso, a orientação sexual é também diversa, ao contrário do que é imposto pela sociedade, não somos todos e todas heterossexuais. Existem pessoas homossexuais, bissexuais, assexuais, pansexuais. Sabemos o quão difícil tem sido viver nesse mundo, no qual a diversidade existe, é real, porém não é aceita.

inferiorização de nós mesmas. Essa é uma construção histórica e social que afeta as pessoas humanas de modo geral.

Em meu percurso me juntei com muitas mulheres e fomos construindo juntas novos saberes sobre nós mesmas e tive a oportunidade de participar de um livro escrito por um coletivo de mulheres. Eu e Rúbia, graduanda e estagiária do nosso projeto Feminismos das maiorias, propusemos refletir sobre a presença das mulheres em um importante livro, de grande alcance popular e muito lido ao longo da História da humanidade, a “Bíblia Sagrada”. Organizamos diferentes reflexões sobre narrativas de fatos, situações vividas e contadas nesse livro e na vida de muitas pessoas até hoje, que, dependendo da interpretação que se faz podem e têm reforçado as desigualdades entre homens e mulheres.

Sabemos o quanto a religião, historicamente, tem influenciado a vida das pessoas, de modo geral e, em especial, a vida das mulheres, desde o seu nascimento. Falar sobre essas influências é fundamental para conseguirmos desconstruir conceitos e preconceitos que poderão libertar-nos de amarras para novos feminismos, cujo propósito seja a igualdade entre mulheres e homens, especialmente no campo dos direitos, livre das tantas opressões sofridas historicamente pelas mulheres, seja dentro ou fora de suas próprias casas e das igrejas, seja de qual religião for.

Tratamos de narrativas tidas como “sagradas”, que estão na Bíblia e que têm sido mero reflexo do patriarcado, pelo qual homens determinam e ditam o lugar a ser ocupado pelas mulheres. Em contraposição, também quisemos refletir sobre as situações narradas em livros bíblicos que demonstram as mulheres em situações inesperadas, que saem do espaço da casa, do papel de mulheres dóceis e complacentes e aparecem como força e resistência, em algumas narrativas. Falamos de mulheres que foram lideranças e combateram na linha de frente, mas que não foram e não são até hoje anunciadas, conhecidas ou mesmo reconhecidas nos espaços religiosos. Desse modo, procuramos denunciar o silenciamento das mulheres e explicitar sua participação nas lutas e resistências dos diferentes tempos históricos ali narrados.

Figura 2 – capa do livro *Feminismos das Maiorias*

Fonte: A autora

MENDES, Olenir Maria e AQUINO, Rúbia Zélia Siqueira. *Feminismos e Bíblia: mulheres são também imagem e semelhança divina*. In: FERREIRA, Jorgetânia S. e CARVALHO, Gabriela O. S. (orgs). **Feminismos das maiorias**. São Paulo: Usina Editorial, 2022, p. 113-138.

Enquanto eu escrevia esses parágrafos, recebia em meu celular a notícia de mais um feminicídio no Brasil. O marido matou a tiros sua esposa de 27 anos e sua filha de doze. Matou também asfixiado seu filho de onze meses; tudo isso na zona oeste do Rio de Janeiro<sup>7</sup>. Os homens matarem mulheres e pessoas Lgbtqiap+ tem sido bastante tolerado pela sociedade patriarcalista, machista e sexista. Aqui é espaço de denúncia. Nós, as manas, aprendemos a não nos calar.

É a partir desta complexidade social, permeada por alegrias, tristezas e sofrimentos que vivemos a nossa realidade concreta. Vivemos dentro de nós as desigualdades, as injustiças, as violências e as opressões, muitas pelo fato de termos nascido mulheres, e só depois de adulta descobrimos, junto com outras mulheres, essa condição. Ao longo de minha trajetória coletiva, já adulta, me descobri mulher preta (demorei para me enxergar assim). Isto porque não era permitido me aceitar assim e ainda

<sup>7</sup> Jornal, O Globo Rio, de 17/02/2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/02/mulher-e-duas-criancas-sao-encontradas-mortas-no-recreio-marido-e-suspeito-do-crime.ghtml> Acesso em: 9 maio 2023

hoje há pessoas ao meu redor que não me deixam ser preta, pois acham que sou moreninha. Não, agora me libertei e sei que sou preta sim. Especialmente depois que minha filha nasceu com características e traços de nosso povo preto. Fui percebendo dentro de minha casa e na família o preconceito e o racismo estrutural. Cuidei com muito carinho disso e desde então tenho ensinado ao longo de sua vida, a se amar como uma bebê, uma criança, uma menina, uma adolescente, uma jovem, uma mulher preta, linda, que adora cuidar e colorir seus cachos.

Lamentavelmente, só depois dos meus quarenta anos eu consegui aceitar os meus cabelos cacheados, até então sempre foram alisados. Vejo as fotos e sinto muito por isso. A minha pele não é “moreninha, quase branca”, como sempre ouvi. Meu avô materno era preto e se casou com uma mulher branca. Ninguém falava sobre isso, pois poderia parecer uma ofensa. Hoje, sei que isso é racismo. Tenho a memória do meu avô preto e queria muito ter vivido com ele depois que tomei consciência de minha negritude. Ao longo de minha vida, para não me “ofender”, negaram e me ensinaram a negar minha cor, minhas origens, mesmo assim nunca fui tratada como branca. Hoje, faço questão de deixar claro que sou preta e que isso não é uma ofensa, é uma identidade que muito me orgulha. Não sou mais simplesmente uma mulher no singular, sou uma Mulher que compartilha com tantas outras o peso que carregamos nos ombros, nas costas, nos olhos e arrastamos conosco esse ser Mulher Preta. Somos mulheres em uma sociedade estruturada para fazer de nós mão de obra de altíssima qualidade para a grande maioria de homens, atendendo à lógica de uma sociedade extremamente machista, como é a sociedade brasileira, em pleno século XXI.

Tornei-me parte do grupo de Mulheres de lutas, em especial contra o machismo que mata tantas de nós, sejam pobres ou ricas, pretas, brancas, indígenas, bebês<sup>8</sup>, crianças, adolescentes, jovens, adultas e idosas. Todas elas têm sido assassinadas pelo fato de serem mulheres. Respiramos um ar contaminado e minhas memórias estão “contaminadas” por essa consciência. Uma consciência construída com outras mulheres da minha vida. É assim que me proponho a construir este memorial. Trago aqui as memórias de uma das tantas Mulheres que nasceram e vivem em uma sociedade machista e, por isso, assumem

---

<sup>8</sup> Uma recém-nascida de 27 dias morreu após ser estuprada em [Araruama](https://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2023/02/13/rece-nascida-de-27-dias-morre-apos-ser-estuprada-pai-e-suspeito-e-foi-pres-o.ghtml), na Região dos Lagos do Rio. Segundo a Polícia Civil, o pai da criança foi o responsável pelo crime. A perícia confirmou que a bebê foi morta em função de uma penetração em suas partes íntimas, o que causou grande laceração no frágil corpo da recém-nascida. Fonte: <https://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2023/02/13/rece-nascida-de-27-dias-morre-apos-ser-estuprada-pai-e-suspeito-e-foi-pres-o.ghtml> Acesso em: 9 maio 2023.

as lutas por libertação, por uma sociedade igualitária, justa com as mulheres, com as pretas e os pretos, com as pessoas Lgbtqiap+, com a população pobre e acredita ser possível construir outra sociedade. Uma mulher, entre muitas outras, que tem certeza de que o capitalismo é um grande fracasso humano.

É por tudo isso que começo por minha adolescência, aos doze anos de idade. Ser adolescente, ser mulher em 1979, filha de uma lavadeira de roupas para conseguir alimentar três filhas e três filhos e de um homem motorista de caminhão, viajante, e por isso sempre nas estradas, não foi nada fácil para a minha mãe. A educação e os cuidados com as seis crianças estavam totalmente sob a responsabilidade dela, Orlandina, mulher forte e determinada, sempre cuidou das pessoas e, em especial de sua família, uma mulher que muito me orgulha pela força que tem em querer viver. Esse contexto exigia de minha mãe que nos preparasse, desde cedo, para o trabalho doméstico; afinal era a realidade possível no mundo dela. As meninas, claro. Minha mãe, como a grande maioria das mães, aprendeu a ser machista e sempre nos educou separando as tarefas dos homens e as das mulheres. Assim, nós filhas mulheres, tivemos que aprender a cuidar da casa e dos irmãos. Nós duas, pois a terceira, minha irmã mais nova, Odenir Maria Mendes, faleceu em 1972, com quatro anos de idade, devido a meningite bacteriana. Naquela época ainda não existia a vacina, algo que poderia ter salvo sua vida.

Com doze anos de idade, tive meu primeiro emprego. Fui contratada para ser babá do filho do patrão de meu pai, Osvaldo, também um grande homem, que muito amei e que muito me ajudou nas dificuldades da vida. Gostaria muito de ter ele comigo até hoje, mas o tempo dele terminou em 2019. Foi uma morte que muito me afetou.

No período da manhã, eu ia para a escola, voltava a pé para casa na companhia do meu terceiro irmão, almoçava e ia a pé sozinha para a casa da patroa. Andava dezesseis quarteirões por uma das avenidas principais da cidade de Uberlândia, avenida Cesário Alvim, em direção ao centro. Muitas vezes em passos largos, porque nesse caminho eu tinha que passar na porta da casa da patroa de minha irmã mais velha. A patroa dela tinha três filhos já com mais de dezoito anos e sempre que eles estavam no portão queriam “mexer comigo”. Às vezes corriam atrás de mim e eu fugia. Brincadeiras idiotas, porém, não levadas à sério, pois eles eram “homens”. Tudo normal para aquele tempo, os rapazes eram assim mesmo e, portanto, caberia a mim, a moça direita, ainda adolescente, quase criança, ter que se proteger e não “dar mole”. Então eu corria, mas eu odiava ter que correr e tinha muito medo deles, mas seguia os ensinamentos de minha mãe.

Um dos meus sonhos era cantar e me lembro que meu pai comprou um violão para nós cinco. Segundo ele, a iniciativa de aprender violão deveria ser nossa. Então eu quis encontrar logo um professor ou uma professora para me ensinar; afinal, se eu tocasse violão eu poderia cantar.

Fiquei sabendo de aulas no Serviço Social do Comércio – Sesc que ficava na mesma direção do meu trabalho. Combinei com minha mãe e me matriculei. Ela me avisou que eu teria que ir sozinha. Eu, imensamente feliz, concordei, e minha primeira aula foi marcada. Saí muito feliz de casa carregando o nosso violão. Fiz a aula e me senti muito bem. Aprendi as notas para tocar Serenô. Treinei bastante e aprendi naquela primeira e única aula.

Serenô, eu caio, eu caio  
Serenô, deixai cair  
Serenô da madrugada  
Não deixou, meu bem, dormir...

(Folclore Brasileiro)

Há poucos anos ouvi Maria Bethânia cantando essa música e a memória veio com força, carregada de sofrimento. Amo Maria Bethânia, e ouvi-la cantando Serenô me trouxe lembranças que me fazem chorar até hoje.

Ainda em minha primeira aula de violão, o professor me perguntou que música eu gostaria de aprender e escolhi a de uma cantora que fazia sucesso naquele tempo, Joana. A música se chama Momentos. O professor passou as cifras e me pediu para treinar em casa. Tudo certo, isso não seria nenhum problema para mim. Foi uma grande alegria conseguir tirar um som do violão. Fim da aula maravilhosa. Hora de voltar para casa.

No caminho de volta, eu me sentia muito feliz e por isso cantarolava baixinho e, às vezes, balançava o corpo, como se estivesse dançando, mas não dançava, pois era muito tímida. Sempre muito contida. De repente, um susto enorme: senti uma dor em minhas nádegas. Engoli seco. Vi um rapaz de bicicleta fugindo e dando gargalhadas. Sem que eu o percebesse, ele subiu com sua bicicleta no passeio e veio para cima de mim. Consegui me acertar com precisão. Sim, do nada me deu um tapa na bunda.

Eu simplesmente abaixei a cabeça e quis chorar, mas engoli o choro. Sinto até hoje o impacto daquela violência, mas naquele dia não sabia que o nome para isso é assédio e que apenas em 2018, século XXI, no Brasil, passou a ser crime por

importunação sexual feminina<sup>9</sup>. Entretanto, naquele dia, naquele ano, não era nada demais, apenas um jovem, do sexo masculino, exercendo escrotice de macho. Nem violência era, meramente diversão dos garotos e homens héteros, “donos” dos corpos das mulheres, direitos do mundo patriarcalista, machista, que paira sobre cabeças até hoje.

No dia que for possível à mulher amar em sua força e não em sua fraqueza, não para fugir de si mesma, mas para se encontrar, não para se renunciar, mas para se afirmar, nesse dia então o amor tornar-se-á para ela, como para o homem, fonte de vida e não perigo mortal. (BEAUVOIR, 2009, p. 301)

Parei de cantar. Fiquei imobilizada por alguns segundos. Não dancei, ao contrário, me encolhi toda tentando fazer com que ninguém me visse. Queria cavar um buraco para me esconder de tanta vergonha. Senti dor, raiva, medo e vergonha, muita vergonha. Finalmente consegui andar, apertei os passos e fugi sem olhar para trás. Esperava que ninguém tivesse visto o que ocorreu, mas sei que viu. Ninguém veio ao meu socorro, ninguém deu ao menos uma bronca naquele menino idiota, nada aconteceu. Eu só consegui pensar sobre o que eu fiz. Será que dei mole? Facilitei? Hoje sei que não foi culpa minha, mas naquele dia me senti muito culpada. Será que minha alegria pareceu uma insinuação para aquele garoto? Claro que não. Cheguei em casa e disse para minha mãe que não continuaria com a aula de violão, porque não gostara. Mentí. Nunca contei essa história para ela. E até hoje não aprendi a tocar violão, mas aprendi a engolir o choro e ficar bem quieta perto dos garotos.

Meu sonho de ser cantora? Morreu naquele dia. Tornei-me professora, era o máximo esperado para a filha de uma lavadeira e de um caminhoneiro. Por sorte, me apaixonei por minha profissão, já a carreira dos sonhos eu não sei, nunca experimentei.

O opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos.

Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre. (Simone de Beauvoir)

---

<sup>9</sup> Sancionada no dia 24 de setembro de 2018, a Lei 13.718 que caracterizou como crime de importunação sexual a realização de ato libidinoso na presença de alguém sem o seu consentimento. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/Lei/L13718.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13718.htm) Acesso em 9 abril 2023.

Às mulheres é reservado um lugar secundário, não porque elas sejam inferiores aos homens, mas porque o poder de determinar o que significa ser mulher e o que significa ser homem está nas mãos dos homens.

Por que as mulheres não contestam a soberania do macho? Nenhum sujeito se define imediata e espontaneamente como o inessencial; não é o Outro que se definindo como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio” (BEAUVOIR, 2009<sup>a</sup>, p. 18).

A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. (BEAUVOIR, s.d Fonte: <https://citacoes.in/autores/simone-de-beauvoir/>)

Na verdade, segundo Beauvoir (1978), as mulheres nunca opuseram os valores femininos aos masculinos. Entretanto, os homens, desejosos de manter as prerrogativas masculinas, inventaram essa divisão. O poder também se manifesta na divisão desses valores e, em especial, ao atribuir ao outro e, no caso, à outra, os valores que lhes são mais convenientes.

O que se segue são memórias de uma mulher que, depois de anos, compreendeu a realidade e conseguiu enxergar as imposições externas, abriu os olhos e enxerga o machismo e luta contra. Hoje, meu olhar está contaminado. Esse será um viés durante toda a narrativa. Afinal, como maravilhosamente disse e cantou Rita Lee (*In memoriam*)<sup>10</sup>

Elas querem é poder

Mães assassinas, filhas de Maria  
Polícias femininas, nazijúdias  
Gatas gatunas, kengas no cio  
Esposas drogadas, tadinhas, mal pagas

Toda mulher quer ser amada  
Toda mulher quer ser feliz  
Toda mulher se faz de coitada  
Toda mulher é meio Leila Diniz

Garotas de Ipanema, minas de Minas  
Loiras, morenas, messalinas  
Santas sinistras, ministras malvadas  
Imeldas, Evitas, Beneditas estupidadas

---

<sup>10</sup> Lamentavelmente concluo esse memorial no dia da morte de Rita Lee (09/05/2023), uma mulher que mudou o mundo e trouxe libertação para nós, mulheres. Rita Lee, Presente! Hoje e sempre!

Paquitas de pacote, Xuxas em crise  
 Macacas de auditório, velhas atrizes  
 Patroas babacas, empregadas mandonas  
 Madonnas na cama, Dianas corneadas

Socialites plebeias, rainhas decadentes  
 Manecas alcéias, enfermeiras doentes  
 Madrastas malditas, superhomem sapatas  
 Irmãs La Dulce beaidetificadas

Nossa Senhora Aparecida, Dercy Gonçalves  
 Clarice Lispector, Carmem Miranda, Marília Gabriela  
 Hebe Camargo, Regina Casé e Elis Regina  
 Lilian Witte Fibe, Norma Bengell, Bibi Ferreira  
 Maria Bonita, Anita Malfatti, Magdalena Tagliaferro  
 Danuza Leão, Nara Leão, Fernanda Montenegro  
 Wanderléa, Sonia Braga, Luiza Erundina, Dona Canô  
 Princesa Isabel, Joyce Pascowitch, Lonita Renaux  
 Virginia Lane, Virginia Lee, Mary Lee, Liège Monteiro  
 Lucinha Araújo, Balú, Caru, Pagu, Matilda Kovak  
 Zélia Gattai, Angela Diniz, Daniela Perez, Cláudia Lessin  
 Ser Curi, Elvira Pagã, Luz Del Fuego, Bruna Lombardi  
 Hortência, Claudete e Ione, Silvia Poppovic  
 Vania Toledo, Laura Zen, Minha Mãe, Roberta Close  
 Mônica Figueiredo, Ruth Escobar, Dolores Duran  
 Rebordosa, Dora Bria, Tizuka Yamasaki  
 Tomie Ohtake, Rita Camata, Rita Cadillac, Lúcia Turnbull  
 E eu, e eu, e eu, eu, eu, eu

Toda mulher quer ser amada  
 Toda mulher quer ser feliz  
 Toda mulher se faz de coitada  
 Toda mulher é meio Leila Diniz  
 (Todas As Mulheres do Mundo – Rita Lee)

### **3 FORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA, ENSINO SUPERIOR E PÓS-GRADUAÇÃO**

Dado que as coisas assim estão.  
Assim não permanecerão.

Bertold Brecht

Nesta seção compartilho alguns momentos marcantes que contribuíram para a minha formação como professora, já que ser cantora tinha ficado pra trás. Retirei dos guardados algumas memórias que ajudam a compreender essa história: Olenir, professora.

#### **3.1 A Educação Básica: raras são as possibilidades para a classe trabalhadora**

A escola me deixou marcas profundas, positivas e negativas. Entrei aos seis anos, já sabendo ler. Minha mãe, que tinha cursado apenas os dois primeiros anos do ensino primário, conseguiu me ensinar. Uma situação inesperada para aquele tempo. Naquele ano experimentei o medo e a insegurança ainda na primeira semana de aula. Como tinha apenas seis anos de idade, me colocaram em uma sala de pré-escola, pois completaria sete anos apenas em junho. Eu adorei a professora do pré, foi minha primeira experiência e naquela sala eu estava feliz e segura. No entanto, fizeram um teste de leitura conosco e por consequência me trocaram de sala sem me explicar o porquê. Foi um dia muito triste e traumatizante. Era para o meu bem, mas eu não sabia, ninguém me explicou que eu estava sendo levada direto para o primeiro ano, mesmo não tendo a idade mínima exigida.

Para a nova sala que fui levada, as crianças já sabiam ler, assim como eu. Desse tempo, trago nas memórias tristeza e medo, mas não sei como os superei. Os estudos sobre as infâncias são unânimes em apontar que a vida das crianças tem sido construída por pessoas adultas e sobre o que devem ser e o que devem fazer sem considerar seus desejos. Carregamos histórias de práticas educacionais tradicionais e conservadoras, elitizadas, muitas vezes elaboradas nos limites dos discursos dominantes e incorporadas por profissionais e por pesquisadoras e pesquisadores na Educação (DAHLBERG, 2019).

Sempre estudei em escola pública, salas de aula com muitos estudantes por turma. No antigo 1º grau (hoje Ensino Fundamental) estudei na Escola Estadual Amador

Naves. Infelizmente, essa escola sempre teve fama de ser ruim, não sabia o motivo; mais tarde, quando já professora, entendi. Na verdade, a clientela vinha da classe mais pobre, classe trabalhadora e por isso tinha essa fama. É lamentável definir a qualidade de uma escola por esses critérios e isso permanece até hoje. Eu gostava da escola e vivi bons momentos por lá, boas lembranças e muitos aprendizados. As professoras me colocavam em carteiras mais à frente, provavelmente porque eu era pequena, mas também é possível que seja porque eu era tímida, menina e, provavelmente, por isso considerada boa aluna<sup>11</sup>.

Eu me lembro que tinha vergonha até de pedir para ir ao banheiro. Uma vez uma colega me chamou e eu olhei para trás, a professora viu e me deu uma bronca. Quase morri de tanta vergonha. Única vez na minha vida que fui chamada a atenção pela professora. Estudar e prestar atenção sempre foi fácil para mim. Gostava de aprender e me lembro de minhas professoras que gostavam de ensinar. Uma delas dizia que queria me levar para sua casa, dona Neuza. A única professora preta que já tive em toda a minha trajetória escolar, do ensino fundamental ao superior. Minha professora era educada, falava baixo e muito atenciosa, era maravilhosa. Eu me lembro o quanto eu amava essa professora.

Dona Margarida foi outra professora que tive e com quem aprendi muito, e isso foi na quarta série. Lembro-me o quanto ela parecia saber muito, na verdade eu pensava que ela sabia tudo e ensinava com grande competência. Eu nem piscava, pois queria ser como ela. Muitos anos depois, já adulta, a encontrei no supermercado e falei com ela sobre o quanto eu a admirava. Ela já estava idosa e sentiu uma grande felicidade quando soube que eu era professora na UFU. Vi o brilho nos olhos dela de tanto orgulho. Eu me senti muito feliz e tive a impressão de que havia lhe dado um presente.

Mas nem tudo foram flores. Na quarta série também tive uma professora de educação física muito brava. Dona Mara era filha da diretora, Dona Terezinha Fidélis

---

<sup>11</sup> Há estudos sobre as questões de gênero que afirmam que há certo consenso, por parte das professoras, sobre as meninas. Geralmente são boas alunas, inteligentes, e mais ainda as tímidas. Orientei uma pesquisa de mestrado (SILVA, 2013) com essa temática e tivemos a oportunidade de conhecer vários trabalhos sobre a temática.

CARVALHO, Marília Pinto de. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 22, p. 247 – 290, 2004.

CARVALHO, Marília Pinto de. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. **Estudos Feministas**. Florianópolis, Santa Catarina, v.9, n.2, p. 554 – 574, 2º semestre, 2001.

SILVA, Mavi Consuelo. **A influência das questões de gênero nos processos avaliativos escolares**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Uberlândia, 2013.

Reis, e ambas tinham voz rouca e forte. Nome inesquecível, pois fazíamos o cabeçalho todos os dias e tínhamos que escrever o nome dela. Nunca soube por que, e nem para quê, mas eu escrevia corretamente o tal cabeçalho. Ainda sobre a dona Mara, quando ela chegava perto da sala de aula, alguém gritava: “a dona Mara chegando!” Havia gritos, correria e depois um grande silêncio. Imediatamente encontrávamos todas as crianças com o rosto sobre a carteira. Quem não fazia isso ela pegava uma régua e acertava na cabeça. Os meninos levados eram chamados por ela de burros. Mais tarde fui contratada por dona Mara para trabalhar em sua casa como empregada doméstica. Minha mãe deixou e eu saía da escola com ela direto para sua casa. Almoçava lá com muita vergonha e arrumava sua casa. Aprendi a conviver com ela, mas o medo de que ela poderia gritar comigo era grande e por isso fazia tudo muito direitinho. Fiquei com ela por um ano, pois no seguinte mudei de escola. Mais tarde, como professora do ensino superior, encontro a dona Mara, mas essa história contarei mais à frente.

Terminado o primário (primeira etapa do 1º grau), minha mãe quis que eu mudasse de escola. Fui para uma mais distante da minha casa, porém era uma escola melhor, segundo minha mãe. Eu não queria, mas não tive direito de escolher. Meus dois irmãos e minha irmã já estudavam na Escola Estadual Antônio Luiz Bastos. Uma escola grande e com uma boa estrutura, no bairro Bom Jesus. Lá vivi o impacto de estar em um novo colégio, não conhecia ninguém, continuava muito tímida e a partir daquele ano teríamos muitas professoras, uma para cada disciplina. Vale destacar que nunca tive um professor em toda a minha educação básica.

As professoras, em sua maioria, eram muito boas, mas a de matemática, meu Deus! Assustadora. Eu tinha muito medo daquela professora. Uma mulher magra, usava óculos caídos no nariz e sempre nos olhava de baixo para cima. Parava na porta e colocava a mão nos óculos para ajustá-los. Nessa hora eu tremia. Quem errava um exercício, ela humilhava. Eu tive muito medo dela e nunca a olhei nos olhos. Acabei “tomando bomba” na quinta série, em matemática. Primeira e única vez em minha vida. A melhor coisa que aconteceu depois é que ela não dava aula para estudantes repetentes. Sorte minha! Livrei-me dela e nunca mais tive problemas com nenhum conteúdo. A professora de português era maravilhosa. Sempre levava muitos livros para lermos, contava muitas histórias e nos levava em sua casa para ajudarmos a organizar atividades criativas para as aulas. Ela era dona Iolanda, uma mulher mais velha, loira, e com um grande sorriso no rosto. Eu a amava também!

No último ano, tive que estudar à noite, pois minha mãe achava que eu precisava encontrar um emprego e encontrei. Minha vizinha, que era professora, me convidou para ajudá-la em sua sala de aula. Tornei-me monitora. Ao falar de minha trajetória profissional, contarei sobre essa experiência. Não gostei de estudar à noite, pois o ensino era mais fraco e a turma tinha muitas dificuldades de aprender. Também havia estudantes que não estavam muito interessados/as pelo que ensinavam as professoras. Eu não tive problemas com nenhuma professora, fiz tudo como exigido e fui aprovada.

No ano seguinte, fui fazer o Magistério em uma escola considerada muito boa pela sociedade uberlandense, Escola Estadual de Uberlândia, conhecida como Museu. Mais tarde voltei para dar aulas lá. Os estudos tive que continuar no ensino noturno, porque trabalhava como monitora na escola Dr. Duarte.

Assim, de 1983 a 1985, cursei o Magistério de 1ª a 4ª séries do 1º grau. Foram três anos de rico aprendizado. Eu sempre participava de todos os eventos promovidos pela escola. Comecei a vencer a minha timidez, aceitei ser representante de sala e depois participei do Grêmio Estudantil. Ali vivenciei as primeiras experiências na organização estudantil e como liderança. Fui eleita, por dois anos consecutivos, presidenta do grêmio da minha escola e organizamos várias atividades coletivas que contribuíram muito para um aprendizado mais amplo. Eu frequentava a escola aos finais de semana e conheci excelentes professores e professoras, mas que não davam aulas para mim.

Nas assembleias me envolvia com as lutas e foi assim que conheci uma professora de ensino religioso, Shirley Lourdes de Menezes Vieira. Foi uma grande mulher, infelizmente ela já faleceu. Excelente professora e muito lutadora, sempre em defesa da educação e contra todo o tipo de opressão. Naquele tempo, ela sempre se posicionava em defesa de pessoas gays e não tinha nenhum receio. Não aceitava preconceitos de jeito nenhum. Não aceitava insultos e nada de injustiças, era de luta mesmo. Mais tarde, quando me tornei professora do estado de Minas, fomos companheiras de lutas.

A imagem mais marcante que tenho dela é no processo eleitoral em 1996, nas eleições para prefeito da cidade. Ela estava sentada nas escadas do prédio da Câmara de vereadores chorando, porque depois de muito lutar para tentarmos eleger um prefeito de lutas, não conseguimos. Virgílio Galassi, representante da elite de Uberlândia, nos derrotou por uma diferença de cerca de 500 votos. Passamos muito perto e o nosso candidato era o Zaire Rezende, que já tinha sido prefeito de 1983 a 1988. Foi um mandato muito mais popular, pois se preocupou com a saúde do povo, fez postinhos nos bairros e

praças. Foi uma gestão com grande diferencial e, além disso, conseguiu incentivar as organizações de associações de moradores dos bairros para reivindicar e apresentar suas necessidades. Só conseguiu se reeleger prefeito mais tarde, em 2000. Zaire Rezende morreu o ano passado, 2022, tido como um homem muito respeitado e íntegro.

Naquele dia, Shirley chorava de tristeza porque os cabos eleitorais de Virgílio Galassi, pessoas pobres e exploradas, nos expulsavam lá de dentro e ela gritava chorando: “Vocês estão contra aquele que iria ajudar vocês”. Ela chorava compulsivamente. Foi uma grande decepção ver a classe trabalhadora em defesa de um coronel da elite, o que tem sido muito comum na história do povo brasileiro de modo geral e, em Uberlândia, especialmente. Hoje, Shirley pode ser sempre lembrada por causa de uma linda homenagem feita pelo ex-prefeito Gilmar Machado, do Partido dos Trabalhadores, à professora Shirley Lourdes de Menezes Vieira. Seu nome foi dado a uma das escolas municipais de Uberlândia, criada na popular e democrática gestão do ex-prefeito Gilmar Machado.

Em dezembro de 1985, com muita alegria e vontade de ser professora, concluí o curso de 2º Grau, com a habilitação de Magistério de 1º grau – 1ª a 4ª série. Não prestei vestibular naquele ano, mas sabia que queria continuar estudando. Queria fazer filosofia, mas não tinha esse curso em Uberlândia, nem na Federal e tampouco nas faculdades particulares, apesar de essa não ser uma opção para mim, já que não tinha como pagar as mensalidades. Estudar fora, menos ainda. Minha vida simples e sem dinheiro não me permitia nem sonhar em estudar fora, isso não fazia parte de meus planos. Confesso que eu nem pensava que isso fosse possível. Então resolvi fazer Pedagogia e nunca me arrependi, ao contrário, me identifiquei muito com o curso.

Apesar de não ter certeza sobre qual curso faria, já tinha a clareza de que continuaria estudando e como consegui contrato para dar aula, me matriculei em um cursinho pré-vestibular. No meio do outro ano tentei o vestibular para Pedagogia, mas não passei. Já entendia a minha dificuldade, pois nunca tinha estudado vários conteúdos que caíam no vestibular. Nossa escola de segundo grau, cursando o Magistério, conhecido como curso normal, não nos preparava para o vestibular, mas para sermos professoras primárias. Estudávamos apenas o que iríamos ensinar. Não vimos nada de física, química, biologia e mesmo tendo aulas de matemática, português, história e geografia, era apenas o conteúdo a ser ensinado nas séries iniciais. Assim, o ano de 1986 foi todo dedicado a estudar uma grande quantidade de conteúdos novos, nunca vistos, mas valeu a pena. Ao final do ano, no segundo vestibular consegui ser aprovada para o curso de pedagogia.

### 3.2 Educação Superior: a importância de uma Universidade pública e gratuita

O segundo semestre de 1986, não me lembro o mês, ficou marcado para mim pois tive a grande alegria de ouvir meu nome no rádio. A lista de pessoas aprovadas para graduação na UFU. Naquele tempo a divulgação se dava pelo rádio e por publicação de listas de aprovação dentro da Universidade. Foi um dia de grande ansiedade, porque meu curso era quase o último a ser divulgado. Faz parte de minha memória até hoje a voz grave do locutor, “aprovados para o curso de Pedagogia UFU, diurno”. Foi emocionante! Fui uma das últimas, a letra “O” parecia não chegar nunca. Para minha sorte, a lista era pequena. O vestibular era eliminatório e, apesar de a Universidade oferecer quarenta vagas, fomos apenas dezessete pessoas aprovadas, ou seja, as que conseguiram a nota mínima para passar. Um erro que demorou para ser corrigido, afinal todo o gasto público que uma universidade exige tornava-se um grande desperdício e, ao mesmo tempo, excluía principalmente os filhos e as filhas da classe trabalhadora. Se ainda hoje há uma ideia de que a universidade é para as pessoas ricas, naquele tempo isso era quase uma certeza. Um exemplo dessa ideia era como meu pai reagia ao me levar de caminhão para assistir aula na universidade. Entrávamos por uma portaria e lá ficava um dos vigilantes, e sempre que passávamos por eles, meu pai os cumprimentava com receio e me perguntava: “será que eu posso mesmo entrar aí dentro?” Eu tentava tranquilizá-lo dizendo que a universidade é aberta para todas as pessoas, mas sabemos que, na verdade, elas nem sempre estão abertas para a classe trabalhadora.

Ainda hoje temos que lutar muito por inclusão e igualdade. Tivemos algumas conquistas, além de mudar o processo seletivo para classificatório, anos mais tarde. Durante o segundo mandato do governo Lula, em 2012, foi finalmente criada a Lei nº 12.711/2012 que garantiu que 50% do total de vagas nas universidades e institutos federais fossem reservadas para alunos e alunas que vieram de escolas públicas. Nesse recorte de 50%, as vagas são também oferecidas para pretos/as, pardos/as e indígenas. Uma conquista dos movimentos sociais, do movimento negro unificado e dos sindicatos da classe trabalhadora. Garantir que filhos e filhas de trabalhadores e trabalhadoras possam ocupar uma vaga na universidade tem sido resultado de lutas históricas.

Finalmente, naquele ano eu ouvi meu nome sendo lido pelo locutor de rádio. Foi uma grande felicidade. Saí de casa sozinha e fui para igreja, pois não sabia como manifestar minha felicidade, minha alegria e a vida na comunidade Bom Jesus, naquele ano, já tinha muito significado. Por isso achei que era o lugar apropriado para manifestar

minha gratidão. Sim, fui lá agradecer. Aquilo tudo não era pouca coisa, pois eu era a primeira filha a fazer faculdade. Voltei e minha família me esperava para comemorar, com ovos, farinha e água fria. Era assim que se comemorava. Hoje não vejo muita graça, mas fiquei imensamente feliz naquele dia.

### 3.2.1 O curso de Pedagogia da UFU: formar a/o pedagoga/o e não especialista

A minha turma (ingressantes de 1987) foi muito especial para a coordenação do curso de pedagogia e todo o corpo docente. Fomos a primeira turma que implementariam uma nova e ousada proposta de um currículo de formação. Fomos recebidas com muito carinho. Nossa turma tinha apenas um homem na sala. Meu colega de sala é hoje também meu colega de faculdade, o professor Haroldo. Minha turma foi sempre muito tranquila e recebia bem as propostas a nós oferecidas. Os professores e professoras nos receberam com afeto, inclusive tinham nossas fotos nos diários e nos tratavam pelos nossos nomes. A coordenação do curso era muito dedicada e demonstrava um cuidado muito especial conosco. Era perceptível o desejo coletivo de que tudo corresse muito bem e assim foi.

Uma das mudanças era que o curso passava de semestral para anual. Além disso, a proposta curricular pretendia uma formação integral do/a profissional da educação, o que significava uma compreensão mais ampla dos processos pedagógicos. A ideia era que a/o pedagoga/o deveria atuar como gestor pedagógico na escola e não como um especialista, dividindo as práticas pedagógicas dentro das escolas, como ocorria até então com a supervisão pedagógica, responsável por trabalhar com docentes, a orientação educacional com estudantes, a inspeção escolar com o acompanhamento da aplicação da legislação educacional nas escolas, e a administração educacional atuar na gestão da escola. Em nossos diplomas ainda permaneceriam essas especialidades, por questões legais, porém faríamos um curso único e só formalmente teríamos que escolher duas das especialidades para registro no diploma. Poderíamos atuar como pedagogas nas escolas e a ideia era tentarmos trabalhar de modo integrado. Eu escolhi registrar em meu diploma supervisão pedagógica e orientação educacional, depois voltei para a faculdade e cursei mais um ano e pude fazer também o registro de diploma como professora do Magistério das Matérias Pedagógicas de 2º grau. Essa especialidade me daria direito de lecionar nos cursos de Magistério de 2º grau.

Essa nova proposta de curso significava uma tentativa de rompimento com uma formação tecnicista, com forte influência de um modelo empresarial dentro das escolas.

A nova proposta do curso de pedagogia pretendia então, formar profissionais capazes de atuar na gestão e na coordenação pedagógica de modo crítico, com compreensão do papel e função desse profissional dentro da escola.

Durante o curso foi possível ver o quanto o conjunto de professores e professoras daquele tempo se dedicaram e buscaram implementar essa proposta de modo bastante crítico. O corpo docente se empenhava muito e me lembro apenas de um único professor que não sabia nada da proposta do curso e nem se esforçava muito. Esse professor veio substituir uma professora da Educação, que trabalhava no curso com metodologia do ensino de matemática. Ele era professor da Faculdade de Matemática e não se sentia envolvido com o nosso curso. Ele mesmo dizia que não sabia o que ele estava fazendo ali, já que nós não conseguiríamos aprender matemática e nem precisaríamos mesmo. Fizemos um movimento para tirar esse professor, mas não conseguimos.

Até hoje o curso de Pedagogia da UFU é anual, porém a proposta já não é mais a mesma. Diversas mudanças ocorreram, inclusive adequações às mudanças legais, consequências das políticas educacionais que foram implementadas no decorrer dos anos. Lamentavelmente, ao longo dos anos, e por questões políticas, fomos perdendo os princípios dessa formação generalista e prevalece hoje apenas uma grade com disciplinas anuais, porém permeada pelo trabalho individualizado. Como professora do curso, vivenciamos muitas tentativas, mas à medida que as aposentadorias foram ocorrendo, o projeto foi se perdendo. Outro fator é que, naquele tempo, a dedicação com o ensino era quase que exclusiva. Hoje, o envolvimento docente com suas pesquisas e projetos individuais tem ocupado parte significativa do trabalho docente.

### 3.2.2 O novo estágio supervisionado

Outra proposta inovadora do meu curso de Pedagogia, naquela época, e que muito influenciou em nosso processo formativo, foi o estágio. Poderíamos estagiar em instituições não escolares e desenvolver projetos inovadores de educação. O nosso estágio ocorreu durante o último ano do curso em que precisaríamos fazer o Estágio Supervisionado II. Lembro-me que fazer estágio fora da escola ainda era uma polêmica entre os/as docentes do curso, pois havia docentes que não concordavam, mas foi a proposta aprovada. Nossa turma acolheu e meu grupo quis fazer estágio em um uma instituição filantrópica que atendia pessoas migrantes que chegavam na cidade sem ter para onde ir.

O Albergue Noturno Ramatis, que funciona até hoje no bairro Brasil, é classificado como uma ONG (Organização não governamental) que recebe principalmente migrantes pobres de outras regiões do país que passam por Uberlândia com destino a outras cidades, ou mesmo que tentam a vida por aqui, neste município. Como se tomou de utilidade pública, a maior parte da verba que sustenta o albergue é da própria prefeitura (cerca de 80%), uma menor parte (20%) vem de doações da população.

A instituição tinha como regra que o atendido poderia permanecer no máximo três noites e caso não conseguissem emprego eram ajudadas a seguir para outro destino. No fundo, a instituição, com toda a conivência da prefeitura de Uberlândia, tentava mandar de volta para suas origens ou para outras cidades as pessoas que chegavam procurando uma vida melhor. A música Não Dá Pra Ser Feliz (Guerreiro Menino), do Gabriel, o Pensador, diz bem o quem era aquela gente.

Entregue à própria sorte, nessa selva  
 Onde a lei é a do mais forte  
 Indefeso, carregando todo o peso  
 O homem não consegue suportar  
 Não sabe como lidar com a vida que a vida lhe dá  
 Está de mãos e pés atados, incapacitado de fazer o que é capaz  
 Jaz morto-vivo no mundo  
 Reduzido a vagabundo  
 Sem poder sorrir, sem poder sonhar, sem poder ...  
 Sempre no mesmo lugar  
 Sem trabalho, sem sustento, sem moral  
 Rendido, ao relento, feito um animal...

Não Dá Pra Ser Feliz (Guerreiro Menino) – Gabriel, o Pensador

Nosso trabalho foi inicialmente de construir um diagnóstico daquela realidade. Um aprendizado valioso, mas também doloroso. Eu me lembro que durante os relatos das pessoas, várias vezes disfarçávamos o choro. Éramos um grupo de quatro estudantes, mulheres, e no albergue a maioria era homens e, infelizmente, tínhamos medo daquelas pessoas. Combinamos de nunca frequentar o ambiente sozinhas e nem mesmo em dupla, e se alguém tivesse que faltar, avisava e todas faltavam juntas, por medo. Outro preconceito que vivemos na pele é sobre pessoas pobres, geralmente vistas como perigosas. Sempre começávamos as entrevistas para o diagnóstico com muito medo, mas terminávamos fazendo amizade com aquelas pessoas. Era impossível não nos emocionarmos, pois eram histórias de muito sofrimento e dificuldades. Por meio dos relatos, entendemos que ajudar a ler era uma necessidade, especialmente para tentar conseguir um emprego.

Sonhamos um projeto de intervenção, mas a realidade era totalmente adversa, e fazer isso em cinco dias não parecia ser grande coisa. Mesmo assim, enfrentamos o desafio. Aprendemos muito e erramos muito também. Conseguimos algumas alegrias de ver pessoas tentando juntar sílabas e transformá-las em palavras, gente conseguindo escrever o nome, criando uma assinatura para documentos e ou mesmo para contratos de trabalho. Sempre fazíamos exercícios a partir das necessidades deles. O problema era que, nem sempre, conseguíamos entender essas necessidades e nesse momento faltava uma presença das professoras orientadoras do estágio.

Líamos notícias de emprego em jornal, assinaturas de contratos de trabalho e artigos sobre trabalho e profissões em Uberlândia. Acho que não os ajudamos muito, porque eles iam embora muito rápido, e nós estávamos sempre começando uma turma nova. Para nós foi muito relevante, mas para eles deve ter sido muito insatisfatório. Um outro aspecto é que não tivemos a oportunidade de vivenciar de fato um estágio supervisionado. Nossas orientadoras de estágio não tiveram disponibilidade de ir conosco conhecer e pensar juntas uma proposta de intervenção. Contávamos com nossa própria percepção e intuição. Hoje, avalio que foi ingênua aquela ação isolada, e sem o envolvimento mais efetivo da Universidade. Afinal, além de ser mesmo um espaço de risco, falávamos com eles a partir de nossa pequena ou quase nenhuma experiência. Terminei a graduação achando que eu precisava mudar o mundo, acabar com as injustiças e só crescia minha indignação por viver em uma sociedade cruel e desigual. Hoje, ainda não consegui, mas aprendi que podemos sim, diminuir a distância. E quanto ao projeto de estágio em instituições não escolares, não durou muito tempo.

### 3.2.3 A formação profissional para além da sala de aula

A minha trajetória se dá também junto aos movimentos sociais e de juventude, inclusive o movimento estudantil em nível de Diretório Acadêmico. Tenho clareza e convicção que esse envolvimento foi muito relevante para o meu processo formativo, mas enfrentei algumas dificuldades, pois havia docentes que não viam essa militância com bons olhos.

Uma das lutas que marcou minha trajetória e formação foi uma longa greve nacional no ano de 1989, com duração de 66 dias, de 08/05 a 13/07/1989. Foi uma greve forte e envolveu 42 IFES – Instituições Federais de Ensino Superior. Foi um tempo de

muito envolvimento com o coletivo e as assembleias eram também coletivas. Algumas conseguiam juntar estudantes, técnicos, técnicas e docentes. Aprendemos muito.

Nem tudo foi conquistado, mas a greve se encerrou e tivemos que construir coletivamente um calendário de retomada, mas antes passamos por um debate intenso sobre se deveríamos repor os dias parados ou se perderíamos o semestre. A turma engajada e que lutava por uma educação pública, gratuita e de qualidade socialmente referenciada entendia que uma reposição não conseguiria oferecer a mesma qualidade própria de uma rotina regular de aulas. Eu fazia parte desse grupo e o nosso posicionamento era por perda de semestre.

Lembro-me muito bem da assembleia gigante que ocorreu no período noturno, no ginásio da Educação Física. Lotamos o ginásio e o debate foi intenso e o encaminhamento foi por uma votação democrática. O grupo estava bem dividido e a solução encontrada foi contar os votos organizando duas passagens para as pessoas conforme o voto. O ginásio tinha dois grandes portões, assim as pessoas favoráveis à perda do semestre saíam pelo portão um e as contrárias pelo dois. Abstenções ficaram no ginásio e algumas pessoas ficaram responsáveis pela contagem. Eu me lembro muito bem que defendi sair pelo portão um, ou seja, o da perda do semestre, mesmo sabendo que meu curso era anual e isso significaria perder um ano. Ainda no calor da discussão, a coordenadora do meu curso de Pedagogia me puxou fortemente pelo braço e tentou me tirar do portão um. Além de violência física, sofri assédio moral. Ela ficou tão desesperada, que me chamou de burra e que eu não poderia escolher aquele portão. Ela tentou me impedir, como se eu não soubesse o que eu estava fazendo. Fiquei imensamente chateada, porque eu gostava muito da coordenadora e nunca pensei que ela pudesse agir assim. Acabei gritando com ela e me rebelei. Votei com o movimento estudantil.

Hoje, entendo a posição dela, porém não precisa ser agressiva. Mais tarde, como professora do ensino superior, compreendi aquele comportamento, pois enfrentei várias lutas em favor do movimento estudantil e sempre encontrei resistências entre colegas. Há ainda a ideia de que estudante não tem condições de se posicionar, por isso minha Faculdade demorou anos para aprovar em seus processos “democráticos” o voto paritário. Durante toda a minha formação, nós, estudantes, não conseguimos aprovação do voto proporcional, com peso igualitário e com isso dificilmente fizemos com que nossas reivindicações fossem aprovadas. O peso sempre foi de 70% para docentes e os outros 30% divididos entre nós, estudantes e técnicos e técnicas. Foi assim até poucos anos atrás.

Essa foi também mais uma memória de assédio, mas apesar disso me senti fortalecida e mantive minha posição junto ao grupo de resistência. Nós perdemos a votação por menos de dez votos e o semestre não foi cancelado. A reposição das aulas sem perda de semestre passou a ser ponto de discussão em assembleias gerais da UFU. Com o passar dos anos, essa prática democrática foi abandonada, especialmente por discordância da categoria docente. Outras greves vieram e fizeram parte de minha trajetória, seja como estudante, seja como docente, conforme relato em minhas memórias sindicais.

Durante minha graduação recebemos a presença ilustre do nosso querido professor Paulo Freire, hoje patrono da educação brasileira com muito orgulho. Lembro-me de me sentar no chão no salão da antiga biblioteca do campus Santa Mônica, no Bloco B, espaço muito pequeno para comportar as tantas pessoas que queriam muito ver e conhecer de perto esse grande homem. Meus olhos não desgrudavam dele. Paulo Freire carregava consigo tantos sonhos e esperanças de uma educação libertadora e consequentemente de um mundo melhor sem opressores e oprimidos. Foi uma manhã inesquecível.

Por fim, destaco como parte desse processo a nossa formatura. Primeiro que, diferentemente do comum, em vez de escolher apenas alguns docentes para serem homenageados/as, convidamos todo o corpo docente. Em resposta ao nosso convite, os e as docentes nos convidaram para um jantar maravilhoso, em um restaurante famoso na cidade e lá recebemos mimos como lembrança. Esse gesto marcou e confirmou a importância e o carinho com que fomos recebidas desde o início do curso e cultivado ao longo dos quatro anos de graduação.

Durante a colação de grau, convidamos um amigo poeta e ele foi responsável por fazer uma linda performance durante a cerimônia. Em um momento combinado, quase finalizando, ele entrou vestido de mendigo, aos gritos e declamou um poema que falava sobre a desigualdade e a fome. Foi lindo e vimos nos olhos das pessoas a emoção por meio de lágrimas. Além disso, também foi destaque o discurso de dois professores escolhidos por nós para aquele momento: Tiago Adão Lara e Adalberto Paranhos, escolhidos por sabermos do engajamento político dos dois.

### 3.3 A Pós-Graduação: mestrado e doutorado

Cursar o ensino superior já significou muito para mim e minha família e a possibilidade de cursar a pós-graduação foi inacreditável. Quando chegou minha vez, eu já caminhava a passos mais largos e já acreditava em meu potencial, tinha consciência suficiente para não perder as oportunidades que surgiam aos poucos, porém fundamentais para aquele tempo. Seguir os estudos depois da graduação foi uma consequência de oportunidades que se fizeram presentes em minha vida profissional, e, claro, a convivência muito próxima com pessoas da área acadêmica, como é o caso do professor Tiago Adão Lara, que se tornou meu grande amigo e padrinho de casamento. Vivemos uma relação próxima por meio do grupo de estudos bíblicos a partir da educação popular e isso me ajudou a entender a importância de seguir o meu caminho profissional.

#### 3.3.1 O Mestrado em Educação na UFU

Poucos anos se passaram depois da graduação e continuei mantendo uma ligação com a universidade. Logo no ano seguinte da formatura, voltei para obter um outro registro da minha área. Depois, fiz curso de especialização *lato sensu* na área de filosofia, o qual contribui bastante para minha formação, além de ser uma área de grande interesse pessoal.

O fato de ir para a docência no ensino superior muito cedo, apenas três anos depois de formada, me fez pensar na continuidade dos estudos em nível de pós-graduação. Esse projeto foi facilitado pelo fato de os departamentos vinculados à educação da UFU já terem criado o Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED. Com isso, eu não precisaria viajar. Assim, participei do processo de seleção em 1994 e fui aprovada. Na época, fazíamos apenas uma prova e não era necessário apresentar um projeto.

Ingressei no mestrado em 1995 e ao mesmo tempo trabalhando em mais de uma escola. Foi um tempo muito pesado para mim, mas muito importante para minha formação. O Programa trazia um enfoque muito crítico e aprofundado sobre o materialismo histórico-dialético, Era coordenado pelo professor Jefferson Idelfonso, um professor que veio para Uberlândia já com uma carreira sólida e estudos voltados para essa temática. Inclusive, ele foi meu orientador no início, mas no terceiro ano do curso passei a ser orientada pela professora Rossana Valéria de Souza e Silva, recém ingressante no Programa. Na verdade, foi uma grande sorte para mim, pois a professora Rossana

contribui significativamente com o meu trabalho. Conheci uma mulher muito engajada e comprometida com os estudos, uma mulher que não foge das lutas e mais tarde acompanhei o enfrentamento que ela teve no Programa, durante um processo seletivo, sempre em defesa da transparência e seriedade. Muito orgulho de tê-la como minha orientadora.

Durante o mestrado, meus estudos se voltaram para a formação de docentes na UFU e fizemos uma pesquisa procurando dialogar com todos os quatorze cursos de licenciatura da época. Esse trabalho nos permitiu compreender a importância da pesquisa para os nossos processos formativos, afinal todo trabalho científico precisa estimular o debate sobre o assunto pesquisado e interferir criticamente nas práticas educativas cotidianas buscando transformá-las. Isto significa superar algumas dicotomias, pois a discussão acadêmica precisa ou mesmo deveria ser combustível para a busca de novas ações (MENDES, 1999). De qualquer modo, a realidade é complexa e a vida acadêmica também, perpassada por diferentes concepções que geram dialeticamente as possibilidades como também os limites para as transformações.

A defesa da dissertação carrega memórias muito importantes e uma delas foi a oportunidade de conhecer o professor Luiz Carlos de Freitas da Unicamp, estudioso da Avaliação e que eu usava como referência durante as aulas de Didática. O prof. Freitas era, e é até hoje, uma importante referência para a educação crítica no Brasil. Para minha alegria e sorte, minha orientadora Rossana sempre teve o materialismo histórico-dialético como base teórico-metodológica para seus estudos e pesquisas e, com isso, ela contribuiu por meio de um olhar crítico sobre a realidade. Quando disse a ela que o prof. Freitas era uma grande referência para mim, ela apoiou totalmente e me incentivou a trazê-lo para a banca. Fui até Campinas para convidá-lo pessoalmente. Agendei uma conversa com ele na Faculdade de Educação. À época, ele era o diretor, e fui muito bem recebida. Ele me ouviu com muita atenção e demonstrou muito interesse pelo meu trabalho e em participar da banca. Deixamos tudo acertado e fui embora muito feliz. Porém, quando se iniciaram os processos para garantir sua viagem, descobrimos que a única empresa que fazia voos para Uberlândia era a antiga TAM<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> No dia 31 de outubro de 1996 acontece um grande acidente com o Fokker 100 da TAM em São Paulo. Tal acidente provocou quase cem mortes. Fonte: <https://www.aeroflap.com.br/25-anos-do-acidente-com-o-fokker-da-tam-em-congonhas-qual-foi-o-impacto-do-acidente-na-aviacao/>  
Acesso em: 9 maio 2023.

Desde o fatídico acidente aéreo em 1996 que matou quase cem pessoas, o prof. Luiz Carlos não quis mais viajar por essa empresa e de ônibus não haveria tempo hábil, por causa de seus compromissos já assumidos. Desse modo, ele propôs o nome de sua esposa, a professora Helena de Freitas, o qual foi aceito por nós, prontamente. Afinal, assim como o prof. Luiz Carlos, a professora Helena também tem uma trajetória de grande importância na área de formação de professores e professoras e a ideia de ter um olhar crítico para o nosso trabalho continuava em mesma proporção. De fato, a participação da professora Helena de Freitas foi extremamente relevante.

Uma situação marcou o dia 7 de abril de 1999, a data da defesa. Por contar com a ajuda de meu marido, Guilherme, que é engenheiro de telecomunicações, e por isso sempre acompanha os desenvolvimentos tecnológicos. Por causa dele, fui a primeira mestranda a usar um projetor LCD para a apresentação de meu trabalho, o qual mais tarde foi substituído pelo *data show*. Meu marido alugou o aparelho da empresa Damaceno produções<sup>13</sup>, já que na UFU existia apenas o retroprojetor. Esse equipamento foi um grande sucesso. Lembro-me que usei também apontador a laser para indicar os pontos que eu iria discutir enquanto apresentava os slides. A tensão na hora era tamanha que a primeira vez que o apontei para a tela de projeção, o pontinho vermelho balançava revelando meu estado de tensão, pois eu tremia literalmente. As pessoas que assistiam riram da situação, mas demonstrando solidariedade e compreensão. Foi constrangedor, mas ri também e ajudou a relaxar.

Figura 3 – Projetor LCD – projeta vídeo, imagens ou dados de computador



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Projetor\\_LCD](https://pt.wikipedia.org/wiki/Projetor_LCD)

Acesso em 16 maio 2023.

---

<sup>13</sup> Serviço de soluções de tecnologia para eventos em Uberlândia.

Defesa realizada, acatei as sugestões e obtive a aprovação esperada. Comemoramos com muita alegria a importante conquista para toda a minha família. Meu pai vinha de uma família muito grande, dez irmãos e irmãs. Reunimos à noite na casa de minha tia e a comemoração foi grande, pois eu fui a primeira mestra de toda a família, tanto do lado de meu pai como de minha mãe.

A nossa pesquisa de mestrado permitiu apresentar importantes constatações sobre as licenciaturas na UFU, das quais destaca-se o fato de a estrutura da instituição não possibilitar um espaço específico de vivência dos problemas inerentes às Licenciaturas de modo geral. Infelizmente, essa é a realidade até hoje. Enquanto outras instituições vivem problemas estruturais específicos ligados às Faculdades de Educação, vivemos uma total desestruturação por não possuímos nem o ambiente físico e nem espaços que viabilizem o debate teórico que favoreça a produção e discussão dos problemas específicos das Licenciaturas.

Outra constatação é que continuamos afirmando que não será possível construir um projeto político-pedagógico para as Licenciaturas se continuarmos deixando-as em segundo plano, dilema duplamente vivenciado por elas: de um lado são abandonadas pelos professores e professoras das áreas específicas em favor do Bacharelado e, de outro, a Faculdade de Educação apenas oferece as disciplinas pedagógicas, porém também as abandonam por não as considerarem prioritárias, restringindo seu papel a oferecer o/a docente para ministrar as aulas do currículo pedagógico obrigatório. Nossa experiência como professora da Faced e participante do Núcleo de Didática permite-nos vivenciar esse dilema de perto. Enfim, concluímos a dissertação de mestrado com esperanças de estimular o debate no interior da UFU e interferir criticamente nas práticas educativas cotidianas buscando transformá-las. Ainda essa intenção existe, porém já com poucas esperanças de ocorra de fato. Afinal, se é verdade que a sociedade não valoriza a profissão docente, tampouco a universidade parece agir diferente.

### 3.3.2 O Doutorado em Educação na USP

Dois mil e um foi ano de greve e de luta na educação superior e eu estive firme no comando de greve. Final do governo de Fernando Henrique Cardoso, marcado por muitas perdas para as e os servidores públicos, o que exigiu de nós resistência e mobilização. Foi uma greve longa, com corte de salários ou “retenção”, como dizia o

então Ministro da Educação, Paulo Renato. Em meio aos trabalhos exigidos por um comando de greve, consegui concluir o meu projeto de pesquisa para o doutorado em tempo de participar de apenas dois processos seletivos dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar e da Universidade de São Paulo – USP. Minha intenção era participar do processo seletivo da Unicamp, pois já acompanhava de perto as pesquisas do Laboratório de Observação e Estudos Descritivos – LOED e queria muito fazer parte desse grupo, como também ser orientanda do prof. Luiz Carlos e Freitas ou da prof<sup>a</sup>. Mara de Sordi. Já tínhamos o nosso grupo de pesquisa aqui da UFU, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação Educacional – GEPAE e o LOED era referência para nossos estudos sobre avaliação educacional. No entanto, como os prazos da Unicamp se encerraram em agosto, não consegui concluir o meu projeto em tempo hábil.

Durante a realização das provas e avaliações de currículos e entrevistas, houve uma diferença de cronograma e com isso a USP concluiu o seu processo mais cedo. Recebemos o resultado antes de fazer a entrevista na UFSCar e como consegui ser aprovada, não compareci à entrevista, que era a avaliação final. Fiquei imensamente feliz, mas um pouco apreensiva, pois teria que estudar em São Paulo, uma cidade que me assusta até hoje, pelo seu gigantismo em todos os aspectos. Além disso, meu primeiro filho tinha acabado de completar dois aninhos de vida.

O sentimento era de alegria, mas também de apreensão e preocupação. Para piorar, eu tinha muito medo de acidente em estradas. Não teve jeito, enfrentei o medo, a estrada e a cidade grande. Pegava o ônibus na rodoviária às 23h e chegava em São Paulo por volta das 7h da manhã. Tomava o metrô e chegava na USP para tomar o café da manhã. Muitas vezes senti dores nos dentes por consequência do medo que eu sentia à noite, durante a viagem, e acabava pressionando a mandíbula, apertando os dentes. Tudo por causa do medo de viajar. Acabei tendo que usar aparelho nos dentes. Entrava no ônibus e rezava pedindo a Deus que eu não morresse, pois precisava voltar para casa e cuidar de meu filhinho tão amado.

Para minha sorte e força nesse período, eu pude contar com duas mulheres maravilhosas que faziam parte de minha vida, pois eu sabia que estava deixando meu filho em ótimas mãos: a nossa querida Gegê, como meu filho aprendeu a chamar carinhosamente minha ajudante Geralda, e a minha mãe, Orlandina, que morava muito perto do meu apartamento e estava sempre presente me socorrendo. Nós, mulheres, só conseguimos construir uma carreira se temos uma rede de apoio de outras mulheres que

nos socorrem e eu sempre tive esse privilégio, pois sei que muitas não têm com quem contar e, muitas vezes, desistem de seus sonhos.

Assim, em 2002, deixei meu filhinho de dois anos sob os cuidados dessas duas grandes mulheres (Geralda -Gegê, minha ajudante e Orlandina, minha mãe) e peguei a estrada semanalmente, pois as passagens aéreas estavam muito caras, e eu decidi não morar em São Paulo. Permanecia lá por dois dias e voltava correndo para casa. Enfrentei meus medos e consegui encarar São Paulo, andei de ônibus, de metrô e a pé. Conheci museus e a famosa 25 de março. Foi de fato uma importante experiência para a minha vida pessoal e acadêmica. Frequentar a biblioteca da USP e encontrar um acervo enorme de Paulo Freire foi uma grande alegria. A Faculdade de Educação tinha uma biblioteca própria, achava isso o máximo. Frequentar a moradia estudantil foi um privilégio, uma convivência carregada de esperanças. A USP é uma grande possibilidade para todas as pessoas que lá estudam e eu tentei aproveitar tudo que pude.

Fiz um ano de disciplinas e a partir do segundo ano pude ficar em casa e viajar apenas para participar do grupo de pesquisa de minha orientadora, que era muito famosa no meio acadêmico, a professora Marli André, uma pesquisadora reconhecida no Brasil e em vários países, com grande domínio, especialmente na área de pesquisa qualitativa. Foi uma honra e um grande privilégio ser escolhida por ela. Uma pena que eu fui sua última orientanda na FEUSP – Faculdade de Educação da USP, pois ela já havia se aposentado desde 1999 e permanecia apenas com algumas orientações. Como ela já trabalhava na PUC (Pontifícia Universidade Católica) de São Paulo e com muitas orientações, ela resolveu deixar a USP de vez. E assim que eu defendesse, ela não teria mais ninguém. Por isso fiz minha formação frequentando a PUC – São Paulo, onde tive a oportunidade de participar do grupo que desenvolvia o projeto “Pesquisas e Práticas de Formação Docente”, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Marli André, do Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Também nesse grupo, além da acolhida calorosa, pude participar de discussões valiosas que em muito enriqueceram minha capacitação. Foi um rico aprendizado conhecer as mais de dez orientandas da professora Marli André, que lamentavelmente faleceu em janeiro de em 2021, durante a pandemia.

Durante o doutorado vivi, pela primeira vez em minha trajetória profissional, as condições de estudos necessárias ao desenvolvimento de um trabalho de pesquisa. Foi uma grande alegria poder “desfrutar” de importantes momentos exclusivos de estudo; afinal, por pertencer à classe trabalhadora, sempre tive que conciliar trabalho e estudos.

Eu me lembro bem o quanto me sentia feliz por simplesmente iniciar a leitura de um texto e concluí-lo no mesmo dia. Assim, nesse período, pude “saborear” momentos até então desconhecidos que a liberação me proporcionou.

O direito conquistado de liberação para estudar, de fato, é fundamental como garantia de qualidade e dedicação. Uma grande conquista da categoria de servidoras e servidores públicos federais. Por tudo isso e muito mais, faço parte do grupo de pessoas que lutam e defendem a Universidade pública, gratuita e de qualidade socialmente referenciada, porque essa conquista tão importante tem sido garantida, quase que exclusivamente, pelas instituições públicas federais e deveria ser um direito de toda as pessoas. Vejo e me solidarizo sempre com minhas orientandas por terem que fazer mestrado e doutorado trabalhando e ainda cuidando dos serviços da casa, mesmo sendo, em sua maioria, servidoras públicas estadual ou municipal, mas que não conseguiram o direito ao afastamento, ainda que sem remuneração. Teríamos uma outra escola se tivéssemos as condições de formação e estudos garantidos.

No segundo semestre, tive a oportunidade de frequentar a pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas – FeUnicamp, cursando uma disciplina sob a responsabilidade da professora Mara de Sordi – Seminários de Avaliação. Além da disciplina, pude frequentar as reuniões do LOED, o grupo de pesquisa coordenado pelo professor Luiz Carlos de Freitas e pela professora Mara. Foi apenas um semestre, porém de enorme riqueza e trocas. Tive o privilégio de ter meu projeto de pesquisa discutido nesse grupo e recebi contribuições valorosas.

Na disciplina Seminários de Avaliação, organizamos debates em torno de temáticas fundamentais para minha pesquisa. O meu grupo estudou e pesquisou sobre as bases teóricas para a formação docente e contamos com as ricas contribuições do prof. Luiz Carlos durante a apresentação do nosso seminário. Foi um riquíssimo e crítico debate sobre autores reflexivos como Schön e Zeichner, os quais influenciavam, sobremaneira, os cursos de formação docente no Brasil. Freitas fazia sérios questionamentos sobre o porquê precisaríamos desses reflexivos tendo Paulo Freire como importante referência da “casa”. Segundo ele, tudo que esses dois autores falavam, Paulo Freire vai dizer melhor, pois segundo Freire, o mais importante é conseguirmos formar estudantes reflexivos, mais do que docentes reflexivos. Freitas aproveitava para articular com Pistrak (2003), o qual sempre defendeu auto-organização dos e das estudantes. Afinal, é preciso pensamento crítico para ajudar a discutir as lógicas que estão por trás dos interesses da escola capitalista, a exclusão e a submissão. Não podemos nos esquecer do grande

interesse do capital em formar para a submissão. Formando estudantes reflexivos, críticos ou mesmo auto-organizados, conseguimos romper com essa lógica da submissão.

Enfim, o doutorado foi um ótimo momento de formação crítica e um mergulho na realidade por meio da pesquisa, mas também representou um enorme desafio, já que continuei buscando um olhar aprofundado para as licenciaturas, mas agora influenciada pelos estudos do GEPAE. Por isso, além de estudar os cursos de licenciatura, o foco foi a avaliação nas licenciaturas da UFU. Sobre como o tema avaliação entrou em minha vida, vou contar quando eu falar do tema pesquisa.

Os estudos construídos a partir do doutorado possibilitaram elucidar uma rede de relações no interior dos cursos de formação de professores e professoras que se mostrava através da avaliação. Representou um exercício para explicitar o conhecimento sobre o que estudantes pensavam, diziam e faziam sobre avaliação. A busca por esses objetivos possibilitou afirmar que as discussões sobre avaliação no âmbito da formação docente era e ainda é uma necessidade fundamental no sentido de contribuir com processos formativos mais críticos. Essa afirmação se deu a partir da análise dos depoimentos de 195 licenciandos e licenciandas, que cursavam o último ou penúltimo período, e de sete coordenadores e coordenadoras dos cursos pesquisados.

Apesar de, naquela época, existir uma densa literatura sobre esse assunto, e hoje mais ainda, não era perceptível o domínio teórico por parte dos e das estudantes sobre a temática avaliação. Ouso afirmar que ainda hoje corremos o risco de encontrar essa realidade. Não havia indícios de que tanto os e as licenciandas como os professores e as professoras dos cursos de licenciatura tivessem conhecimento sobre a importância do tratamento dado aos resultados da avaliação, por exemplo. Na verdade, ainda hoje sabemos que as práticas avaliativas, geralmente, não incorporam esta etapa do processo avaliatório. Nesse sentido,

As reflexões e produções realizadas sobre a temática são de grande importância para a compreensão do papel central que a avaliação tem assumido no contexto político atual. A discussão não pode ficar limitada aos debates acadêmicos, que certamente contribuem com a denúncia e desvelamento da avaliação como mecanismo classificatório, seletivo, meritocrático, punitivo, coercitivo e excludente, mas tem que ir além e abranger as práticas escolares e os cursos de formação docente. Desse modo, reafirma-se a necessidade de que os professores, em todos os níveis escolares, tenham espaços de reflexão sobre suas experiências avaliativas no processo educativo e, principalmente, consigam construir a ressignificação da avaliação, mudando concepções e práticas que promovam o sucesso e não o fracasso escolar. É preciso superar a cultura da avaliação já estabelecida na escola desde sua origem, como

também nos cursos de formação de professores. (MENDES, 2006, p. 143).

Essa afirmação tem sido motivadora para do processo de construção de nossa práxis, no sentido de buscar sempre uma atuação ativa, de certo modo buscamos a auto-organização das e dos estudantes. Algumas dessas experiências serão relatadas mais adiante, no tema docência no ensino superior. Afinal, o nosso trabalho como professora de Didática, pesquisadora em avaliação, tem sido possibilitar que estudantes de diferentes licenciaturas vivenciem, de modo participativo e reflexivo, diferentes processos avaliativos formativos. E por isso mesmo podemos afirmar que a avaliação formativa existe; o que ocorre é que a colega, mesmo sendo uma profissional da área da educação, não conhece o que ela deveria ensinar e vivenciar em sua prática docente.

Não foi possível concluir o doutorado e a defesa conforme o cronograma. Em agosto de 2005 fiquei grávida de minha segunda filha e, apesar de ter planejado defender ainda em dezembro, antes de seu nascimento, não consegui. A gravidez impôs um ritmo próprio e tive que me adequar. Entretanto, esperava concluir toda a escrita da tese antes do parto. Lembro-me de ir para São Paulo em fevereiro de 2006, já no prazo de prorrogação, para o último encontro de orientação antes da defesa. Naquele tempo não existia a possibilidade de um encontro online e já com uma barriga enorme e muito medo de dar à luz em São Paulo, levei meu marido comigo. O parto estava previsto para final de maio, coincidindo com o novo prazo da entrega da tese, já conforme a prorrogação que eu tinha direito por consequência da gravidez. Eu entregaria o trabalho para a banca ler e defenderia três meses depois do nascimento, para facilitar a viagem com uma bebê muito pequena. Sim era uma menina, Ana Beatriz.

Nem sempre as coisas ocorrem como previsto, inclusive um nascimento. No dia 13 de maio, sábado bem cedo, minha bolsa rompeu e a nossa Aninha anunciou que estava chegando. Eu saí de casa chorando de alegria e de preocupação: como cuidar de uma bebê recém-nascida e concluir a escrita de uma tese de doutorado? Até hoje sinto grande emoção ao falar sobre esse tempo em minha vida. Fomos para o hospital, e Aninha veio cheia de saúde e vontade de viver. Manifestou com a força de seu choro. Acho que ela sentiu todo o estresse vivido por sua mãe.

O grande estresse por mim vivido resultou em dificuldades de amamentação, o peito rachou, o leite empedrou e eu precisei contar com mais ajudas. A querida amiga Tânia trabalhava na prefeitura em um projeto de orientação e incentivo à amamentação e

sobre a importância do leite materno. Assim, Tânia também compôs a equipe de mulheres da minha rede de apoio. Ela vinha em minha casa todos os dias fazer massagens e me ensinar a técnica de amamentação. Esse trabalho foi tão maravilhoso que aprendi e mais tarde me tornei a “fada do leite”, passei a ajudar as mães que tinham dificuldades durante a amamentação. Faço isso até hoje. “Fada do leite” foi um apelido carinhoso dado pelo meu amigo Tiago, quando ajudei a sua esposa a amamentar a nossa querida Maria Flor. Até hoje ela vem visitar a “fada do leite”. Em meio ao sofrimento e estresse do doutorado, os aprendizados e as novas possibilidades de solidariedade.

Enfim, entre os choros da bebê e da mãe, estresse, dores resultantes de um corte de uma cesariana e momentos curtos de silêncio, inclusive durante as noites, eu consegui concluir a escrita da tese. Meu marido, Guilherme, teve um importante papel de cuidar da formatação, impressão e envio das cópias para a FEUSP. Isso ocorreu exatamente em nosso último dia de prazo, 31 de maio de 1996, próximo ao primeiro mês de vida da Aninha. Enfim, enviamos pelo correio todas as sete cópias necessárias para serem depositadas na secretaria do Programa da FEUSP, e a defesa foi marcada para 6 de agosto de 2006.

Aninha foi crescendo e nos dias em que se aproximavam da defesa, enquanto eu brincava com ela e com o Antônio Augusto, com seis anos de idade, eu escorreguei, caí e machuquei o braço. Tive que imobilizá-lo e por isso tivemos que mudar os planos de levar a Aninha para a defesa, por causa da amamentação. Deixei o leite para ela e ainda contei com a ajuda de mais uma mulher, minha querida sobrinha, Gisele, que também tinha dado à luz em junho. Ela foi com sua filhinha, Heloisa, para a minha casa e amamentou duas bebês naquele dia.

Tudo correu bem na defesa e inclusive a previsão de intervalo para amamentar teve que acontecer, pois não tinha a bebê comigo, mas tinha o leite que parecia explodir nos seios. Interrompemos e fiz o descarte do leite enquanto chorava. Mãe nunca quer jogar fora o leite de sua criança.

Figura 4 – Banca de defesa de doutorado e apresentação da tese – agosto de 2006



Fonte: A autora.

Figura 5 – Minha filha Ana Beatriz – foto tirada assim que cheguei de São Paulo



Fonte: A autora.

A defesa foi longa e já anoitecia, e me lembro que já não conseguia mais enxergar as anotações que eu fiz. Foi quando percebi o quanto minhas vistas estavam ruins. Logo que passou o prazo da amamentação, o oftalmologista indicou o uso de óculos. Tudo terminou e fomos direto para o aeroporto em um tempo em que havia um grande acúmulo de atrasos dos voos. Portanto, foi uma espera longa e difícil demais. Ainda no aeroporto, mais um descarte de leite materno e mais choro e uma saudade enorme. Foi apenas um dia, mas muito longo, com certeza o dia maior de minha vida.

Chegamos em casa por volta de uma hora da manhã e encontramos toda a família, amigos e amigas nos esperando e uma linda surpresa. Comemoramos a minha defesa na madrugada, com flores, cartazes que faziam a memória de minha vida e com minha bebezinha mamando sem parar. Um dia e uma noite inesquecíveis, longa, sofrida, mas feliz.

### 3.4 Formação em espaços educativos não formais

Não consigo imaginar minha formação de modo completo sem mencionar o que ocorreu com minha vida a partir dos anos de 1980. Um marco importante ocorreu por consequência de nossa mudança de residência. Em 1981 nos mudamos para o bairro Martins, nos limites do bairro Bom Jesus, e nesse local ficava a igreja Bom Jesus. Minha mãe sempre foi muito religiosa, católica, como a grande maioria do povo brasileiro naquele tempo. Então ela começou a frequentar essa igreja e queria muito que frequentássemos também. Assim, comecei a participar da missa das crianças na igreja Bom Jesus e foi lá que vivi uma experiência de um novo modo de ser Igreja. Conheci o Padre Jeremias, um padre irlandês, da congregação dos padres Oblatos. Um pároco que não esperava as pessoas fiéis na missa de domingo, ia atrás, ia às casas tomar café, sentar-se à mesa, conversar, trocar, promover o intercâmbio entre o templo e os e as fiéis. Depois de muito tempo de vivência e formação, eu compreendi que aquele gesto era a marca de sua ação pastoral, uma espécie de revolução no aspecto religioso, social, político e econômico. Na verdade, acho que não fui eu que o conheci, mas ele quem me conheceu. No início, para mim, ele era apenas um padre como todos os outros. Isso já era final dos anos de 1980.

Sempre me refiro a esse momento como uma mudança brusca em minha vida. O que já estava praticamente certo para a minha vida seria concluir o segundo grau e me tornar uma professora primária, provavelmente me casar, ter filhos e cuidar da família. Minha mãe não se preocupava muito se eu continuaria a estudar ou não, mas se preocupava que eu tivesse um emprego, pois ela sempre sentiu na pele a dureza de não ter dinheiro para alimentar os filhos e filhas. É como se eu estivesse viajando por uma estrada em uma reta muito longa, sem fim. De repente, do nada, aparece uma bifurcação que me remete para uma curva muito acentuada, uma curva que mudaria o caminho dessa viagem, e eu aceitei. Escolhi na bifurcação, fazer a curva e mudar o caminho.

A bifurcação foi uma visita que recebi. O ano era 1986. Alguém bateu em minha porta e eu mesma fui abrir. Era o padre Jeremias. Lembro-me até hoje do quanto me senti importante, pois nunca imaginei que um padre pudesse ir em minha casa e ele foi para conversar comigo em especial. Ele prestou atenção em mim durante as missas das crianças e eu nem percebia, por isso foi me visitar. Mais do que isso, foi me convidar para representar a comunidade em um curso de Bíblia, que seria oferecido para todas as comunidades de Uberlândia e cada uma delas poderia enviar até quatro pessoas. Ele me

escolheu, e fomos eu e a Marta Maria, já muito atuante na comunidade, diferentemente de mim. Marta é hoje minha amiga, irmã e comadre.

Esse novo modo de ser Igreja me encantou e permitiu-me uma aproximação com os estudos bíblicos e a leitura popular da Bíblia, coisa que até então eu nem fazia ideia que existia. Eu não tinha costume nem de pegar a Bíblia para ler. Esse jeito de lê-la proporcionado pelo Centro de Estudos Bíblicos – CEBI, e de modo ecumênico, abriu um novo horizonte de reflexão da vida em todos os aspectos, desconstruindo paradigmas e permitindo um novo olhar sobre a realidade social, religiosa e pessoal. É com esse olhar que vem se construindo paulatinamente até hoje, como chuva miúda, minha carreira docente.

O convite por mim aceito, com certeza, me fez outra pessoa humana e ao longo desse memorial pretendo mostrar como essa nova realidade me afetou. Conhecer e tentar viver uma proposta de leitura popular da Bíblia não foi algo como um tipo de conversão, ao modo como muitas igrejas têm feito com o povo. Na verdade, muitas conversões têm sido um processo de alienação. Ao contrário, pude viver um processo de conscientização e compreensão da realidade, da lógica e interesses de uma sociedade que vive de injustiças sociais, de exploração, de desigualdades; enfim, comecei a entender a sociedade capitalista.

Figura 6 – Encontro do Cebi em minha casa – assessoria de Paulinho Uetti (Brasília) em 2012



Fonte: A autora.

Conheci e me tornei participante ativa do Cebi, uma organização ecumênica de leitura popular da Bíblia, e nela aprendi sobre a luta do povo sofrido e sua libertação. Aprendi que lutar contra as injustiças sociais é o dever de cada cristão e de cada cristã.

Também compreendi o que ajudaria fortemente em minha profissão como docente: trabalhar em grupos, trabalhar com dinâmicas que levam ao pensamento crítico e de forma coletiva. Aprendi como é bom quando uma pessoa ajuda a outra. Aprendi a ver a luz não ao final, mas dentro do túnel e esse foi um aprendizado maravilhoso. Aprendi que a conscientização e a esperança são como uma chuva miúda que cai mansamente e não uma tempestade que arrasa tudo por onde passa.

Figura 7 – Símbolos ligados à Terra para os momentos celebrativos



Fonte: A autora.

Logo comecei a participar do grupo de jovens da nossa Igreja, conhecido por Jovens Unidos do Bom Jesus – JUBJ e me tornei liderança da juventude. Mais tarde me engajei na Pastoral da Juventude – PJ. Esses movimentos fortaleciam os princípios dessa nova Igreja, que nos ajudavam a compreender que fé e política eram e são uma necessidade para construirmos um mundo melhor, sem injustiças e desigualdades. Foi essa a força da minha formação e foi aí que conheci a Teologia da Libertação, a opção pelos pobres, e as referências que lutaram e alimentaram esse projeto de vida, como Leonardo Boff, Frei Betto, Ivone Gebara, Carlos Mesters, dentre outras pessoas.

Nesse processo também ouvi falar de Paulo Freire pela primeira vez, pois na PJ líamos os escritos dele. No Cebi, aprendemos a caminhar em grupo, sempre de modo coletivo. Portanto, nos encontrávamos com as comunidades e promovíamos encontros de formação sobre a Bíblia, nunca de modo fundamentalista, mas sempre na perspectiva da leitura popular e feminista da Bíblia.

Na comunidade Bom Jesus eu tive certeza de que minha vida seria de fé e política. Viver o projeto de Jesus significava mudar o mundo, assumir a luta por justiça

social. Aprendi o significado de utopia por meio dos cantos de Zé Vicente, um cantor popular do movimento da Teologia da Libertação.

Quando o dia da paz renascer  
 Quando o Sol da esperança brilhar  
 Eu vou cantar  
 Quando o povo nas ruas sorrir  
 E a roseira de novo florir  
 Eu vou cantar  
 Quando as cercas caírem no chão  
 Quando as mesas se encherem de pão  
 Eu vou cantar  
 Quando os muros que cercam os jardins, destruídos  
 Então os jasmims vão perfumar  
 Vai ser tão bonito se ouvir a canção  
 Cantada de novo  
 No olhar da gente a certeza de irmãos  
 Reinado do povo  
 Quando as armas da destruição  
 Destruídas em cada nação  
 Eu vou sonhar  
 E o decreto que encerra a opressão  
 Assinado só no coração  
 Vai triunfar  
 Quando a voz da verdade se ouvir  
 E a mentira não mais existir  
 Será enfim  
 Tempo novo de eterna justiça  
 Sem mais ódio sem sangue ou cobiça  
 Vai ser assim  
 Vai ser tão bonito se ouvir a canção  
 Cantada de novo  
 No olhar da gente a certeza de irmãos  
 Reinado do povo

(Música Utopia – Zé Vicente)

Um sonho de uma sociedade justa, igualitária, partilhada. Aprendi que “Sonho que se sonha só pode ser pura ilusão. Sonho que se sonha junto é sinal de solução. Então vamos sonhar companheiro, sonhar ligeiro, sonhar em mutirão” (Música e letra também de Zé Vicente).

Figura 8 – Encontro em 2017 do Cebi na comunidade Bom Jesus –  
Estudo sobre Gênesis



Fonte: A autora.

Falar de sonho me traz a memória do meu querido amigo, que também foi meu professor de filosofia do curso de Pedagogia, e padrinho de meu casamento, infelizmente já falecido, o professor Tiago Adão Lara, carinhosamente chamado por nós do Cebi, de o TAL. Eu tive o privilégio de conviver com ele por causa do Cebi. Em 1987, primeiro ano de faculdade e ocasião em que começamos a fazer o curso, foi quando ele foi carinhosamente batizado de “curso de segunda-feira”. Era o curso de Bíblia, do Cebi, para o qual fui convidada pelo Pe. Jeremias. Naquele ano conheci o Prof. Tiago, pois ele era membro do Cebi, além de ser uma das pessoas que daria o curso. Ele era um verdadeiro sábio, muito respeitado na UFU e na cidade.

Durante nossas conversas, descobrimos que ele e sua esposa, a querida Maria Helena, passavam na esquina da minha casa para ir para o nosso curso de segunda-feira, e então se ofereceram para me dar carona. Senti-me novamente muito importante! Ia para o curso com o professor de filosofia da UFU.

No outro ano continuei fazendo o curso de segunda-feira e o Tiago então passou a ser meu professor. Eu contava para minhas colegas de faculdade o quanto eu me sentia forte e feliz. Fazer faculdade e ao mesmo tempo viver as diferentes formações propiciadas

pela igreja católica ligada à Teologia da Libertação me fizeram outra pessoa, outra mulher.

Recordo-me de uma celebração na porta da igreja Bom Jesus, em que o Tiago conduzia a celebração e então ele disse algo que me causou muito estranhamento, pois ao menos nunca tinha pensado daquela maneira e nem que poderia ser uma possibilidade. Na verdade, o Tiago falou um grande absurdo para o capital. Segundo ele, precisaríamos lutar para que o povo trabalhasse menos horas por dia. Ele disse que precisaríamos sonhar, sonhar para lutar. Sonhar uma sociedade em que todas as pessoas tivessem emprego e uma solução seria não precisar trabalhar tanto. Poderíamos trabalhar quatro horas por dia. O mais importante era viver e aproveitar a vida, usufruir das boas coisas. Se trabalhássemos menos horas por dia, conseguiríamos mais empregos para todas as pessoas e ainda teríamos mais tempo para viver a vida com dignidade.

Afinal, o que o capitalismo nos ensina? Tempo é dinheiro. Será? O sociólogo e crítico literário, Antônio Cândido, fortalece esse pensamento do Tiago e questiona o tempo para o capital.

Acho que uma das coisas mais sinistras da história da civilização ocidental é o famoso dito atribuído a Benjamim Franklin, 'tempo é dinheiro'. Isso é uma monstruosidade. Tempo não é dinheiro. Tempo é o tecido da nossa vida, é esse minuto que está passando. Daqui a 10 minutos eu estou mais velho, daqui a 20 minutos eu estou mais próximo da morte. Portanto, eu tenho direito a esse tempo. Esse tempo pertence a meus afetos. É para amar a mulher que escolhi, para ser amado por ela. Para conviver com meus amigos, para ler Machado de Assis, isso é o tempo. E justamente a luta pela instrução do trabalhador é a luta pela conquista do tempo como universo de realização própria. A luta pela justiça social começa por uma reivindicação do tempo: 'eu quero aproveitar o meu tempo de forma que eu me humanize'. As bibliotecas, os livros, são uma grande necessidade de nossa vida humanizada. (ANTÔNIO CANDIDO, disponível em <https://bemblogado.com.br/site/antonio-candido-tempo-nao-e-dinheiro-tempo-e-o-tecido-de-nossa-vida/>).

Tiago dizia que queria ver uma sociedade em que a vida tivesse maior valor e fosse mais importante do que o capital. Para viver com saúde e dignidade, segundo ele, precisaríamos de salários justos e de emprego para toda a gente. Eu achei aquilo muito revolucionário. Se cada pessoa trabalhasse apenas uma parte do dia, já teríamos mais empregos e, claro, sem diminuir seu salário. Imaginem? Um mundo com gente mais feliz. E cantamos uma música que nunca mais me esqueci.

Os meninos à volta da fogueira  
 Vão aprender coisas de sonho e de verdade  
 Vão perceber como se ganha uma bandeira  
 E vão saber o que custou a liberdade  
 Palavras são palavras não são trovas  
 Palavras deste tempo sempre novo  
 Lá os meninos aprenderam coisas novas  
 E até já dizem que as estrelas são do povo  
 Aqui os homens permanecem lá no alto  
 Com suas contas engraçadas de somar  
 Não se aproximam das favelas nem dos campos  
 E tem medo de tudo que é popular  
 Mas os meninos deste continente novo  
 Hão de saber fazer história e ensinar

(**À volta da fogueira** – Rui Monteiro cantada por Martinho da Vila)

As estradas também fizeram parte de minha de formação na vida eclesial, por causa do Cebi. Depois do curso de segunda-feira, não paramos mais de estudar a Bíblia, na ótica da leitura popular. Eu e Marta fomos convidadas a participar do grupo de aprofundamento do Cebi, o que foi mais uma honra imensa. Assim, entramos para o grupo do Cebi de Uberlândia e fomos muito bem acolhidas; nos sentíamos em casa. As reuniões ocorriam aos domingos, o dia todo, e em algumas vezes se iniciava no sábado. Eu não perdia nada e anotava tudo, mas falava pouco. Logo o grupo nos indicou para participar dos encontros de formação do Cebi que ocorriam na esfera estadual. Assim, conhecer outras cidades e outras pessoas também contribuiu sobremaneira para minha formação e atuação como professora. Viajei sozinha pela primeira e conheci a nossa capital, Belo Horizonte. Eu tinha pouco mais de vinte anos e nunca tinha saído de Uberlândia. Enfrentei a estrada, andei pela capital e foi tudo maravilhoso. Conheci pessoas com os mesmos sonhos. Fiz cursos de formação em Belo Horizonte e em Vila Velha, no Espírito Santo. As pessoas do Cebi de Uberlândia e o padre Jeremias, por meio da paróquia do Bom Jesus, arcavam com todas as despesas. Era um investimento coletivo em nossa formação. Fazemos isso até hoje no grupo, aprendi o sentido da partilha. Nesse processo, houve um tempo em que fui eleita representante do Cebi-Triângulo na coordenação estadual do Cebi Minas. Um tempo de grandes aprendizados e saberes populares.

Ainda na comunidade Bom Jesus, vivenciamos um forte movimento de organização e luta da associação de moradores e moradoras do bairro e lá conheci muitas mulheres lideranças engajadas na luta. Havia reuniões para discutir os problemas do povo, eventos nas ruas com momentos culturais e peças de teatro que traziam a luta como

temática. Aquilo para mim foi um espaço de formação muito importante. Uma vez organizamos uma peça de teatro e a apresentamos em cima de um caminhão. Fizemos uma cena que retratava as injustiças sociais e na carroceria de um caminhão levamos nossa indignação e gritamos por justiça para o povo pobre. Tudo muito vivo e carregado de energia. Eu, muito jovem, tinha a certeza de que mudaríamos o mundo. A classe trabalhadora iria vencer a luta e o povo seria feliz e viveria com dignidade. Era esse o espírito vivido em tempos de juventude.

Na pastoral da Juventude conheci e ouvi falar de um homem, líder sindical e que defendia, com unhas e dentes, a classe trabalhadora. Foi assim que conheci a história de Luiz Inácio da Silva. Fiz parte de comitês e nos organizamos para fazer a campanha do primeiro trabalhador candidato à presidência da república. Em 1989, Lula candidatou-se pela primeira e fomos para as ruas fazer campanha. Recebemos Lula em Uberlândia, tiramos fotos com ele e eu acreditava e sonhava que ele seria presidente. Minha família já não entendia se eu ia para a igreja ou para a política. Eu dizia que eram as duas coisas; afinal, uma não se separava da outra.

Com o Pe. Jeremias, Tiago, Maria Helena, Fatinha, Eunice, Nilton, Wilminha, Jucyene, Marta, José Horácio, Marina, Robson, Cida, Ronaldo, Taninha, Neli, Ernesto, Claudinha, Elaine, Eliane, Valda, Soene, Sandra, Rose, Anir, Marcos Erlan, Cláudio Eduardo, Frei Sinivaldo, Guilherme, Tião, Marcelo, Jorgetânia, Igino, Adriany, Rosana, Zé Carlos e Marco Aurélio (*in memoriam*)<sup>14</sup> e outras tantas pessoas. Com esse povo, aprendi que ser cristã, ser cristão significava sonhar um sonho de uma sociedade

---

<sup>14</sup> No dia 5 de fevereiro de 1995, José Carlos e Marco Aurélio, dois jovens, participantes da PJ, foram vítimas de violência e de descuidos de gestores municipais. A morte dos dois amigos e irmãos de fé nos causou muita indignação e sofrimento. Organizamos um movimento exigindo da prefeitura melhores condições para os bairros de periferia e mais segurança. Assim, criamos o Marco Zeca – Movimento Vida e Cidadania, e em homenagem a eles decidimos lutar. Fizemos manifestações e passeatas no local onde foram atropelados por um jovem como eles, e que acabava de furtar o carro que os atropelou. Os dois voltavam para suas casas e, como não havia passeio para pedestres, tiveram que andar na rua. O jovem assaltante não os viu e os atropelou. A polícia não os socorreu adequadamente por achar que eles também eram comparsas. Marco e Zeça, 19 e 18 anos, morreram vítimas de descuidos da própria polícia, dos gestores públicos e de violência e ainda foram tratados como bandidos. Os dois jovens sonhadores que acabavam de serem aprovados no vestibular e fariam curso superior na UFU perderam suas vidas. O velório dos dois foi feito na igreja Divino Espírito Santo, o local que acolhia o movimento da juventude, da PJ. Lá era nosso lugar de encontros e formação. Foi uma grande celebração, com beleza e muita emoção, mas também manifestos e indignação. Sinto até hoje, especialmente quando me recordo do quanto os dois eram dedicados e acreditavam que lutando o mundo iria melhorar. Conseguimos publicar no Jornal da cidade, no dia em que Zeca faria 19 anos de idade, 4 de abril de 1995, o poema escrito por Zeca, o qual é um retrato do que eles eram. Chora Deus-Menino (José Carlos Magno Ferreira).

finalmente justa. Para que esse sonho se tornasse realidade, precisaríamos lutar. Essas pessoas entenderam o projeto de vida cristã como partilha, igualdade em sua essência e concreticidade mais profunda, ou seja, o reino de Deus no meio do povo e para o povo. O poema de meu grande amigo Zeca é a explicitação do que tentei narrar aqui.

### **Chora Deus-Menino**

Chora o sangue dos sem casa,  
Chora o fim de tua casa...  
Sonha um mundo bom para todos nós,  
Como sonhavam os meninos,  
Mortos em pleno sonho...  
O sonho não acabou!

Chora menino-Deus,  
Com a mãe Maria,  
Chora a morte dos filhos da Patcha Mama.  
Sentenciados pelo ouro, a modernidade,  
a política, a civilização...

Grita a morte do Brasil no Carandiru.  
São bandidos! Mereciam!  
São frutos do capitalismo  
que os criou, os usou e... os matou.

Manda a nós, ó Pai,  
Chuva cristalina pra lavar a alma,  
impregnada de sangue, suor e lágrimas.

Manda um céu azul e um sol  
brilhante para clarear as vistas e  
ver que é preciso lutar,  
organizar para lutar.

Manda uma lua bela, num céu de estrelas  
pra reviver o sonho  
de quem sonha um dia poder sonhar em paz.

Manda a Paz sobre QYA ABYALA  
América Latina de Deus  
América Latina do Índio  
América Latina do Negro  
América Latina do Povo.

(Chora Deus-Menino – José Carlos Magno Ferreira – Zeca)

Minhas memórias são também afetadas pelas leituras que fizemos nesses movimentos de estudos bíblicos e participação na pastoral da juventude. Adquirir livros para construir minha biblioteca particular se iniciou muito cedo por causa desse engajamento. Então, fui estudante de Pedagogia, militante de sindicato, de movimentos

sociais, do Cebi e da PJ e tudo isso me deu a oportunidade de conhecer uma literatura muito densa. Li Leonardo Boff muito cedo e na pastoral da Juventude nossas referências eram também de planejamento, reflexão e luta, “O senso crítico e o método Ver, Julgar e Agir”, de Jorge Boran, padre que sempre atuou junto à juventude. Estudávamos e debatíamos com seriedade e muito desejo de aplicar. Nomes como Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão foram conhecidos tanto no meio social e religioso como também durante minha graduação.

Figura 9 – Encontro do Cebi em 2016 – Mulheres e Bíblia



Fonte: A autora.

Pelo Cebi, participei do Seminário Nacional sobre “Bíblia e Educação Popular”, em Brasília-DF, de 10 a 13 de novembro de 2004. Foi um seminário muito rico e contou com a assessoria de Carlos Rodrigues Brandão. Eu fui representando o Cebi-Uberlândia. Foi uma experiência riquíssima e me marcou muito sobre os aprendizados acerca da Educação Popular (BRANDÃO, 2000). Aprendemos que a leitura bíblica popular é aquela que consegue levar em consideração a realidade de todo o povo de Deus, que consegue fazer uma catequese a partir da realidade e que possibilita também a esse povo a compreensão do projeto de Deus e que ajuda o povo a se libertar da opressão social, da exploração e da desigualdade.

Além disso, tivemos as vivências respeitando os princípios e cuidados do Bem Viver. A proposta foi cuidar do meio ambiente e uma prática foi assumirmos a importância da diminuição do consumo de carnes. A alimentação foi com a utilização das plantas conhecidas como pancs (plantas alimentícias não convencionais), aquelas que são

nativas ou mesmo exóticas, comestíveis, porém pouco utilizadas em nossas refeições por não fazerem parte do mundo do agronegócio. Lembro-me que, pela primeira vez, conheci e experimentei as flores comestíveis, lindas nas saladas e saborosas. Foi enorme a alegria de conhecer o Carlos Brandão pessoalmente.

#### 4 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL: Ser docente, um convite, um presente

*Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros...*

*Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.*

*Manoel de Barros*

Sabemos que a docência não é apenas dar aula; envolve atividades diversas que compõem e exige o trabalho docente. Por isso, organizo nesta seção e nas seguintes as memórias sobre o meu trabalho docente, a partir de uma concepção mais ampla e que envolve a organização do trabalho pedagógico nas Escolas, na Universidade e nas Comunidades. Além disso, o ser docente no ensino superior implica a tridimensionalidade ensino, pesquisa e extensão.

##### 4.1 Memórias de professora na Educação Básica

Como se fora brincadeira de roda  
 Jogo do trabalho na dança das mãos  
 O suor dos corpos na canção da vida  
 O suor da vida no calor de irmãos  
 Como um animal que sabe da floresta  
 Redescobrir o sal que está na própria pele  
 Redescobrir o doce no lamber das línguas  
 Redescobrir o gosto e o sabor da festa  
 Pelo simples ato de um mergulho  
 Ao desconhecido mundo que é o coração  
 Alcançar aquele universo que sempre se quis  
 E que se pôs tão longe na imaginação  
 Vai o bicho homem (ser humano) fruto da semente  
 Renascer da própria força, própria luz e fé  
 Entender que tudo é nosso, sempre esteve em nós  
 Somos a semente, ato, mente e voz  
 Não tenha medo, meu menino povo  
 Tudo principia na própria pessoa  
 Vai como a criança que não teme o tempo  
 Amor se fazer é tão prazer que é como se fosse dor

Redescobrir – Gonzaguinha

O que se segue são alguns guardados em minha memória junto a alguns registros encontrados.

#### 4.1.1 Monitora das séries iniciais: a vizinha me convidou

Minha atuação profissional se iniciou, antes mesmo de minha formação, quando ainda cursava a antiga oitava série, do 1º grau (hoje nono ano do Ensino Fundamental). Ser docente não foi uma escolha pessoal. A minha vizinha me convidou, a vida me puxou para essa profissão e eu sou muito feliz por isto. Laíza, que era professora das séries iniciais, segunda série especificamente, minha querida vizinha, achava que eu ficava muito tempo na rua e por isso me convidou para trabalhar com ela como monitora em suas aulas com as crianças. Eu confesso que não concordei sobre eu ficar na rua, pois eu acordava cedo, organizava a casa toda, fazia tarefas da escola, almoçava, arrumava a cozinha e depois ia para porta de casa me encontrar com amigas, e era nesse momento que ela nos via na rua. Aceitei trabalhar com ela, afinal ganharia um dinheirinho, mas nem fazia ideia de que essa experiência seria uma definição de minha profissão.

Então, comecei a trabalhar como monitora na escola estadual de primeiro grau, Dr. Duarte Pimentel de Ulhôa, uma das melhores escolas públicas de Uberlândia, naquele tempo. Foi nesse trabalho que fui me descobrindo com potencial e gosto pela docência. De imediato, me encantei pelo trabalho de acompanhamento de estudantes, mesmo sem saber o que de fato significava e o que eu deveria fazer. Todas as tardes eu e Laíza íamos a pé, pois a escola ficava perto de nossas casas. Naquele tempo minha família já tinha se mudado para o bairro Martins, próximo à rodoviária. Depois da aula, eu chegava em casa, tomava banho e saía rapidamente para a minha escola no período noturno.

Como monitora, eu deveria ajudar quem estava com dificuldades durante os exercícios, corrigir cadernos, mas sempre com a supervisão da professora. Além disso, rodava folhas de exercícios na antiga máquina de mimeógrafo. Foi naquele tempo que aprendi a usar essa máquina, e quando fui cursar o magistério, eu era a única aluna que já sabia usar o mimeógrafo. Fiquei feliz por isto.

Ao contrário das duas escolas que eu conhecia sendo estudante, a escola Dr. Duarte tinha fama de boa escola pública e lá estudavam filhos e filhas de pessoas mais ricas. Foi uma outra realidade, pois as mães conversavam sempre com as professoras, as crianças tinham todo o material solicitado, e a escola tinha uma boa estrutura para oferecer. Era comum nas escolas públicas solicitar das famílias uma taxa de contribuição para o Caixa Escolar, e nesse colégio a contribuição era uma boa ajuda. Lá eu aprendi muito, e minha vizinha era uma professora muito boa, amável e sempre feliz.

A partir de minha experiência como monitora, decidi cursar o magistério e não mais o colegial. Aprendi a gostar de ensinar e decidi que queria ser professora. Não fui cantora, nasci para ser professora. A sala de aula foi me trazendo experiências e certezas em relação a minha profissão. Foi durante o exercício da docência que me percebi na profissão certa. Mais tarde, entendi que fiz a escolha correta, e só pensava em ser uma professora excelente, mesmo não sabendo como.

Minha atuação como monitora durou todo o tempo de minha formação no segundo grau. Por quatro anos trabalhei no Dr. Duarte e fui monitora de outras professoras, muitas queriam minha ajuda e eu me sentia muito importante e feliz por isso. Fiquei famosa na escola como uma boa ajudante e os alunos e alunas também gostavam muito de mim. Particpei de vários projetos lá e aprendi muito. Foi um aprendizado que contribuiu sobremaneira com a minha formação profissional como professora do magistério de 1ª a 4ª série.

Um ano depois que me formei no curso Normal, consegui um contrato para ser professora substituta na escola que atuava como monitora. Foi um período curto, pois tratava-se de uma substituição de apenas três meses, de abril a julho de 1987. O fato de já conhecer a escola ajudou muito, mas o tempo curto não me permitiu nenhuma experiência muito significativa. Já conhecia a turma e isso facilitou bastante. Naquele mesmo ano iniciava o curso superior de graduação em Pedagogia.

#### 4.1.2 Professora primária na escola pública estadual do Bairro Tocantins

Prestei concurso para professora de 1ª a 4ª série na rede pública estadual de Minas e passei, porém, só tomei posse em 1990. Todavia a Superintendência deu prioridade às pessoas concursadas e por isso consegui assumir uma turma por meio de contratos temporários, uma vez que fui chamada obedecendo a ordem de classificação no concurso.

Assim, em 1989 iniciei minha carreira como servidora pública no estado de Minas Gerais. Fui trabalhar como professora na Escola Estadual do Bairro Tocantins, na terceira série do primário. Um bairro que foi planejado para que as famílias da classe trabalhadora construíssem suas casas próprias com apoio da prefeitura. Não era um conjunto habitacional construído por empresas e casas padronizados. Tivemos um prefeito, Zaire Rezende, que se preocupou com a moradia e conseguiu facilitar a venda

de terrenos para a população mais pobre, com baixo custo e parcelamentos acessíveis. Desse modo, as famílias foram construindo suas casas aos poucos e por isso as moradias encontravam-se em diferentes situações, desde a existência de barracos de lona até casas de tijolos recém-construídas.

A escola funcionava em quatro turnos, com muitos alunos e alunas e pouco espaço para a demanda. Eu trabalhei no terceiro turno, que se iniciava às 15h e precisava terminar às 18h50, pois era preciso limpar as salas antes do último turno, às 19h. Meu trabalho naquela escola me traz uma memória muito significativa para a minha vida profissional.

Recordo-me como se fosse hoje da situação por mim criada com uma aluna. Era início do ano letivo e depois de dar uma tarefa no quadro, fui passando de carteira em carteira para acompanhar o trabalho da turma. Parei na carteira dessa aluna. Como a maioria da turma, ela era negra, muito tímida, e se sentava no fundo da sala. Seu caderno estava muito sujo, tinha muitas manchas que pareciam de terra, provavelmente caderno largado no chão, jogado em qualquer lugar, já que as moradias ainda se encontravam em processo de construção. Olhei aquilo e tive uma reação muito ruim, aliás, péssima. Fiquei brava com a menina e cheguei a briga-la de porca. Ela não disse nada. Silêncio absoluto. Eu ainda reafirmei que ela precisava ser mais cuidadosa e não deixar seu material escolar jogado em qualquer lugar. A menina não me disse nada, nem retrucou, apenas abaixou a cabeça e continuou a escrever. A aula se encerrou e fui para o ponto de ônibus, mas aquela cena não me saía da cabeça. Acho que me sentiria melhor se minha aluna tivesse dito algo, nem que fosse me responder, mas o silêncio dela não me deixou em paz.

Consegui pegar o ônibus e seu trajeto seguiu por uma rua em que eu pude ver minha aluna e acompanhar sua chegada em casa. Vi que ela entrou em terreno com apenas um barraco de lona. Estava já escuro e eu só conseguia ver uma pequena luz que refletia de lá de dentro, provavelmente uma vela ou uma lamparina de querosene. Fiquei muito pensativa e fui embora com um aperto no coração. No outro dia, a chamei para uma conversa para saber por que o caderno estava tão sujo, mas desta vez eu perguntei e esperei sua resposta. Ela, com muita vergonha, me relatou que só tinha tempo de fazer a tarefa à noite, depois da aula. Disse também que na casa dela só tem uma lamparina e não tinha mesa para pôr o caderno, por isso ela o colocava, às vezes, no colo, ou no chão mesmo e bem próximo da lamparina para enxergar melhor. Como era um candeeiro muito velho, caía sujeira e às vezes derramava querosene.

Minha aluna me contou que saía bem cedo para trabalhar de doméstica, pegava o primeiro ônibus, às 5h30 da manhã para dar tempo de chegar no trabalho, arrumar a casa,

fazer o almoço, arrumar a cozinha e voltar antes de a aula começar. Assim, o único horário para fazer a tarefa era depois que chegava da escola. Fiquei em silêncio, sofri muito, senti vergonha, hoje, me perdoou porque eu era inexperiente. Meu comportamento foi desrespeitoso com minha aluna, fiz um julgamento sem conhecer sua realidade. Cometi um grave erro pedagógico e hoje trabalho esse tema com destaque para a análise da realidade como parte do planejamento (VASCONCELLOS, 2000). Que menina guerreira, pois ela tinha apenas quatorze anos e já vivia tudo aquilo.

Essa experiência marcou o início de minha carreira: o despreparo para lidar com uma dura realidade. Eu sofri muito e escondi essa história por muito tempo, pois só depois de muitos anos e estudos, fui compreendendo que meu erro foi também consequência do meu processo de inicial na carreira docente, ou seja, inexperiência. Eu realmente não sabia o que, de fato, significava trabalhar a partir da realidade, mesmo participando dos movimentos sociais que denunciavam as desigualdades e injustiças do mundo capitalista. Ainda assim, cometi tamanha injustiça. Fui me perdoando aos poucos, pois naquele tempo eu não tinha a dimensão do quão importante é a compreensão da realidade para o trabalho docente. Na concretude da vida e por meio dos estudos e aprofundamentos teóricos, fui compreendendo o papel social da educação como forma de resistência e possibilidade de transformação.

Nas aulas de Didática uso esse fato como problematização para meus alunos e alunas discutirem, durante os estudos sobre o planejamento pedagógico e os seus três fundamentos básicos: análise da realidade, projeção de finalidades e formas de mediação (VASCONCELLOS, 2000). Este passou a ser um ótimo exemplo que confirma a importância de nós, docentes, aprendermos a fazer a análise da realidade, buscando compreender o que se passa em sala de aula. Segundo Vasconcellos (2000),

Acontece que a realidade não se dá a conhecer diretamente, não se ‘entrega’; o esforço de decifração e interpretação visa a apreender o dinamismo do real já configurado, tendo em vista nele entrar, seja no sentido de usufruir ou de transformar. Tanto o para quê, quanto o quê do plano estão referidos à situação, à realidade. Ela é o ponto de partida e o de chegada (só que já transformada), bem como o campo de caminhada. Ao ser conhecida, a realidade pode revelar possibilidades inexploradas. (VASCONCELLOS, 2000, p. 83)

Continuei trabalhando lá naquele ano e tentei ajudar a minha aluna o quanto pude, mas reconheço que o tempo foi curto. No outro ano fui chamada para tomar posse como professora efetiva e tive que deixar a escola. Ficou o aprendizado e a experiência que a uso como problematização em minha sala de aula até hoje.

#### 4.1.3 Professora do Ciclo Básico de Educação – CBA, na Escola Estadual Marechal Castelo Branco

Em fevereiro de 1990, finalmente tomei posse e assumi o cargo efetivo de professora P1 de 1ª a 4ª série do 1º grau no Estado de Minas Gerais. Eu ainda cursava o último ano do curso de Pedagogia, e fiquei imensamente feliz. Ter emprego é realmente uma grande alegria para a classe trabalhadora. Lembro-me muito bem do meu sentimento de conquista, de vitória. Queria ser professora, mas uma boa professora e estava cheia de ideias para ajudar os e as estudantes a aprender.

Cheguei na escola na semana de planejamento, e logo descobri que a supervisora também era novata. Ela veio transferida de Santa Vitória para Uberlândia. Uma supervisora experiente e com propostas coletivas de trabalho. Assim, nos organizou em duplas para pensarmos juntas propostas de planejamento para as áreas de conteúdo que iríamos lecionar.

Nas duplas eu fiquei com uma professora que estava para se aposentar, e trinta dias depois, sua aposentadoria foi publicada. Na escola, ela tinha fama de boa professora, porque era muito séria e brava. Então formamos uma dupla, ela experiente e eu, iniciante. Fomos pensar juntas o planejamento de ciências para a segunda série do 1º grau. Assim que nos reunimos, ela, de cara, manifestou sua indignação. Relembro perfeitamente sua fala: “Onde já se viu uma coisa dessas. Essa mulher (referia-se à supervisora) quer que eu faça o trabalho dela, e quem vai fazer o meu?” Não respondi nada e demorei um tempo para entender aquela postura. A professora achava que o papel da supervisora era planejar e entregar pronto para ela, a professora, executar. Só um tempo depois que associei essa realidade aos nossos estudos sobre o tecnicismo. Sim, no tecnicismo o papel do/a docente é meramente executar o trabalho seguindo os passos já definidos. Essa professora viveu toda a sua carreira nesse modelo de escola e por isso ela não compreendia o trabalho docente como uma ação pensante e reflexiva, uma vez que bastava seguir o livro didático e, de modo acrítico, nessa lógica, a supervisora é quem deveria pensar o planejamento da escola e depois supervisionar.

Entretanto, eu fui formada noutra lógica, e na graduação prevaleceu o enfoque teórico-crítico e, como consequência, a crítica ao tecnicismo. Na verdade, há uma relação importante entre o teórico-prático e esse enfoque fez falta em meu processo formativo na

graduação. Só fui compreender melhor isso durante minha atuação profissional como professora de Didática.

De qualquer modo, eu era ainda recém-formada e inexperiente, mas ao menos sabia que era meu papel planejar e não da minha supervisora. Entretanto, a minha colega de trabalho não ficaria muito tempo na escola e talvez por isso tenha me deixado fazendo sozinha a proposta, algo que no fundo achei até bom. Acabei pedindo ajuda para a supervisora e a partir daí fizemos muitas trocas, as quais muito me ajudaram. Durante todo o meu tempo naquela escola, construímos uma boa relação e eu sempre contava com o apoio e o conhecimento que ela tinha para me ajudar.

Meu primeiro ano na escola foi bem marcante, pois fiquei com uma sala de segunda série “repetente”, era esse o termo utilizado na época. Na verdade, eram crianças que não se saíam bem na escola, tinham dificuldades para aprender a ler, escrever e fazer operações básicas da matemática. Era comum deixas as salas mais “difíceis” ou de “repetentes” para docentes que estava chegando na escola e, no meu caso, além de estar chegando, também me encontrava em início de carreira. Tive uma enorme dificuldade, especialmente com a disciplina. Eram muitas crianças e realmente levadas. Às vezes eu voltava para casa chorando e muito cansada, mas com muita energia e vontade de mudar aquela realidade. Não sabia direito como ensinar, mas sabia fazer amizade, o que me ajudou sobremaneira.

Eu tive um aluno do qual nunca me esqueci, seu sorriso era contagiante, alegre e bonachão. Um menino levado, brincalhão e feliz. Era o mais velho da turma e, como a maioria, era repetente. Já tinha doze anos e não sabia ler direito. Não me recordo mais do seu nome, mas seu rosto está gravado em minha memória, principalmente seu sorriso maroto. No início, ele raramente ia à aula. Quando ia, todas as outras crianças ficavam muito mais agitadas, pois ele era muito levado, mexia com todo mundo e não me dava muita atenção. Tentei saber um pouco mais sobre ele e descobri que ele faltava à aula porque tinha que caçar passarinho. Segundo a turma, ele matava passarinho e comia. O estilingue era seu parceiro.

No início fiquei indignada e não acreditei, mas ele mesmo me confirmou. Ele contava e ria de mim, por eu ficar tão horrorizada. Ele dava de ombros e me dizia que não tinha nada demais em matar passarinhos. Aquilo ficou em minha cabeça. Naquela época, eu ouvia muito um cantor e poeta do norte de Minas, Paulinho Pedra Azul. Seu repertório sempre foi ligado à cultura popular e sempre foi um artista crítico da sociedade capitalista e desigual. Um desses dias, encontrei um poema seu chamado “Meu Nino”. Não pensei

duas vezes: levei o poema para trabalhar com as crianças e deixei tudo preparado para usar no dia em que meu aluno estivesse em sala de aula. Fiz um lindo cartaz com o poema e deixei na escola até que o dia chegou. Quando coleí o cartaz no quadro, deixei que as crianças vissem por si só. Não houve quase nenhuma repercussão de início. Eu queria chamar a atenção desse meu aluno, mas eu tinha conhecimento que ele não sabia ler. Fiz o cartaz em letras maiúsculas, de impressão e usando letras grandes. Destaquei uma frase com cores diferentes e lá ficou por um tempo o cartaz. De repente, uma aluna conseguiu ler palavras soltas e outras crianças foram também tentando até que uma delas leu uma das frases, me interrogando: “matou passarinho”, professora? Foi o gatilho para chamar a atenção de meu aluno. Ele mais que depressa se interessou pelo cartaz. Daí eu perguntei a todas as crianças se gostariam que eu lesse o poema e elas disseram que sim. Então, me preparei e li com muita ênfase. Eu já tinha decorado o poema e fiz uma performance me dirigindo às crianças e em especial ao meu aluno. O poema era o seguinte:

### MEU NINO

Quem nunca brincou na lama  
 Mijou na cama  
 Pisou em espinho  
 Matou passarinho  
 Subiu no telhado  
 Roubou melado  
 Andou pelo mato  
 Pegou carrapato  
 Levou surra e carreira de boi  
 Menino não foi!  
 (Paulinho Pedra Azul)

Nunca vou me esquecer. Foi mágico! Esse menino brilhou os olhos e não acreditou que eu estava lendo de verdade. Ele achava que eu tinha inventado a poesia. Expliquei para ele e contei quem era Paulinho Pedra Azul. Levei as músicas e cantamos um pouco. Esse menino não faltou mais as aulas e aprendeu a ler com muita rapidez. Não gostava de matemática, mas aprendeu a ler poesias. Foi emocionante e mais tarde eu o convidei para ser um personagem muito importante, conto em seguida.

Trabalhar em sintonia com a nossa supervisora foi muito importante para que eu pudesse desenvolver experiências com as crianças da escola. Uma delas foi o trabalho com a literatura e o uso da biblioteca. Essa era questão fundamental e consegui convencer a direção da escola a comprar livros de literatura. A supervisora adorou a ideia e me ajudou muito. Escolhemos o Menino Maluquinho, de Ziraldo (PINTO, 1980) e iniciamos

um projeto com as crianças do período da tarde. A supervisora me pediu para coordenar o projeto e tentar envolver outras professoras. Não conseguimos. Nenhuma delas quis participar, apenas permitiram que seus alunos e alunas participassem. Apesar disso, foi muito bacana.

O meu aluno que matava passarinhos e com sua fama de menino levado, que faltava muito às aulas e não gostava de estudar, foi um perfil perfeito para fazer o papel de o Menino Maluquinho. Ele aceitou o convite de imediato. O primeiro passo foi marcar com ele um ensaio e contar um pouco sobre o Menino Maluquinho do livro, mas só um pouco, pois o objetivo era estimular as crianças e desenvolver o interesse em ler o livro do Ziraldo. A escolha foi perfeita e, como ele já estava muito motivado com a escola, se empenhou demais e fez seu papel brilhantemente. Foi a primeira criança a levar o livro para casa e ler tudo. Combinamos com a vice-diretora, a qual também concordou em participar da encenação.

Iniciamos a semana seguindo a rotina da escola. As crianças chegavam, o portão se abria, filas e sala de aula. Nada de novo. Os longos corredores da escola eram um grande silêncio, pois o mais comum era todas as professoras chegarem e passar matéria no quadro. Durante a cópia, se fazia um grande silêncio na escola. Daí a pouco entrava correndo, de sala em sala, aquele menino arteiro, o nosso Menino Maluquinho. Ele entrava correndo, passava pelas carteiras como se quisesse se esconder, pedia para a turma não contar onde ele estava e saía novamente correndo. Fez isso em todas as salas. Logo depois, entrava a vice-diretora, perguntando se alguém tinha visto um Menino Maluquinho. Conseguimos criar um grande alvoroço em toda a escola. Ninguém entendia e ao final da aula eu fui de sala em sala para convidar as crianças para um encontro com aquele Menino Maluquinho e saber direitinho sua história. Eu deixava por escrito o convite que dizia: “Se quiser saber notícias do Menino Maluquinho, venha para a nossa biblioteca no dia...” E para cada turma marcamos um dia diferente.

Na biblioteca eu fazia uma apresentação do livro, com apenas algumas indicações para aguçar a curiosidade e avisava que o livro estava disponível para visitar a casa de cada criança que quisesse ler-lo. Foi maravilhoso, pois as crianças queriam muito o livro e tiveram que fazer fila para conseguir-lo. A procura era enorme e só conseguimos comprar 38 exemplares. A fila de espera foi grande e algumas crianças ficaram muito chateadas por terem que esperar. Tentei que a escola comprasse mais livros, mas não consegui.

No outro ano, fui escalada para trabalhar com o Ciclo Básico de Alfabetização – CBA. Essa proposta da Rede Estadual de Minas foi implantada para todas as escolas da desde janeiro de 1991, com o objetivo de substituir a seriação e adotar os ciclos para alfabetizar as crianças em um período de dois anos.

A partir da Lei de Diretrizes e Base da Educação – LDB, Lei nº 9.394/96, os ciclos foram instituídos como uma das propostas de organização do ensino como uma necessidade premente de garantir aprendizagem aos milhares de alunos e alunas que têm acesso à escola pública. De acordo com o artigo 23, os sistemas de ensino podem organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar. Na verdade, a organização por ciclos pretendia evitar as frequentes rupturas e a excessiva fragmentação do percurso escolar, assegurando a continuidade do processo educativo, dentro do ciclo e na passagem de um ciclo ao outro.

No curso de Pedagogia estudamos sobre os ciclos e eu cheguei com muitas expectativas na Escola Marechal Castelo Branco. Para minha tristeza, esse projeto não funcionou, principalmente porque não conseguimos mudar as práticas tradicionais, uma havia os ciclos nos registros dos diários, nos planejamentos e nos documentos, porém a prática diária dentro da escola continuava na lógica da seriação. Um exemplo, foi a discordância das professoras em permanecer por dois anos com uma mesma turma.

Outro entrave foi o descaso do Estado, que não cuidou de preparar e formar as profissionais da Rede, buscando compreender a importância de um processo mais longo para alfabetizar as crianças. Assim, na Rede pública mineira, a prática tradicional permaneceu.

Naquela escola tive boas relações e aprendi muito. Fui atuante no sindicato e sempre a representei nas assembleias e nas greves. Tive também um ótimo envolvimento com as gestoras e sempre, as quais me chamavam para coordenar atividades pedagógicas com as professoras. Assim, fui convidada para trabalhar com crianças com dificuldades de aprendizagens. Como o estado tinha um projeto especial para salas “especiais”, tentamos participar. A diretora prontamente me atendeu e fizemos uma sala com um número menor de crianças, priorizando aquelas que não conseguiam aprender a ler.

O problema foi formar a turma. Lamentavelmente correu um boato pela escola que a minha sala seria para crianças quem não conseguiam aprender, que era uma sala de crianças fracas, isso mesmo. Para a minha tristeza ninguém queria ir para a minha sala.

Algumas crianças chegavam chorando. Fiquei sabendo que havia uma docente que ameaçava a turma quando faziam barulho, dizendo que, quem não ficasse calado iria para a minha sala. Fiquei muito chateada quando soube. Esse comportamento resultou em dor para as crianças. Ir para a minha turma era motivo de tristeza, de derrota e por isso elas chegavam chorando. Eu sofri muito também, e definitivamente não foi uma boa ideia. Fiquei muito desgastada e me lembro que quando terminava a aula, meu namorado, hoje meu marido, me pegava na escola e eu só conseguia chorar. Vivi o sentimento de incapacidade e vi que a realidade era bem mais difícil do que eu imaginava.

Ainda assim, aprendi muito com aquela sala especial. Conheci o Valteides, um aluno de quatorze anos que não sabia ler e nem escrever. Única coisa que ele fazia era desenhar a letra r de forma cursiva e minúscula para todos os registros que fazia. Eu tentava saber dele o que significavam seus escritos, mas ele não dizia nada. Também tinha dificuldade na fala, gaguejava e nem sempre era compreensível o que falava. Tive muito trabalho com ele, porém muita paciência e afeto. Lembro-me que naquele ano passava, uma novela na Globo chamada Sonho Meu, no horário das dezoito horas. Um dia eu vi escrito na calça do Valteides, “Olenir, sonho meu”. Não acreditei no que eu via. Choramos juntos de emoção. O abracei muito e pedi para ele escrever novamente no caderno e ele escreveu. Foi o maior feito nessa sala especial. A sala toda comemorou e nos abraçamos de cair no chão, e toda a turma se juntou nesse grande abraço. Nunca esqueci o Valteides. Isso já estava praticamente no final do ano. Ele não conseguiu aprender mais nada. Foi pouco o que ele aprendeu, mas imenso para as condições que tínhamos naquele momento. Uma pena que ele saiu da escola no outro ano, pois tinha que trabalhar. Eu lamentei demais. E a sala especial também foi desativada, pois eu não tive forças para continuar.

Minha atuação na Educação Básica foi por um período curto, porém intenso e em diferentes funções e espaços. Continuei dando aula no CBA até pedir exoneração em 01/02/1994. No entanto, nesse mesmo tempo, aproveitei todas as oportunidades que vieram de atuação no magistério e como pedagoga.

Infelizmente, até hoje a educação pública estadual tem sido um grande descaso de governadores que entram e saem. É uma carreira que historicamente tem exigido organização, luta e resistência sindical e aprendi isso logo cedo. Filiei-me ao sindicato, na época era ainda uma associação, União das e dos Trabalhadores do Ensino – UTE, e hoje SindUte, um sindicato forte, atuante e de lutas. Naquele momento, a busca de uma educação que pudesse contribuir para a libertação e não para a opressão era algo que já

me inquietava. Quando confrontamos a nossa prática com os nossos ideais, percebemos as dificuldades concretas e as nossas limitações.

#### 4.1.4 Outras experiências profissionais na Educação Básica

De 1991 a 1993 surgiram várias oportunidades e quis vivenciar quase todas que foram possíveis. Por meio de contratos temporários, fiz dobras de turno na rede estadual e trabalhei no ensino médio como professora de sociologia e filosofia, e como professora no curso de Magistério, na mesma escola em que me formei, com aulas de metodologia do ensino de língua portuguesa e como orientadora educacional e supervisora pedagógica na mesma escola onde eu era professora efetiva do CBA.

Como eu ainda fazia faculdade, consegui contar com a ajuda do prof. Marcelo, que se dispôs a me ajudar a fazer um diagnóstico da realidade para pensar melhor como atuar. Organizei um questionário enorme, com muitas perguntas e queria ouvir a comunidade escolar. Uma ação que confirma como eu era ainda inexperiente, e nesse caso, sem nenhuma experiência com pesquisa. Apliquei o questionário para todas as pessoas da escola, inclusive serviços gerais, cantineiras, estudantes e suas famílias. Juntamos caixas com as respostas devolvidas. Eu estava na luta para tabular aquele tanto de dados e nunca consegui concluir. As caixas ficaram guardadas na escola por muitos anos, pois infelizmente em minha graduação não houve iniciação científica e não aprendemos nada sobre a importância da pesquisa para a nossa profissão.

No ano seguinte, a orientadora da escola se aposentou e eu acabei ficando no lugar dela como orientadora educacional, mas daí fui trabalhar só com estudantes. Foi muito mais leve, mas fiquei apenas por um ano, pois preferi seguir a carreira docente. Peguei outros contratos para o ensino médio, como professora de sociologia e filosofia e professora no curso de Magistério de 1ª a 4ª série.

Não poderia deixar de narrar minha inesquecível e curta experiência como professora do ensino médio em uma das poucas escolas públicas estaduais que ainda mantinha a fama de ser boa. Famílias sempre lutam até hoje para colocar seus filhos na Escola Estadual Messias Pedreiro, uma escola voltada para o ensino médio e com tradição de ter seus alunos e alunas com grande aprovação nos vestibulares da UFU. Naquele tempo não havia o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e a forma de ingresso no ensino superior era somente o vestibular preparado por cada Instituição Federal. Então,

para aquelas pessoas que tinham o sonho de fazer um curso superior na única Universidade pública e gratuita da cidade, o colégio Messias Pedreiro era a melhor opção.

Como sempre gostei de filosofia e naquela época não havia profissionais formados suficientes para assumir as poucas vagas nessa área, consegui a vaga e resolvi me dedicar a ela, pois sempre gostei de estudar. O desafio foi muito grande, pois eu tinha que lecionar também sociologia e para estudantes dedicados que pretendiam passar no vestibular. Organizei temas que caíam no vestibular e me preocupei com um ensino mais participativo.

O tema era democracia e durante os ótimos debates que realizamos, a partir da leitura de clássicos da filosofia, surgiu em uma das salas de terceiro colegial a proposta de discutirmos algumas temáticas da nossa sociedade, aplicando os princípios da democracia. Acabamos envolvendo a escola inteira e mesmo eu não dando aula nos segundos e primeiros anos, fizemos uma organização de modo que cada sala escolhia representantes para levantar e debater temas do cotidiano e que precisassem de uma solução democrática, que respeitasse a decisão de uma maioria.

Assim, em um primeiro momento, cada sala discutia os problemas e deliberou os encaminhamentos. Depois, nos reuníamos em assembleia geral envolvendo docentes, estudantes e toda a equipe que trabalhava na escola. Cada sala trouxe suas propostas. Deliberávamos coletivamente e definíamos os encaminhamentos gerais de modo tranquilo e muito participativo. Havia pessoas para registrar as decisões depois das votações.

Um tema que surgiu em muitas salas foi sobre as eleições. Vivíamos no país um clima de tensão e conflitos, pois, em âmbito federal, já acompanhávamos notícias de corrupção no governo do então presidente Fernando Collor de Mello. Os estudantes se organizavam nacionalmente e no segundo semestre vivemos fortemente o movimento dos caras pintadas, pelo fora Collor. Assim, o desânimo e o descrédito na política foram debatidos em nossa assembleia geral.

Recordo que me juntei a um grupo de estudantes com uma visão crítica da política e defendemos a importância das eleições e do voto consciente para fortalecer a democracia. Era ano de eleição para prefeitos nos municípios e precisávamos participar escolhendo bem os nossos representantes. Entretanto, seguindo os processos democráticos, logo depois de esgotado o debate, precisaríamos votar os encaminhamentos. Uma das propostas mais polêmicas era chamar o voto nulo, como forma de combater a corrupção. Foi um debate riquíssimo e muito caloroso. Finalmente

fomos votar. Lamentavelmente, fomos um grupo minoritário que foi contra essa proposta. Buscamos argumentos sobre a importância da participação política para transformar a realidade e argumentamos que a abstenção do direito de escolha poderia ser um remédio muito amargo, mas perdemos na votação e foi aprovada também uma manifestação pelas ruas da cidade chamando o voto nulo.

Como professora da disciplina, eu não pude faltar nessa atividade e, mesmo sendo contrária ao voto nulo, perdemos democraticamente. Por isso precisava participar da ação. Lembro-me muito bem de encontrar o então candidato de esquerda, o prof. Gilmar Machado, e ele me chamara e quisera entender o meu posicionamento. Quem não sabia do contexto, não entenderia mesmo. Ele lamentou muito, mas compreendeu a minha posição. Sentia-me constrangida por estar em um movimento por uma ação que eu sabia que não seria eficaz para as mudanças que o grupo desejava, mas tive a tranquilidade de vivenciar o processo democrático como um aprendizado significativo. A democracia é uma importante prática para a vida em sociedade, mas por si só não consegue as transformações necessárias. Naquela época, claro, eu não fazia ideia de que viveríamos os perigos de um golpe contra a democracia como vivemos nesses últimos anos em nosso país.

#### 4.2 Memórias de professora no Ensino Superior: novamente um convite

Relato aqui algumas experiências vividas em diferentes espaços que frequentei, seja antes de iniciar minha carreira na UFU, seja durante. Início em uma faculdade particular, depois como professora substituta na UFU, em seguida em um projeto experimental em faculdade municipal e, por fim, novamente na UFU, agora como professora efetiva.

##### 4.2.1 Professora na antiga Faculdades Integradas do Triângulo – FIT, hoje Universidade do Triângulo – Unetri

Ainda vivia sob o impacto das recentes experiências como professora na educação básica, experimentando fortes emoções como as relatadas acima. Comecei a dar aulas no ensino superior de uma maneira muito inesperada e não planejada. Mais uma vez fui chamada. Eu era professora efetiva do ensino fundamental I, antigo Ciclo Básico de Alfabetização – CBA, e dobrava turno em escolas de ensino médio, como professora

de sociologia e filosofia. Recebi um telefonema da diretora da antiga FIT – Faculdades Integradas do Triângulo, uma instituição particular, com alguns cursos de licenciatura. Ela me convidava para assumir aulas em alguns de seus cursos e, segundo ela, o meu nome foi indicado pela então coordenadora do curso de Pedagogia da UFU, a prof<sup>a</sup> Marluce Martins de Oliveira Scher, no período em que eu fazia Pedagogia. A professora Marluce era uma pessoa muito especial. Foi uma coordenadora que acompanhou de perto as turmas; lamentavelmente faleceu muito cedo por consequência de um câncer. Recordo-me dela como uma professora muito comprometida com o curso de Pedagogia.

Eu fiquei extremamente surpresa, pois nunca havia pensado nessa possibilidade. Agradei e recusei, ainda meio nervosa. Definitivamente, eu não teria o preparo necessário para dar aulas para na faculdade. No semestre seguinte, ainda naquele mesmo ano, a diretora da FIT me ligou novamente e insistiu muito. Então eu pedi para pensar e resolvi aceitar. Confiei na avaliação da prof<sup>a</sup> Marluce, pois ela não me indicaria se não acreditasse em mim, mais uma vez fui convidada. Foi essa experiência que me estimulou para a docência no ensino superior.

Fui dar aulas na FIT, em vários cursos de licenciatura, tais como Pedagogia, Ciências, Matemática e Letras. As condições precárias da docência em faculdades particulares exigiam trabalhar, às vezes, com mais de três conteúdos. Tive sorte, pois iniciei apenas com a disciplina de Currículos e Programas, afinal eu precisava estudar muito para ensinar. Entretanto, já no segundo semestre, fui pressionada e tive que dar aulas também de Didática, de Supervisão Escolar e de Metodologias de ensino de Ciências e de Geografia. Meu Deus, foi um tempo de muito estudo, e muito trabalho, pois não deixei as aulas do meu cargo efetivo, como professora do CBA.

Trabalhei na faculdade por três anos e aprendi muito. Fui percebendo que tinha uma boa relação com as estudantes e me sentia muito feliz na docência. Logo no segundo ano de trabalho na faculdade, peguei uma turma muito grande, pois a instituição nos colocava para trabalhar com turmas lotadas, uma vez que eles juntavam turmas pequenas e mesmo tendo três diários separados, trabalhávamos com uma turma de setenta estudantes, outro grande desafio para a docência.

Lembro-me muito bem do primeiro dia de aula. Era uma sala muito grande e o quadro enorme, que ficava sobre um tablado, o qual demarcava o espaço reservado para nos posicionarmos durante as aulas. Tal arquitetura indicava também a metodologia das aulas: expositiva, afinal, a única disposição das cadeiras possível era em filas, sem

nenhuma possibilidade de propor uma roda, por exemplo, pelo fato de serem salas superlotadas.

O nosso recurso diário era ainda o quadro e giz, e de vez em quando um retroprojektor, se reservado com antecedência, pois não havia um para cada sala. Naquele dia, eu escrevia no quadro quando uma aluna de voz muito rouca e grave me chamou para fazer uma pergunta, a voz não me era estranha. Virei-me e me dei de cara com minha ex-professora de educação física, da quarta série primária, não acreditei. Fiquei imensamente insegura e tive medo de falhar a minha voz. Era a dona Mara, a professora que, quando chegava na sala, todas as crianças tinham que baixar a cabeça ou levariam uma reguada. O que aquela mulher estaria fazendo ali? Respirei fundo, ouvi a pergunta que ela me fazia e não compreendi nada. Só consegui pedir a ela que repetisse a pergunta e assim ela o fez. Consegui tempo para me recompor e responder a ela. Ela me perguntava de onde me conhecia e eu, então, tive que dizer. A sala toda parou para ouvir e, claro, não disse que tinha medo dela, mas apenas que ela tinha sido minha professora na quarta série. Conversamos e o nervoso passou.

Ela cursou comigo a disciplina de Currículo e tivemos boas oportunidades de construir um bom diálogo, mas sempre percebi o tom autoritário de seu discurso. Bem, a dona Mara foi minha aluna e eu pude falar, durante as aulas, sobre o autoritarismo e sobre a importância de o trabalho pedagógico gerar confiança e não medo em nossos alunos e alunas. Acho que dei o meu recado. Ela participou bastante das aulas e foi aprovada.

Trabalhei naquela faculdade por três anos, até que passei em um concurso público para trabalhar em Fundação Municipal de Ensino Superior de Uberaba – Fumesu, e pedi demissão. Não posso deixar de dizer que antes entrei com um processo trabalhista contra a FIT, já que havia várias irregularidades em relação às leis trabalhistas. A minha trajetória profissional já era de uma militante sindical e eu não poderia deixar passar. Recebi um bom dinheiro de indenização e o advogado da instituição deixou muito claro, no dia da audiência, que o meu processo representava pouca coisa para a empresa. Segundo ele, a grande maioria dos e das docentes nunca entrava na justiça e compensava mais para a faculdade não cumprir a lei e apenas pagar “alguma coisinha” para quem reclamasse. Um absurdo e hoje em dia já tivemos muitos outros exemplos claros do quanto há empresários brasileiros de mal caráter e descomprometidos com a sociedade. São, na verdade, maus exemplos para a Nação e descumpridores da Lei.

#### 4.2.2 Professora na Fundação Municipal de Educação Superior de Uberaba – Fumesu

Antes de ir para Uberaba, também passei em dois concursos públicos para professora substituta no Departamento de Princípios e Organização da Prática Educativa – Dpope, da UFU. Lá também tive experiências maravilhosas na docência do ensino superior e entendi que eu deveria investir em minha carreira como professora do ensino superior. Assim, meus objetivos passaram a ser estudar muito, cuidar do meu currículo e tentar ser aprovada em um concurso para me efetivar na UFU; entretanto, veio antes o concurso em Uberaba. Consegui conciliar o contrato com a UFU e uma vaga para professora efetiva da Faculdade de Educação de Uberaba, a partir de um convênio com a UFU.

Em 1995 foi firmado uma parceria entre a prefeitura Municipal de Uberaba e a UFU com a intenção de implantar uma Universidade pública na cidade. Coube à prefeitura cuidar da infraestrutura física e de pessoal e à UFU cuidar dos aspectos pedagógicos. A prefeitura já havia criado desde 1987 a Fundação Municipal de Ensino Superior de Uberaba – Fumesu, através de uma lei municipal, e o convênio seria a possibilidade de implantação dessa instituição. Para tanto, a UFU ficou responsável por realizar os concursos para docentes e o vestibular. A primeira tarefa da coordenação da UFU foi organizar e presidir o concurso público para contratação de professores e professoras. Foi nessa oportunidade que prestei o concurso, porém continuei atuando na UFU como professora substituta, pois não era um contrato de dedicação exclusiva.

Dar aulas para uma banca de avaliação foi uma experiência muito intensa, pois fiquei muito nervosa, mas consegui ser aprovada e foi uma preparação importante para o concurso da UFU, que viria no ano seguinte a esse. Por causa desses projetos, acabei deixando a docência na educação básica e me dediquei ao ensino superior. Em 01/02/1994, foi publicada no jornal do Estado de Minas a minha exoneração.

Em 1996 comecei a dar aulas em Uberaba, porém durou apenas um ano. O corpo docente era pequeno e um grupo era de Uberlândia. Assim, combinávamos carona e pegávamos a estrada todos os dias, e como ainda não havia duplicação da rodovia, era uma estrada movimentada e perigosa.

As experiências coletivas que construímos naquele ano compensaram os perigos que enfrentávamos na estrada. Foi um ano de rico trabalho coletivo. Construímos sonhos sob a coordenação de uma grande educadora, a professora Olga Damis, que futuramente eu me tornaria discípula e amiga dessa grande professora que sonhou e lutou tanto por educação de qualidade. Sua sólida formação repercutiu fortemente naquele projeto.

Ousamos trabalhar de modo coletivo e com a participação intensa de estudantes. Realizávamos encontros coletivos de avaliação do projeto do curso ao longo do ano, durante todo o processo. Formávamos grupos de discussão para compreendermos as lacunas e pensar em saídas para as dificuldades. Claro que essa prática resultou em uma formação crítica tanto para nós docentes, como para os e as estudantes.

Os três cursos foram muito bem cuidados e vivemos uma relação muito forte com as e os estudantes. Infelizmente, ao final daquele ano, primeiro do funcionamento da Faculdade de Educação de Uberaba – FEU, o relacionamento entre a Prefeitura de Uberaba, a UFU e a comunidade acadêmica, passou a ser marcado pela instabilidade e pelos conflitos. A diretoria da Fumesu promoveu uma jornada pedagógica e, de forma surpreendente, comunicou a impossibilidade de continuar a manutenção dos cursos, porque não havia mais recursos para seguir com uma universidade gratuita. A proposta da fundação era que os e as estudantes pagassem mensalidades. Essa situação gerou um grande movimento de resistência por parte dos discentes, docentes e as coordenadoras e o coordenador vinculados à UFU. Em assembleia, os e as estudantes decidiram que não iriam pagar mensalidades. A coordenadora do curso de Pedagogia, prof<sup>a</sup> Olga Damis, da UFU, cumpriu um papel importantíssimo nessa luta. Apoiou o movimento dos estudantes e foi firme em cobrar que o acordo fosse totalmente cumprido. Até que no início do outro ano ela se desligou do projeto, mas não sem deixar um documento em forma de desagravo em que pôde denunciar as mazelas que se fizeram naquele processo.

O nosso contrato inicial era em regime de 20h e a proposta da prefeitura seria passarmos a ser regidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT. Naquela nova proposta um grupo de docentes foi demitido e outro aceitou as mudanças. Todo o grupo de docentes que vinha de Uberlândia escolheu não aceitar a nova proposta e, com isso, fomos demitidas e demitidos. Eu, por sorte, passei no concurso da UFU para professora efetiva e no ano seguinte tomei posse; logo, não fiquei desempregada, porém meus colegas ficaram sem emprego por um tempo.

O não cumprimento da prefeitura, infelizmente, resultou em rompimento do contrato com a UFU e a Fundação decidiu arbitrariamente que cobraria mensalidades. Tudo isso ocorreu, mas com resistência, denúncias e greve.

Mesmo trabalhando na UFU, acompanhei as lutas dos e das estudantes para tentar manter o ensino gratuito. A turma que se iniciou conseguiu, porém, as pessoas novatas não conseguiram. Os movimentos de protestos continuaram e a experiência da prefeitura não foi em frente. Assim que as turmas se formaram, a fundação foi extinta.

#### 4.2.3 Professora na UFU – uma conquista e muitas lutas

Minha primeira experiência como professora na UFU, ocorreu como professora substituta por dois contratos: de 1992 a 1994 e depois de 1994 a 1996. Senti-me muito bem acolhida e contava com o apoio de colegas para me ajudar com as dificuldades próprias de quem está iniciando. Mesmo me sentindo insegura e com muito medo de não conseguir, vivi uma importante experiência formativa e contei com muitas ajudas. Encontrei-me com ex-professoras e professores da minha graduação e isso foi motivo de muito orgulho. Em nenhum momento me senti sozinha. Fui contratada pelo antigo Departamento de Princípios e Organização da Prática Educativa – Dpope, um dos departamentos ligados à Educação, e que mais tarde se integraria à Faculdade de Educação, com aprovação do novo estatuto da UFU. Foi essa experiência que me trouxe a certeza de que eu queria ser professora no Ensino Superior e daí em diante passei a me preparar para um concurso público de cargo efetivo.

Mesmo contratada, as condições de trabalho eram diferenciadas se comparadas com as experiências por mim vividas tanto na faculdade particular, e isso fez a diferença. Um exemplo simples era o fato de que dentro de todo o campus havia lugares para fazer cópias dos textos a serem estudados, uma facilidade para docentes e discentes. Outro importante exemplo eram as bibliotecas da Universidade, o acesso e o número de acervos que nos atendiam favoravelmente. Pude dar aulas usando livros e marcando encontros com estudantes na biblioteca. Gostei tanto que essa foi umas das experiências desenvolvidas com as turmas, ou seja, nos encontrar na biblioteca para que a turma pudesse conhecer o acervo e fazer uso dos livros com as temáticas de nossos estudos. Essa passou a ser uma ação pedagógica durante minhas aulas em início de carreira. Eu fazia isso para incentivar a ida à biblioteca, conhecer o acervo e incentivar a leitura de livros.

Como professora substituta de Didática, também acompanhei uma reestruturação nas licenciaturas da UFU, resultando na redução da carga horária das disciplinas pedagógicas obrigatórias para todas as licenciaturas. A Didática era uma delas. Antes, a disciplina era oferecida em dois semestres, Didática I e II, e depois da reestruturação passou a ser oferecido apenas um semestre, com carga horária igual a 60h, sendo quatro horas/aulas por semana. Avalio que foi uma perda, em consequência da desarticulação em função de o departamento se encontrar com seu quadro de docentes bastante reduzido.

Finalmente, depois de dois contratos como professora substituta, em 1996, prestei o concurso para docente efetiva e fui aprovada. Em fevereiro de 1997 tomei posse e assumi o cargo como professora efetiva do Dpope, hoje Faculdade de Educação – FACED. Na seção seguinte apresento a minha trajetória profissional como professora efetiva na UFU e seus desdobramentos.

#### *4.2.3.1 Os desafios na realização do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão a partir do fazer da práxis*

Os relatos abaixo compõem os vinte e seis anos de carreira na Universidade Federal de Uberlândia, agora como professora do quadro permanente. Ao longo dessa trajetória, tenho experimentado, em conjunto com algumas e alguns colegas de trabalho, o desafio de construir e vivenciar o tripé ensino-pesquisa-extensão. Confesso que o ensino sempre teve um destaque em minha trajetória, mas tivemos significativas experiências no campo da extensão e da pesquisa, como parte de nosso trabalho coletivo. Optei por apresentar cada um deles de modo separado, mas destacamos que em várias situações esse tripé ocorreu de modo interligado.

Ao longo de nosso processo histórico formativo, como consequência dos estudos e pesquisas, fomos compreendendo, coletivamente, o fazer da práxis.

A práxis, porém, é reflexão e ação dos seres humanos sobre o mundo para transformá-lo, sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos. (FREIRE, 1981, p. 21)

Compreender e tentar desenvolver uma práxis transformadora passou a ser a intencionalidade básica do nosso trabalho como docente. Fomos compreendendo, aos poucos, que esse fazer precisaria ser permeado pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão, de modo concomitante. Juntei-me às pessoas que acreditavam nessa necessidade, o que significou assumir juntas os desafios que essa complexidade implica. Nesse coletivo, optamos por uma concepção de práxis, como forma de combater uma Pedagogia tecnicista, que permeia a história da educação no Brasil e no mundo.

A educação vive a forte influência do modo de produção capitalista, que tem predominado a produção, o acúmulo e o consumismo exacerbado. Nessa lógica, as demandas da educação se vinculam a essa lógica de produção em série e prepara a mão de obra qualificada para atender e manter o sistema que está posto. O olhar para essa realidade exigiu de nós estudos e propostas a partir de concepções críticas sobre a escola

e sua função social no capitalismo. Para tanto, formar seres humanos, sujeitos pensantes críticos e, conseqüentemente, transformadores da realidade, tem sido nosso grande desafio. Entendemos que se faz necessário negar o praticismo presente em modelos de educação, mas é preciso construir saberes que consigam mudar essa realidade social. É justamente por isso que tentamos resgatar o saber da práxis, a partir de Vázquez (2007); afinal, ele consegue escapar desse sentido utilitário da prática e defende a necessidade de

[...] uma consciência que capte o conteúdo da práxis em sua totalidade como práxis histórica e social, na qual se apresentem e se integrem suas formas específicas (o trabalho, a arte, a política, a medicina, a educação, etc.), assim como suas manifestações particulares nas atividades dos indivíduos [das pessoas] ou grupos humanos, e também em seus diversos produtos. (VÁZQUEZ, 2007, p. 16)

Essa perspectiva significa a busca por uma transformação de uma consciência ingênua para uma consciência filosófica. É, na verdade, o movimento que ocorre por meio de associações sucessivas, as quais exigem uma intensa articulação entre o processo de ação e reflexão. A práxis supera a prática reprodutora de ações sem o pensar crítico. Dessa forma, defendemos a intencionalidade da ação docente como peça fundamental para a organização da práxis pedagógica transformadora nos diversos espaços formativos. A práxis é carregada de intencionalidades e por isso tenho tentado ajudar estudantes a desenvolver o seu fazer da práxis ao olhar para a realidade, buscar compreendê-la e perceber as necessidades que se mostram e, a partir dela, propor possibilidades com o objetivo de transformá-la. Ao longo desses anos, aprendemos muito sobre a importância de nosso papel social transformador.

Figura 10 – Sala de aula UFU – Curso de Pedagogia diurno – 2010



Fonte: A autora.

Como professora efetiva, assumi as aulas de Didática Geral nas licenciaturas e, provisoriamente, a disciplina Metodologia de História e Geografia, para o curso de Pedagogia, até que se encerrasse a licença de uma colega dessa área. Trabalhei com essa disciplina apenas no ano de 1997.

Já no primeiro ano de atuação, fui indicada para assumir a organização do novo sistema de oferecimento da disciplina Didática geral. Essa tarefa exigiu um contato constante com coordenadores e coordenadoras de cursos de Licenciatura da UFU, além de reunir docentes da área para discutir e deliberar sobre as modificações necessárias. Trabalhei junto com as prof<sup>as</sup> Olga Teixeira Damis, Maria Veranilda Soares Mota, Marineide de Oliveira Gomes e Elise Barbosa Mendes. Éramos uma equipe pequena para atender todas as licenciaturas e precisávamos contar com docentes substitutas, pois as aposentadorias só cresciam. Vivíamos um período muito difícil para as Universidades. Era o primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso e o ensino superior não foi sua prioridade. Já no ano seguinte, enfrentamos uma grande greve de quase cem dias e como resultado o governo não concedeu aumento no salário, mas implementou uma política de gratificação que foi denominada de Gratificação de Estímulo à Docência – GED, instituída pela Lei nº. 9.678 (3/7/1998), o que na verdade foi uma gratificação pelo conjunto de atividades realizadas. Tínhamos que somar pontos para receber a tal gratificação.

Essa gratificação foi acrescentada como mais uma dimensão à política de avaliação, formulada e implementada pelo Ministério da Educação – MEC, especificamente em relação às IFES. Mesmo uma greve forte, de duração longa, não conseguiu fragilizar a correlação de forças no Congresso Nacional, majoritariamente governista. Essa realidade possibilitou ao governo a adoção de uma política de não aumento dos nossos salários, e com isso prevaleceu a velha estratégia de conceder gratificações, que eram chamadas pelo governo de “estímulo” à docência. Isso se configurou muito mais como desestímulo à nossa carreira e se caracterizou como uma gratificação pelo conjunto das atividades realizadas, a partir de uma perspectiva meramente quantitativa. Passávamos uma parte de nossas atividades organizando comprovantes para contar pontos. Essa política desmotivou muitos colegas e resultou em número expressivo de aposentadorias no ensino superior e pouquíssimos concursos para substituição das vagas. Vivemos um período longo de lutas e reivindicações por vagas, afinal, os dois mandatos de FHC duraram oito anos.

Essa realidade exigiu de nós uma reorganização para o oferecimento das disciplinas para todas as licenciaturas e foi aí que me tornei coordenadora da equipe de Didática. Para piorar nossa situação, a prof<sup>a</sup> Marineide não permaneceu na Universidade, pois resolveu pedir exoneração do seu cargo e retornar a sua cidade. Essa foi mais uma vaga que não conseguimos substituir. Assim, resolvemos oferecer o número possível de turmas para cursar a disciplina Didática geral de acordo com nossas condições e não mais uma turma para cada curso. Já estava em andamento também uma discussão sobre os currículos dos cursos de licenciatura e havia um movimento em favor da diminuição da carga horária das disciplinas pedagógicas, as quais incluía a Didática, a Psicologia da educação e a Estrutura e funcionamento do ensino. Desse modo, os cursos de licenciatura se juntaram nas turmas de acordo com o número de vagas. Centralizamos as matrículas e eu, como coordenadora, tinha que me sentar com o técnico responsável pelo setor de matrículas e lá organizávamos as turmas manualmente, contando apenas com computadores, uma vez que não tínhamos internet ainda. Essa realidade possibilitou uma experiência nova em que nos encontrávamos com estudantes de diferentes cursos, formando turmas mistas. As experiências e discussões em aula foram bastante proveitosas, ainda que houvesse docente que não gostasse de trabalhar com essa diversidade de cursos. Eu adorei!

É nesse contexto que chego na UFU, carregando a certeza de querer ser uma professora muito dedicada e competente. Para isso, entendia que o estudo era o ponto central para o meu bom desempenho. De fato, eu precisava estudar e, por isso, a preparação das aulas sempre foi carregada de leituras e de um tempo de dedicação ao estudo. Estudar e aprender para ensinar era quase que um *slogan*. Não havia uma só aula que não antecedesse de uma boa carga de leituras e estudos.

Início de carreira e eu pensava que ser uma boa professora significava trabalhar muito bem todos os textos que eu encontrava sobre a matéria e não deixar de trabalhar nenhum deles. Muito conteúdo e com seriedade no trabalho. Sempre cheguei na sala de aula pontualmente e as faltas que tive nesse tempo foram somente por motivos de doença, incapacidade do meu corpo em sair de casa, mas muito pouco mesmo. Provavelmente tenha faltado no máximo umas cinco vezes nesses quase trinta anos de magistério. Lembro-me que passei mal em sala de aula umas duas vezes, por sair de casa em condições inadequadas. Mas até hoje tenho essa certeza de que uma aula é um compromisso inadiável e os e as estudantes são muito importantes para o nosso trabalho

docente e por isso dedicação, cuidado e seriedade sempre foram princípios. Confesso que aquilo que entendo hoje por seriedade mudou um pouco, na verdade, mudou bastante.

Então, voltando ao início da carreira, eu chegava na sala, trazia em mãos o material, organizava o espaço, recebia a turma com seriedade, dava um bom dia, boa tarde ou boa noite e seguia com o conteúdo para não perder tempo. Desde a primeira aula, todo o material do semestre já se encontrava na pasta de uma das copiadoras que existiam dentro do campus. Recordo-me de sentir uma grande alegria em chegar para deixar textos e ver a minha pasta com meu nome bem grande. Achava que ter uma das pastas mais densas era um sinal de seriedade e competência.

Essa ideia de boa professora foi abalada logo em meu segundo ano na UFU, já como professora efetiva. Não sei bem de onde tirei isso, mas sei que ocorreu. Era o primeiro semestre de 1998. Uma turma de Letras, período diurno, uma turma bem pequena, exatamente doze alunas e nenhum aluno. Não sei ao certo, mas acho que já estávamos há pelo menos dois meses de aulas e, quando cheguei, como sempre, no horário, as alunas já estavam na sala, entretanto, antes de entrar, vi um cartaz na porta da minha sala onde estava escrito: “*Olenir, carrasca*”. Só de lembrar fico nervosa. Na verdade, não acreditei e não acredito até hoje no que eu estava vendo. De imediato senti que era uma grande injustiça. Afinal, de onde essas alunas tiravam tamanho absurdo? Eu quis chorar... quis correr, ir embora... mas não fiz nada. Engoli o choro e entrei na sala. Fiquei um bom tempo em silêncio, como se estivesse arrumando minhas coisas. Estava achando que era um equívoco e uma injustiça e eu não poderia deixar passar.

Não me lembro como arrumei forças e pedi para fazermos uma roda. Elas também estavam em silêncio e havia um constrangimento no ar. Assim que nos sentamos, pedi para elas falarem sobre o que estava ocorrendo e o que elas queriam dizer com aquele cartaz. Disse que poderiam ficar à vontade e dizer o que estavam sentindo que eu iria acolher, pensar e tentar mudar. Não sei onde arrumei forças, pois eu estava arrasada, meu mundo de certezas sobre eu ser uma boa professora caiu por terra. Houve um grande silêncio que ocupou toda a sala. Aqueles momentos pareciam infinitos. Não dissemos nada e não faço ideia de quanto tempo durou, só sei que pareceram horas.

Depois de um tempo, uma delas criou coragem e disse que eu parecia ser muito competente, porém eu não as enxergava, nunca sorria e que elas tinham medo de serem reprovadas; afinal, eu dava muitos textos, mas elas não estavam conseguindo ler nem a metade. Foram mais alguns minutos de total silêncio. Eu não fazia ideia sobre o que dizer. Esperei, respirei e apenas pedi desculpas. Pedi a elas que me dessem um tempo para eu

pensar sobre o que elas estavam dizendo. Disse que eu estava muito afetada e que precisaríamos conversar em outra aula. E assim fizemos.

Durante a semana, me dediquei em ler algumas referências teóricas sobre a docência e uma delas foi Pedagogia da autonomia, de Paulo Freire. Minhas reflexões se voltaram para suas afirmações sobre a escuta democrática, sobre a necessidade da relação dialética entre a fala e o silêncio. O silêncio é necessário para que a palavra seja pronunciada, ouvida e refletida. Foi esse silêncio que nos ajudou em nossa última aula e agora eu precisava prosseguir com a escuta, com a minha fala e com o silêncio. Segundo Paulo Freire (2007), a disciplina do silêncio é necessária tanto para nós, docentes, como para discentes e se a pronúncia for instigada, precisamos parar para escutar, e isso exige silêncio; instrumento necessário à reflexão. Então, eu precisaria instigar a pronúncia da sala, precisaria exercitar a escuta e precisaria novamente contribuir para que o silêncio se fizesse presente. Confesso que não tinha clareza de como fazer isso, apenas sabia que queria escutar no sentido freiriano,

... é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. (FREIRE, 2007, p. 113)

Com a certeza de querer praticar uma escuta amorosa, voltei para a aula mais animada e propus uma roda de conversa com dinâmicas e algumas perguntas, inclusive sobre como as alunas achavam que poderiam aprender melhor. Depois combinamos alguns procedimentos e o mais importante de tudo é que conseguimos rir de tudo aquilo e, com certeza, o maior aprendizado que tive e uso até hoje é sobre a importância de uma boa relação com a turma. Aprendi também a diferença entre quantidade e qualidade. Cortamos os textos pela metade. Aprendi que a amorosidade é mesmo fundamental, sorrir é fundamental, quebrar as barreiras e buscar uma aproximação tem sido parte importante do meu trabalho pedagógico. Hoje, quando conto essa situação para as turmas que leciono e digo que eu não sorria, geralmente dão risadas e não acreditam.

O tempo foi passando, essas e outras experiências me tornaram outra professora, inclusive aos olhos dos e das discentes. Sem esquecer que também minha vida social e política se fazia em paralelo. Vivia ao mesmo tempo bonitas e importantes experiências nos meus grupos de Cebi, no Sindicato e junto aos movimentos populares, o que nos ajuda a aprender sempre. A única certeza de tudo isso era e ainda é que a relação entre docente

e estudantes é fundamental para o processo de aprendizagem ocorrer com eficácia. O relato abaixo exemplifica o que ocorreu com a professora “carrasca”.

Didática Geral foi uma disciplina que agregou muito na minha formação. Tivemos muitos trabalhos que nos levaram a refletir e desenvolver em diversas áreas. A diversidade esteve presente em nossas aulas e experiências, a partir da leitura de textos, discussões em sala de aula, organização de eventos, documentários... Nós, estudantes, tivemos oportunidades de opinar e construir juntos a disciplina, sempre com a mediação ativa da professora.

A partir do encaminhamento da matéria, foi possível vivenciar de formas diversas os métodos didáticos, as formas de dar aula, e de avaliar. Compreendemos que é imprescindível para o ser humano e, principalmente para a professora/professor, o processo de análise crítica da realidade. É necessário observar os contextos, condições físicas, sociais, culturais e econômicas que perpassam o espaço e os sujeitos atuantes no processo educativo. Só é possível desenvolver uma educação inclusiva e que faça sentido para os/as estudantes quando se dialoga com suas realidades. Assim, para compreender e avaliar os processos educativos é necessário anteriormente analisar a realidade e compreendê-la.

A avaliação possui grande importância no processo educativo. É a partir do avaliar que se compreende o desenvolvimento das/dos estudantes durante as aulas, e é possível saber se os objetivos estão sendo alcançados. Caso não se alcance totalmente, é possível observar e descobrir onde residem os obstáculos. A partir da análise da realidade, os resultados obtidos guiam os caminhos que devem ser construídos.

Ao nos avaliarmos assumimos um papel ativo, representando um processo importante em nossa formação. Analisamos o desenvolvimento da disciplina de Didática Geral, contabilizando nosso rendimento a partir da professora Olenir, que nos acompanhou neste período, orientando, guiando e dando feedbacks durante o processo. Como diria Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para sua construção e produção”. Cada um aprende de acordo com suas vivências, perspectivas e subjetividades, e ao trabalhar em grupo, somamos as vivências e multiplicamos os aprendizados, construindo e produzindo conhecimentos. (Tiago, Turma de Didática Filosofia – 2010)

Quanto à professora, chamava-se Olenir. Adentrou a sala animada, sorridente, olhos transbordando expectativas, lábios derramando palavras de otimismo. Era indefinível e definível ao mesmo tempo. A encarnação de palavras como independente e feminista, desfilando seus cabelos revoltos e cacheados a la Luciana Genro – esta sempre com seus cachos indomáveis -, cheia de cultura – (mama África!) – e simpatia. (18/08/2016 – Carla Mariana da Silva Pinheiro, estudante do curso de Matemática e minha aluna de Didática Geral)

Didática Geral foi para mim uma das matérias mais importantes que realizei, tanto para o enriquecimento acadêmico quanto pessoal. Com uma dinâmica bastante diferente do habitual.

Com uma proposta inovadora dentro do padrão das aulas que a biologia tem, essa disciplina foi abordada desde o princípio utilizando-se uma participação ativa dos (as) estudantes nas decisões coletivas, sobre as

atividades e conteúdos. A opinião de todos, desde quem fala muito, até quem fala pouco foi escutada e considerados antes de cada decisão. A forma de avaliar foi sensacional, como nós discutimos e avaliamos cada atividade em coletivo de acordo com o nível de dificuldade e esforço de cada um e dando pesos foi muito bom e muito mais justo que apenas uma prova qualquer.

O que dizer sobre a Olenir...

Sinceramente, no começo gostei muito não, achei que ela estava meio louca, de querer botar a nota em OA, ONA e OPA, atividades sem muito sentido e um posicionamento político muito diferente do meu. Com o tempo essa opinião foi mudando, fui compreendendo o método que ela utiliza, as suas ideias, seus conceitos e atividades. Acabei me encantando pela “bruxinha”, kkkk. Amei ter feito essa matéria com você, aprendi muitas outras formas de observar o mundo e me apaixonar pela profissão professor. Obrigado por me ensinar e me tirar tantas dúvidas, sobre meus medos e receios com relação a sala de aula. (Felipe, Turma de Didática Biologia – 2017 II)

Figura 11 – Encerramento das aulas de Didática – turma Biologia

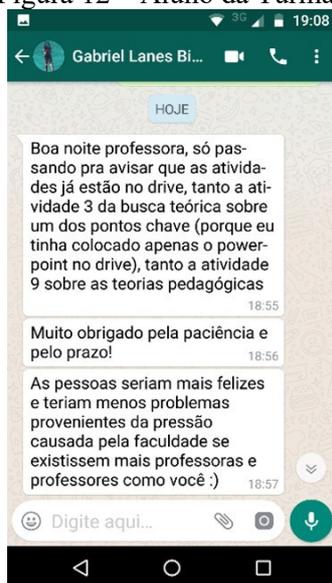


Fonte: A autora.

Os bons resultados que consegui com as turmas estão relacionados com o impacto que sofri vindo da turma de Letras e, claro, soma-se também os aprendizados vindo de estudos de Paulo Freire, como também de todas as situações de aprendizagens que fomos construindo junto com o Gepae, especialmente por meio das pesquisas que realizamos sobre avaliação. A amorosidade foi tornando-se uma importante prática pedagógica em minha carreira.

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.” (FREIRE, 1996, p. 68)

Figura 12 – Aluno da Turma de Biologia, 2017



Fonte: A autora.

Ao longo desses anos, cada experiência com o ensino tem sido muito importante para o meu processo formativo. Também fui percebendo que a docência foi e é uma carreira muito acertada em minha vida. Apaixonei-me pela docência e acho que ser uma boa professora sempre foi meu grande objetivo, o qual busco a cada turma que assumo para o ofício de ensinar e aprender “COM”.

O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos e educandas possam participar da avaliação. É que o trabalho do docente é o trabalho do professor **COM** estudantes não do docente consigo mesmo. (FREIRE, 1996, p. 33, destaque meu)

Figura 13 – Turma de Didática – curso de Matemática – II semestre de 2016



Fonte: A autora

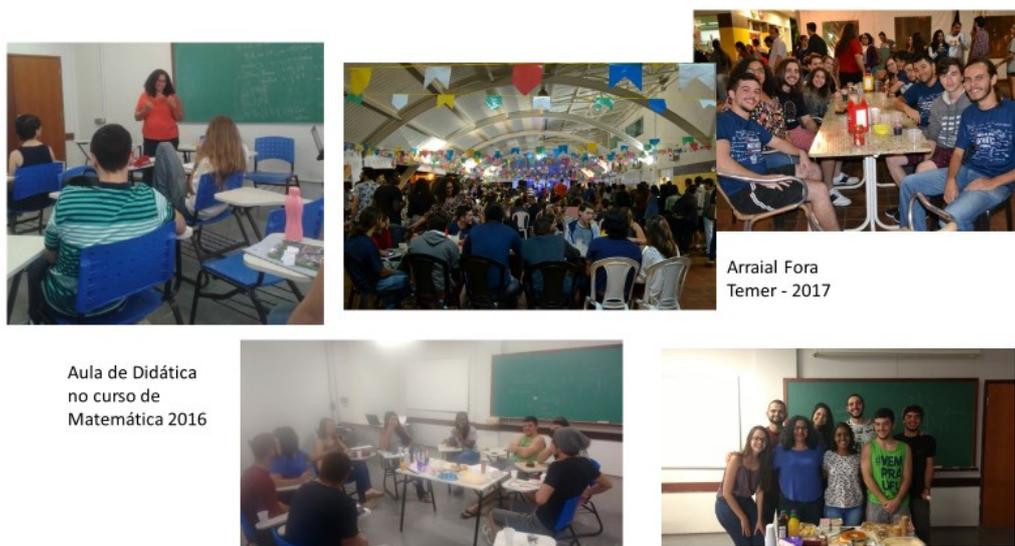
Figura 14 – Turma de Didática, curso de Matemática, 2016



Fonte: A autora.

Conseguimos vivenciar experiências que confirmam a importância de construirmos processos de relação docente/estudantes que buscam a confiança, respeito e interação. Estudar sobre a docência me permitiu grandes aprendizados, mas nada supera as experiências construídas com cada turma que lecionei, seja na graduação, seja na pós-graduação ou mesmo nos cursos de extensão, na maioria deles, junto às professoras e professores da rede pública municipal e estadual.

Figura 15 – Momentos diversos de encontros com estudantes



Aula de Didática  
no curso de  
Matemática 2016

Arraiá Fora  
Temer - 2017

Fonte: A autora.

#### 4.2.3.2 Memórias Em Cenas – professora de Didática no curso de Teatro

Sobre o teatro:

O teatro nasce quando o ser humano descobre que pode observar-se a si mesmo: ver-se em ação. Descobre que pode ver-se no ato de ver – ver-se em situação. Ao ver-se, percebe o que é, descobre o que não é, e imagina o que pode vir a ser. Percebe onde está, descobre onde não está e imagina onde pode ir. Cria-se uma tríade: EU observador, EU em situação, e o Não-EU, isto é, o OUTRO. (BOAL, 1996, p. 27)

O Teatro também tem me possibilitado muitos aprendizados para a docência. Faço aulas de teatro desde 2016, na Trupe de Truões, que é um espaço cultural e que oferece aulas para a comunidade (falarei sobre essa experiência mais adiante). Assim, sempre tive bons resultados quando tive a oportunidade de dar aulas de Didática para a turma de Teatro. Trago ricas e potentes experiências. Uma sintonia gigantesca e sempre nos propusemos a criar e construir os saberes. Geralmente, as turmas sempre se animam em fazer todas as atividades e desafios com interesse e muita energia. Assim, me conectei com esse curso e fiquei conhecida por lá.

Vivi uma experiência avaliativa muito feliz. Particpei das atividades de compartilhamentos das cenas produzidas por estudantes de Teatro, as quais ocorrem na primeira e última semana de aulas de cada semestre. Os e as estudantes organizam apresentações e compartilhamentos do trabalho artístico por lá desenvolvido. Coisas lindíssimas e sempre que vou, saio com a certeza de que a arte salva vidas. Boas energias sempre!

Era semana de abertura organizada pelo DA – Diretório Acadêmico do curso de Teatro. O DA Grande Otelo organizou uma semana com várias atividades artísticas e fui assistir o evento intitulado Clownsical, um musical de palhaços. Foi um espetáculo maravilhoso, muitas gargalhadas. Os e as estudantes artistas apresentaram um roteiro em que contavam um pouco da história do curso de Teatro e faziam isso de maneira muito engraçada. Traziam nos roteiros acontecimentos do curso envolvendo docentes e foi assim que também me tornei parte do roteiro. Foi uma grande surpresa para mim e uma grande alegria. O palhaço Mimin Doim tentava ensinar as notas musicais para a palhaça Jurema, então ele dizia mais ou menos assim: “Eu vou te ensinar direitinho, eu sou professor. Eu fiz didática com a professora Olenir e ela é ótima”. A palhaça Jurema fez um gesto muito engraçado, demonstrando que não entendeu o meu nome e pergunto: “O

nome dela é dona Ótima?” Isso gerou muitas gargalhadas. O palhaço Mimin Doim disse não, o nome dela é Olenir, mas a palhaça Jurema fez questão de insistir e começou a dizer “dona Ótima, parece que ela está por aí” e começaram a apontar para mim. A plateia se voltou para mim também e foi assim que meu apelido carinhoso se tornou Dona Ótima. Nossa, que alegria! Me senti muito homenageada, me senti muito importante e feliz. Terminado o espetáculo, as pessoas da plateia, muitos ex-alunos e alunas, me cumprimentavam ou mesmo se despediam: “tchau dona Ótima!

Na outra semana, quando cheguei em sala de aula, ouvia um coro: “boa noite dona Ótima!” E assim me chamaram por todo o semestre. Essa brincadeira permitiu uma grande aproximação com a turma e me trouxe a ideia de usá-la como incentivo ao trabalho coletivo que realizaríamos nos estudos de planejamento a partir do Diário de Sandra. Organizei uma roda em que cada estudante deveria escolher um adjetivo para si com a letra do primeiro nome.

Assim, o grupo foi constituído por: dona Ótima, professora, e os e as estudantes: Amável; Artista; Dedicada; Fiel; Generosa; Genuíno; Leal; Jovial; Justa; Justo; Kaleidoscopical; Ligeiro; Livre; Memorável; Motivadora; Negociável; Ponderado; Talentosa; Talentoso; Vibrante; Visionário; Vivaz. Dividi com eles a brincadeira e, a partir desses adjetivos/apelidos carinhosos, compusemos os momentos de construção das relações entre o coletivo que seria responsável por apresentar as propostas de ações pedagógicas para construir mudanças significativas na escola de Sandra em Capão Redondo.

Discutimos a realidade da escola a partir do Diário de Sandra e fizemos o mesmo caminho das outras turmas para a escolha de uma situação e depois o exercício do planejamento estratégico, porém com o acréscimo de que cada pessoa trazia esse adjetivo e um pensamento como força para ajudar a resolver os problemas daquela sala de aula. Nos tornamos uma equipe e cada aula duas pessoas compartilhavam desejos, incentivos positivos para a concretização do trabalho de equipe a ser feito, (encontrar a palavra, que não é real, mas apenas como faz de conta), na escola de Capão Redondo. Assim, compartilho abaixo alguns dos desejos e com os adjetivos escolhidos.

No caminho da educação, seja ela formal ou informal, lembre-se: Os desafios sempre ocorrerão dentro do sistema já desestruturado, porém o conhecimento é compartilhado. Este se mostra como uma via de mão dupla. Bem vinde! (Talentoso).

Espero que juntos façamos a diferença. Bem-vindos!  
Porque uma andorinha voando sozinha não faz verão. (Justa)

Fico feliz e animada com a chegada de vocês. Vamos ter muito trabalho pela frente e ainda bem que vai ser com vocês ao lado! Tamo Junto! (Amigável)

A única forma de chegar ao impossível é acreditar que é possível. Sejam bem-vindos. (Vibrante)

Você nunca sabe quando será a última vez que estará fazendo algo. (Artista)

A vida é uma correria, mas com ótimas pessoas, uma amizade, vem a calma. Bienvenidos! (Memorável)

Ser professora de Didática me trouxe a possibilidade de fazer da minha prática uma referência para os nossos estudos teóricos e com isso tenho tentado construir com as turmas saberes que levam em consideração a práxis. Desse modo, fazer do meu discurso a minha prática tornou minha luta e para isso tentei muito aplicar alguns saberes que fui acumulando. Desse modo, organizei algumas práticas que contribuíram para que o processo aprendizagem-avaliação-ensino ocorresse de modo favorável.

Basicamente, as atividades têm sido planejadas de modo a conseguir que estudantes e docentes construamos experiências pedagógicas significativas para o nosso processo a partir de uma tridimensionalidade do processo educativo: aprendizagens-avaliação-ensinagens. Sobre essa tridimensionalidade, falarei mais tarde, no item sobre os aprendizados alcançados com as pesquisas coletivas sobre avaliação educacional.

Algumas experiências didático-pedagógicas têm marcado minha trajetória como professora, as quais compartilho aqui de modo a refletir sobre as aprendizagens significativas vividas junto com as turmas com as quais venho trabalhando a disciplina Didática Geral nos cursos de licenciatura da UFU. Trago aqui algumas memórias desses processos de trocas que ajudaram a construir minha trajetória como professora de Didática.

#### 4.2.3.3 *As miniaulas de Didática: momento de construção coletiva sobre a prática docente*

Uma das primeiras propostas que considero bem-sucedida foi a organização da turma para que planejassem e desenvolvessem uma aula a partir dos estudos realizados. Essa atividade foi chamada de Miniaulas, por serem desenvolvidas em apenas cinquenta minutos e a turma precisaria usar práticas pedagógicas que estavam sendo estudadas e debatidas em sala de aula. Assim, as miniaulas se tornaram exercícios práticos da docência. Organizava as turmas de acordo com alguns temas sobre ser docente e cada grupo, geralmente duplas ou trios, ficava responsável por planejar e executar as aulas sobre temáticas da docência. Ao assistir as aulas, era necessário construir registros para que pudéssemos usá-los em nossas discussões pedagógicas. O registro do meu ex-aluno, Gabriel, nos permite compreender melhor esse processo. Seu registro foi feito em forma de rap.

5:15 da manhã, eu custei acordar,  
Mas na hora certa eu consegui chegar

A aula começou e eu estava meio perdido,  
Mas me esclareci quando a Amanda tinha lido

E no final então, ficou decidido  
Que eu e o Japa ficaria com o registro

Para falar mal dos alunos, sem nenhum envolvimento  
Se continuar assim meu “fio”, eu só lamento

Mas se a gente procurar, tem coisa legal  
Já ouvi dizer de uma escola plural

Em BH, que faz as coisas direito  
E não usa o conselho para agir com preconceito

Então discutimos sobre separação  
Entre os alunos ruins, dos alunos bons

Alguns foram contra e alguns a favor  
E pra mini-aula a gente voltou

No final da aula um sorteio aconteceu  
Com palavras aleatórias, vamos ver o que “tu entendeu”

“Tu abria” o papel, explicava a palavra  
Ou entendia tudo ou não entendia nada

E um sorteio aconteceu novamente

Era pra gente falar o que viesse na mente

Coisas boas, coisas ruins, tudo com aprendizado  
Tem que ter sentido, então deve ser explicado

Alguma coisa que põe lá, pode ser que não entenda  
Então registre bem, se for preciso até desenhe

Pra finalizar Amanda trouxe uma pasta  
Que era pra mostrar algum exemplo na pratica

Todo mundo gostou e no final bateu palma  
“Por que não batem palma no final da minha aula?”

Olenir perguntou, questionou, quis saber  
Relaxa professora, “tu precisa” entender

Se fosse palma pra você seria palma toda hora  
Não estou puxando saco, mas quem sabe minha nota não aumente...  
Não!

Precisamos entender  
Que a avaliação é formativa e temos que compreender

Que não é assim. Ela é constante  
Cada aula que se passa que vai ser determinante

Pra um final, com resultados  
Eu já falei tudo e deixei o meu recado  
(rap do Gabriel – turma matemática 2016)

Com o passar dos anos e por influência dos estudos sobre planejamento e importância da realidade, conforme afirma Vasconcellos (2000), buscamos trabalhar a partir de uma realidade concreta da sala de aula como meio de organizar o planejamento das miniaulas para intervenção sobre a realidade. Assim, antes de propor os temas das aulas, cada dupla de estudantes precisa compreender a realidade e buscar possibilidades de intervenção. Em 2002, o Jornal Estadão publicou um diário de uma aluna de Capão Redondo – SP, no qual a aluna traz detalhes da realidade de sua escola da periferia de São Paulo, ensino noturno, intitulado “Minha vida na escola”. Seu relato em forma de diário traz as situações cotidianas que têm contribuído muito para os debates e aprendizagens durante as aulas de Didática. Assim, a partir do diário de Sandra, as duplas de trabalho selecionam uma das situações-problemas por ela apresentada e trabalham com uma proposta de intervenção didática. Segue apenas um relato de um dos dias do diário de Sandra para exemplificar o nosso processo.

### **Quinta-feira, 15 de fevereiro**

Hoje foi uma noite tranqüila. Mais da metade dos alunos faltou. A primeira aula foi com a professora de biologia, que escreveu na lousa inteira e fez de tudo para chamar a atenção dos alunos. Tentou coreografias, gestos, mímica, enfim, tudo para despertar a atenção dos poucos alunos que ali permaneceram sem abrir a boca durante as quatro aulas. Um aluno entrou na segunda aula sem caderno e com forte cheiro de cigarro. Sentou no fundo e permaneceu calado. A professora de português perguntou como se fazia uma dissertação, mas ninguém respondeu. E a aula permaneceu assim: a professora perguntava e ninguém respondia. No intervalo, a neblina causada pelo cigarro cobria o pátio. Consertaram o telefone. O sinal bateu às 23h. (Diário de Sandra, 2002)

Os e as estudantes de licenciatura escolhem um dos dias do diário de Sandra e fazem o exercício de levantamento dos problemas apontados por Sandra, depois escolhem um deles para pensar uma intervenção didática com o intuito de amenizar a situação apontada. As miniaulas têm sido estratégias para a realização de rico e profícuo debate acerca do trabalho pedagógico. Assim, o primeiro passo é um pequeno exercício que tenho chamado de Planejamento Estratégico, conforme o exemplo abaixo. Depois estudamos os fundamentos teóricos sobre planejamento e fazemos uma proposta de aula ou miniaula com a apresentação de um planejamento que tenha a intenção de “transformar” a situação atual retirada do diário de Sandra.

#### **Planejamento Estratégico**

- 1 – Trio: Guilherme Nogueira; Mateus Navarro e Julia Caires
- 2 – Situação Atual: “Quando faltavam alguns minutos para bater o sinal, a maioria dos alunos saiu da sala, mesmo com a professora ainda explicando.” – (Diário de Sandra, 11/04)
- 3 – Situação Futura: Desejamos que os alunos permaneçam até o final da aula e desenvolvam as atividades propostas em sala, participando ativamente. Além de verem o estudo como forma de alcançar um futuro melhor.
- 4 – Problema(s): Por que os alunos não se interessam no conteúdo proposto nas disciplinas? Por que os alunos faltam muito? Por que os alunos não veem a necessidade de aprender conteúdos propostos em aula?
- 5 – Causas: Dificuldades e desinteresse de aprendizagem estão relacionados diretamente com o ambiente familiar desestruturado, condições precárias de vida, insucesso social, necessidade de trabalhar, fatores culturais, problemas emocionais e condições de saúde.
- 6 – Nós críticos: A necessidade de trabalhar é o principal motivo apontado por jovens de 14 a 29 anos para abandonar os estudos, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad)

Contínua Educação, divulgada hoje (15) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

7 – O que fazer: Realização de “Feiras de Profissões”, onde serão apresentados profissionais de diversas áreas para dialogar com os alunos sobre suas carreiras; Roda de Conversas com ex-alunos de periferia que melhoraram de vida graças aos estudos; Professores demonstrarem como cada disciplina é aplicada na prática, e com o que se pode trabalhar com elas.

8 – Como fazer: Convidar profissionais de diversas áreas para explicarem como funciona sua profissão, e qual caminho percorrer para exercer tal função.

Convidar ex-alunos da escola que melhoraram de vida através dos estudos para contarem sobre seu percurso para chegarem aonde chegaram, mostrando que é possível.

Reunir os professores e incentivá-los a aplicar o conteúdo na prática, e também trazendo dinâmicas que demonstram as possibilidades que a disciplina traz na área profissional.

9 – Quando fazer: As atividades podem ser feitas uma vez por ano, e a aplicação do conteúdo estudado deve ser feita de forma contínua.

10 – Quem fazer: A diretoria em conjunto com o corpo docente.

11 – Recursos necessários: Espaço para realização das atividades.

(Planejamento Estratégico – Turma de Didática, curso de Teatro, 2022 II)

Esse exercício é uma forma simples de pensar coletivamente os problemas da sala de aula e como resolvê-los. Depois desse exercício, buscamos a ajuda dos fundamentos teóricos para pensar de modo mais consistente sobre o fazer docente e a busca por soluções para os problemas cotidianos. Esta tem sido uma estratégia muito importante para ajudar estudantes de licenciatura a se colocarem como parte do processo de transformação da escola e como sujeitos do fazer docente.

#### *4.2.3.4 O Painel Integrado: estratégia de estudos sobre as teorias pedagógicas e sua influência no fazer docente*

Um tema sempre discutido pela Didática é as diferentes teorias pedagógicas e como elas tem influenciado a prática docente ao longo da história da escola no Brasil e no mundo. Apesar de ser importante refletir sobre essas teorias de modo a ajudar estudantes de licenciaturas a pensarem sobre o ser docente e a importância de construir uma prática comprometida com os processos de transformação, nem sempre as turmas conseguem compreender sua relevância. Justamente por isso, comecei a problematizar com as turmas no sentido de tentar encontrar a melhor forma de trabalharmos. Pensamos estratégias que pudessem favorecer a aprendizagem de cada estudante e foi, a partir de

um processo investigativo que propus a realização do Painel Integrado, uma estratégia de estudo individual e coletivo.

O propósito tem sido estudar e discutir as teorias pedagógicas que mais marcam as salas de aulas da escola que temos hoje. Procuramos compreender também quais os interesses cada uma das tendências atende e sua relação com a nossa sociedade, que é capitalista. Discutimos sobre os interesses do capital que, lamentavelmente, tem uma função social de manutenção do *status quo* e por isso contribui com uma organização social hierarquizada e desigual. Desse modo, a exclusão das classes trabalhadoras dos processos de produção de conhecimento tem sido função da escola. Nesse sentido, compreender a lógica da escola capitalista passou a ser tema de estudos a partir das contribuições do prof. Luiz Carlos de Freitas, professor aposentado da Unicamp. Segundo ele, a escola foi organizada separada da vida.

Esse afastamento foi ditado por uma necessidade ligada à formação social capitalista, a qual, para apoiar o desenvolvimento das forças produtivas, necessitou de uma escola que preparasse rapidamente, e em série, recursos humanos para alimentar a produção de forma hierarquizada e fragmentada – e isso só era possível ser feito de forma escolarizada. (FREITAS, 2003, p. 26-27)

Desse modo, estudar e compreender, de modo crítico, a intenção de uma proposta didático-pedagógica a ser desenvolvida na sala de aula tem sido um dos nossos objetivos de estudo. A partir de muitas tentativas malsucedidas, chegamos à proposta de trabalhar com o Painel Integrado, uma estratégia de estudos e pesquisa individual e depois coletiva. Por meio desse procedimento, organizamos nossa forma de estudar as diferentes teorias pedagógicas, conforme abaixo:

### **ESTUDO SOBRE AS Teorias Pedagógicas da Educação**

#### **Objetivos:**

- 1) Conhecer uma das diferentes teorias pedagógicas que norteiam o trabalho docente na sala de aula, bem como suas implicações na prática atualmente;
- 2) Identificar o processo de ensino e de aprendizagem em cada uma das teorias estudadas;
- 3) Desenvolver a técnica de Painel Integrado.
- 4) Realizar experiências de avaliação formativa por meio da avaliação por pares

### Teorias pedagógicas a serem pesquisadas

Pedagogias Liberais	Pedagogias Progressistas
1) Tradicional	4) Libertária
2) Nova	5) Libertadora
3) Tecnicista	6) Crítico-social dos conteúdos
7) Escola Livre	

#### Primeiro momento (Estudo individual) SOBRE UMA DAS TEORIAS PEDAGÓGICAS APRESENTADAS

A partir de seu interesse de estudo, organize um texto em que você apresente os resultados de seu estudo sobre a teoria pedagógica escolhida por você, usando as seguintes questões norteadoras abaixo:

6- Em linhas gerais qual é a proposta pedagógica da TEORIA por você pesquisada? Como o/a docente ensina? Como o/a estudante aprende?

2- Em sua opinião essa a TEORIA PEDAGÓGICA está presente nas escolas de educação básica ou mesmo na universidade, ainda nos tempos atuais? De que maneira? Se não está, você consegue explicar por que não está? Você acha que ela deveria estar presente nas escolas? Por quê?

3- Escolha uma imagem que tenha relação com a PEDAGOGIA estudada por você para anexar ao seu registro.

**Tarefa:** Organize um registro (um pequeno texto dissertativo com no máximo duas páginas) com as informações encontradas em sua pesquisa.

#### Segundo momento – Painel Integrado: Integração Horizontal Estudo em grupo SOBRE UMA DAS TEORIAS PEDAGÓGICAS ESTUDADAS

Agora que cada participante estudou e pesquisou individualmente uma das teorias é hora de encontrar com colegas que também estudaram e pesquisaram a mesma teoria. Essa é a **Integração Horizontal** do nosso **Painel**.

1 – **AVALIAÇÃO POR PARES:** Cada pessoa ficará com o registro de um ou uma colega. Vamos fazer a experiência de Avaliação Por Pares (Avaliação Formativa feita pelos/as colegas). Vamos experimentar avaliar, ser avaliada/o e aprender COM. Preparados/as?

#### Atenção para as orientações:

Cada participante dever ler o trabalho de um ou uma colega com atenção e, a partir dos nossos objetivos, tentar identificar se tais objetivos foram atingidos, parcialmente atingidos ou não atingidos. Usem como critério, as perguntas feitas no primeiro momento. Procurem encontrar as respostas e dialogue com seu ou sua colega. É momento de construir um Feedback para seu ou sua colega e lembre-

se: se o registro do colega complementa o seu aproveite, mas lembre-se de usar aspas se for copiar literalmente e identificar a fonte.

## 2- REUNIÃO DO GRUPO POR TEORIAS ESTUDADAS

1º) Cada participante se apresenta usando a imagem escolhida para a sua pesquisa individual. Fale sobre você e sobre a sua imagem. Também aproveite para dizer o que te chamou a atenção em seu estudo;

2º) Socializar dos textos produzidos individualmente por vocês no I Momento e identificar coletivamente as contribuições de cada pessoa durante a avaliação por pares.

3º) Responder coletivamente, de modo sintético, as questões abaixo:

a- Como é a escola?

B- Como é o ensino?

c- Como o professor ensina?

D- Como é o aluno/estudante?

e- Como é a sala de aula?

F- Como é a avaliação?

**Tarefa:** organizar uma apresentação em cartaz, tamanho A3, para compor o Painel, que será o nosso o III Momento, com as 6 respostas (Lembrem-se de organizar o cartaz com palavras-chave que sintetizarão a teoria estudada, sendo um cartaz para cada uma das respostas acima, a, b, c, d, e, f).

- Organizar as respostas do grupo para a montagem do painel, a partir das respostas individuais feitas no I momento. Caso encontrem alguma divergência poderão discutir e mudar o pensamento ou mesmo manter respostas divergentes para a discussão geral. O objetivo é debater e tentar chegar a um consenso sempre que possível, conforme as questões abaixo:

I. Para o grupo, essa TEORIA PEDAGÓGICA está presente na prática docente, nas escolas de educação básica ou mesmo na universidade, ainda nos tempos atuais? De que maneira? Se não está, vocês conseguem explicar por que não está? Vocês acham que ela deveria estar presente nas escolas?

II. Para o grupo esta TEORIA PEDAGÓGICA está comprometida com a transformação da sociedade? Por quê? Se sim, de que maneira? Se não, por quê?

III. Apresentem as imagens do I Momento, discutam e organizem uma apresentação para o nosso Painel. Caso queiram poderão acrescentar novas imagens ou mesmo músicas ou trechos de filmes que retratem a Teoria Pedagógica estudada pelo grupo.

### Terceiro momento – Painel Integrado: integração Vertical

Encontro de toda a sala entre diferentes Teorias Pedagógicas pesquisadas

Montagem do painel – cada grupo monta os cartazes A3 nas paredes da sala antes da reunião dos grupos de integração vertical.

São formados novos grupos agora com uma pessoa de cada teoria pedagógica estudada. Nessa nova integração, cada pessoa apresenta sua teoria estudada, usando os cartazes e as anotações pessoais. Desse modo, os novos grupos terão conhecimento de todas as teorias estudadas. Nesse momento ocorre uma integração vertical.

Depois de todas as apresentações o grupo deve discutir e responder as questões abaixo:

1. De acordo com o estudo feito, qual(is) pedagogia(s) está(ão) mais presente(s) na prática docente?

2. Qual(is) pedagogia(s) está(ão) comprometida(s) com a modificação da sociedade e da escola brasileira?
3. Discutam a técnica de painel integrado realizada e aponte aspectos positivos e negativos para o processo de aprendizagem. O que foi bacana? O que não funcionou tão bem?

**Finalização com uma grande roda – esse é um momento de conclusão e uma conversa geral sobre as aprendizagens acerca das teorias pedagógicas.** (Orientações Aulas de Didática Geral)

Essa atividade tem sido muito potente no sentido de ajudar os e as estudantes a aprender. Há estudo, há pesquisa, há debate, há criatividade e aprendemos coletivamente. A realização do painel tem contribuído para o envolvimento e dedicação das e dos estudantes. Fazer o painel representa envolvimento com o estudo de modo individual e coletivo.

Figura 16 – Painel integrado: integração horizontal e vertical. Turma Enfermagem 2009 II



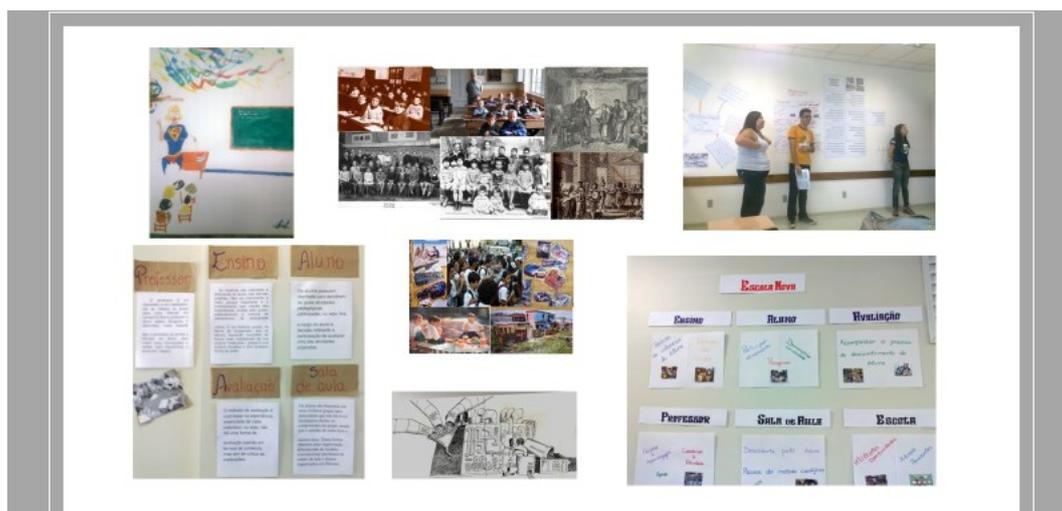
Fonte: A autora.

Figura 17 – Painel integrado, em 2012, no Sagão do Bloco 3Q – preparação



Fonte: A autora.

Figura 18 – Apresentação do painel integrado – 2012



Fonte: A autora.

Figura 19 – Painel integrado, em 2016 – Teorias pedagógicas



Fonte: A autora.

Figura 20 – Painel integrado Teorias pedagógicas – Música 2017



Fonte: A autora.

#### 4.2.3.5 O campo minado: um aprendizado sobre a importância do planejamento e da avaliação na escola, a partir do trabalho coletivo

Não me lembro bem quando comecei a trabalhar com essa atividade nas aulas de Didática, mas deve ter mais de dez anos. Descobri essa dinâmica por meio de relato de uma amiga que trabalhava em uma empresa, achei interessante e resolvi adaptar para trabalhar com meus alunos e alunas das licenciaturas.

Organizei todo o material e elaborei algumas questões para a equipe de observadores e observadoras. Essa dinâmica tem como objetivos discutir a importância do planejamento e da avaliação; desenvolver experiências de avaliação e autoavaliação e propiciar uma reflexão sobre a importância do trabalho coletivo na escola. Mas durante esses anos, vi que a dinâmica propiciou outros objetivos também, como ocorreu uma vez com a turma de Biologia, acabamos discutindo sobre gênero.

No dia da dinâmica, eu sempre chego mais cedo, retiro a maioria das carteiras e deixo apenas as cadeiras para as pessoas que serão observadoras, próximas à parede. O centro da sala fica todo vazio e no chão eu traço com fita crepe um quadrado, o qual é usado como campo minado. Os espaços são divididos em 10 x 10 quadrados. Assim, no chão as colunas são identificadas por letras de A até a letra J e as linhas enumeradas de 1 a 10. Quando a turma chega e encontra a sala preparada para o jogo, há uma boa surpresa e a curiosidade torna-se uma motivadora importante.

Figura 21 – Campo minado



CURSO DE BIOLOGIA 2017



CURSO DE ENFERMAGEM 2018



CURSO DE TEATRO 2022

Fonte: A autora.

Para jogar, é preciso ter uma pessoa responsável pelo mapa; um grupo de jogadores e jogadoras e um grupo de observadores e observadoras. Esse último grupo

geralmente são duas pessoas para três tipos de observação, quais são: perguntas de questões abertas, perguntas com questões fechadas que exigem a indicação sobre quantas vezes ocorreram as ações, e livre, recebem uma folha em branco para anotar o que lhes chama a atenção.

A ideia é sempre explicar um pouco sobre o funcionamento e deixar claro apenas algumas regras básicas, quais sejam: todas as pessoas jogadoras precisam atravessar o campo evitando as bombas, e dentro de um tempo determinado. O início do jogo sempre ocorre no fundo da sala, antes da linha 1. A turma deve escolher quem inicia e sempre que o jogador pisar em um dos quadrados, deve anunciar para o responsável pela bomba. Caso não tenha bomba, a pessoa pode seguir em frente, ou na diagonal direita ou esquerda. Sempre que cair em uma bomba, o jogador volta e inicia novamente ou uma nova pessoa começa a jogar, tudo depende da estratégia da equipe. O jogo termina quando todas as pessoas conseguem descobrir o caminho sem bombas e atravessá-lo.

Todo esse processo do jogo é discutido no grupo, depois que termina a primeira rodada. Discutimos sobre as estratégias usadas, se trabalharam coletivamente, se envolveram toda a equipe; enfim, o debate é motivado pela avaliação feita pela equipe de observadores/as. Geralmente, no debate é possível perceber a importância da avaliação e do planejamento e é preciso estar atento e discutir as possibilidades. Essa discussão serve para embasar os estudos sobre o planejamento coletivo. Faz parte da dinâmica os registros sobre os aprendizados alcançados. Organizamos uma página fechada no *Facebook* e lá construímos os registros e as trocas resultantes desse aprendizado.

Figura 22 – Campo minado – Didática 2018/2



Fonte: A autora.

Seguem alguns desses registros com os depoimentos da turma de Biologia sobre a experiência do Campo Minado e as discussões que ultrapassaram o tema planejamento e avaliação e entraram nas reflexões sobre gênero. Tudo isso porque uma aluna não era ouvida pelo trio de rapazes que jogavam apenas entre eles e não ouviam suas sugestões.

Figura 23 – Jogo Campo Minado – Aula de Didática – Turma Biologia 2018 II



Fonte: A autora.

Se pegar o Rodrigo de 2016 e comparar com o Rodrigo de 2018 vc pode questionar se são a mesma pessoa, meu crescimento como ser humano foi enorme durante esses anos em que estive na UFU, fui exposto a uma diversidade enorme de pensamento e de pessoas que antes eu não era exposto.

Em nossa última aula foi mais um daqueles momentos em que eu aprendi bastante, primeiramente falei da dinâmica em si. O ato de observar é algo que necessita ser mais recorrente para as pessoas, assim que cheguei na sala (atrasado) vi pessoas sentadas e pessoas de pé, pensei que que ta acontecendo aqui senhor? Com o passar do tempo fui entendendo melhor até que na minha vez de participar eu incorporei as falhas e as vitórias do grupo anterior para aumentar nosso desempenho e deu certo, porém ao final nós percebemos que uma outra estratégia melhoraria ainda mais nosso desempenho, se houvesse outro grupo para jogar com toda certeza eles seriam mais rápidos que nós, porém a vida é assim.

O erro é geralmente tratado como uma coisa negativa, porém na maioria dos casos o erro pode ser considerado uma dádiva, pois é a partir do erro que vem nossos maiores aprendizados, assim como na dinâmica feita na última aula. Depois do depoimento da Chesca a percebemos o quanto nós homens erramos, mesmo sem querer, e por mais que não houve a intenção meio que não interessa muito o erro já aconteceu, o que nos resta é pedirmos desculpas (uma palavra que não faz jus ao sentimento que sentimos quando geralmente erramos, mas por falta de uma melhor, vai ela mesmo). Então como homem, apesar de não ter participado da primeira dinâmica eu também peço desculpas porque eu

já erre e provavelmente irei errar com vocês, mulheres, porém depois dessa dinâmica um aprendizado a mais foi adicionado em nossa vida. (Rodrigo Digu – estudante de Biologia em 2018)

Essa experiência foi certamente umas das mais marcantes para mim. De início pensei que fosse apenas mais uma brincadeira para entreter os alunos, mas no decorrer da brincadeira acabei entrando no jogo e me importei em apenas completar o objetivo final. Com o passar da brincadeira fomos bolando ideias para completar o campo minado, mas não demos ouvidos a todas as pessoas que participavam. Quando veio o resultado e juntamente com os nossos comportamentos avaliados, foi que percebemos o quão machista fomos nessa brincadeira. Nem por um momento achei que estava realizando tal comportamento, pois sempre tento me vigiar para não cometer tais erros. E quanto mais a professora e os avaliadores falavam, mais percebia o tanto que eu estava errado. Por isso gostaria de pedir desculpa a todos na sala, especialmente a Chesca. Foi uma experiência muito marcante para mim e que quando eu for professor com certeza realizarei essa brincadeira com meus alunos. (Rodrigo – estudante de Biologia em 2018)

Bom, a aula de sexta foi uma experiência única na minha vida e nas de outras pessoas. A princípio, achei que era apenas uma brincadeira em que cada um passaria no tabuleiro. Mas depois, descobrimos que há mais por traz. A priori, apenas notei erros de falta de comunicação e exclusão, mas conforme as pessoas iam falando percebi que é mais profundo o assunto, pois achava que machismo era apenas excluir uma mulher por ela ser mulher. Depois da brincadeira, meu pensamento a respeito do assunto mudou. E agradeço que mudou, mesmo que algumas pessoas tenham me feito ficar constrangido com a situação. Vi também que quando temos informações corretas a respeito de algo, quando temos a maestria em determinado assunto, somos orientados por pessoas experientes do assunto e temos uma organização com vozes ativas, o desafio fica mais fácil. Com erros que se aprendem, e obrigado por ter a oportunidade de aprender mais sobre a vida e sobre liderança. Espero que todos tenham podido ver seus erros na sala.

OBS: Uma mãe não critica seu filho por cair, mas estimula a voltar a andar. Quando um “coleguinha” erra, as pessoas não deveriam criticar, mas 108orta-lo. (Gabriel – estudante de Biologia em 2018)

Ainda estou tentando me decidir se curti ou não essa dinâmica do campo minado. Num primeiro momento, quando foi proposta a “brincadeira” eu realmente pensei como uma brincadeira e me deixou intrigada o fato de não ter o número, vez ou outra, indicando a quantidade de bombas ao redor. Não dá pra jogar sem ao menos ter uma dica de onde pisar. Depois, quando percebi que a ideia da dinâmica era outra completamente diferente, eu fiquei um pouco mais angustiada. Isso porque, na primeira tentativa, não houve nenhum tipo de inclusão do grupo como um todo pra pensar a melhor maneira de jogar e a menor (ou maior) ideia proposta, nem se quer era ouvida. Confesso que não liguei os pontos para pensar sobre o machismo naquele momento. Meu maior incômodo foi mesmo o silenciar das pessoas.

Quando a primeira parte da dinâmica chegou ao fim, e houve a discussão sobre o que tinha acontecido, me fez pensar em como, \*muitas vezes\*, a gente se deixa calar sem perceber. Sem notar que,

não só os homens têm em si o machismo enraizado, mas nós mulheres, por não conseguir percebê-lo e, em algum ponto “deixar” coagir.

Quando a nova chance foi dada, de procurar pensar sobre os erros e tentar fazer diferente, ainda assim fiquei incomodada. Foi feita a tentativa de se estabelecer papéis, mas o tempo para a realização das tarefas ainda era demarcado e, até mesmo dentro do grupo, havia uma pressão enorme para se cumprir não o seu tempo, mas o do outro. Não se tinha liberdade de tomar uma decisão individual sobre qual caminho o “eu” queria escolher. Para mim, trabalhar em grupo não é simplesmente agir pelo grupo. É preciso discernimento para entender que o individual, mesmo trabalhando em grupo, é importante.

Bom, por fim, a conclusão que eu tiro disso tudo (uma delas) é que as vezes é preciso uma “mãozinha” pra perceber umas coisas que nem sempre a gente sozinha consegue ver e, entender isso é um primeiro passo pra mudança. Tanto a dinâmica em si, no dia da aula, e a discussão feita sobre ela, como as novas percepções que surgiram a partir dos textos aqui publicados, permitem pensar sobre novos caminhos e talvez melhores de continuar seguindo (não as imposições, mas o que, individual ou em conjunto, acredita-se ser melhor). (Gabriela – estudante de Biologia em 2018)

Eu queria começar falando que eu quando eu decidi fazer as matérias da licenciatura, eu nunca cogitaria que isso pudesse ser algo tão importante pra minha formação como pessoa, e nunca imaginaria que participar de uma dinâmica tivesse tanto impacto dentro de mim. Ontem foi um dia conturbado, dia de final de semestre, mas que em meio à toda essa correria, serviu pra me fazer pensar em muitas coisas. A começar com o auto esclarecimento sobre minhas atitudes subjetivas na questão de planejamento e trabalho de grupo, os quais me mostraram que eu (assim como a maioria das pessoas) precisamos de uma melhoria nesses quesitos. Acho que a falta de hábito em realizar essas tarefas no dia a dia (mesmo com listas de afazeres e agendas) dá bases para a falta de visão do todo e empatia. Tiveram várias outras partes que me chamaram a atenção na dinâmica, mas mesmo se eu juntasse todas elas, ainda sim, seriam a menor parte da minha reflexão de ontem. Isso porque o que eu descobri, e o que eu vou levar pra minha vida é o fato de que, estar em um ambiente que a todo momento fala sobre igualdade de gênero, não imuniza as pessoas de práticas machistas sem que elas tenham a prova disso na prática.

Sinceramente eu não me lembro da última vez que fiquei com tanta vergonha e tristeza de uma atitude própria. Mas agora, depois de tudo que a gente discutiu em aula eu vejo que o incomodo que fica é realmente o que deve permanecer, só que não um incomodo que entristece e deprime, mas sim um sentimento que alerta pra que essas práticas de desigualdade não aconteçam sob nenhuma circunstância.

Enfim, eu só queria me desculpar pelas atitudes, que mesmo impensadas acontecem e afetam a vida de milhares de mulheres todos os dias. E não só me desculpar, mas também agradecer a oportunidade de poder expor comportamentos que nem mesmo eu tinha consciência, mas que a partir de agora serão transformados em atitudes conscientes nessa constante luta pró igualdade de gênero. (Gabriel L – estudante de Biologia em 2018)

Eu juro que estou tentando professora, mas hoje o rolê tá complicado. Enfim escrevi de todas as formas possíveis e ainda não consegui

expressar tudo que esse dia ou até mesmo essa semana está significando.

E só consigo pensar que essa dinâmica representa minha vida (e a vida de todos). Um grande campo minado que só tá aqui pra meter o louco mesmo (tentando usar outras palavras), mas enfim um caminho cheio de bombas que foi feito por sei lá quem que ACHA que aquele caminho é o melhor. Pessoas ao redor gritando qual caminho seguir que bem provável vai te explodir, uma outra galera te avaliando anotando todos os seus passos para depois tacar na sua cara seus erros, mas tem uma parte desse campo minado que cansa só que é o mais necessário e é a luta diária da desconstrução.

Hoje foi uma mistura de críticas, sensações, debates, leitura, brigas, que eu realmente dei uma pirada (o dia real foi bem longo), mas parei pra analisar que estamos todos os dias em uma luta (o tal campo minado), não importa qual for ou quantas você estiver, sempre estamos lutando. Pra mim a desconstrução é o que mais cansa pq ela deve ser tanto interior quanto exterior, assumir que tenho conceitos a serem quebrados é uma atitude bem difícil, e tentar quebrar esses conceitos na sociedade e fazer com que ela te aceite/apoie é de uma exaustão imensa, porém necessária. (Ana Luíza Chesca – estudante de Biologia em 2018)

A aula de hoje foi uma coisa tão maravilhosa, eu amei tanto a dinâmica!!! Acredito que todos tenham percebido pontos importantes não só para a nossa formação docente, mas também para nossa formação como ser humano. Os pontos levantados a partir da dinâmica me levaram a uma reflexão de diversos aspectos, principalmente de como podemos ser grandes quando estamos unidos, não somente como um grupo, mas como uma verdadeira equipe que almeja o sucesso.

De forma não intencional o machismo se mostrou presente em nossa dinâmica e me fez perceber como ele está impregnado em nossa cultura, mesmo de maneira implícita. Agradeço muito a Chesca por demonstrar sua frustração, que me fez lembrar que nós mulheres não devemos nos calar e que além de falarmos, devemos ser ouvidas. Parabéns aos meninos envolvidos porque perceberam o erro não intencional e pediram desculpas, vocês foram ótimos!!

A dinâmica tinha como objetivo refletir o ambiente escolar, me fazendo perceber que a intenção da escola não deve ser levar apenas um estudante a vitória, mas também todos os outros. Para que isto seja conquistado, nós como futuros professores devemos sermos unidos com toda a escola, escutando todos os seus membros, auxiliando, ajudando e contribuindo que a conquista.

Não quis estender muito a publicação, mas agradeço pela professora ter a proposto e também a todos os meus colegas de sala e o Antônio, que me ajudaram a compreender a importância de diversos pontos que foram abordados não discussão! (Bárbara – estudante de Biologia em 2018)

Sigo trabalhando com essa dinâmica e a cada turma que chega vivenciamos novas e ricas experiências. A juventude é aberta às novas aprendizagens e acho que esse caráter reflexivo que ela proporciona tem sido bastante relevante no processo formativo de futuros e futuras professoras. O trabalho sobre a importância do planejamento e da avaliação segue com grande potência quando discutido à luz do campo minado.

Figura 24 – Campo Minado, turma de Biologia 2017.



Fonte: A autora.

Figura 25 – Campo Minado, turma de Biologia 2018 II



Fonte: A autora.

Figura 26 – Campo Minado, turma de Teatro – 2022 (primeira turma presencial, pós pandemia).



Fonte: A autora.

#### 4.2.3.6 Projeto integrado – 2º ano curso de Pedagogia (2016 a 2020)

Atuar como professora de Didática, em especial no curso de Pedagogia, possibilitou a vivência de diferentes experiências ricas e intensas para o meu processo de formação como professora do ensino superior.

Uma das propostas de formação foi a tentativa do curso de trabalhar de modo integrado, procurando juntar as disciplinas oferecidas em cada ano do curso, já que a Pedagogia é um dos poucos cursos que é anual. Na maior parte desses longos vinte e seis anos, atuei no segundo ano do curso de Pedagogia. Nós, docentes do segundo ano, nos reuníamos para pensar propostas de atividades integradas entre docentes do mesmo ano do curso.

O primeiro ano do projeto ocorreu em 2016 e contou com o nosso maior empenho, ao ponto de nos envolvermos no grande desafio de experimentar as artes cênicas. Idealizamos o projeto a partir de um livro, *História de Serena*<sup>15</sup>. Nós, docentes do segundo ano de pedagogia, lemos esse livro e nos encantamos e o nosso grande objetivo foi pensar a escola a partir do olhar de Serena, uma aluna da escola básica que olhou criticamente

<sup>15</sup> MACBEATH, John; SCHRATZ, Michael; MEURET, Denis; JAKOBSEN, Lars Bo. **A História de Serena: viajando rumo a uma Escola melhor**. Portugal: Edições ASA, 2005.

para a organização da escola que ela frequentava em Portugal. Queríamos muito que as alunas do curso de Pedagogia lessem o livro e, a partir dele, discutissem a escola que temos. Esse projeto foi realizado durante os anos de 2016 e 2017. No ano seguinte mudamos a temática.

O projeto se iniciou construindo com a turma os nossos E Ses... se referindo a uma ação da personagem do livro História de Serena, ou seja, propusemos a construção de nossas hipóteses para que a escola seja melhor do que é. Depois, cada estudante procurou caracterizar os/as personagens do livro e suas práticas. Em seguida, em grupo procuramos categorizar os principais temas discutidos no livro. Depois disso, cada estudante procurou refletir sobre sua trajetória individual na escola e trouxe registros para um debate em grupo a partir de temáticas escolhidas para aprofundamento. Finalmente, mais uma retomada ao livro foi feita através de registros das pistas que o livro trouxe para pensarmos uma escola melhor. Estas pistas foram compartilhadas em uma grande roda e após uma encenação feita por nós, professoras, a partir das trajetórias das estudantes. Concluímos escrevendo novos E Ses... agora, com o foco no curso de Pedagogia.

A encenação que fizemos procurou trazer à tona o modelo tradicional de escola. Nos caracterizamos usando figurinos sérios, fechados, com trajes pretos e máscara branca no rosto com traços de seriedade, com o intuito de chamar a atenção para o modelo de escola tradicional que convivemos até hoje. Assim, nos caracterizamos como professoras muito sisudas e autoritárias, mantendo uma relação bem distante das alunas e uso de objetos que carregam a ideia de punição dentro da escola, como é o caso da régua e da borracha, trazendo a ideia de proibir o erro. Os símbolos por nós usados foram: régua e borrachas gigantes, papéis em branco para representar as provas com notas em vermelho, que entregaríamos para as alunas, e caderno de anotações dos comportamentos.

Sáimos pela Universidade já em performance o que gerou grande curiosidade. Andávamos com olhar altivo e fisionomia de pessoas autoritárias, sérias, sem piscar os olhos e encarando as pessoas. Chegamos na sala de aula juntas e colocamos a sala em fila, “em ordem”. Anunciamos que aquele seria dia de entrega de notas. As alunas responderam de modo diferente: o turno da manhã ria muito e às vezes brincavam tentando nos tirar da concentração, mas a turma do ensino noturno se ateve à encenação e demonstrava tristeza no olhar e seriedade. Houve aluna que chorou durante a encenação. Mais tarde, durante o debate sobre tudo aquilo, ficamos sabendo dos sofrimentos já vividos por essas alunas em suas histórias escolares.

Cada uma de nós quatro, professoras do segundo ano, assumiu uma tarefa: eu seria a professora que anunciaria que aquele dia era o de entrega das notas das provas. Para isso, eu lia o nome de cada aluna em ordem alfabética e a nota era apresentada em ordem decrescente, da maior nota para a menor, a qual chegaria a zero. Entregamos uma folha A4 com a tabuada e conteúdos tradicionais para cada uma das alunas. De propósito, fazíamos uma cena bem dramática e chamávamos a atenção daquelas alunas com notas ruins.

As outras professoras Aléxia, Camila e Maria Simone, passavam pelas carteiras e anotavam os nomes, apagavam escritos das alunas ou mesmo chamavam a atenção por mal comportamento. Camila deveria ainda deixar a grande borracha na carteira de alguém e no meio da entrega de notas, tomar a borracha da aluna e dizer bem alto que era proibido usá-la. Maria Simone deveria colar uma estrelinha na folha de quem havia tirado 10 e exagerar nos parabéns. Aléxia deveria apresentar seu caderno/diário com escritos sobre cada uma das alunas.

Figura 27 – Encenação a escola tradicional – momento de preparação das personagens – docentes do segundo ano do curso de Pedagogia



Fonte: A autora

Depois de toda a encenação, ocorreram as conversas sobre as experiências das alunas e foram emocionantes. Concluimos com a certeza de que nossa escola é autoritária

e excludente para a maioria dos e das alunas. A partir dessa conclusão, apresentamos o livro de Serena para motivar sua leitura completa, um romance que traz experiências do cotidiano da escola. Um livro envolvente e que poderia chamar a atenção das alunas sobre a importância de reconstruirmos a prática docente.

Depois da leitura, tivemos novos encontros com o intuito de discutir a “história de Serena” e as possibilidades que a personagem trazia para a escola. Usamos fragmentos do livro para fazermos o exercício com as alunas. Chamamos esse encontro de MOMENTOS DO E SE... Serena, a personagem do livro, fazia questionamentos e neles ela apresentava também possibilidades e trouxemos a linguagem de Serena para o nosso debate.

### **AS HISTÓRIAS DA ESCOLA**

E se as histórias fizessem parte da escola?  
 E se os sujeitos se identificassem com a escola?  
 E se a gente aprendesse na escola?  
 E se o que a gente aprende na escola fosse interessante?  
 E se as pessoas fossem importantes para a escola?  
 E se a escola fosse parceira da família?  
 E se os/as estudantes fossem o centro da escola?  
 E se os/as profissionais da educação fossem bem remunerados/as?  
 E se a escola fosse para a vida?

A partir dos “E Ses...”, propusemos uma problematização individual:

### **PROBLEMATIZAÇÃO INDIVIDUAL**

A partir da leitura da história de Serena faça o exercício de problematizar sua trajetória formativa: que marcas positivas e/ou negativas a escola deixou/fez em você? Essas marcas influenciam sua concepção de educação? Como você aprendeu os conhecimentos “ensinados” pela escola? A escola te ensinou? O que ensinou? O que é ensinar? Como você aprendia? O seu processo de escolarização contribuiu para a sua compreensão da realidade educacional?

Por fim, organizamos grupos de discussão para que as alunas também pudessem levantar possibilidades para as nossas escolas. Em cartazes criativos, as turmas fizeram bonitas trocas e conseguimos importantes reflexões e motivações para a importância do trabalho pedagógico. Elas concluíram escrevendo um cartaz com a escolha de um E SE... para a turma, conforme mostrado abaixo:

E se ... professores, alunos e pais fossem os atores/chave no palco do sistema educativo? (Alunas do 2º ano de Pedagogia – Diurno, 2016)

E se... mudássemos a Escola através da autoavaliação partilhada? (Alunas do 2º ano de Pedagogia – Noturno, 2016)

Figura 28 – Momento de construção em grupo dos E Ses – Livro A escola de Serena



Fonte: A autora.

Figura 29 – Turma de 2º ano da Pedagogia Diurno



Fonte: A autora.

Em 2018 reestruturamos o nosso projeto e desenvolvemos outras temáticas, mas o projeto foi realizado até o início de 2020. Infelizmente, não conseguimos continuar os encontros coletivos de preparação que a atividade exigia e logo tivemos a pandemia.

#### *4.2.3.7 O PIDID Pedagogia: e a Universidade vai para as escolas*

Ainda sobre o ensino, não poderia deixar de falar sobre a minha participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, uma experiência muito potente e promissora para a formação de professores e professoras. O Programa foi criado em 2007, subsidiado pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), e que tem como finalidade a valorização da docência para a educação básica, bem como proporcionar às/aos futuras/os professoras/es participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes. Tais experiências são desenvolvidas por Instituições de Educação Superior – IES em parceria com as escolas de educação básica da rede pública de ensino. Na UFU, o Pibid foi implantado em 2008 e tive a oportunidade de participar desde sua implementação, permanecendo até o início de 2018. Foi uma importante oportunidade de vivenciar uma estreita relação entre a Universidade e as escolas. No meu caso, fui coordenadora do Pibid – Pedagogia e em todos os editais desenvolvemos projetos com o ensino médio. Nesse processo, acredito que conseguimos ao menos atenuar a grande distância e a falta de diálogo entre esses níveis de educação, fortalecendo assim os processos de formação inicial e a formação permanente dos docentes das instituições participantes. O subprojeto Pedagogia foi pensado com o intuito de contribuir, de forma crítica, para o processo de reflexão, problematização e análise da prática da/o pedagoga/o, a partir dos avanços e dificuldades encontradas no cotidiano escolar.

As ações do PIBID – Pedagogia iniciaram-se a partir de estudos sobre a realidade escolar e tomou como base teórica a análise da realidade conforme aponta Vasconcellos (2000). Esse subprojeto inicialmente envolvia três escolas públicas da rede estadual de ensino médio e a partir de 2012 passou a atender apenas a duas delas. O nosso trabalho tinha como foco as ações da/o pedagoga/o no ensino médio. A equipe de trabalho contou com 24 bolsistas inicialmente, e depois com dezesseis estudantes do curso de Pedagogia. Contávamos também com três pedagogas das escolas participantes, e depois de 2012 apenas com duas, sendo uma por escola, as quais atuaram como professoras supervisoras do subprojeto. Por fim, atuei como coordenadora do subprojeto e como professora de

Instituição de Ensino Superior – IES. As nossas experiências ocorreram tanto no diurno como no noturno. Importante destacar que a possibilidade de trabalhar com realidades distintas, como é o caso do ensino noturno em relação ao diurno, enriqueceu sobremaneira o conhecimento adquirido pelas bolsistas acerca do cotidiano da escola.

Uma das ações das PIBIDIANAS foi tentar refletir sobre o acesso ao ensino superior para estudantes do ensino médio noturno das escolas públicas. Naquele tempo ainda não existiam as cotas e o primeiro impacto das bolsistas foi perceber que, apesar de os e as alunas estarem cursando o terceiro ano do ensino médio, ninguém pretendia prestar vestibular para ingressar na UFU. Assim como meu pai cresceu pensando que ele não poderia entrar no campus da UFU, conforme relatei durante minha graduação, aqueles e aquelas alunas também não entendiam que era um direito a eles e elas negado. Essa realidade gerou nas bolsistas a vontade de mudar essa realidade e para isso organizaram um grande evento com estudantes da UFU, os quais foram nas escolas falar sobre diferentes cursos de graduação e tentar mostrar que a instituição é pública e é um direito de todas as pessoas. Fizemos uma feira de profissões, mas mesmo com muito esforço, ninguém naquele ano se inscreveu para prestar o vestibular.

Alguns depoimentos de ex-bolsistas confirmam a potencialidade desse Programa para o processo formativo de futuros/as docentes. Minha experiência também permite afirmar que o contato com a realidade escolar é fundamental, porém necessário que todos e todas as estudantes das licenciaturas passem por essa experiência formativa.

Através do PIBID pude vivenciar o chão da escola, suas dificuldades, suas contradições, pude ver, e sentir as dificuldades dos alunos que fazem ensino médio a noite [...] Através das discussões que foram feitas através dos textos pude me tornar mais crítica em relação as questões que aparecem nos discursos dos diretores e das questões que aparecem no dia a dia da escola.” (Ex- Bolsista Subprojeto Pedagogia – 2010)

O programa para mim é uma oportunidade de conhecer e lidar com a realidade escolar. O contato direto com a supervisora da escola, que mesmo em uma conversa que parece sem importância tem algo a passar. O relacionamento com alunos, funcionários e toda a comunidade escolar é o que o programa tem a me oferecer. A chance de conhecer e transformar os meus pensamentos e sentimentos em relação à docência. A oportunidade de trabalhar em grupo, de decidir projetos são conceitos que vou levar para o resto da vida. (Ex- Bolsista Subprojeto Pedagogia – 2012)

Ao entrar no PIBID é que pude compreender o grande enriquecimento que esse Programa propicia na carreira acadêmica de cada bolsista e da professora supervisora, pois ambas aprendem umas com as outras e podemos ver de perto o trabalho pedagógico exercido pela supervisora

e desde já, conhecer o cotidiano de uma escola pública. O PIBID me proporciona um conhecimento mais amplo e concreto sobre o ambiente escolar, tanto em relação à própria escola, com seus documentos e regras, como em relação aos seus integrantes. Esse conhecimento adquirido não se encontra no curso. (Ex- Bolsista Subprojeto Pedagogia – 2014)

De fato, um dos méritos desse projeto é a inserção nas escolas, na realidade, e, em especial, no ensino médio, um tema pouco estudado no curso de Pedagogia. As bolsistas eram egressas dessa etapa da educação básica e para a escola voltam com um olhar de quem está em formação. Mudam olhares e há um amadurecimento do ser estudante que afeta o curso de Pedagogia. Assim, o nosso trabalho procurou sair dos isolamentos, que geralmente caracterizam os ambientes formativos no interior da Universidade e da própria escola, no sentido de buscar rumos férteis de novas possibilidades formativas a partir da formação teórico-prática de profissionais da educação.

De todo o trabalho desenvolvido, conseguimos um fortalecimento dos processos de formação inicial das bolsistas em seus aspectos político-pedagógicos e identificamos mudanças de comportamentos e olhar crítico acerca da realidade escolar. Aprendemos juntas: professora do ensino superior, estudantes de Pedagogia e pedagogas das escolas de ensino médio.

Figura 30- Subprojeto Pedagogia PIBID – Santa Mônica



Fonte: A autora.

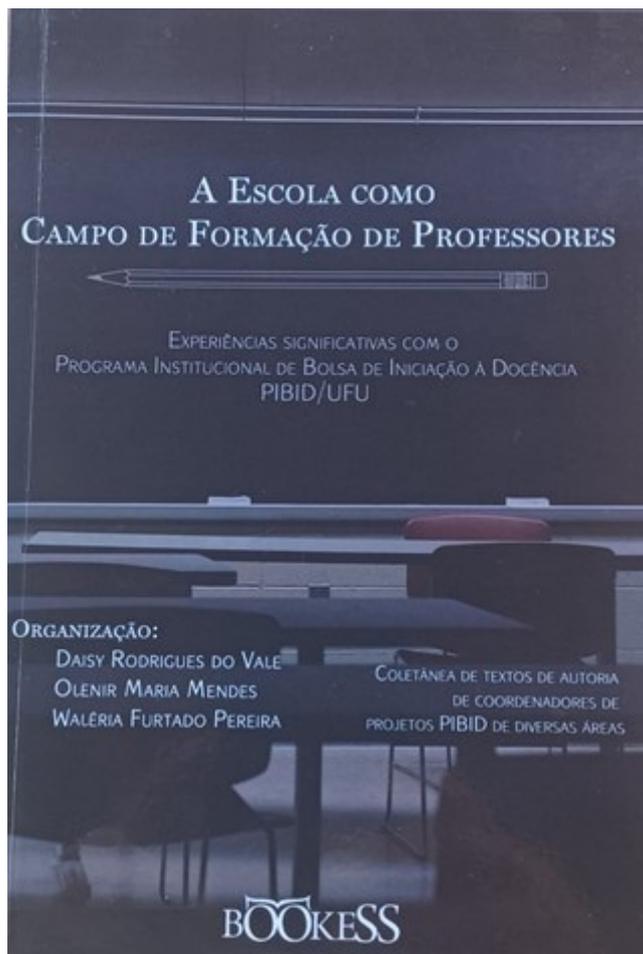
Figura 31 – Atividades do Pibid Pedagogia nas escolas



Fonte: A autora.

O Pibid UFU foi também espaço de compartilhamento de diferentes experiências, pois a coordenação institucional, além de realizar reuniões periódicas com temas ligados aos projetos, organizava também os Seminários Institucionais para o compartilhamento das experiências nas escolas. Também tive a oportunidade de participar da organização de um livro sobre algumas experiências e aprendizados a partir do Pibid.

Figura 32 – Capa do livro do Pibid UFU



Fonte: A autora.

VALE, Daisy Rodrigues do; MENDES, Olenir Maria; PEREIRA, Waléria Furtado (Org.). **A escola como campo de formação de professores: experiências significativas com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/UFU**. 1ªed. Florianópolis-SC: Bookess, 2015, v. U.

Buscar as memórias, mais especificamente da sala de aula, me trouxe boas energias, esperanças e um sentimento de dever cumprido. Rever os encontros, mesmo que por meio dos registros, tanto escritos como de imagens, me trouxe clareza e abriu caminhos para continuar pensando e repensando minha prática docente. Encerro essa seção com o coração tranquilo e a certeza de que tenho me esforçado bastante para ser uma boa professora. Minha ex-aluna Karol e tantos outros relatos fortalecem esse sentimento.

Confesso que a disciplina me abriu a cabeça para diversas questões que giram em torno do “ser professor ou professora”. Percebi que dar aula não é simplesmente fornecer a matéria aos alunos, dar aula é se preocupar e entender a realidade de cada estudante que ali está presente e tentar buscar ao máximo o seu envolvimento com o conteúdo. Aprendi que não se deve encarar todos os alunos e alunas de uma sala como uma coisa só, deve-se ter em mente que cada mente ali é única pois passaram por experiências diferentes. A atividade do educador ou educadora é muito mais difícil, porém igualmente nobre, do que eu pensava e, com certeza, buscarei mostrar isso no futuro.

A disciplina superou as minhas expectativas, aprendi muito mais do que eu esperava. Sem falar que proporcionou muitos momentos de reflexões, não só sobre a escola, mas também sobre o mundo. Levarei para a vida muitos dos ensinamentos compartilhados no momento da roda de conversa e durante as aulas. Gostaria de agradecer profundamente pelas aulas e creio que a disposição dos conteúdos e a maneira de como foi feita a avaliação final foram ótimos e justos, sugiro que continue nos próximos semestres. (Karol, Turma de Didática Enfermagem – 2015 I)

Na próxima seção procuro trazer um tema muito caro que percorreu quase toda a minha vida acadêmica, seja no ensino, na pesquisa e na extensão: a avaliação formativa. Resolvi destacá-lo separadamente justamente por sua relevância e influência em minha atuação profissional. Resolvi apartar dessa seção e das atividades de ensino, por entender que há uma dinâmica que precisa ser explicitada. Pretendo falar da intencionalidade da avaliação formativa a partir da minha prática, como formação e como princípio para minha vida como docente. Vou tratar também da disciplina que tenho trabalhado na Pós-Graduação porque esse é o conteúdo da disciplina. Ressalto que é uma separação apenas metodológica. Espero que dê certo.

## 5 A AVALIAÇÃO FORMATIVA NA PRÁXIS

Em primeiro lugar acho importante dizer que acredito muito na escola como espaço de micro revoluções. Acredito na potência das crianças e adolescentes como sujeitos dessas micro revoluções. Acredito na necessidade do afeto nas nossas relações de ensino aprendizagem. Acredito na professora, no professor como sujeito que possibilita o diálogo e que se coloca em postura de constante aprendiz. Acredito nas pequenas mudanças de hábitos viciados, de formas congeladas de pensamento e ação. Acredito na ação.

Foi uma grande felicidade, para mim, ter compartilhado do espaço de discussão proposto na disciplina de Didática Geral. Foi uma felicidade, pois encontrar os nossos parceiros e parceiras, pessoas que acreditam no poder de mudança. É como renovar as próprias convicções, reconforta, gera força. E é sob o efeito dessa força, gerada pelo encontro entre pessoas (não só professores e alunos) com seus históricos, crenças, desejos, que escrevo esse texto.

Quando, no início do semestre, a professora Olenir sugeriu a ideia de trabalharmos com uma metodologia de ensino diferente das que já estamos acostumados (e cansados de tanto se acostumar), eu já me senti completamente à vontade, justamente por perceber a possibilidade de abertura que aquela disciplina poderia oferecer. E eu não estava errada! Durante o semestre, a sensação de *ter voz* e poder *compartilhar* essa voz, *ouvindo* também as *outras vozes*, foi sem dúvida muito presente em todas as aulas. Esse espaço para o diálogo horizontal foi o principal ingrediente para a nossa receita, cozida durante todo semestre e oferecida agora ao final do período.

Um dos principais motivos para que a disciplina tenha percorrido um caminho tranquilo, foi a possibilidade de trabalhar com uma turma que, embora diversa, possuía uma capacidade imensa de *escuta*, de abertura para o *outro*, para *a outra*. A generosidade e o afeto que cada membro dessa equipe se dispôs a ter foi o que possibilitou as comunicações pautadas pelo *olho no olho*, pela verdade de ser quem se é, pelo respeito na vivência de cada um. Esse é o ponto inicial para que as relações se desmistifiquem, desconstruam as suas hierarquias, se renovem, e aconteçam com o propósito de mudança.

Um ponto importante de aprendizagem foi entender os procedimentos para realizar um trabalho em equipe e a necessidade de comprometimento para que esse trabalho se concretize. Nesse aspecto acredito que eu poderia ter me doado mais, principalmente na relação com a presença. Sinto que teria aproveitado mais o processo se não tivesse faltado em nenhuma aula e, conseqüentemente, deixado de realizar algumas atividades da disciplina. Isso, de certa forma, foi também um aprendizado: entender a importância que cada corpo (vivo, real, concreto, presente), cada indivíduo tem para o coletivo.

Outro ponto muito interessante que, também foi trabalhado na disciplina, foram os estudos sobre *Avaliação Formativa*. Esse é um dos principais pontos de questionamentos que encontramos na área da educação: *como avaliar o processo de aprendizado da outra pessoa? É possível avaliar o que o estudante aprende?* Foi muito enriquecedor perceber outras formas possíveis de se estabelecer uma avaliação justa, não comparativa, que estabelece uma relação honesta com o processo de aprendizagem. É necessário estarmos cada vez mais conscientes

desse processo, é necessário não perdemos de vista nosso propósito dentro do espaço escolar.

Sobre a possibilidade de nos autoavaliar, acredito ser um exercício de autoconhecimento muito potente, desde que cada um tenha consciência da sua real participação no processo. Esse exercício é, sem dúvida, uma possibilidade de nos olharmos profundamente e revisitar as nossas forças e nossas fraquezas e poder fortalecê-las. Faz parte do processo de aprendizado sermos honestas e honestos ao olhar para nossos percursos, sem autopromoções ou autodestruições. Olhar, sem medo, as próprias ações é possibilitar transformá-las. Sejamos, por favor, honestos com o nosso próprio aprendizado.

Por fim faço um apelo: continuemos acreditando no poder de mudança; continuemos nos repensando como pessoas, *indivíduos*, sujeitos políticos; continuemos tendo força para enfrentar a avalanche política atual que estamos vivendo; continuemos levando para escola e para a sala de aula o que de melhor existe nos sujeitos que somos; continuemos capacitados a ouvir o que o outro tem a dizer, sobretudo quando o outro diz sobre nós; continuemos “quebrando a cabeça” para propor melhorias no campo educacional; continuemos a ter o *afeto* como principal metodologia de ensino; continuemos a ser quem somos, sem perder de vista quem ainda podemos ser; continuemos.

Deixo aqui as palavras de Drummond para que possamos seguir juntos:

*Não serei o poeta de um mundo caduco  
Também não cantarei o mundo futuro  
Estou preso à vida e olho meus companheiros  
Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças  
Entre eles, considero a enorme realidade  
O presente é tão grande, não nos afastemos  
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.*  
(Carlos Drummond de Andrade)

(Juliana Marques, Turma de Didática Música – 2017 II)

Não poderia iniciar essa seção sem o relato de minha ex-aluna do curso de Teatro. Juliana fez Didática comigo, junto da turma de Música, no segundo semestre de 2017. Seu relato permite compreender a relevância das experiências que temos construído no campo da tridimensionalidade aprendizagens-avaliação-ensinagens. Esse processo tem ocorrido por eu ter procurado incorporar os aprendizados resultantes das pesquisas que desenvolvemos coletivamente no Gepae, sobre o qual falarei com detalhes na seção cujo tema será a Pesquisa.

De fato, ter me tornado pesquisadora em Avaliação Educacional tem afetado, sobremaneira, a minha prática como docente tanto na graduação, nas disciplinas Didática II para o curso de Pedagogia, Didática geral para as outras licenciaturas, como também na pós-graduação, no oferecimento da disciplina Tópicos Especiais em Saberes e Práticas Educativas II: Avaliação educacional, para o Mestrado e Doutorado. Desse modo, falar sobre a minha atuação no ensino é também tratar da minha prática avaliativa e como ela

tem se consolidado a partir de estudos e pesquisas que desenvolvemos no Gepae. É justamente nesse tema que consigo visualizar maior consolidação do tripé ensino, pesquisa e extensão, de modo inter-relacionado.

Nos últimos dez anos, nós, do Gepae, temos nos dedicado a estudar com profundidade a temática avaliação formativa e sua potencialidade para a concretização de aprendizagens significativas. Os estudos e pesquisas sobre a avaliação educacional têm sido unânimes em reconhecer que a prática da avaliação precisa ocorrer em estreita relação com o fazer docente e discente (FERNANDES, 2011; MENDES, 2006; VILLAS BOAS, 2022). Isso significa reconhecer a tridimensionalidade na relação entre aprendizagens-avaliação-ensinagens.

Figura 33 – Desenho feito pela aluna Dara do curso de Matemática, turma 2021-II



Fonte: A autora

Avaliar é, acima de tudo, um processo pedagógico que tem a ver com a aprendizagem e com o ensino. Um poderoso processo que deve ajudar professores e alunos a ensinar e a aprender melhor, respectivamente. Um processo que, tanto quanto possível, deve estar fortemente articulado com os processos de ensino e de aprendizagem. (FERNANDES, 2011, p. 86)

A compreensão desse papel da avaliação promove uma reorganização do trabalho pedagógico dentro da sala de aula. Não seria coerente uma pesquisadora em avaliação não ter sua prática docente afetada por seus estudos e pesquisas. Assim, encontra-se em processo uma constante experimentação de diferentes procedimentos e práticas avaliativas com os e as estudantes das licenciaturas que cursam a disciplina

Didática comigo, como também estudantes da pós-graduação. Um aprendizado significativo que se refere à intencionalidade da avaliação formativa, ou seja, a aprendizagem.

A avaliação formativa trata-se de uma avaliação, que tem como objetivo promover e acompanhar as aprendizagens dos/das estudantes durante toda a trajetória escolar. Essa proposta visa aniquilar as frustrações e os medos, que outros tipos de verificação instituem.

Avaliar é uma prática social que não pode ser confundida com uma das chamadas ciências exatas e muito menos com uma mera técnica. Por isso mesmo, para que possa ser tão rigorosa quanto possível, para que possa ter a credibilidade que se exige e para que os seus resultados possam ter real significado para todos os envolvidos, é necessário compreender e assumir a sua natureza e os seus aspetos mais controversos. Penso que, dessa forma, todos ficaremos melhor preparados para fazer da avaliação um processo ao serviço do bem-estar das pessoas, das organizações e da própria sociedade. (FERNANDES, 2011, p.84).

Por meio desse posicionamento, a/o professor/a tem mais elementos para conhecer cada estudante e, também, de replanejar suas ações, pois o percurso de aprendizagem é individual e, por meio da avaliação, a/o professor/a poderá compreender melhor o que a/o estudante sabe e, principalmente, do que ela/e precisa para avançar na escolaridade. (MENDES, et al, 2018, p. 84)

Na graduação e na pós, o tema avaliação passou a ser estudo inicial das disciplinas que leciono, especialmente, nos últimos dez anos. Com o propósito de convidar, na verdade, seduzir os alunos e alunas para assumirem comigo a prática da avaliação formativa. O primeiro dia de aula tem sido reservado para que a turma expresse sua relação com a avaliação em suas experiências escolares anteriores e, partir de uma dinâmica, trazemos a visão da turma, para, em seguida, propor uma outra prática, diferente das experiências já vividas, e que se encontra em experimentação. Assim, apresento a eles e a elas a Avaliação Formativa. A ideia é que cada estudante apresente a sua experiência de avaliação ao longo de sua trajetória escolar, por meio de cinco palavras, conforme a turma de Letras trouxe abaixo:

Figura 34 – Dinâmica: Avaliação em 5 palavras no primeiro dia de aula de Didática, na turma de Letras 2022 I – Parte I



Fonte: A autora.

Figura 35 – Dinâmica: Avaliação em 5 palavras no primeiro dia de aula de Didática, na turma de Letras 2022 I – Parte II



Fonte: A autora.

As palavras acima retratam uma cultura clássica de avaliação que tem cumprido uma função social de classificação e exclusão, a partir da lógica da escola capitalista (FREITAS, 2003). O primeiro dia de aula, sem intenção de buscar aprofundamento, trago

essa dinâmica para que cada pessoa compreenda que estamos negando uma lógica excludente de avaliação e que é cultural, ainda muito viva nas escolas. Instigo-os para assumirmos outra lógica, que, ao contrário, tem na essência a inclusão, porque pretende que a aprendizagem de fato ocorra.

Desse modo, as aulas se iniciam com o tema avaliação, por meio de uma boa conversa e uma importante tomada de decisão. O primeiro momento é saber se a turma concorda ou não em desenvolver, ao longo do semestre, experiências de avaliação formativa e para isso procuramos compreender algumas diferenças para tentarmos abandonar a lógica excludente da avaliação clássica, que muitas vezes carregamos dentro de nós, para acolhermos a lógica incluyente de uma avaliação para aprender. A primeira decisão proposta para as turmas é que os e as alunas deixem de ser meramente espectadoras e espectadores para o movimento imprescindível de fazer COM, de buscar um espaço ativo de aprendizagens e é nesse espaço que a avaliação formativa ocorre. Em seguida apresentamos, de modo sucinto, a proposta de avaliação formativa, a qual é conteúdo da disciplina de Didática e passa a ser também proposta metodológica e avaliativa a ser vivenciada ao longo do semestre.

Apresento então a Proposta de Trabalho Avaliativo para a disciplina. Não pretendemos que seja mera mudança de nomenclatura, mas mudança de lógicas. Precisamos compreender o sentido da avaliação e a importância de, a cada aula, construirmos propostas que possibilitem o acompanhamento das aprendizagens de cada estudante. Assim, vamos tentando refletir com a turma e construindo novas práticas que possam nos ajudar a vivenciar a tridimensionalidade do processo: aprender/avaliar/ensinar. Faz parte de nossas conversas iniciais a tomada de decisão acerca da avaliação somativa. Fazemos um combinado de somente ao final de todo o trabalho fazermos juntas e juntos a transformação da avaliação formativa em avaliação somativa para atender às exigências do sistema de avaliação da instituição. Combinamos de cada atividade avaliativa formativa ser acompanhada de um *feedback* da professora, no qual buscamos explicitar os acertos, os erros e perspectivas do que fazer para buscar atingir o objetivo, quando ele ainda não ocorreu. Usamos a palavra “AINDA” como indicação de que a não aprendizagem é uma situação provisória e que ao ser trabalhada, com certeza, o objetivo será alcançado.

Combinamos de, em todas as propostas de trabalho avaliativo, o *feedback* síntese ser: OBJETIVO Atingido – OA; Objetivo Parcialmente Atingido – OPA; Objetivo Não Atingido – ONA. Assim, durante todo o semestre, a turma recebe esses retornos e vamos

coletivamente buscando alcançar os objetivos. Ao final, os e as estudantes, junto com a professora, tomam as decisões sobre os processos de transformação da avaliação formativa em somativa.

Nessa proposta, diferentes formas de registros têm sido usadas como uma prática significativa para ajudar no acompanhamento das aprendizagens. São os registros que conseguem revelar acertos, erros e potencialidades. Entretanto, os erros são parte do processo e indicam necessidade de ações para superá-los; daí pensamos juntas e juntos sobre o que fazer ou se é necessário refazer. Faz parte desse processo compreender a importância do registro, como também seus vários tipos. Para isso, Nietzsche e Madalena Freire tem contribuído sobremaneira. Fazemos uma importante reflexão a partir de dois grandes pensamentos:

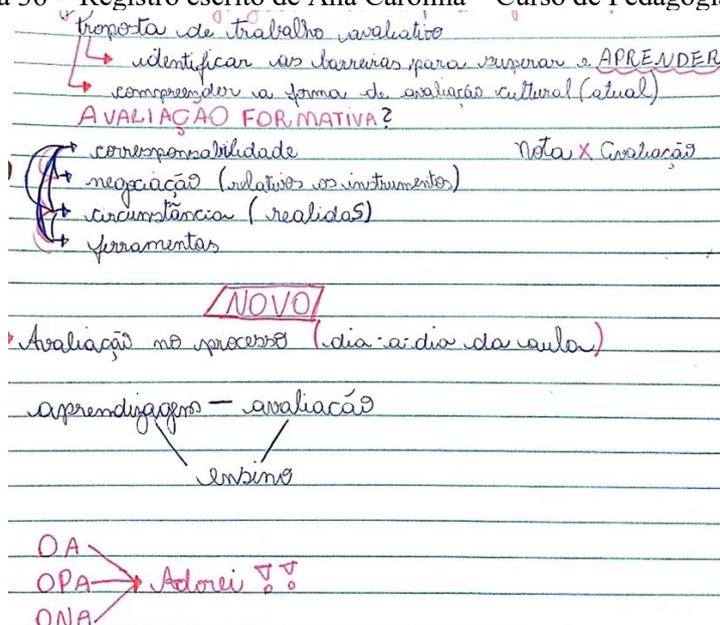
De tudo que está escrito, eu amo somente aquilo que o homem (ser humano) escrever com o seu próprio sangue. (Nietzsche)

Escrever dá muito trabalho, porque organiza e articula o pensamento na busca de conhecer o outro, a si, ao mundo. Envolve, exige, exercício disciplinado de persistência, resistência, insistência, na busca do texto verdadeiro, aquele que ‘o ser humano escreve com o seu próprio sangue’.

Escrever deixa marca, registra pensamento, sonho, desejo de morte e vida. (Madalena Freire)

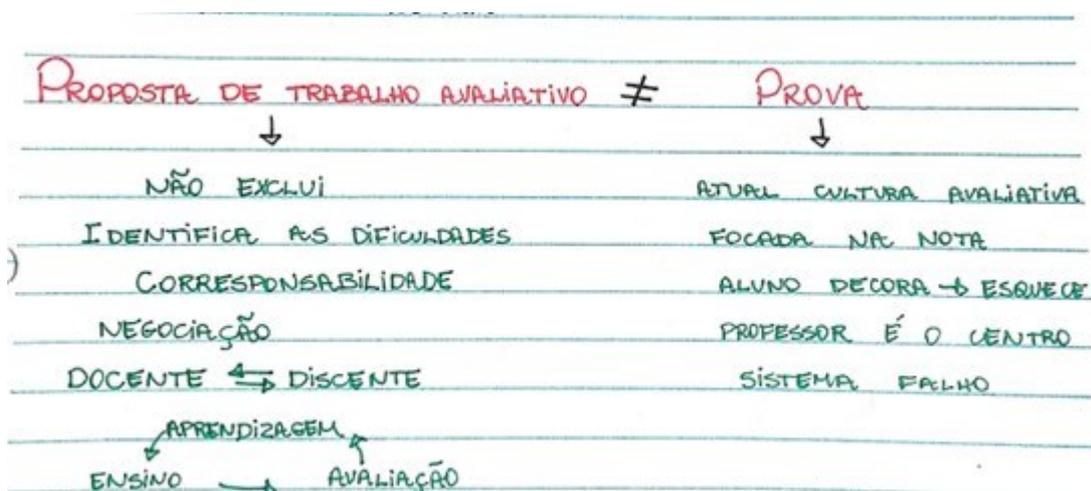
Abaixo apresento dois registros de aulas que ajudam a compreender esse processo. Ao final da aula, cada estudante apresenta o seu registro, da forma que achar melhor e por através deles consigo acompanhar as aprendizagens.

Figura 36 - Registro escrito de Ana Carolina – Curso de Pedagogia, 2019



Fonte: A autora.

Figura 37 – Registro escrito de Gabrielly – curso de Pedagogia – turma 2019



Fonte: A autora.

Outro aprendizado significativo refere-se ao envolvimento da turma na tomada de decisão sobre as práticas avaliativas. A participação de estudantes nos processos avaliativos tem sido uma importante transformação. Abaixo, um dos registros acerca dos consensos sobre como avaliação formativa deveria ocorrer.

### **Consensos da avaliação formativa (Pedagogia 2º ano Diurno – 2018)**

#### **OBJETIVO GERAL**

Registrar os consensos da avaliação formativa instituídos em sala de aula pela professora e os/as estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia.

#### **CONSENSOS DEFINIDOS EM SALA DE AULA**

No decorrer do processo de estudo sobre planejamento e avaliação formativa, a professora Olenir Maria Mendes propôs aos alunos/as do Curso de Graduação em Pedagogia, um questionamento, que fomentou algumas discussões acerca das estratégias de ensino-aprendizagem necessárias à construção efetiva dos conhecimentos pelos/as discentes. Essa exposição de ideias esteve de acordo com a indagação instaurada pela docente; como registrar as nossas aprendizagens significativas e não significativas de modo criativo?

Conforme os/as discentes da graduação, as nossas aprendizagens significativas ou não significativas podem ser realizadas por meio de músicas, rimas, poesias, desenhos, teatro, filmes, fotos, mapas mentais, jogos e a partir dos registros das peraltagens.

No interim dessa atividade, instaurou-se um diálogo acerca dos tipos e modos de registros que poderão ser estabelecidos durante as aulas de Didática II. A proposta instituída – por intermédio de um consenso – foi a realização de registros, os quais serão definidos pela docente e

pelos/as alunos/as no decorrer dos trabalhos, como também a formulação de anotações em que os/as discentes poderão desfrutar de qualquer estratégia para catalogar suas ideias.

Outrossim, foi definido a melhor maneira de organizar as aprendizagens construídas durante o percurso escolar. Houve algumas sugestões, como redes sociais, e-mail e cadernos. Todavia, essas alternativas não foram proficuas à situação proposta pela docente. Conforme a professora Olenir, esses registros devem perpassar pela avaliação extraclasse da docente, bem como torna-se necessário o fácil acesso do aluno/a a este material. Dessa forma, o consenso determinado foi a criação de uma pasta para Didática II, na qual arquivaremos todos os registros produzidos pelos educandos/as durante a trajetória escolar.

É importante salientar que essa avaliação não se trata de um portfólio, haja vista que esse acervo será constituído por todas as atividades redigidas pelo/a aluno/a. Porém, ficou em aberta a discussão sobre a realização de portfólios, apenas, no 2º Semestre. (Estudante de Pedagogia)

As Sínteses Rotativas (CARLINO, 2017) têm sido praticadas como alternativa de registros dos processos de aprendizagens de estudantes das licenciaturas. A cada aula escolhemos uma pessoa para fazer uma síntese do conteúdo trabalhado e na aula seguinte iniciamos com sua leitura. A turma também participa da avaliação, ajudando a perceber se houve compreensão ou se há algum aspecto a ser trabalhado. Segundo Carlino (2017), a síntese é uma oportunidade de escrita e de revisão da escrita e ajuda a aprender a tomar nota adequadamente, além de possibilitar uma aprendizagem coletiva, pois a leitura e discussão em sala representa uma nova oportunidade de aprendizagem. E como proposta de trabalho avaliativo, tem sido possibilidade de encontrar evidências sobre como os e as estudantes estão construindo suas aprendizagens sobre o conteúdo trabalhado em aula.

Soma-se a essas propostas a autoavaliação em conjunto com a avaliação por pares, a qual tem possibilitado reflexões importantes e aprendizagens significativas.

Figura 38 – Autoavaliação e avaliação por pares ou por colegas



Fonte: A autora.

A nossa proposta de autoavaliação ocorre em três momentos e tem como objetivos ajudar o/a estudante a reconstruir o seu processo de aprendizagem e desenvolver sua autonomia. Também pretendemos identificar e perceber os sucessos conseguidos e os erros cometidos (em que consistem, porque aconteceram, qual a sua lógica, como podem ser superados...). Assim, pensamos sobre como podemos aplicar os sucessos e corrigir erros ao longo do processo.

Segundo Sant'Anna (1995), o instrumento autoavaliação é capaz de conduzir os estudantes a uma modalidade de apreciação que se põe em prática durante a vida inteira. Se bem compreendida, pode desenvolver sentimentos de responsabilidade pessoal, possibilitar que o/a estudante enfrente as competências necessárias em várias tarefas e avalie suas próprias potencialidades e contribuições ao apreciar a eficácia dos esforços individuais e de grupo. Fazendo autoavaliação, seu papel em processos de grupo pode ser aclarado, quando aferem sua atenção individual por critérios desenvolvidos de modo cooperativo. Uma vez que se espera do/a estudante a responsabilidade por sua própria aprendizagem, principalmente em um curso de formação, é importante que se considere que isto somente ocorrerá se cada aluno e cada aluna tiver uma visão clara do que está tentando obter, dos objetivos da disciplina e de como está agindo a respeito.

Nesse sentido, o primeiro momento da autoavaliação é procurar responder à pergunta: Como chego para fazer a disciplina Didática? Convidamos os e as estudantes a refletirem sobre o fio que escolheram, ainda no primeiro mês de aula, para compor seu processo de formação na disciplina Didática. Para isso, cada estudante foi convidado/a a responder as seguintes perguntas:

- 1) Como você chegou para fazer a disciplina? Quais eram suas expectativas?
- 2) Como tem sido seu envolvimento pessoal no desenvolvimento das aulas? (realização das leituras, envolvimento nas discussões realizadas em sala, contribuição nas atividades do grupo, assiduidade, pontualidade)
- 3) Como você se coloca frente à questão do *ser professora ser professor* e como tem assumido sua formação?
- 4) Até o presente momento como tem entendido a *Didática*? O que pensa ser essencial aprender nesta disciplina?
- 5) Um aspecto importante da autoavaliação é traçar diretrizes para melhorar o caminho a ser trilhado, sempre que necessário. Em sua avaliação existem aspectos a serem melhorados no processo ensino-aprendizagem dessa disciplina? (Relacionados tanto ao trabalho docente quanto ao trabalho discente).

O segundo Momento, a pergunta é: Como tenho feito a disciplina Didática? Cada estudante é convidado/a a continuar seu processo de autoavaliação.

Continuando a reflexão sobre o fio que escolheu para compor seu processo de formação na disciplina Didática realizaremos hoje nossa segunda autoavaliação. Para isso, volte a primeira autoavaliação, releia suas respostas e reflita sobre o momento inicial de sua chegada e compare com o momento em que se encontra. Analise cada aspecto apontado abaixo e se autoavaliar.

1) Encerramos a 1ª autoavaliação afirmando que um aspecto importante no processo de autoformação é traçar diretrizes para melhorar o caminho a ser trilhado. Você conseguiu traçar essas diretrizes?

A) Se conseguiu, é possível perceber avanços/progressos em relação aos aspectos apontados na 1ª autoavaliação? Quais?

B) Se não conseguiu, é possível explicar o motivo? Em sua opinião, ainda há tempo para alcançá-los?

2) Como você se coloca em relação à proposta de avaliação estudada, discutida e escolhida pela turma? Tem conseguido assumi-la e exercitá-la com maturidade e autonomia?

3) Você já consegue identificar e explicar a concepção de avaliação que fundamenta nossa proposta?

Por fim, no terceiro e último momento perguntamos: Como saio após cursar a disciplina Didática? Com o olhar atento para as percepções acerca dos sucessos alcançados e os erros cometidos, chega-se ao final com a certeza de um processo que é sempre inacabado.

Para concluir a reflexão sobre o fio que escolheu para compor seu processo de formação na disciplina Didática realizaremos hoje nossa terceira autoavaliação. Se necessário, volte às autoavaliações anteriores, releia suas respostas e reflita sobre o processo, ou seja, sua chegada, sua permanência e sua saída.

Para este momento, reflita e realize sua autoavaliação a partir dos nossos objetivos e por meio das seguintes perguntas:

1) A experiência de realizar autoavaliação contribuiu para a reconstrução de seu processo de aprendizagem e de sua autonomia? Por quê? Procure deixar claro o seu entendimento de autonomia.

2) Explícite o seu envolvimento pessoal no desenvolvimento das aulas, de acordo com os seguintes aspectos (responda sim, não ou às vezes):

1-Assistiu às aulas do início ao fim (chegava ao início e só saía ao final das aulas)

2-Foi frequente

3-Foi responsável no cumprimento das tarefas

4-Teve sempre em mãos o material necessário

5-Fez leituras prévias em preparação às aulas

6-Fez anotações/registros das aulas

7-Consultou outras fontes para enriquecimento

8-Prestou atenção nas aulas e participou das discussões e atividades propostas

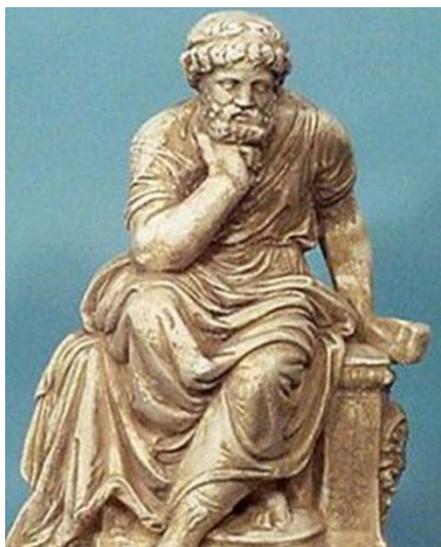
9-Foi persistente na realização das tarefas

10-Assumi a proposta avaliativa como parte de seu processo de aprendizagem.

Conte quantas respostas sim, quantas não e quantas às vezes.

3) Segundo Paulo Freire (1996), a nossa experiência discente é fundamental para a prática docente que teremos futuramente. É vivendo criticamente a nossa liberdade de aluno e aluna que, em grande parte, nos preparamos para assumir ou refazer o exercício de nossa autoridade docente. Como você se posiciona diante dessa afirmação? Esse é um espaço para você refletir sobre sua autoformação.

4) Comente a imagem abaixo procurando relacionar com o que aprendeu sobre Autoavaliação:



“conheça-te a ti mesmo” Sócrates

5) O que você aprendeu sobre a Proposta de Trabalho Autoavaliação? Como você utilizaria essa proposta em seu trabalho como docente? Quais os aspectos positivos e quais os negativos?

Depois de todo esse processo, conversamos em roda sobre a potencialidade da autoavaliação como contribuição para as aprendizagens e isso tem sido extremamente significativo em cada turma e a cada encontro. O resultado tem sido um riquíssimo material de coleta de dados, que tem contribuído significativa para as pesquisas sobre avaliação formativa.

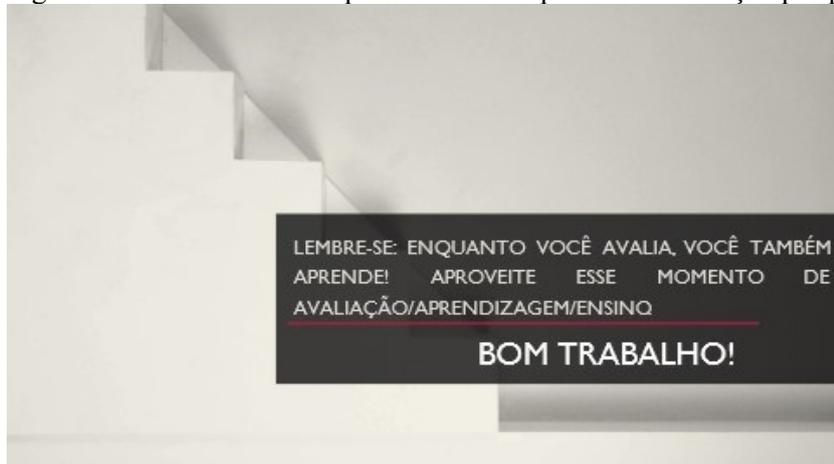
Sobre a autoavaliação, foi algo totalmente novo para mim. Eu me sinto muito desconfortável me autoavaliando, talvez porque sempre achamos defeitos em nós mesmo. Entretanto essa experiência não me incomodou, pelo contrário, revendo todas as atividades de didática que fiz ao longo desse semestre eu pensei, “garota, você fez muita coisa nesses seis meses”. Fazemos tantas matérias, tantos trabalhos e tantas provas, e no final olhar para trás e ver um feedback positivo, é reconfortante. Atividades que eu nem me lembrava, eu olho e vejo o quão bacana foi meu texto, meu trabalho. A autoavaliação foi positiva

não porque eu me dei uma nota, mas porque eu relembrei todo meu trabalho ao longo desse semestre, e me senti orgulhosa de mim!  
(Karol, Turma de Pedagogia – 2012)

Outra prática extremamente relevante é a avaliação por pares ou avaliação por colegas (VILLAS-BOAS, 2007). Esta é uma proposta que contribui com a práxis dialógica, colaborativa e co-construtiva. Podemos propor diferentes tarefas que podem ser avaliadas em duplas, ou em grupos, sempre com o acompanhamento docente, e é isso que temos praticado. Segundo Villas Boas (2007), essa proposta representa uma ajuda mútua que tem a vantagem de ser conduzida usando a linguagem própria dos e das estudantes, o que facilita a compreensão. É possível criar diferentes estratégias, como listas de discussão, blogs, internet e outros meio para o envio do material. É experiência concreta de ter o/a estudante como avaliador/a das aprendizagens de seus e suas colegas, conforme mostram as orientações usadas com as turmas de Didática:

1. Faça uma redação livre sobre a aula de hoje (em um arquivo de word);
2. Escolha um título para sua redação e logo abaixo coloque o seu nome;
3. Faça um texto dissertativo de uma página ou duas no máximo;
4. Pronto. Agora faremos uma Troca: sua redação irá para uma colega e a redação de uma colega virá para você. Leia a Redação que recebeu e construa um FEEDBACK Para sua COLEGA;
5. Em sua leitura, procure encontrar: erros; acertos e/ou as potencialidades no que se refere às aprendizagens acerca da aula do dia 20/09 em que estudamos sobre a importância dos registros como prática avaliativa;
6. Antes de fazer seu feedback use o título: FEEDBACK DA COLEGA, depois fique à vontade para dialogar com sua colega, faça sua avaliação e depois assine. Salve e me envie pelo email: [didaticageralufuolenir@gmail.com](mailto:didaticageralufuolenir@gmail.com) (Avaliação por Pares com a turma de Pedagogia, disciplina Didática II, 2014)

Figura 39 - Slide elaborado para incentivo à prática de avaliação por pares



Fonte: A autora.

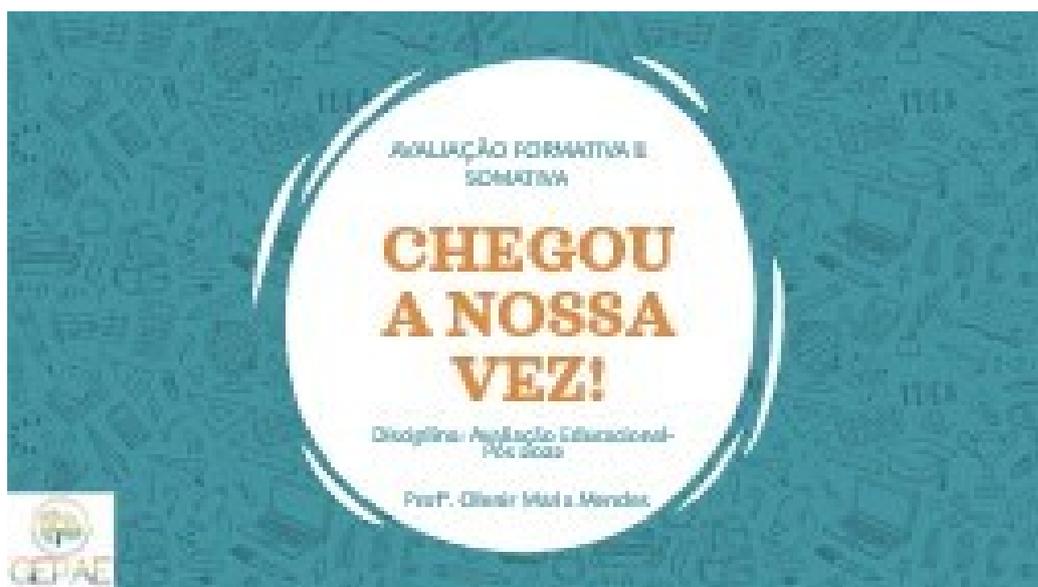
Por fim, não poderia deixar de compartilhar as experiências de avaliação somativa. Conforme dito anteriormente, no início do semestre combinamos sobre os *feedbacks* em forma de Objetivos Atingidos (OA), Parcialmente (OPA) ou Ainda Não Atingidos (ONA).

Nesse sentido, quando os objetivos não eram alcançados, a professora buscava compreender os motivos e os porquês que isso havia acontecido e o conteúdo não fora apreendido. Diante disso, por meio do diálogo, traçava possíveis soluções para o problema, em que todos podiam expressar suas opiniões e de maneira coletiva encontrar a melhor opção dentre àquelas propostas anteriormente.  
(Carpegiane, Turma de Didática Música – 2017 II)

Ao final do semestre, com todas as atividades desenvolvidas e avaliadas formativamente, resta o último tema de estudo das aulas: Avaliação e Notas. Estudamos os fundamentos teóricos da avaliação somativa, em especial, sobre o significado da nota. Nossa referência básica tem sido Luckesi (2014) e Fernandes (2011). Procuramos compreender a avaliação somativa e formativa como modalidades diferentes, porém complementares. Segundo Fernandes (2011), a avaliação somativa é pontual, sistemática, permite elaborar um balanço acerca do que os e as alunas sabem; já a avaliação formativa ocorre durante todo o processo, é contínua. A avaliação somativa ocorre após os processos de ensino-aprendizagem e, justamente por isso, a realizamos ao final do semestre, como momento de conclusão do trabalho realizado. Como diz Luckesi (2011), ela tem o objetivo de comunicar, garantir a memória de dados e informações que necessitam de permanência. Nesse sentido, uma comunicação mais objetiva e numérica pode alcançar tais objetivos.

Depois de uma compreensão teórica sobre a temática, passamos a discutir coletivamente cada uma das atividades que ocorreram ao longo do semestre e vamos estabelecendo consensos sobre cada atividade a ser considerada como avaliação somativa ou não.

Figura 40 - Slide 1 de convite para a prática de avaliação somativa



Fonte: A autora.

Figura 41 – Slide 2 de convite para a prática de avaliação somativa



Fonte: A autora.

As etapas consideradas nas discussões e decisões sobre o processo de transformação da avaliação formativa em avaliação somativa são:

- 1- Estabelecemos, de modo consensual, o percentual a ser considerado para cada *feedback* estabelecido durante a avaliação formativa, ou seja, que percentual será considerado quando o Feedback for OA; OPA; e ONA, de 0 a 100%;

- 2- Discutimos e chegamos a um consenso sobre os pesos que as atividades deverão ter, geralmente tem sido mais comum ter pesos 1, 2 e 3, porém já experimentamos também pesos 4 e 5;
- 3- Fazemos um levantamento de todas as atividades realizadas, em todas as aulas, desde a primeira;
- 4- Discutimos uma a uma se tal atividade é indício de aprendizagem ou não;
- 5- Se for consenso que é indício de aprendizagem, passamos para a próxima definição, ou seja, se a atividade deverá valer nota ou não;
- 6- Após definição de quais atividades de avaliação formativa serão transformadas em avaliação somativas, ou seja, as que valerão nota, discutimos o peso que a atividade deverá ter.

Depois de todas essas definições e consensos, eu entrego individualmente uma tabela feita no Excel, já com os pesos e valores consensuados para cada atividade que foi atribuído, coletivamente, um valor e cada estudante analisa e decide, a partir do *feedback* alcançado, qual nota será adequada à sua atividade avaliativa.

Figura 42 - Tabela de Notas – Avaliação Somativa (elaborada pela professora)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - Faculdade de Educação													
LETRAS - 2022 I													
Profª Olenir Maria Mendes - Didática Geral													
PROPOSTAS DE TRABALHO AVALIATIVO - AVALIAÇÃO SOMATIVA													
ESTUDANTE:													
OBJETIVOS: - IDENTIFICAR COLETIVAMENTE QUAIS ATIVIDADES POSSIBILITARAM INDÍCIOS DE APRENDIZAGENS; - SELECIONAR COLETIVAMENTE QUAIS ATIVIDADES SERÃO AVALIADAS DE MODO SOMATIVO; - REFLETIR SOBRE SEU PROCESSO FORMATIVO E AVALIAR SOMATIVAMENTE SUAS APRENDIZAGENS RESULTANTES DAS AULAS DE DIDÁTICA;	CONSENSOS DELIBERADOS PELO COLETIVO						FEEDBACK DA PROF.				NOTAÇÃO		
	INDÍCIO DE APRENDIZAGEM			AVALIAÇÃO SOMATIVA			PESO	VA LOR	OA OPA ONA	HÁ OBSERVAÇÃO DA PROFª A SER CONSIDERADA?			
	ATIVIDADES REALIZADAS	SIM	NÃO	OUTRO	SIM	NÃO				OUTRO	SIM	NÃO	PERCENTUAL
1	FREQUENTAR E PARTICIPAR DAS AULAS DE DIDÁTICA.	8	1	1	7	2	1	0	0	Conferir Frequência		0%	0,0
2	PARTICIPAR DA DINÂMICA DA PRIMEIRA AULA ESCOLHENDO UMA IMAGEM E UMA FRASE SOBRE O SENTIDO DE "SER DOCENTE"	10	0	0	8	2	0	0	0			0%	0,0
3	FAZER DESTAQUES NOS TEXTOS ESTUDADOS												
3.1	Texto 1- Sobre avaliação formativa no início do semestre.	9	1	0	8	2	0	1	4,55				0,0
3.2	Texto 2- Livro de Vasconcellos sobre Planejamento							2	9,09				0,0

Fonte: A autora.

Essa experiência tem gerado bastante interesse e participação dos e das estudantes. Os relatos abaixo corroboraram essa afirmação.

As distribuições de notas me provocaram um leve sentimento de desorientação. Pois é muito fácil esperarmos a nota final sempre do professor, e nessa disciplina pude sentir o trabalho intenso de autocritica e avaliação do meu eu no decorrer das atividades. De 14 atividades deixei de fazer 2 por não ter presenciado o conteúdo no dia da aula e por falta de tempo. Apenas em uma atividade, fui avaliada com o OPA da professora Olenir, porém só fui constatar o feedback no prazo final de entrega. No geral, a média de atividade que fiz, todas constavam como feedback OA, no qual havia alguns ajustes e críticas feitas pela professora. Dessa forma, em algumas atividades no qual o feedback constava OA, eu li o comentário da professora e revisei o meu trabalho, não permitindo que minha nota estabelecida fosse total na categoria e peso. Porém, outras atividades OA eu fiz o mesmo procedimento que o anterior, e me lembrei que para eu ter chegado naquele conceito ou dissertação acerca da atividade proposta, foi preciso sair do comodismo de um estudo rápido e tive que me esforçar muito mais que o necessário. Aquelas atividades nas quais estão com um x logo à frente, são as que não foram entregues. (Fernanda, Turma de Didática Enfermagem – 2015 II)

Essa experiência, de definir as notas, foi bem interessante, pois de um certo modo, me fez aprender mais sobre cada assunto que trabalhamos em sala, pois pude reler, rever, refazer, as atividades, desse modo, observando os erros e os acertos. Além de me deixar mais próximo dessa prática de correção, a qual poderá ser uma rotina no futuro. Portanto, aconselho a continuar utilizando este método no final da disciplina. (Gabriel, Turma de Didática Biologia – 2017 II)

Confesso que inicialmente senti dúvidas quanto a ação de transformar os resultados das atividades em números, afinal qual critério deveria utilizar para me dar uma nota 7.2 ou 7.0 em uma atividade de peso 2 onde considere que não tive um aproveitamento integral? Como por exemplo, posso citar a atividade 6, onde na apresentação do painel integrado me dei nota 10.8 por avaliar que uma das minhas falas ficou errada conforme a minha interpretação a respeito dos comentários da professora. Na minha concepção não seria justo me dar 100% já que não fui 100% correto.

Embora essa experiência tenha sido incomum, já que a professora ou professor costumam fazer a avaliação somativa dos estudantes, serviu muito mais do que uma introdução para às nossas vivências futuras como professores, nas quais faremos tal avaliação, mas também como uma possibilidade de analisar criticamente, de observar os erros a fim de repará-los e os acertos com a intenção de fazer ainda melhor na próxima vez. (Japa, Turma de Didática Matemática – 2016 II)

Por meio desse processo, é possível compreender com maior profundidade o sentido da nota nos processos avaliativos. Vale destacar que minha participação tem o mesmo peso que a participação de cada estudante, pois sempre que eu discordo de alguma proposta, tento argumentar buscando convencer o grupo. Um exemplo se refere à autoavaliação. Geralmente as turmas apresentam propostas de atribuição de notas e

peças para a autoavaliação devesse. Nesse momento, sempre conto com Villas Boas (2007) para fortalecer os argumentos e ajudar a turma a compreender o papel da autoavaliação, como também a função da nota. Assim, confirmamos que

[...] A verdadeira autoavaliação não se articula com nota; tem o sentido emancipatório de possibilitar ao/à estudante refletir continuamente sobre o processo da sua aprendizagem e desenvolver a capacidade de registrar suas percepções. Cabe ao professor ou à professora incentivar a prática da autoavaliação e usar as informações fornecidas para fortalecer o trabalho pedagógico, sem penalização ou culpa. (VILLAS BOAS – 2007, p. 42)

Depois das discussões, a partir dos fundamentos teóricos, o grupo toma a decisão final e nem sempre consigo convencer toda a sala. Sempre que a maioria, mesmo depois de estudar e discutir, resolve que a autoavaliação deve valer nota, essa passa ser a decisão final, com o meu protesto, claro.

E, para fechar todo o trabalho praticamos um pouco mais de avaliação formativa. Retomamos a dinâmica do primeiro dia de aula e peço que, novamente, pensem e escrevam, agora sobre “Avaliação Formativa” em cinco palavras. Há uma mudança incrivelmente gratificante.

Figura 43 – Dinâmica: Avaliação Formativa em 5 palavras no final dos estudos, na turma de Letras 2022 I – Parte I



Fonte: A autora.

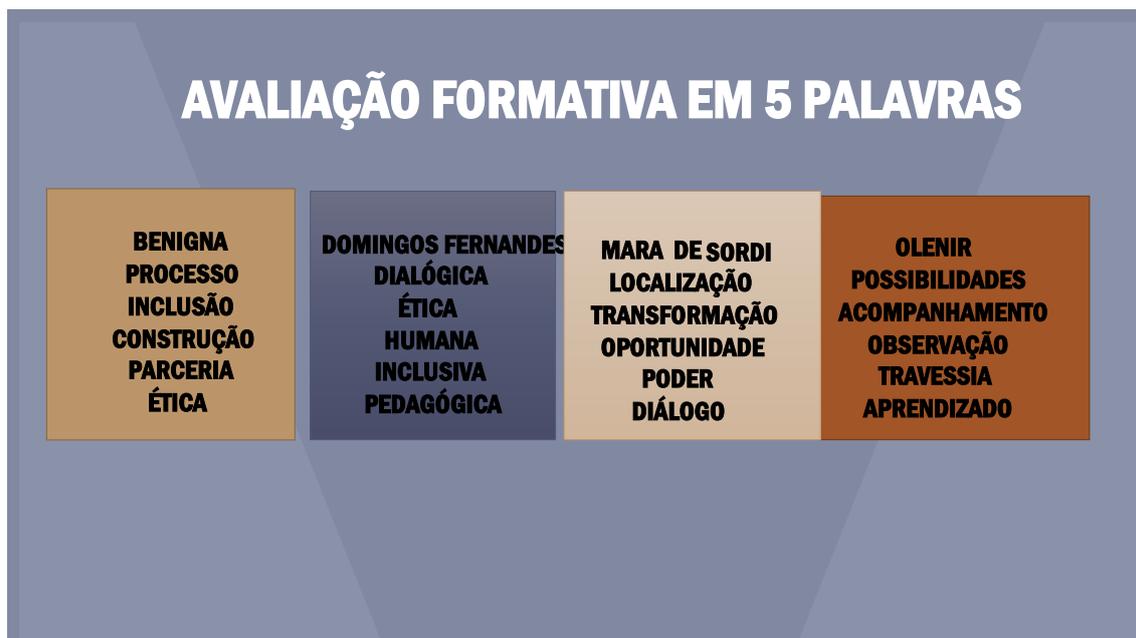
Figura 44 – Dinâmica: Avaliação Formativa em 5 palavras no final dos estudos, na turma de Letras 2022 I – Parte II



Fonte: A autora.

Nesta turma a empolgação foi tamanha que algumas alunas quiseram que eu também apresentasse as minhas cinco palavras. Logo depois, veio a ideia de perguntarmos para as autoras e autores que têm sido nossas principais referências teóricas ao estudar avaliação formativa. Desse modo, repassamos o exercício para as professoras Benigna Villas Boas, da UnB (Universidade de Brasília) e Mara de Sordi, da Unicamp e para o professor Domingos Fernandes, do Iscte-Instituto Universitário de Lisboa, Portugal. Para a nossa grande alegria, elas e ele responderam e por meio desse gesto alcançamos com as turmas uma importante proximidade teórica.

Figura 45 – Avaliação formativa em 5 palavras para as professoras Benigna, Mara de Sordi, Olenir e o professor Domingos Fernandes



Fonte: A autora.

Encerro esse item compartilhando alguns depoimentos sobre as aprendizagens que esse processo tem gerado nos e nas estudantes que têm vivenciado essas experiências nas disciplinas Didática II, Didática Geral e Tópicos em Avaliação Educacional, na graduação e pós-graduação. Afinal, as vozes dos e das estudantes têm ressoado sobremaneira em meus ouvidos e isso tem potencializado o nosso trabalho no que se refere à tridimensionalidade aprendizagens-avaliação-ensino.

Quando a avaliação formativa, no início tive muitas dificuldades para entender, pois só conhecia a avaliação tradicional, foi então que pude perceber o quanto estava mal-acostumada com o tradicionalismo. Tudo estava pronto e a única coisa a se fazer era apenas reproduzir o que já estava feito. Mas com o passar das aulas e seguindo as orientações da professora, pude compreender melhor. Com isso a avaliação formativa busca a aproximação do aluno junto ao professor, dando oportunidade para ele possa desenvolver suas capacidades e compreender os espaços vazios de aprendizagem. Sendo assim se tornando parceiros dessa atividade juntamente com o professor, definindo critérios de avaliação. Contudo a possibilidade de compreender os critérios de avaliação nos que diz respeito à aprendizagem que os mesmos esperam. Sendo assim desde cedo os estudantes criam um processo de cultivar a ideia de que todos são capazes de aprender e instruir. É muito importante para que o estudante planeje e desenvolva as ações necessárias com a participação do professor. (Silvia, Turma de História – 2012 II)

A disciplina me fez aprender muito neste semestre. No início foi totalmente diferente do que eu esperava para a matéria de didática, antes, achava que teríamos que fazer vários seminários, apresentações

orais, e que talvez não pudesse ser uma matéria proveitosa, porém foi o contrário disso tudo, foi umas das disciplinas em que mais aprendi. Os métodos utilizados foram ótimos para a aprendizagem. Uma das melhores aulas, com certeza foi a do dia da Roda de Conversa, tenho certeza de que para todos que estavam presentes, foi incrível. A utilização do grupo no WhatsApp também foi ótima para a comunicação entre os alunos e a professora, muito prático e rápido. Queria elencar aqui aspectos negativos também, porém não estou conseguindo pensar em nenhum.

Deixo aqui meus agradecimentos pelas aulas maravilhosas que tivemos, não tenho o que reclamar! Foi ótimo ter aula com a Sra. Esse semestre, pois além de aprender didática, aprendemos também outras coisas fundamentais na vida, aprendemos um pouco também da humanização! (Gabriel, Turma de Didática Biologia – 2017 II)

Em relação a avaliação final, foi uma experiência diferente, algo que infelizmente é incomum dentro da universidade. A oportunidade de os próprios alunos da disciplina realizarem juntos a conversão da avaliação formativa na avaliação somativa, atribuindo valores a todos os registros e atividades realizadas em classe transformando em notas/números, possibilitou também, mais uma atividade democrática. Observou-se também que os alunos não estavam interessados apenas em notas, entretanto, como o sistema vigente da universidade exige, e, por vezes as utiliza como critério de classificação, os alunos definiram critérios avaliativos solidários para com seus colegas.

Sobre os aprendizados com a matéria posso dizer que já levo e levarei para o meu cotidiano, seja como aluno ou professor. O hábito de realizar registros tem ganhado importância em meus estudos, o registro “com sangue”, a importância da “travessia”, a importância do verdadeiro aprendizado aluno, o papel da avaliação e a figura do professor dentro de um ambiente de partilha de saberes como um mediador no processo de aprendizagem, entre outros que poderiam ser citados aqui.

“sensação de Ufa! Valeu a pena! (Pedro Henrique, Turma de Didática Música – 2017 II)

## 5.1 Os estudos sobre Avaliação Educacional na Pós-Graduação

Meu ingresso na Pós-Graduação se deu especialmente por já participar do Gepae e como consequência dos processos de formação que perpassam a carreira docente. Já cheguei com a temática definida, por já ter um grupo de estudos e pesquisas sobre a temática Avaliação Educacional. Assim, o que ocorreu foi a minha vinculação à Linha de Saberes e Práticas Educativas do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, da Faced em 2009 e assim, criou-se a área temática Avaliação Educacional, como opção para candidatos e candidatas ao Programa para cursar mestrado e doutorado.

A primeira disciplina oferecida foi em 2011, juntamente com a professora Gercina Santana Novais. Dentro do Programa da disciplina Educação e culturas populares, eu trabalhei o tema avaliação e educação popular. Foi uma das unidades do Programa, na qual pretendíamos discutir práticas escolares, inclusão escolar e a formação docente na perspectiva da educação popular, com vistas a promover o debate sobre a escola de qualidade como direito de todos e todas à educação. Inserimos o tema A avaliação educacional como uma das unidades do Programa dessa disciplina justamente para discutirmos o caráter excludente da escola capitalista, que tem na avaliação uma função de selecionar, classificar e excluir. Nessa disciplina tivemos a oportunidade de apresentar uma outra lógica, a avaliação formativa.

Daí em diante, passamos a oferecer uma disciplina para a pós sobre o tema Avaliação Educacional a partir das seguintes temáticas: Fundamentos históricos, epistemológicos e metodológicos da avaliação educacional; A cultura clássica avaliativa, excludente e classificatória, em seu contexto social e histórico; e Avaliação Crítica: concepções, princípios e práticas.

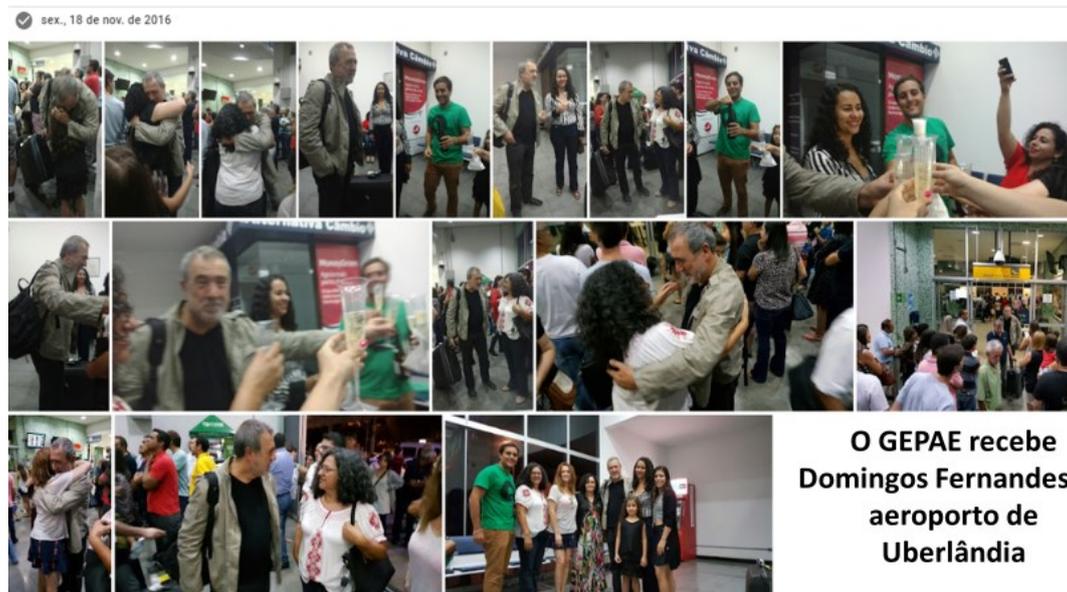
Em 2016, a partir de um convite da professora Maria Vieira, organizamos juntas uma outra disciplina, na qual propusemos discutir a avaliação educacional em correlação com as políticas educacionais. Fiquei imensamente honrada com o convite, pois sempre foi uma grande alegria trabalhar junto com a professora Maria Vieira, uma intelectual e profissional muito comprometida com o trabalho e com as lutas sociais. Sempre nos encontramos nas lutas e esse foi mais um encontro que trouxe muito aprendizado e uma grande alegria.

Trabalhamos juntas a disciplina “Tópicos Especiais em Estado, Políticas e Gestão em Educação III: O campo da Avaliação Educacional em suas diferentes modalidades (para as aprendizagens, institucional, sistêmica e políticas de avaliação). O nosso propósito era discutir os Fundamentos básicos para uma compreensão da Reforma do Estado no Brasil e seus contornos no contexto escolar; o Estado avaliador: Análises, características e dispositivos legais do sistema nacional de avaliação; e, por fim, a Avaliação Educacional: Fundamentos e concepções teórico-práticas.

Naquele ano, a professora Maria Vieira desenvolvia um projeto com apoio de agências de fomento e tivemos as condições para fazer um convite muito especial ao professor Domingos Fernandes para trabalhar conosco nesta disciplina, como docente convidado. Para nossa satisfação, ele aceitou e foi recebido com muita alegria para uma semana de intenso trabalho e trocas bastante significativas. Durante sua vinda tivemos a

oportunidade de organizar diferentes encontros, além das aulas para a pós. Organizamos uma palestra com a comunidade e reunião especial com as e os participantes do Gepae.

Figura 46 – O GEPAE recebe Domingos Fernandes no aeroporto de Uberlândia



Fonte: A autora.

Coube ao professor Domingos trabalhar o tema Perspectivas Contemporâneas em Avaliação Para As, E Das, Aprendizagens, como parte do Programa de nossa disciplina. Ele esteve conosco nos dias 21 a 25 de novembro de 2016. Foi uma semana de muitos aprendizados, os quais marcaram sobremaneira a nossa história como grupo de pesquisas em avaliação e como docente que pratica avaliação formativa.

Figura 47 – Aula com o Prof. Domingos Fernandes – parte I



Figura 48 – Aula com o Prof. Domingos Fernandes – parte II

ter, 22 de nov. de 2016 Uberlândia, MG



Fonte: A autora.

Atualmente, na pós-Graduação, trabalhamos com a disciplina Tópicos Especiais em Saberes e Práticas Educativas II: Avaliação educacional e esses têm sido os espaços de compartilhamento de experimentos possíveis no campo da avaliação formativa.

O valor das coisas não está no tempo que elas duram,  
mas na intensidade com que acontecem.  
Por isso existem momentos inesquecíveis,  
coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.

*Fernando Pessoa*

## 6 PESQUISA: antes, nasce o Gepae

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2015, p.30-31).

Minha inserção na pesquisa tem sido um processo bastante lento, porém profundo. A ideia de que a pesquisa significa a possibilidade de mergulhar na realidade estudada tem sido levada muito a sério por mim e pelo grupo de pesquisa do qual faço parte, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação Educacional – Gepae. Um grupo que completa 22 anos em agosto de 2023. Um grupo que nasceu de uma maneira muito bonita e especial. Conto essa história daqui a pouco.

No início da minha carreira na UFU, a pesquisa era uma realidade ainda inicial e para poucas pessoas, uma realidade muito distinta dos tempos atuais. A inexistência de Programas de Pós-Graduação dificultava, sobremaneira, a implementação e apoio às pesquisas. Na área de Educação na UFU tínhamos apenas o Mestrado e era um Programa recente. A única opção para doutorado era fora de Uberlândia. A maioria de nossas professoras e professores não eram mestres e doutores ainda. Mesmo em tempos adversos para a pesquisa, tive a sorte e a alegria de mais uma vez receber um convite que repercutiu em minha trajetória profissional. Fui convidada a criar um grupo para estudar o tema avaliação, o que me transformou em uma pesquisadora dessa temática. Por isso, preciso contar a história do Gepae.

### 6.1 O Gepae: minhas alunas me convidaram

O real não está na saída e nem na chegada  
Ele se dispõe pra gente é no meio da travessia  
Guimarães Rosa<sup>16</sup>

Em 1999 dei aulas de Didática para o curso de Pedagogia e nesse ano fizemos uma boa discussão sobre o tema avaliação educacional. Encontrei artigos do professor

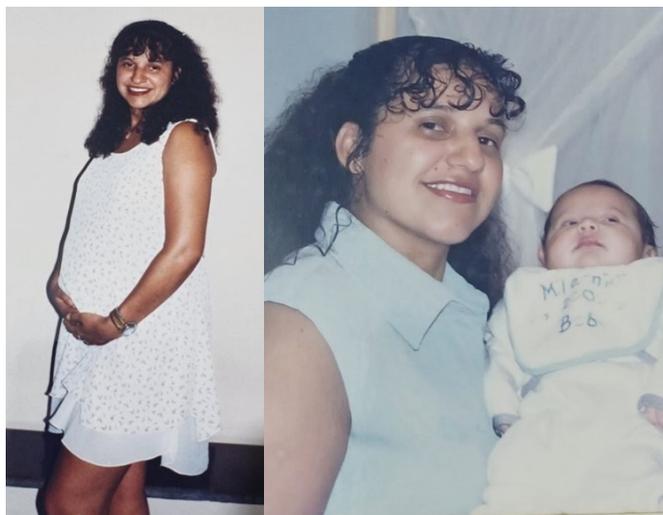
---

<sup>16</sup> Guimarães Rosa tem sido apoio para nossos estudos sobre avaliação. Sempre que vamos discutir a importância da avaliação como processo é a ele que recorremos, seja em sala de aula, seja nos cursos de extensão.

Luiz Carlos de Freitas, da Unicamp e gostei muito de suas análises críticas sobre a escola, em especial, sobre a avaliação. Assim, o inseri no meu plano de ensino e comecei a trabalhar com seus artigos em aula. Por coincidência, uma das alunas tinha sido colega do prof. Luiz Carlos, durante o ensino médio. Era uma aluna que já tinha mais idade e estava em Uberlândia há pouco tempo. Ela era de São Paulo, trabalhava no Sesc e veio para Uberlândia por transferência. Aqui, ela resolveu fazer uma nova faculdade e por isso estava cursando Pedagogia conosco. Percebemos logo que ela não concordava com as ideias dele e, por isso, os debates foram bastante intensos durante as aulas. Percebia que ela tinha uma visão mais empresarial da educação e as críticas que Freitas fazia e faz até hoje ao modelo de escola capitalista a deixava desconfortável. De qualquer modo, o debate intenso provocou grande curiosidade na turma e aumentou o interesse pelo tema avaliação.

Naquele ano, logo depois de minha defesa de mestrado, eu engravidei do meu primeiro filho, Antônio Augusto, uma gravidez muito esperada. Meu filho nasceu em 5 de janeiro de 2000. A maternidade foi uma experiência maravilhosa. Entrei em período de licença e nossas questões da disciplina ficaram para outras possibilidades ao longo da vida acadêmica das e dos estudantes.

Figura 49 – Gravidez em 1999 e nascimento do meu primeiro filho em 05/01/2000



Fonte: A autora.

Durante a licença maternidade recebi a visita de três queridas ex-alunas do curso de Pedagogia, Fernanda Duarte, hoje professora e colega da Faculdade de Educação, Maria Aldair e Zeli Alvim, as duas pedagogas da Rede Municipal de Educação de

Uberlândia. Elas foram me visitar, conhecer meu filho, mas foram também me fazer uma proposta. Elas achavam que precisávamos retomar os estudos sobre a avaliação. Aceitei o convite que iria mudar os rumos da minha carreira acadêmica como pesquisadora. Daí em diante me tornei uma estudiosa da área da avaliação educacional. Mais tarde fui fazer doutorado nessa temática e não parei mais.

Em agosto de 2000, final da licença maternidade, retomo minhas atividades e marcamos nosso primeiro encontro. Foi assim que nasceu o Grupo de Estudos em Avaliação – GEA. O nosso interesse naquele ano, era apenas de estudar avaliação e nada mais. Voltei para a sala de aula e encontrei uma outra turma de Pedagogia, com a qual também discutimos o tema avaliação e convidei as alunas a se juntarem ao GEA. Aceitou o convite a querida amiga, ex-aluna e hoje também colega de trabalho na Faced, a prof<sup>a</sup> Leonice Matilde Richter, a qual participa do Gepae até hoje. Formamos um grupo com pessoas muito ávidas para estudar e por isso construímos momentos riquíssimos de estudos e debates. Minhas ex-alunas me motivaram e foram responsáveis pela criação do grupo e eu tive a sorte de ser convidada por elas.

Logo vieram outras pessoas que também foram fundamentais para o fortalecimento do nosso grupo. Uma delas foi a prof<sup>a</sup> Maria Simone, hoje também professora Faculdade de Educação. Ela já tinha se formado, porém não deixou de frequentar a Universidade e desde o ano que nos conhecemos em sala de aula o vínculo e a amizade continuaram fortes por muitos anos. Na época ela já era professora do município e trouxe grandes contribuições para o nosso grupo. Ela foi a primeira a buscar novas raízes para nosso grupo como mestranda em Campinas, participando do LOED, grupo de pesquisa sob a coordenação do prof. Luiz Carlos de Freitas e sob a orientação da prof<sup>a</sup> Mara de Sordi. Dessa forma, o Gepae usufruiu, por meio da prof<sup>a</sup> Maria Simone, durante muitos anos, dos saberes compartilhados pelo grupo do prof. Luiz Carlos. Em 2002 seria eu quem iria fazer uma disciplina com a prof<sup>a</sup> Mara e o prof. Luiz Carlos. Foi também um momento muito importante para nossos estudos.

Assim, no antigo GEA, fazíamos os nossos encontros semanais, sem grandes pretensões, porém com o desejo de aprender para transformar práticas excludentes de avaliação em práticas includentes que pudessem garantir as aprendizagens. A Zeli foi nossa primeira secretária. Ela organizava as memórias das reuniões e cuidava de guardar uma pasta com nosso material. Começamos levantando autores e autoras da avaliação e Luckesi (1995) foi o primeiro livro que foi lido e debatido no Grupo. Com o passar do tempo, o GEA foi ampliando-se com a participação de professoras da rede pública

estadual, particular e logo também da rede municipal. Estudantes de outras licenciaturas e outros professores e professoras do curso de Pedagogia também se integraram. As reuniões eram sempre muito participativas e logo implementamos uma dinâmica em que todas as pessoas participavam tanto na coordenação como na implementação das propostas de ações.

O fato de contar com a presença de docentes das escolas públicas mobilizou o grupo a se engajar nas atividades extensionistas, o que possibilitou um intenso processo de formação e compreensão da realidade, a vivência de problemas, dificuldades, mas também de perspectivas e esperanças de mudanças da escola. Em função disso, organizamos cursos de extensão, os quais serão relatados na próxima seção, que trouxeram beleza e envolvimento com o contexto escolar, o que nos instigou a assumir o desafio de querer aprofundar a análise da realidade por meio da pesquisa coletiva.

Não demorou muito para o grupo perceber que apenas estudar o tema avaliação já não seria suficiente. Como eu já estava no doutorado, resolvemos também nos dedicar à extensão e à pesquisa. Assim, tornamo-nos o Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação Educacional – Gepae, com participação de estudantes de graduação, docentes da universidade, da rede municipal, estadual, federal e privada, mestrandas/os e doutorandas/os que se dispuseram a aprender a caminhar juntas e juntos. Em 2009 me integrei ao Programa de Pós-Graduação, criando a área de pesquisa em Avaliação Educacional no Programa, o que fortaleceu mais ainda o nosso grupo com as orientações nessa temática.

Figura 50 - Logo do Gepae



Fonte: A autora.

Desde o início, a nossa preocupação com as dificuldades nas aprendizagens das/os estudantes de escolas públicas e das classes populares tem nos motivado a estudar, pesquisar e buscar possibilidades de construção de novas práticas, a partir de uma concepção de avaliação incluyente, formativa e que garanta as aprendizagens de todas e todos na escola. Procuramos acentuar as perspectivas críticas de análise e compreensão da realidade no sentido de explicitar as lógicas que permeiam os espaços da sala de aula em interface com a escola e a sociedade. Vivenciamos os estudos e pesquisas em três grandes momentos: primeiro, com o foco na lógica excludente da cultura avaliativa; segundo, com o foco na avaliação externa e, terceiro, com o foco na avaliação formativa.

A dinâmica do Gepae tem sido uma marca importante para os processos de aprendizagens significativas acerca do trabalho coletivo, por isso foi fundamental a opção por práticas descentralizadoras, como: coordenações compartilhadas e rodiziadas e as deliberações de pautas, projetos em consenso, inclusive a escolha dos dias de encontros. Nesse processo, têm sido prática marcante do grupo as diferentes formas de registros, usualmente chamadas por nós de memórias. Nessas práticas, prevalecem a autonomia e a criatividade para registrar de diferentes formas: escrita, áudio, imagens fotográficas, dentre outras, as quais são lidas, compartilhadas e arquivadas em sistema de armazenamento local (nuvem) e impressas em nosso portfólio coletivo, nomeado por nós como “pasta de importâncias”.

Figura 51 - Cartaz convite para uma das reuniões do Gepae



Fonte: A autora.

Geralmente, as reuniões têm sido recheadas de relatos (positivos e negativos) da vida escolar, das salas de aulas, seja na educação básica, seja no ensino superior. As ideias de superação de dificuldades e compartilhamento de boas experiências ou mesmo de experiências difíceis têm sido uma grande potencialidade do grupo. Essas práticas contribuem na construção coletiva das pautas, deliberações e temas a serem estudados e pesquisados.

Figura 52 - Reuniões do Gepae



Fonte: A autora.

Figura 53 – Reuniões do Gepae



Fonte: A autora.

Figura 54 – Reuniões do Gepae



Fonte: A autora.

Figura 55 – Reuniões do GEPAE

sáb., 23 de mar. de 2019



Fonte: A autora.

Ao longo desses anos, o grupo tem nos deixado marcas significativas, gerando aprendizagens e mudanças em nossas vidas, seja de comportamentos, de linguagens ou mesmo de concepções. As histórias de lutas, os encontros, as rodas, as conversas e reflexões que vêm ocorrendo dentro dos espaços criados pelo Gepae e atuações em movimentos sociais solidificaram em nós uma consciência de classe, feminista, antirracista e contra as desigualdades sociais. Tudo isso tem proporcionado também uma

intensa relação e trocas. As nossas reuniões de avaliação e planejamento são exemplos. Nessas reuniões criamos laços, além de discutir e estudar o tema avaliação.

Figura 56 – Encontro do GEPAE de avaliação, planejamento e confraternização com as famílias.



Fonte: A autora.

Figura 57 – Encontro do GEPAE de avaliação, planejamento e confraternização com as famílias



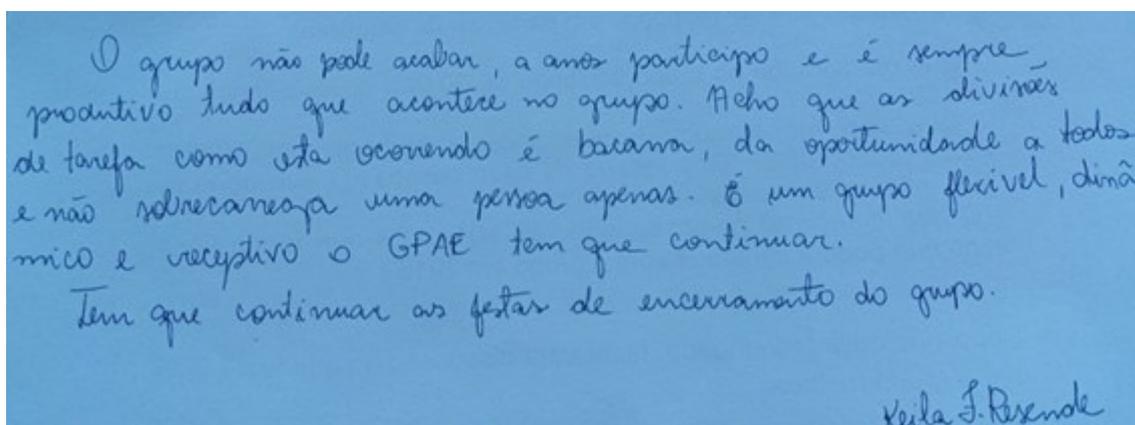
Fonte: A autora.

Figura 58 – Encontro do GEPAE de avaliação, planejamento e confraternização com as famílias



Fonte: A autora.

Figura 59 – Registro de uma participante do Gepae



Fonte: A autora.

Outro aprendizado importante para nós e, que tem feito parte das reflexões e dos estudos do Gepae, refere-se ao vocábulo “instrumento”, usado tradicionalmente na educação para se referir às atividades avaliativas. Há anos essa questão semântica tem sido uma insatisfação. A partir de uma das pesquisas de dissertação de mestrado realizada no âmbito do Gepae<sup>17</sup>, sob minha orientação, essa discussão tornou-se mais efetiva,

<sup>17</sup> A dissertação supracitada refere-se à dissertação “CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. **Métodos de avaliação formativa: desatando nós e alinhando possibilidades.** 2014. 354f.

porque buscou alternativas no sentido de superar esse termo, e, nesse processo, a pesquisadora identificou-se fortemente com os argumentos defendidos por Fernandes (2006).

Como já dito, no final do ano de 2016, o Gepae teve a honra de contar com a presença do professor Domingos Fernandes<sup>18</sup>, em Uberlândia, como professor visitante da Pós-Graduação. Nesse encontro, além de importantes estudos e discussões, pudemos ampliar os debates sobre os limites do uso do termo “instrumento”. Para ele, “tarefas de avaliação”, “métodos de avaliação” e “estratégias de avaliação” podem ser mais congruentes com a concepção de avaliação formativa, por isso o professor Domingos tem utilizado mais os termos “tarefas de aprendizagem” e “tarefas de avaliação”.

Figura 60 – Reunião do GEPAE com Domingos Fernandes

seg., 21 de nov. de 2016 Uberlândia, MG



Fonte: A autora.

Esse assunto foi motivo de debate entre nós, afinal, no Brasil, a palavra “tarefa” é carregada de um peso escolar, daquilo que é uma obrigação, um sentimento de que é algo difícil ou mesmo chato de se fazer. Em meio a uma riquíssima discussão coletiva, encontramos uma designação que poderia abarcar a concepção de avaliação formativa defendida por nós. Assim, por meio da “Convenção de Uberlândia” (denominada

---

Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.”

<sup>18</sup> Disciplina oferecida por Domingos Fernandes, como professor visitante, no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, intitulada “Tópicos Especiais em Estado, Políticas e Gestão da Educação III”, no período de 21 a 25 de novembro de 2016.

carinhosamente pelo professor Domingos Fernandes), construímos o consenso “Proposta de Trabalho Avaliativo”.

Escolhemos “Proposta” porque esse vocábulo carrega o sentido de ser uma ideia, um planejamento, que se pretende materializar e que precisa ser pactuada, isto é, ser assumida conjuntamente. Já “trabalho” é usado por nós a partir de uma vertente marxiana, como uma atividade, em si e por si, vital. Como intervenção intencional do ser humano sobre o mundo, é essencial à sua própria sobrevivência, ao passo que ele transforma a natureza para atender às suas necessidades, processo no qual produz valores de uso, conforme Marx (2011). Nessa perspectiva, o trabalho assume um caráter de emancipação, com a realização das potencialidades criativas humanas, ou seja, a possibilidade de criar e recriar o mundo e a si mesma/o. Isso significa pensar em duas ações: SER e FAZER, ou seja, implica não uma prática descolada do pensar, mas a *práxis* que é o fazer pensado, intencional.

Segundo Pistrak (2003), o trabalho deve ser a base da organização da escola, e a realidade deve ser a referência para pensarmos a organização do trabalho pedagógico. Nesse caso, é preciso desenvolver três “qualidades” no interior das escolas: 1) aptidão para trabalhar coletivamente e para encontrar espaço num trabalho coletivo; 2) aptidão para analisar cada problema novo como organizador; 3) aptidão para criar as formas eficazes de organização.

O termo “trabalho” remete-nos também à atividade a fim de alcançar determinado objetivo. No caso da proposta de trabalho à qual estamos nos referimos, a finalidade seria a aprendizagem de um conjunto de conhecimentos, habilidades e/ou atitudes. cremos ser muito importante pensarmos na coerência da proposta de trabalho como caminho coletivo para essa aprendizagem e nos elementos que a compõem: pressupostos sobre as aprendizagens, as ensinagens, as sistemáticas de construção do planejamento, as atividades de avaliação, as formas como são construídas as relações entre professor/a-estudante e entre as/os próprias/os estudantes, dentre outras.

Assim, “propostas de trabalho” podem ser entendidas como proposições pedagógicas feitas por professoras/es para as/os estudantes e/ou delas/deles para elas/eles mesmas/os, que se movam na direção de um objeto de ensino/estudo a fim de apropriar-se de aspectos do seu conteúdo. Além do mais, ensino, avaliação e aprendizagem é um tripé inseparável e o termo “proposta de trabalho” carrega em si essa relação intrínseca. Na verdade, a Proposta de Trabalho Avaliativo refere-se às ações que ocorrem antes, durante e depois dos processos de ensino, avaliação e aprendizagens no cotidiano

pedagógico. É, na verdade, todo o esforço que fazemos, professoras/es e estudantes, para que as aprendizagens de fato ocorram. A partir daí, temos usado em nossos estudos, pesquisas e publicações o termo Proposta de Trabalho Avaliativo como aquele que explica o fazer que envolve os processos referentes à avaliação.

Hoje, como já dito no item sobre o Ensino, vivencio em minhas aulas um intenso e constante processo por estar “contaminada” pela avaliação formativa, por causa de nossos aprendizados vindos das pesquisas desenvolvidas no Gepae. Compreender profundamente o papel e o sentido da avaliação me fez outra professora. A sala de aula tem sido laboratório rico e vivo de possibilidades. Desse modo, buscamos avaliar para aprender e essa lógica exige de nós outro olhar para o fazer pedagógico que implica a compreensão da tridimensionalidade aprendizagens-avaliação-ensinagens.

Figura 61 – Pasta de Importâncias do Gepae já em duas edições, contendo ricos, criativos e poéticos guardados. São os registros de memória do grupo



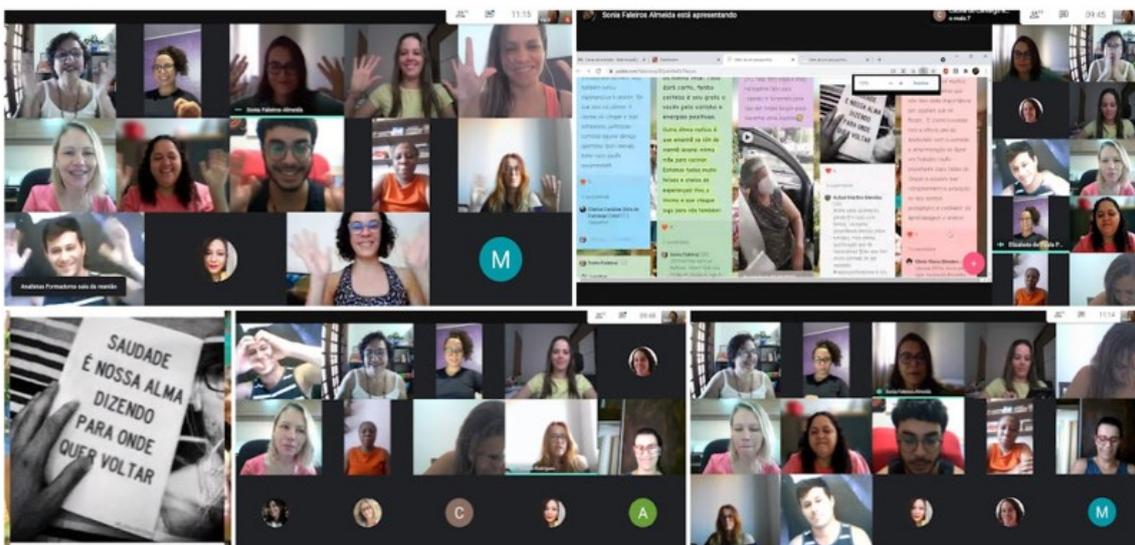
Fonte: A autora.

Viver a experiência dolorosa de uma pandemia nos trouxe também aprendizados, dentre eles, o uso das ferramentas e plataformas que possibilitaram a continuidade de nossos encontros e o valor da ciência. Nosso último encontro presencial ocorreu em março de 2020 e no mês seguinte já pensávamos em alternativas para mantê-los, tanto para continuar nossos estudos, como para compartilharmos as dores que o tempo de pandemia nos trouxe. Procuramos manter nossos afetos e nos fortalecer e acabamos

criando o Gepae Afeto. Uma forma de estar presente na ausência. Enviávamos flores, cartões e recadinhos de animação para quem precisava.

Figura 62 – Primeira reunião virtual do GEPAE – abril de 2020.

sáb., 27 de mar. de 2021



Fonte: A autora.

Figura 63 – Temas de estudo abordados em 2020



## TEMAS DE ESTUDOS ABORDADOS EM 2020

**PANDEMIA.  
EDUCAÇÃO. VIDA.  
ALEGRIAS. DORES**



**SERÁ QUE ESSA  
FORMA DE  
"ESNINO/  
EDUCAÇÃO"  
ALCANÇA A  
TODOS/AS?**



- 1. A quantas anda você nesse cenário?**
- 2. Quais medidas foram adotadas pela sua escola/instituição?**
- 2. Quais são os desafios para a educação no cenário atual e futuro?**
- 4. Quais são as possibilidades de reinvenção que você consegue vislumbrar?**

Fonte: A autora.

Figura 64 – Reunião de agosto de 2020 – Despedida de querida Camila Coimbra, que deixava o Gepae para criar o grupo de pesquisa sobre Paulo Freire

sáb., 8 de ago. de 2020



Fonte: A autora.

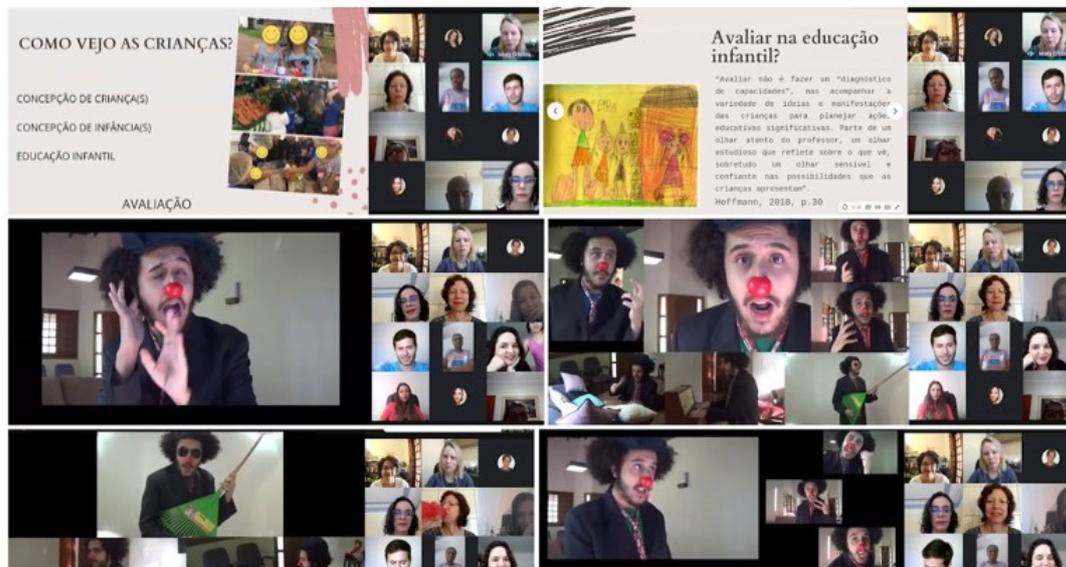
Figura 65 – Reunião virtual do Gepae em 2021



Fonte: A autora.

Figura 66 – Reunião virtual do Gepae em 2022

sáb., 24 de abr. de 2021



Fonte: A autora.

Ainda na pandemia, também tivemos outra experiência bastante significativa. Estudamos e organizamos o nosso primeiro podcast, uma dinâmica e um novo aprendizado, o qual gerou uma grande alegria ao grupo. Foram várias reuniões de estudos, de planejamento, organização e por fim de gravação do Programa. Para a realização da gravação tivemos o nosso primeiro encontro presencial desde a pandemia. A gravação ocorreu com a ajuda da Rádio Universitária da UFU. Nos reencontramos trazendo todas as emoções daquele momento e com todos os cuidados que a pandemia exigia. Foi emocionante e muito potente. O nosso podcast fez parte das comemorações do centenário de Paulo Freire e falamos sobre a sua contribuição para a avaliação.

Figura 67 – Gravação do primeiro podcast do GEPAE



Fonte: A autora.

Figura 68 – O podcast do Gepae realizado em tempos de pandemia – novembro e dezembro de 2021



Fonte: A autora.

Vale destacar também que os encontros virtuais do Gepae nos possibilitaram chegar mais longe. Hoje temos no grupo participantes de Brasília, São Paulo (capital), Juiz de Fora, Patos de Minas, Rio Verde e Uruçuí-PI. Não fossem as plataformas, não teríamos esse alcance.

Justamente por esse motivo, o Gepae organizou sua primeira reunião presencial, pós pandemia somente este ano, no dia 04 de março de 2023. Isso foi possível depois de um planejamento com bastante antecedência, para que as pessoas que moram fora pudessem se organizar e participar. Foi um encontro maravilhoso. Sentimos a necessidade dos encontros presenciais, mas vimos também que não podemos abandonar as pessoas que moram fora. Assim, decidimos fazer algumas reuniões presenciais ao longo do ano, mas permanecer com a maioria delas em formato online.

Figura 69 – Primeira reunião presencial do GEPAE após pandemia



04/03/2023 – Primeira reunião presencial do Gepae pós pandemia

Fonte: A autora.

O outro aprendizado que foi fortemente reforçado durante a pandemia, se refere à importância da ciência. Vivemos de modo concreto a importância da ciência como garantia da vida humana, mesmo passando ao mesmo tempo uma grande contradição, o negacionismo. Combater o vírus SarsCov-19 exigiu um trabalho gigante de muitas e muitos cientistas no mundo todo e, hoje, uma boa parte da população no mundo valoriza ainda mais as vacinas. Ainda assim, tivemos que defender a ciência. Tivemos que perguntar para as pessoas se elas acreditam na ciência. Isso foi colocado em questão por pessoas que se recusaram a receber a vacina contra esse vírus maldito. Isso tudo, por vivermos um tempo em que a mentira quase ocupa o mesmo lugar que a ciência.

Por incrível que pareça, esse mesmo questionamento serviria para os estudos sobre avaliação educacional. Será que a comunidade escolar acredita na ciência? Será que docentes acreditam na ciência? E as Universidades? Docentes pesquisadores e pesquisadoras, de fato acreditam na ciência? Estou fazendo uma analogia com esse nosso tempo histórico de modo provocador, em especial, quando o tema é a ciência em Avaliação Educacional. Lamentavelmente, docente e inclusive cientistas de diferentes áreas continuam praticando uma avaliação já há muito tempo questionada pela ciência, pelas pesquisas e publicações sobre avaliação educacional.

Os estudos sobre avaliação no Brasil denunciam seu caráter excludente e classificatório, pelo menos, desde os anos de 1980. Essa década foi rica em questionamentos e denúncias acerca de uma prática avaliativa excludente, classificatória. Na década seguinte, 1990, se fortalecem as pesquisas e publicações apontando novas perspectivas para a avaliação. Foram surgindo propostas e concepções que rompem com a exclusão e buscam a inclusão, e de lá para cá os estudos só se avolumam.

Luckesi é um exemplo de cientista, estudioso da avaliação. Sua pesquisa de doutorado (LUCKESI, 1992) explicitou a cultura do exame e a lógica excludente da avaliação que se pratica na educação brasileira até hoje. Mais tarde, 1995, ele publica o livro Avaliação da Aprendizagem Escolar (LUCKESI, 1995), o qual se tornou referência para as futuras pesquisas a partir dos anos de 1990.

Outro cientista e importante referência para a nossa área de estudos é o professor Luiz Carlos de Freitas, já aposentado da Unicamp. Em sua tese de livre-docência, defendida em 1994, discutiu a organização do trabalho pedagógico e, em especial, o par dialético objetivos e avaliação. Sua pesquisa mostra como a avaliação que ocorre na escola que temos cumpre a função de manutenção da sociedade capitalista, justamente por sua função excludente, classificatória (FREITAS, 1995).

Na verdade, os anos de 1990 foram riquíssimos no que se refere à produção de conhecimentos sobre a avaliação educacional, desde a explicitação da cultura clássica avaliativa como também de uma nova concepção de avaliação, no campo da avaliação formativa. Vários outros autores e autoras produziram diversos estudos nessa década, os quais são referências importantíssimas, até hoje (HOFFMANN, 1991, 1993 e 1999; HADJI, 1994; SANT'ANNA, 1995; DEMO, 1996; VASCONCELLOS, 1998; ESTEBAN, 1999; PERRENOUD, 1999).

De lá para cá as pesquisas em avaliação educacional só cresceram e os estudos têm sido unânimes em comprovar que é possível e necessários outras práticas avaliativas

nas escolas, sejam da educação básica ou superior. Porém, mesmo as pesquisas confirmando essa possibilidade, permanece a clássica avaliação classificatória. Será que acreditamos mesmo na ciência?

Bem, tudo isso para dizer o quanto temos tentado usar a “vacina”, experimentar e vivenciar os conhecimentos produzidos sobre avaliação formativa e suas possibilidades e as impossíveis também. Nós, do Gepae, temos tentado fazer de nossas salas de aula, laboratório e por isso mesmo têm sido gigantes e gratificantes os aprendizados.

Ao longo desse tempo, o Gepae nos propiciou diferentes experiências seja no meio acadêmico, seja junto à sociedade, em especial junto às escolas de educação básica. As atividades por nós realizadas sempre foram recheadas de aprendizados, coletividade, criatividade e arte. Escolher os momentos e registros que entrariam nesse memorial foi uma das grandes dificuldades desse momento, afinal construímos um vasto e denso material ao longo desses longos 23 anos de vida. Muitas vezes me perdia nas memórias e a dificuldade de definição sobre quais selecionar e quais deixar de fora. De qualquer modo, trago algumas amostras do que foram esses anos de Gepae em minha vida, como também na vida das pessoas participantes. Assim, aqui achei melhor começar pela experiência mais significativa e não pela ordem cronológica.

#### 6.1.1 Aprendendo a pesquisar coletivamente

Talvez uma das ações mais relevantes seja o nosso projeto de pesquisa coletiva desenvolvido entre os anos de 2012 e 2016, culminando com a elaboração do nosso livro coletivo que foi escrito, reescrito, organizado e, finalmente, lançado em agosto de 2018, em ocasião das comemorações da maioridade do Gepae, 18 anos.

Elaboramos, coletivamente, o projeto intitulado “A produção da qualidade a partir da política de avaliação sistêmica mineira nas Redes Municipais de Uberlândia e Ituiutaba”. Sim, o nosso grupo já tinha o alcance de outras cidades. Pessoas participantes do Gepae trabalhavam no Campus de Ituiutaba da UFU e com isso tivemos a oportunidade de também envolver aquela cidade. Conseguimos participar do Edital 01/2013 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

Figura 70 – 1ª. Reunião de execução do Projeto de Pesquisa demanda universal



Fonte: A autora.

A aprovação de nosso projeto foi motivo de enorme alegria; afinal, tem sido uma grande luta conseguir o financiamento das pesquisas, especialmente, na área da educação. Comemoramos e fomos trabalhar com a pesquisa por longos seis anos; afinal, um ditado popular africano foi o nosso guia e lema:

*Se quer ir rápido, vá sozinho.  
 Se quer ir longe, vá acompanhado.  
 (Provérbio africano)*

Decidimos desafiar a realidade a nós imposta, porque queríamos ir longe, apesar das dificuldades. De fato, o cenário acadêmico não tem favorecido esse tipo de metodologia, já que a produção centrada na “produtividade”, muitas vezes mero produtivíssimos, torna-se mais possível para o cumprimento dos curtos prazos exigidos pelas agências de fomento, já que caminhar sozinho tem sido mais rápido. Desde a elaboração do projeto até o relatório da pesquisa, mantivemos firmes o princípio e a prática do processo coletivo, com profícuos momentos de debates, conflitos de ideias e tudo mais que essa concepção de pesquisa exige, inclusive, demanda maior de tempo para finalização de cada um dos processos. Afinal, o compromisso com essa perspectiva de produção de conhecimento confronta com a lógica acadêmica mais comum e nos obriga, não raro, ir a contrapelo à cultura vigente. A realidade e contexto social de vida se confrontam diretamente com uma proposta coletiva de trabalho, já que os tempos de cada participante são diferentes e parcos, dificultando os momentos de encontros necessários ao processo de reflexão coletiva para a realização das análises, uma vez que esse processo

é exigente, moroso e diverso quando conseguimos vivenciar os diferentes momentos de amadurecimento provocados pelas reflexões, pelos conflitos e pelas decisões coletivas. Abaixo listo a equipe executora do projeto de pesquisa para facilitar a compreensão de nossos argumentos em prol da coletividade.

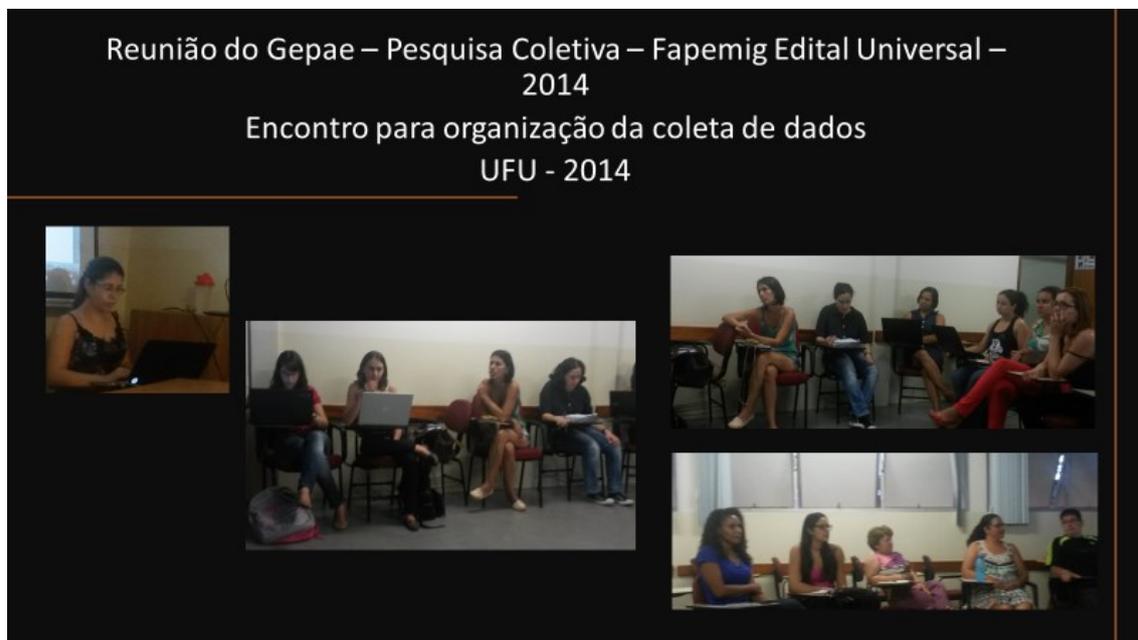
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Olenir Maria Mendes (FACED/UFU/MG)  
 Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Leonice Matilde Richter (FACIP/UFU/MG)  
 Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Simone Ferraz Pereira (FACIP/UFU/MG)  
 Prof<sup>ª</sup>. Ms. Clarice Carolina Ortiz de Camargo (ESEBA/UFU/MG)  
 Prof<sup>ª</sup>. Ms. Cláudia Rodrigues de Camargo Martins (E.M. Sebastiana Silveira Pinto/PMU/MG)  
 Prof<sup>ª</sup>. Ms. Karinne de Pádua G. Martins (E. E. de Uberlândia/SER/MG)  
 Ms. Natália Luiza da Silva (PROGRAD/UFU/MG)  
 Ms. Wilma Ferreira de Jesus (Assessora Setor de Estatística e Senso Escolar SME/Uberlândia-MG)  
 Ms. Rafael Martins Mendes (E.E Leopoldino Rocha e E. E. Antônio Jacques Soares Sedu/ES)  
 Prof<sup>ª</sup>. Esp. Keila de Fatima Resende (Professora Escola Navegantes)  
 Prof<sup>ª</sup>. Esp. Vanessa Cristina Sousa Prado Guerra (E.M. Presidente Itamar Franco/PMU/MG)  
 Prof<sup>ª</sup>. Luciana Guimarães (E.M. Professora Orlanda Neves Strack/PMU/MG)  
 Ms. Éliton Meireles de Moura – Doutorando (FE/USP)  
 Ms. Simone Freitas Pereira Costa – Doutoranda (PPGED/UFU)  
 Prof<sup>ª</sup>. Alesandra Ferreira Bento Souza – Mestranda (E. M. Prof. Valdemar Firmino de Oliveira/ PMU/MG)  
 Prof<sup>ª</sup>. Esp. Carina Aparecida Bento da Costa – Mestranda (E. M. de Educação Infantil do Bairro Sta Luzia/PMU/MG)  
 Elizabete de Paula Pacheco – Mestranda (PPGED/UFU)  
 Esp. Larissa Ramos Duarte – Mestranda (PPGED/UFU)  
 Patrícia Aparecida da Silva – Mestranda (PPGED/UFU)  
 Júlia Rossi Rodrigues – Estudante de Pedagogia (UFU)  
 Keila Fernanda Silva – Estudante de Pedagogia (UFU)  
 Thaianne Alexandre da Silva – Estudante de Pedagogia (UFU)  
 (MENDES, 2016, p. 2)

Enfrentamos uma realidade de pessoas que trabalham em diferentes locais e horários distintos, mesmo assim primamos por reuniões e discussões presenciais, ainda que limitadas pelo tempo disponível de cada pesquisador/a. Desse modo, a pesquisa contribuiu sobremaneira para o processo de formação de sujeitos envolvidos/as no próprio movimento do trabalho coletivo. Então, escolhemos caminhar longe e por isso nem sempre nos detemos às imposições da academia, muitas vezes presa à lógica produtivista.

A construção de nosso projeto ocorreu por meio de várias reuniões de estudos e de escrita e isso levou quase dois anos, mas conseguimos entrar no edital em 2013, o qual

foi aprovado para iniciarmos em 2014. Sua execução previa dois anos. Cumprimos o prazo com dificuldade, mas conseguimos dar continuidade para além do que fora proposto no atendimento ao edital.

Figura 71 – Reunião do GEPAE: encontro de organização da coleta de dados



Fonte: A autora.

A investigação buscou identificar as transformações provocadas nas escolas pelas políticas de avaliação mineira e se tais mudanças reverberavam em uma qualidade socialmente referenciada. Procuramos, assim, identificar as transformações provocadas pelas políticas de avaliação mineira e compreender a concepção de qualidade expressa na proposta do Sistema Mineiro de Avaliação – Simave e sua relação com as escolas públicas. Para tanto, verificamos como as escolas pesquisadas se organizavam para realizar a avaliação sistêmica, visando o patamar satisfatório no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB. Realizamos uma pesquisa qualitativa e utilizamos como fontes análise de documentos das Secretarias Municipais de Educação de Uberlândia e Ituiutaba e entrevistas com os e as estudantes, familiares, pessoal do administrativo (secretários/as, auxiliares de serviços gerais), professores/as, coordenadores/as e gestores/as. Os dados coletados foram organizados em quatro temas: preparação para a avaliação externa; o clima de tensão criado pela avaliação externa; impactos da avaliação externa nas escolas; repercussões da avaliação externa nas escolas. Evidenciamos que em quatro das seis escolas pesquisadas houve utilização de métodos

avaliativos (provas e testes semelhantes ao formato das avaliações externas) sempre buscando a cada ano, melhores resultados nas Avaliações Externas. Conseguimos comprovar a forte influência das avaliações externas na rotina da escola e, conseqüentemente, a redução do currículo escolar aos ditames das avaliações. A qualidade da escola foi assim também reduzida.

Figura 72 – Encontro do GEPAE na casa de Olenir



Fonte: A autora.

Esse projeto coletivo resultou em alguns “produtos” de relevância acadêmico-científica, conforme lista presente abaixo:

MENDES, Olenir Maria. O direito de aprender e a produção da qualidade na escola pública a partir da avaliação. **Educação e Filosofia** (UFU), v. 28, p. 245-262, 2014.

Um capítulo de livro:

MENDES, Olenir Maria; SOUZA, Alesandra Ferreira Bento. Quando a avaliação reguladora se transforma em indicador de qualidade da escola. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; VIANA, Cleide Maria Quevedo Quixadá; SILVA, Edileuza Fernandes da; MACHADO, Liliane Campos. (Orgs.). **Docência, Currículo e Avaliação: territórios referenciais para a formação docente**. 1ed. Curitiba: CRV, 2017, v. 1, p. 1-310.

Duas dissertações de Mestrado sob minha orientação, defendidas em 29 e 30/08/2016:

SILVA, Patrícia Aparecida da. **As influências do Sistema Mineiro de Avaliação na construção da qualidade da educação**. Uberlândia-MG, 2016. Dissertação (Mestrado) – UFU, 2016.

SOUZA, Alesandra Ferreira Bento. **A qualidade da escola pública APESAR do Simave**. Uberlândia-MG, 2016. Dissertação (Mestrado) – UFU, 2016.

Apresentação e publicação de dois trabalhos com publicação no **Seminário: Avaliação da Escola Pública Sob o Viés da Qualidade Social**, promovido pelo Laboratório de Observação e Estudos Descritivos (LOED/FE-Unicamp), de 04 a 05 de Maio de 2016, em Campinas-SP:

1) *Qualidade Social da Educação: Uma perspectiva pela voz de estudantes do triângulo mineiro* de autoria de Elizabete de P. Pacheco, Alesandra F. B. Souza, karinne de P. G. Martins, Éliton M. de Moura e Olenir M. Mendes (comunicação oral);

2) *A produção da qualidade educacional a partir da política de Avaliação Sistêmica Mineira nas Redes Municipais de Uberlândia e Ituiutaba* de autoria de Cláudia R. de C. Martins, Simone Freitas P. Costa, Leonice Matilde Richter e Olenir Maria Mendes (pôster).

### 6.1.2 Os dezoito anos do Gepae e seu primeiro livro

Por fim, fechamos esse nosso processo com a organização do livro resultante de nossa pesquisa. Foram mais dois anos de encontros coletivos para fecharmos as últimas análises e a escrita em formato de livro. Marcou-nos significativamente o aceite de nosso querido prof. Domingos Fernandes para escrever o prefácio, o que muito nos honrou.

Não posso prosseguir sem fazer uma curtíssima referência a este grupo de pesquisa, a este coletivo, a esta singular e inovadora comunidade de aprendizagem e de práticas, lembrando as perspectivas desenvolvidas por Etienne Wenger e Jean Lave. Conheço o Gepae há alguns anos e cedo pude constatar que não é fácil encontrar um grupo com características semelhantes. Navegando contra a corrente, contra o conformismo, e apostando claramente nas virtudes do trabalho coletivo, colaborativo e solidário. Um grupo crítico e ativamente reflexivo, que assume uma perspectiva progressista e democrática acerca das questões da educação. Isto significa que o Gepae desenvolve um trabalho, uma luta, pela inclusão, pela igualdade de oportunidades e com equidade nas aprendizagens, para todas e para todos os estudantes. Dando voz a todas e a todos os que sofrem discriminações de toda a ordem para que se possam assumir como ativas e ativos intervenientes na construção das suas identidades e possam integrar-se plenamente na sociedade. Nestas condições, o Gepae é um grupo com causas e de causas. Não contorna questões sensíveis ou incômodas. Enfrenta-as sem preconceitos e sem medos. É um grupo com coragem pois põe em prática aquilo que muitos de nós dizemos mas que nem sempre, por uma miríade de razões, somos capazes de fazer, de praticar. Nomeadamente no que se refere ao desenvolvimento coletivo de processos de pesquisa, como tão bem se pode constatar através da leitura deste livro.

Noutro plano, o Gepae não contorna as questões da desigualdade de género e discute abertamente as suas implicações no desenvolvimento do trabalho pedagógico e do trabalho de investigação. Foi este grupo que, com coragem e serenidade, mas também com a consistência lógica

e conceitual que o trabalho de pesquisa nos exige, produziu este livro. Um livro que apresenta e discute um percurso coletivo de pesquisa com o fundamental propósito de estabelecer relações entre as políticas de avaliação externa postas em prática no Estado de Minas Gerais e os seus efeitos, nomeadamente na vida pedagógica das escolas, nas práticas docentes e na qualidade da educação. (Domingos Fernandes, prefácio do livro do Gepae)

Figura 73 – Capa do livro do Gepae publicado em 2018

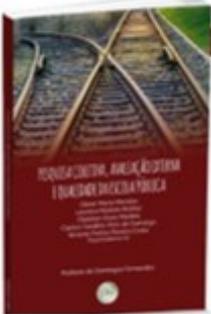


Fonte: A autora.

MENDES, Olenir Maria; RICHTER, Leonice Matilde; MARTINS, Christian Alves; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de; COSTA, Simone, Freitas Pereira (Orgs). **Pesquisa coletiva, avaliação externa e qualidade da escola pública**. Curitiba – PR: CRV, 2018.

O lançamento do livro culminou com as comemorações dos dezoitos de existência do Gepae. Organizamos uma bonita festa que ocorreu na sede do Sindicato dos e das docentes da UFU, ADUFU-SS. Um espaço bonito, aconchegante e lá recebemos pessoas muito importantes para a nossa história. Fez parte das comemorações a defesa da dissertação de uma de minhas orientandas, a participação da professora Regiane Bertagna, da UNESP – Rio Claro, também uma estudiosa em avaliação. Uma noite inesquecível!

Figura 74 – Convite de lançamento do livro



**CONVITE**

O Gepae Grupo de estudos e pesquisas em avaliação educacional da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, convida para a cerimônia de comemoração de seus 18 anos.

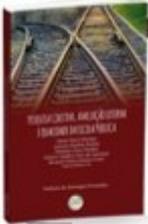
Ao atingir a maioridade, o Gepae aguarda você para contar um pouco desta trajetória e compartilhar tantos momentos vividos coletivamente. Veja a agenda e organize-se para participar!

*"E gosto, à noite, de escutar as estrelas.  
É como ouvir quinhentos milhões de guizos...  
Mas eis que acontece uma coisa extraordinária."  
O Pequeno Príncipe*



Fonte: A autora.

Figura 75 – Agenda de atividades de lançamento do livro do Gepae



**AGENDA**

24/08/2018

14:00 Defesa de dissertação de Mestrado de Natalia Justino Batista  
A (des)articulação entre aprendizagem, avaliação e ensino: experiências de professoras no ensino fundamental.  
Local: Sala 1G145 BlocoG. UFU\_Santa Mônica

19:00 Diálogos com Professora Doutora Regiane Helena Bertagna, parceira do Gepae.  
Local: Adufu

20:00 Senta que lá vem história..

21:00 Lançamento do Livro: Pesquisa Coletiva, avaliação externa e qualidade da escola pública

21:00 Música, dança e poesia no Gepae

*"Congela o teu olhar no meu  
Esconde que já percebeu  
Que todo meu amor é teu amor  
Então vem cá"  
Anavitória*



Fonte: A autora.

O dia 24 de agosto de 2018 foi uma data inesquecível, carregada de emoções, encontros e afetos, como sempre fizemos ao longo desses anos. Compartilho aqui alguns registros desse dia tão importante para nossa trajetória.

Figura 76 – Festa de lançamento do livro e comemoração dos 18 anos de criação do Gepae, as fundadoras do grupo: Olenir, Maria Aldair e Fernanda



**Editora CRV**  
e os organizadores convidam para o lançamento do livro:

**PESQUISA COLETIVA, AVALIAÇÃO EXTERNA E QUALIDADE DA ESCOLA PÚBLICA**

**Organizadores**  
Olenir Maria Mândes  
Lacirice Matilde Richter  
Christian Alves Martins  
Clarice Carolina Ortiz de Camargo  
Simone Freitas Pereira Costa

**Sobre a obra:**  
Nesta obra estão contidas reflexões importantes sobre o trabalho 'Pesquisa Coletiva/ Avaliação Externa/ Qualidade da Escola Pública'. Trata-se do resultado de um longo e escarpado trabalho coletivo, cujos pesquisadores se dedicaram corajosamente sobre os caminhos tortos.  
A análise dos dados estatísticos questionamentos importantes que muitas vezes foram suscitados nos corredores da escola ou na sala de professores, tais como: "Será realmente que estamos avaliando?"  
Mas, muito mais que uma mera diagnose indicativa da realidade escolar, esta pesquisa aponta possibilidades e rotas de mudança de paradigmas para escolas e redes que efetivamente estão comprometidas com uma educação de qualidade.  
Este é um livro-conversa destinado a quem quer intensificar o diálogo franco nas licenciaturas, nas reuniões de planejamento escolar ou mesmo nos cafés, sobre os caminhos e desafios da educação brasileira.

**Editora CRV**  
(41) 3039-6418  
vendas@editoracrv.com.br  
editoracrv.com.br

Informações e experiências por um mundo melhor

## GEPAE - 18 ANOS

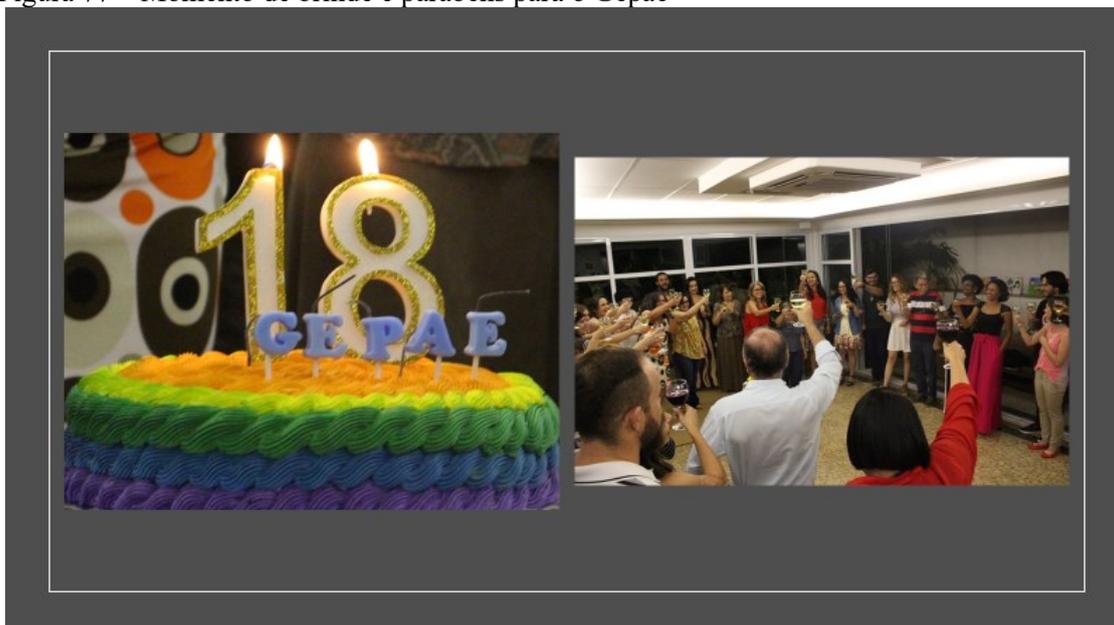


**OLENIR, MARIA ALDAIR E FERNANDA DUARTE**

**COM A PRESENÇA DE DUAS DAS TRÊS EX-ALUNAS QUE FORAM ATÉ MINHA CASA ME CHAMAR PARA ESTUDAR AVALIAÇÃO.**

Fonte: A autora.

Figura 77 – Momento de brinde e parabéns para o Gepae



Fonte: A autora.

Figura 78 – Participantes do Gepae e pessoas convidadas



Fonte: A autora.

Figura 79 – Participação da profª. Regiane Bertagna da Unesp de Rio Claro



Fonte: A autora.

Figura 80 – Apresentação da Bolsa Amarela – Teatro sobre o Gepae

24/08/2018 – GEPAE: 18 ANOS



Fonte: A autora.

Figura 81 – Momento de memórias do Gepae e apresentação da pasta de importâncias



Fonte: A autora.

### 6.1.3 Os Eventos Científicos organizados pelo Gepae (I e II SIAVA)

Ao longo desses anos, o grupo conseguiu realizar dois eventos científicos sobre Avaliação Educacional: o I e II Seminário Internacional de Avaliação. Sempre com parcerias e com dificuldades de financiamento, os três eventos tiveram boa repercussão e conseguimos envolver um coletivo significativo de pesquisadores e pesquisadoras, professores e professoras das redes públicas da cidade e região.

### 6.1.3.1 O ISIAVA – Seminário Internacional de Avaliação

O I Seminário, ocorrido em 2010, de abrangência regional, teve a intenção de comemorar os dez anos de existência do Gepae e refletir sobre a potencialidade da avaliação no processo de mobilização para as mudanças necessárias às políticas públicas de Estado, aos sistemas de avaliação, às instituições e à organização do trabalho pedagógico na sala de aula. Esse evento foi organizado em parceria com o III Seminário Municipal de Literatura e Língua Portuguesa. Foi o nosso primeiro evento e não contávamos com nenhum financiamento. Ainda assim, mais de 200 pessoas participaram com e sem apresentação de trabalhos. Tivemos a alegria de ter a participação de nosso querido professor Luiz Carlos de Freitas, um nome importante para a temática de avaliação e referência do Gepae.

Figura 82 – I Seminário de avaliação 2010 juntamente com o III Seminário Municipal de Literatura e Língua Portuguesa



Fonte: A autora.

Figura 83 – I Seminário de Avaliação do Gepae em 2010.



Fonte: A autora.

Figura 84 – I Seminário Internacional de Avaliação



Fonte: A autora.

O evento marcou as comemorações do décimo aniversário do Gepae.

Figura 85 – Comemoração dos 10 anos do Gepae



Fonte: A autora.

#### 6.1.3.2 O II SIAVA – Seminário Internacional de Avaliação

O Gepae, em parceria com a Diretoria de Ensino (DIREN) da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), os Cursos de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) e da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP), a Escola de Educação Básica (ESEBA), o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), por meio dos Subprojetos vinculados aos cursos de Pedagogia de Uberlândia e do Pontal, o Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM – Campus Uberlândia Centro e a Prefeitura Municipal de Uberlândia, por meio da Secretaria Municipal de Educação e do Centro de Formação Julieta Diniz – CEMEPE, realizou de 28 a 30 de abril de 2015, o II Seminário Internacional de Avaliação – II SIAVA, juntamente com o I Seminário de Avaliação da Rede Municipal de educação de Uberlândia – I SEMAVA, com a temática “Avaliação educacional e produção da qualidade: para além de resultados quantitativos”.

Esse evento objetivou promover discussões e divulgar pesquisas e relatos de experiências que fornecessem subsídios teóricos e práticos sobre avaliação educacional, discutir as diferentes modalidades da avaliação e evidenciar a importância dos processos e procedimentos avaliativos no contexto educacional.

## COORDENAÇÃO GERAL DO EVENTO

Profª. Drª. Olenir Maria Mendes (PIBID/GEPAE/FACED/UFU)

Profª. Drª. Leonice Matilde Richter (GEPAE/FACIP/UFU)

Profª. Me. Clarice Carolina Ortiz Camargo  
(GEPAE/ESEBA/UFU)

Profª Drª Polyana Aparecida Roberta Silva (IFTM/GEPAE)

Profª Me. Lucimar Divina Alvarenga Prata (PMU/SME)

No II Seminário comemoramos os quinze anos de existência do Gepae. Dessa vez, de alcance internacional. Pretendíamos aprofundar nossas discussões acerca da avaliação educacional a partir de um enfoque crítico, buscando compreender as relações entre a escola e a sociedade, bem como do papel que a avaliação desempenha nesse contexto. Além disso, o evento visava propiciar um melhor entendimento da forma como a cultura da avaliação está inserida em nossa sociedade, por meio da discussão dos temas: a função social da avaliação na sociedade capitalista – a lógica excludente da avaliação; avaliação e ideologia; avaliação formativa na educação básica, técnico e superior; avaliação institucional participativa e avaliação externa.

O formato do evento contou com conferência, palestras, mesas redondas e apresentação de trabalhos em forma de comunicações orais de relatos de pesquisa concluídas ou em andamento e de relatos das experiências desenvolvidas no âmbito da Rede Municipal de Ensino. O evento contou com mais de 400 participantes, sendo profissionais da educação da rede municipal de educação de Uberlândia e Ituiutaba. Professoras da Educação Infantil, professoras e professores do Ensino Fundamental e pedagogos e pedagogas da rede municipal; além de estudantes de graduação e pós-graduação da UFU em Uberlândia e Ituiutaba e do IFTM.

Para as palestras do evento contamos com a participação de nosso querido professor Dr. Domingos Fernandes – Universidade de Lisboa – Instituto de Educação – Portugal, a primeira vez que esteve conosco em Uberlândia e com a nossa querida professora Drª. Mara Regina Lemes de Sordi - Faculdade de Educação da Unicamp. Foi um evento grandioso.

Figura 86 – Prof. Domingos Fernandes e profª Mara de Sordi no II Seminário Internacional de avaliação



Fonte: A autora.

Figura 87 – II Seminário Internacional de Avaliação



Fonte: A autora.

Figura 88 – II Seminário Internacional de Avaliação



Fonte: A autora.

#### 6.1.4 Participação em Eventos, Congressos, Seminários

A nossa participação em eventos, congressos e seminários fora de Uberlândia se iniciou desde cedo, ainda quando éramos GEA. A nossa participação no I Fórum Mundial da Educação em Porto Alegre, em 2001, foi uma experiência incrível. Conseguimos ajuda com os custos da viagem e fomos falar do GEA, eu e mais cinco estudantes do curso de Pedagogia, entre elas as criadoras do grupo. Voltamos com a certeza de que poderíamos fortalecer-lo muito mais.

Figura 89 – 24 a 27 de outubro de 2001 – O GEA participa do I Fórum Mundial de Educação e realiza sua primeira apresentação (Leonice, Raquel, Zeli, Maria Aldair, Fernanda e Olenir) – Porto Alegre – RS



Fonte: A autora.

Sempre que possível, participamos de outros eventos que muito nos fortaleceram e propiciaram uma articulação com autores e autoras que têm sido referências para os nossos estudos, como Luiz Carlos de Freitas, Mara de Sordi, Benigna Villas Boas e Domingos Fernandes. Foram vários eventos, como ANPED e, em especial, ANPED Centro-Oeste, várias edições do ENDIPE, dentre outros. Em nível local, também participamos das edições do Uno e o Diverso, evento da Linha de Saberes e Práticas Educativas e do Simpósio Internacional – O Estado e as Políticas Educacionais no Tempo Presente.

Figura 90 – Congresso Internacional de Avaliação Educacional – 05 a 07 de novembro de 2015 – Fortaleza/CE



Fonte: A autora.

Figura 91 – Seminário do Loed em Campinas/SP – 2014



Fonte: A autora.

Figura 92 – Seminário de Formação de Professores em Águas de Lindóia – 2019



Fonte: A autora.

#### 6.1.5 As principais publicações a partir dos estudos e pesquisas do Gepae

Abaixo, as principais publicações em forma de artigos e depois capítulos de livros, todos resultantes das pesquisas sobre Avaliação Educacional.

#### Artigos

MENDES, Olenir Maria; RICHTER, Leonice Matilde. Avaliação da aprendizagem no sistema de ciclos de formação, **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte-MG, v. 9 n. 54 nov/dez., p. 23-29, 2003.

MENDES, Olenir Maria; PEREIRA, Maria Simone Ferraz. Os fundamentos da escola do trabalho de Pistrak: algumas contribuições de uma Pedagogia socialista para a formação de professores. **Educação em Ação** (Patrocínio), Patrocínio – MG, v. 01, n.01, p. 71-82, 2004.

MENDES, Olenir Maria; PEREIRA, Maria Simone Ferraz. Avaliação nos espaços de formação de professores: um olhar ampliado. **Educação em Ação**, Patrocínio – MG, v. 02, n.02, p. 31-44, 2005.

MARTINS, Cláudia Rodrigues de Camargos; MENDES, Olenir Maria. Avaliação da aprendizagem: contexto político, intenções e possíveis caminhos. **Polyphonia**, v. 23, p. 111-126, 2012.

MENDES, Olenir Maria. Encontros de acompanhamento de aprendizagem: uma experiência de avaliação formativa. **Revista Olhares e Trilhas**, v. XIV, p. 61-76, 2013.

CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de; MENDES, Olenir Maria. A avaliação formativa como uma política incluyente para a educação escolar. **Educação e Políticas em Debate**, v. 2, p. 372-372, 2013.

COSTA, Simone Freitas Pereira e MENDES, Olenir Maria. Resenha: FERNANDES, Domingos. Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas. São Paulo: UNESP, 2009. **Educação e Políticas em Debate**, v. 07, p. 367-373, 2018.

ATAÍDES, Fernanda Barros; BENTO, Cecilia de Camargo; Costa, Simone Freitas Pereira; MENDES, Olenir Maria. Práticas avaliativas formativas em tempos de avaliações externas. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, p. 60232-60238, 2020.

MENDES, Olenir Maria e RIBEIRO, Elisa Antônia. Análise dos elementos curriculares do curso de licenciatura em computação do Instituto Federal do Triângulo Mineiro: formação docente em foco. **REVISTA E-CURRICULUM (PUCSP)**, v. 18, p. 262-282, 2020.

ATAÍDES, Fernanda Barros e MENDES, Olenir Maria. A avaliação nacional da alfabetização – ANA, na concepção de diferentes sujeitos da cidade de Rio Verde-GO. **Itinerarius Reflectionis**, v. 17, p. 1-23, 2021.

MENDES, Olenir Maria e RIBEIRO, Elisa Antônia. Autoavaliação institucional mecanismo irrenunciável do processo de organização do trabalho pedagógico-administrativo. **EDUCERE ET EDUCARE (IMPRESSO)**, p. 468-507, 2021.

MENDES, Olenir Maria e PEIXOTO, Janine Cecília Gonçalves. Avaliação escolar e as crianças com deficiências: de políticas excludentes a aproximações inclusivas. **POLÍTICA E GESTÃO EDUCACIONAL (ONLINE)**, v. 25, p. 06-18, 2021.

MENDES, Olenir Maria; MENDES, Rafael Martins; MARTINS, Karinne P. G. Avaliações externas no contexto escolar: relatos de professoras. **Revista FSA**, v. 18, p. 187/9-213, 2021.

BENTO, Cecilia de Camargo; Costa, Simone Freitas Pereira; MENDES, Olenir Maria. Initial training of teachers: preparing teachers evaluators. **International Journal of Human Sciences Research**, v. 2, p. 2-8, 2022.

### Capítulos de Livros

MENDES, Olenir Maria; RICHTER, Leonice Matilde. Avaliação da aprendizagem: propósitos e práticas do sistema de ciclos de formação. In: Maria Vieira Silva; Myrtes Dias da Cunha. (Org.). **Políticas e práticas docentes: alternativas em construção**. 1ed. Uberlândia-MG: EDUFU, 2004, v. 1, p. 105-121.

MENDES, Olenir Maria. Avaliação formativa no ensino superior: reflexões e alternativas possíveis. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; NAVES, Marisa Lomônaco de Paula. (OrgS.). **Currículo e avaliação na educação superior**. 1ªed. Araraquara – SP: Junqueira & Marin, 2005, v. 01, p. 175-197.

MENDES, Olenir Maria; PEREIRA, Maria Simone Ferraz. A Lei nº 9.394/96 e a avaliação educacional: regulação e flexibilidade. In: SILVA, Maria Vieira; MARQUES, Mara Rúbia Alves. (Org.). **LDB Balanços e perspectivas para a educação brasileira**. 1ed. Campinas-SP: Alínea Editora, 2008, v. 01, p. 159-171.

MENDES, Olenir Maria. Reflexões sobre concepções e práticas avaliativas na educação escolar: certezas em tempos de incertezas. In: SILVA, Sérgio Pereira da (Org.). **Teoria e prática na educação**. 1ed. Catalão – Go: Editora da UFG, 2008, v. 1, p. 85-104.

MARTINS, Cláudia Rodrigues de Camargo e MENDES, Olenir Maria;. Práticas avaliativas formativas: o que pensam as professoras de uma escola pública municipal de Uberlândia/MG, Brasil. In: LONGHINI, Marcos Daniel (Org.). **O Uno e o Diverso na Educação**. 1ed. Uberlândia/MG: EDUFU, 2011, v. 1, p. 143-154.

MENDES, Olenir Maria; PEREIRA, Maria Simone Ferraz; RICHTER, Leonice Matilde. Potencialidade da avaliação includente em um contexto marcado pela lógica da exclusão social. In: SANTOS, B. P.; NOVAIS, G. S.; SILVA, L. C. (Org.). **Educação Popular em tempo de inclusão: pesquisa e intervenção**. 1ªed. Uberlândia/MG: EDUFU, 2011, p. 269-290.

MENDES, Olenir Maria. Encontros de Acompanhamento de Aprendizagem: uma experiência de avaliação formativa. In: VASCONCELLOS, Luiz Gonzaga Falcão; SAMPAIO, Adriany de Ávila Melo (Orgs.). **Geografia e anos iniciais do ensino fundamental**. 1ªed. Curitiba – PR: CRV, 2012, v. 01, p. 149-168.

MENDES, Olenir Maria; ANDRE, Marli. A Cultura avaliativa no interior dos cursos de licenciatura. In: LONGAREZI, A. M.; BARAÚNA, S. M.; GUIMARÃES, L. V. (Org.). **Pesquisas Educacionais – formação e prática**. 1ªed. Campinas/SP: Alínea, 2012, p. 103-122.

MENDES, Olenir Maria e SILVA, Natália Luiza. Práticas de avaliação no ensino superior: elementos para discussão sobre a avaliação formativa. In: SILVA, Diva. (Org.). **A docência do ensino superior em discussão**. 1ed. Uberlândia-MG: Navegando Publicações, 2018, p. 141-162.

ATAÍDES, Fernanda Barros; COSTA, Simone Freitas Pereira; MENDES, Olenir Maria. Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA): uma política de regulação ou emancipação. In: GUILHERME, Willian Douglas. (Org.). **Contradições e Desafios na Educação Brasileira 2**. 2ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019, p. 193-203.

ATAÍDES, Fernanda B. e MENDES, Olenir Maria. Desempenho dos/as estudantes de Rio Verde – Goiás na Avaliação Nacional da Alfabetização. In: SILVA, Américo Junior Nunes da. (Org.). **A educação em verso e reverso: dos aportes normativos aos aspectos operacionais**. 1ed. Ponta Grossa: Atena, 2021, p. 207-218.

ATAÍDES, Fernanda Barros; BENTO, Cecilia de Camargo; Costa, Simone Freitas Pereira; MENDES, Olenir Maria. Práticas avaliativas formativas em tempos de avaliações externas. In: CATAPAN, Edilson Antonio (Org.). **Aspectos fundamentais na educação** (Vol. 01). 1ed.: Brazilian Journals Editora, 2021, v. 01, p. 81-89.

MENDES, Olenir Maria; MENDES, Rafael Martins; PANIAGUA, C. E. da S. Avaliação das e para as aprendizagens: concepções teórico-metodológicas em dossiês. In: SILVA, Américo Junior Nunes da; VIEIRA, André Ricardo Lucas. (Org.). **Educação: políticas públicas, ensino e formação**. 1ed. Ponta Grossa: Atena, 2022, v. 01, p. 108-133.

MENDES, Olenir Maria; MENDES, Rafael Martins; AMARAL, F. A.; PANIAGUA, C. E. da S. A aula investigativa como proposta alternativa no ensino superior de química. In: AZEVEDO, Érica de Melo (Org.). **Ensino de química: Aprendizagem significativa teórica e prática**. 1ed. Ponta Grossa: Atena, 2022, v. 01, p. 23-32.

MENDES, Olenir Maria e MENDES, Rafael Martins. Eu me avalio e traço metas! Praticando a autoavaliação discente nas aulas de química no ensino superior. In: CARVALHO, Eloane Aparecida Rodrigues; XIMENES, Priscilla de Andrade Silva; SILVA, Janaina Cassiano (Orgs.). **Práticas educativas e formação de professores: desafios e possibilidades**. 1ed. Uberlândia: Culturatrix, 2022, v. 01, p. 238-261.3.

#### 6.1.6 Outras pesquisas e experiências significativas

Em minha trajetória profissional tive a oportunidade de vivenciar outras experiências de pesquisa para além do Gepae. Durante dois anos (2008-2009), tive a honra de trabalhar em projeto de pesquisa junto com a professora Olga Damis, hoje professora aposentada da Faced, além de outras professoras. A nossa líder era a professora Olga, e infelizmente ela não viveu em tempos do auge da pós-graduação. Por isso, consegui fazer apenas o mestrado na Unicamp e foi orientanda do prof. Luiz Carlos de Freitas. Uma profissional exemplar e uma pesquisadora grandiosa. Assim, participei com ela de um coletivo de docentes pesquisadoras de Brasília, do qual fazia parte a professora Ilma Passos Alencastro Veiga, também uma pesquisadora reconhecida nacionalmente. Foi um projeto ligado ao Grupo de Pesquisa da Formação de Professores/as (GPPF) da UnB, do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) e nós, de Uberlândia, pela UFU, com o objetivo de configurar a educação superior como importante campo de produção de conhecimento sobre formação docente.

Organizamos a nossa equipe de Uberlândia e fizemos um projeto, aprovado pela Fapemig - Demanda Universal/2007, o qual se integrou ao projeto da professora Ilma. Intitulado, “A didática e a formação de professores para a educação básica e superior na Universidade Federal de Uberlândia – UFU”, a nossa pesquisa teve como objeto de estudos a Didática ministrada nas Licenciaturas e na Metodologia do Ensino Superior, oferecida em Cursos de Especialização e de Mestrado em Educação. Foi uma pesquisa interinstitucional, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa de Formação de Professores da Universidade de Brasília, pesquisadoras da Universidade Federal de Uberlândia e do Centro Universitário de Brasília.

Tivemos como objetivos discutir o papel da Didática e identificar os fundamentos teórico-metodológicos da prática pedagógica. Os dados foram coletados a partir dos planos de ensino, entrevistas com professoras, observações de aulas e discussões de grupos focais com estudantes. Em nossas análises utilizamos o conceito de *Arquitetura da Aula*, entendida como espaço educativo onde se criam formas de ensino e de aprendizagem que organizam, configuram e regulam as ações desempenhadas pelo/a professor/a e pelo/a estudante, com a finalidade de abordar o conhecimento sistematizado, utilizando-se de recursos e de procedimentos didáticos. Esta concepção esteve fundamentada nas dimensões: a) planejamento de ensino; b) relação docente/estudante; c) conhecimento, como síntese de determinado contexto social; d) procedimentos, como expressão do ambiente sócio-tecnológico; e) avaliação, como o próprio processo de ensino/aprendizagem. Os resultados evidenciaram, dentre outros, que a Didática secundarizava o ensino, como objeto de estudos; as aulas eram desenvolvidas de maneira informal e sem a preocupação com o tempo; a prática da sala de aula não era focalizada nos estudos e pesquisas; para os/as estudantes, a aula de Didática continuava restrita aos aspectos técnicos, permanecendo o dilema teoria/prática. Também foram percebidos indícios de superação da abordagem pedagógica conservadora, concretizados na produção de conhecimento pelo(a) estudante, na elaboração de memorial, no desenvolvimento do ensino/pesquisa e na avaliação como acompanhamento do processo de ensinar e de aprender.

Para desenvolver a pesquisa em Uberlândia, contamos com uma excelente equipe de professoras e uma estudante de Pedagogia, como bolsista de iniciação científica, conforme abaixo:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Olenir Maria Mendes – UFU  
Prof<sup>a</sup>. Ms. Olga Teixeira Damis – UFU  
Prof<sup>a</sup>. Ms. Elsa Guimarães Oliveira - UFU  
Prof<sup>a</sup>. Ms. Lucia de Fatima Valente - UFU  
Prof<sup>a</sup>. Ms. Maria Simone Ferraz Pereira  
Prof<sup>a</sup>. Ms. Aldeci Cacique Calixto - UFU  
Mônica Luiz de Lima Ribeiro - Mestranda UFU  
Dayane Garcia de Oliveira – Bolsista IC FAPEMIG - UFU

Eu tive a honra de coordenar o projeto, não por ser a mais experiente, mas por ser a única doutora com a condição de atender às exigências das agências de fomento à pesquisa. Foi uma sólida experiência de pesquisa coletiva que resultou em apresentação em eventos científicos e na publicação de um livro, conforme mostrado abaixo.

Figura 93 – Capa do livro Didática – entre o pensar, o dizer e o vivenciar



Fonte: A autora.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord.). **Didática: entre o pensar, o dizer e o vivenciar.** Ponta Grossa-PR: Editora UEPG, 2012.

MENDES, Olenir Maria *et al.* Os Planos de Ensino de Didática nos Cursos de Licenciatura e Pós-Graduação em Educação da UFU. In: Encontro de Pesquisa em Educação Da Anped Centro- Oeste, 9, Taguatinga- DF. **Anais.** Taguatinga- DF, 2008. 1CD.

MENDES, Olenir Maria *et al.* Os contrastes da docência no contexto da Didática. In Seminário Nacional o Uno e o Diverso na Educação escolar, X, Uberlândia- MG. **Anais...** Uberlândia- MG. UFU, 2009. 1 CD.

MENDES, Olenir Maria *et al.* Uma análise político-pedagógica da aula de didática nos cursos de formação de professores. In Simpósio Internacional, V, Uberlândia-MG. **Anais...** Uberlândia- MG. UFU, 2009. 1 CD.

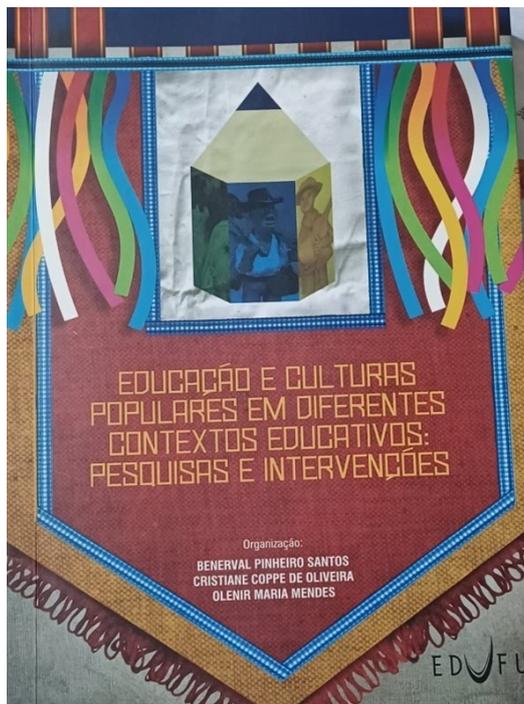
MENDES, Olenir Maria *et al.* O ensino de didática na voz dos(as) estudantes: elementos que compõem a arquitetura da aula. In: XV ENDIPE, 2010, Belo Horizonte. **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais.** Belo Horizonte: UFMG, **Anais**, 2010.

Outra experiência de pesquisa coletiva se deu no Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares – GEPECPOP também vinculado ao PPGED e sob a coordenação da professora Gercina Santana Novais. Esse grupo conseguiu reunir um significativo número de docentes, estudantes bolsistas e comunidade para desenvolver projetos de pesquisas e extensão. Minha história de atuação nos movimentos populares favoreceu sobremaneira minha participação. O projeto se iniciou em 2009 e durou até 2016, por meio de um projeto guarda-chuva, o Projeto Rede de Educação Popular. Dele foi organizado um subprojeto, intitulado “Projeto de pesquisa e intervenção na escola pública: rede de escola pública de educação popular”, contemplando duas dimensões da pesquisa em educação, a produção de saberes e a formação contínua de professores/as. O projeto elegeu como questão central buscar as necessidades formativas e seus significados na/para a inclusão escolar e, para isso, envolveu comunidades de investigação, composta por professores/as, que ali atuavam, pessoas que moravam ao redor, que têm vínculos com a escola, e professores/as-pesquisadores/as e alunos/as da UFU. A pesquisa foi desenvolvida no município de Uberlândia, em bairro das classes populares.

A minha participação se deu diretamente por meio do Subprojeto Gênero e Educação Popular, intitulado Mulheres, Trabalho e Movimentos Sociais, o qual teve como objetivos identificar e analisar em diferentes contextos dos bairros Morumbi, Joana D’Arc, Zaire Resende e Celebridade, do município de Uberlândia-MG, refletindo especificamente sobre relações de gênero, de raça/etnia, de classes sociais, considerando diferentes dimensões que se entrecruzam na produção de sentidos e na constituição da teia social promotora de gestos de inclusão e geradora de culturas.

O nosso coletivo pretendia recuperar as trajetórias das mulheres; refletir sobre as relações de gênero nas experiências, tanto no trabalho comunitário como nas relações familiares e em seus processos educativos; promover a integração das mulheres e seu fortalecimento por meio de atividades coletivas; dar visibilidade para as lutas das mulheres, especialmente a participação na política. A partir desse trabalho, publicamos um capítulo no livro coletivo do Gepecpop, do qual fiz parte da organização, além de compartilhamentos dos nossos estudos em alguns eventos e por meio de publicações em anais.

Figura 94 – Capa do livro coletivo do Gepecpop



Fonte: A autora.

FERREIRA, Jorgetânia da Silva; MENDES, Olenir Maria; JESUS, Wilma Ferreira de. Mulheres, Trabalho, Educação e Movimentos Sociais. In: SANTOS, Benerval Pinheiro, OLIVEIRA, Cristiane Coppe de, MENDES, Olenir Maria. **Educação e culturas populares em diferentes contextos educativos: pesquisas e intervenções**. Uberlândia-MG: EDUFU, 2015; p. 59-83.

Com essa pesquisa procuramos desenvolver um olhar atento sobre a atuação das lideranças femininas, com a intenção de dar visibilidade à trajetória de mulheres consideradas lideranças pela população da região leste de Uberlândia. Buscamos compreender o impacto dessa inserção na vida cotidiana dessas mulheres, bem como da comunidade em que vivem. Para nós, autoras, dar visibilidade ao trabalho das mulheres trabalhadoras pertencentes às classes populares representa uma opção política de transformação de conceitos ou mesmo de “pré” conceitos que necessitam ser quebrados ou reconstruídos.

FERREIRA, Jorgetânia da Silva; MENDES, Olenir Maria; JESUS, Wilma Ferreira de. Mulheres, Trabalho, Educação e Movimentos Sociais. In: Colóquio Pesquisas em Educação e Culturas Populares (COPECPOP), 2012, Uberlândia-MG. Colóquio Pesquisas em Educação e Culturas Populares (COPECPOP). Uberlândia-MG: UFU, 2012. v. 1. p. 1-19.

FERREIRA, Jorgetânia da Silva; GONCALVES, L. A. ; MACHADO, M. A. ; MENDES, Olenir Maria; JESUS, Wilma Ferreira de. Liderança feminina no processo de transformação social: mulher forte que não teme a luta. In: Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares - ENPECPOP, 2011, Uberlândia/MG. ENPECPOP. Uberlândia/MG, 2011.

#### 6.1.7 Outras publicações

Alguns estudos ocorreram a partir de encontros e trocas com outras colegas, seja da Faculdade de Educação, seja de outras faculdades ou institutos ou mesmo em consequência da minha atuação nos movimentos sociais e que estiveram presentes seja nas ações de extensão, seja nas ações de pesquisas e ensino. Desses encontros, apresento algumas publicações em forma de artigos e capítulos de livros que foram significativos nesse processo.

Meus primeiros anos de carreira teve como foco a docência, entretanto, a convivência com uma colega no antigo Depop, hoje uma grande amiga, professora Marineide Oliveira Gomes, possibilitou algumas experiências importantes no campo do ensino e pesquisa. Organizamos uma pesquisa com os nossos alunos e alunas das licenciaturas sobre as lembranças de bons professores e esse estudo resultou em um artigo que foi publicado em uma revista de alcance entre docentes da rede pública no Estado de Minas. Não conseguimos as condições para continuar o trabalho, mas foi um bom começo para a minha carreira. Infelizmente, um ano depois, a minha amiga pediu demissão e voltou para sua cidade natal.

GOMES, Marineide Oliveira e MENDES, Olenir Maria. Lembranças do bom professor. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 05, n.26, p. 57-62, 1999.

Logo em seguida, o meu ingresso no mestrado em educação possibilitou uma experiência de pesquisa bastante significativa. Um novo aprendizado e ser orientada pelo prof. Jeferson Idelfonso, um pesquisador muito experiente, e mesmo que por pouco tempo, possibilitou um estudo dos fundamentos da pesquisa qualitativa, o que resultou na publicação da dissertação como também em um artigo na revista Educação e Filosofia, organizada pelos departamentos ligados à Educação e à Filosofia.

MENDES, Olenir Maria. A formação de professores no contexto educacional brasileiro. **Educação e Filosofia**, Uberlândia - MG, v. 16, n.31, p. 75-91, 2002.

Já em 2017 tive a honra de ser convidada pela professora Ilma Passos para fazer parte do seu livro, publicando algumas contribuições sobre a avaliação educacional.

MENDES, Olenir Maria; SOUZA, Alesandra Ferreira Bento. Quando a avaliação reguladora se transforma em indicador de qualidade da escola. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; VIANA, Cleide Maria Quevedo Quixadá; SILVA, Edileuza Fernandes da; MACHADO, Liliane Campos (Org.). **Docência, Currículo e Avaliação: territórios referenciais para a formação docente**. 1ed.Curitiba: CRV, 2017, v. 1, p. 1-310.

CUNHA, Myrtes Dias; MENDES, Olenir Maria. Crianças, escola e pobreza: discutindo o aprender-ensinar. In: IV Seminário Internacional Direitos Humanos, Violência e Pobreza: a situação das crianças e adolescentes na América Latina hoje, 2012, Rio de Janeiro. **ANAIS 2012**. Rio de Janeiro: Clone Carioca Serv. de Multim. Ltda, 2012. v. 1. p. 1-9.

CUNHA, M. D.; NOVAIS, Gercina Santana; MENDES, Olenir Maria. Crianças e escola: o aprendizado como aventura. **Educação e Filosofia** (UFU. Impresso), v. 26, p. 329-355, 2012.

ANTUNES, Marina Ferreira de Souza e MENDES, Olenir Maria. O Plano Nacional de Educação: desafios a partir da construção do Plano Municipal de Educação de Uberlândia. **Eccos Revista Científica** (Online), v. 36, p. 29-47, 2015.

FERREIRA, Jorgetânia da Silva; JESUS, Wilma Ferreira de; MENDES, Olenir Maria. Mulheres, trabalho, educação e movimentos sociais. In: Benerval Pinheiro Santos; Cristiane Coppe de Oliveira; Olenir Maria Mendes. (Org.). **Educação e culturas populares em diferentes contextos educativos: pesquisas e intervenções**. 1ªed.Uberlândia-MG: EDUFU, 2015, v. U, p. 59-83.

MENDES, Olenir Maria; SILVA, Mavi Consuelo. As marcas do machismo no cotidiano escolar. **Caderno Espaço Feminino** (Online), v. 28, p. 90-99, 2015.

CUNHA, Myrtes Dias; LIMA, Sandra Cristina Fagundes; MENDES, Olenir Maria; SILVA, Maria Vieira. Os efeitos do golpe nas políticas educacionais e o declínio do significado do público na educação. In: NORONHA, Gilberto Cézar de; LIMA, Idalice Ribeiro Silva; NASCIMENTO, Mara Regina do. (Org.). **O golpe de 2016 e a corrosão da democracia no Brasil**. 1ed.Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2020, v. 1, p. 251-270.

MENDES, Olenir Maria; AQUINO, Rúbia Zélia Siqueira. Feminismos e Bíblia: mulheres são também imagem e semelhança Divina. In: Jorgetânia da Silva Ferreira; Gabriela Orsi Santos de Carvalho. (Org.). **Feminismo das Maiorias**. 1ed.São Paulo: Usina Editorial, 2022, v. 01, p. 117-142.

## 7 EXTENSÃO: encontros dialógicos com as comunidades

As atividades que compõem esse memorial, na maioria das vezes, estão interligadas e são desdobramos, ora de ações extensionistas apenas, ora de pesquisas que se desdobram em ações extensionistas, conforme já dito anteriormente. Minha atuação junto aos movimentos populares tem sido um facilitador para essa atividade acadêmica, no sentido de estreitar o diálogo entre universidade e comunidade.

### 7.1 Projetos junto às juventudes

No início dos anos 2000, já participávamos de algumas experiências nos primeiros cursinhos populares de preparação para o vestibular. Nos envolvemos com a organização pedagógica e o seu funcionamento e as aulas, inicialmente, aconteciam em um salão de uma igreja católica, depois em uma escola pública estadual e, por fim, dentro da própria universidade. Tal experiência também gerou alguns estudos que se transformaram em um artigo. Era um trabalho voluntário da juventude do qual eu sempre participei e tínhamos um engajamento muito significativo. Depois de alguns anos, encontramos ex-alunos e alunas dos cursinhos, que se tornaram estudantes de graduação na UFU. Isso foi a nossa maior realização.

MENDES, Olenir Maria. Um desafio metodológico para os cursos populares de preparação para o vestibular. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia - MG, v. 01, n.01, p. 78-81, 2002.

Outro projeto de grande relevância para a comunidade, em especial para a juventude, o qual tive a honra de ser convidada para coordená-lo, foi o “Apoio a Projetos para Estudantes de Ensino Médio - Curso Paulo Freire”, vinculado ao “Projeto liderança juvenil: asas da juventude”. Ele foi desenvolvido nos anos de 2006 e 2007 por meio de uma iniciativa de jovens coordenadores e coordenadoras da Associação Educacional Paulo Freire. Esse projeto foi implementado com apoio da universidade por meio emenda parlamentar, vinculada ao então deputado federal Gilmar Machado, do PT. O projeto era direcionado a jovens de escolas públicas de Uberlândia, que se encontravam matriculados em escolas do ensino médio e tinham como propósito formar lideranças juvenis e possibilitar o acesso às políticas educativas e culturais implementadas. As principais ações desenvolvidas por estudantes bolsistas na juventude foram encontros, palestras,

curso e minicursos, oficinas, vídeos e debates de formação. Também organizamos um curso alternativo de preparação para o vestibular. Trabalhamos a partir de três eixos temáticos: cidadania e participação política; sexualidade e expressão corporal; e cidadania digital e inclusão social. Por meio desse projeto procuramos criar espaços de vivências solidárias e de cidadania, com incentivo à participação dos e das jovens.

Figura 95 - Equipe responsável pela execução do projeto Liderança Juvenil



Fonte: A autora.

Figura 96 - Folder do projeto Liderança Juvenil



Fonte: A autora.

## 7.2 O Gepae e os projetos de extensão da UFU - vivências em formação continuada I, II e III: encontros e desencontros da avaliação educacional

Figura 97 – Cartazes de divulgação das três edições do PEIC organizado pelo Gepae em 2007, 2009 e 2014



Fonte: A autora.

Esse é um projeto de destaque e relevância na história do Gepae. Nos inscrevemos no Programa de Extensão Integração UFU/Comunidade – PEIC/PROEX (Pró-Reitoria de Extensão) e o nosso projeto foi selecionado nas três edições em que participamos: 2007, 2009 e 2014. O PEIC oferecia um apoio importante para atuarmos junto às comunidades, com uma bolsista e ajuda para o material pedagógico necessário. O referente projeto teve como objetivo contribuir com a formação continuada de professores e professoras acerca dos fundamentos e práticas da avaliação educacional, por meio de reflexões, discussões e estudos teóricos sobre o tema.

O desenvolvimento dos três projetos se deu através de atividades, as quais se orientavam por meio de vivências de situações práticas de avaliação. Os procedimentos utilizados para avaliar foram compreendidos como recursos de coleta de dados sobre a aprendizagem dos e das cursistas. Para tanto, esses procedimentos buscaram criar possibilidades e vivenciar experiências como meio de acompanhar o processo de aprendizagem e de informação sobre os conhecimentos e as condutas apreendidas. Utilizamos diferentes tipos de registros para a construção de portfólio de acompanhamento das aprendizagens significativas dos e das cursistas.

Inicialmente, exploramos com os grupos de participantes suas impressões, lembranças e experiências avaliativas vivenciadas ao longo da vida escolar. Para tanto, objetivamos possibilitar ao grupo, por meio de desenhos, músicas, argila e pintura, uma vivência de situações e sentimentos que trouxessem à tona as experiências avaliativas mais marcantes, fossem elas positivas ou negativas. Acreditamos que essas situações constituíram momentos significativos de resgate das memórias dos e das cursistas acerca da avaliação.

Além disso, ao longo dos encontros, realizamos estudos com o objetivo de possibilitar uma fundamentação teórica sobre avaliação e seus condicionantes sócio-históricos. Assim, as reflexões, além de vivenciais, aconteceram por meio de aula expositiva dialogada, debates, leituras e análises de situações avaliativas dilemáticas. Cada edição teve entre nove a quinze encontros com temáticas diversas. Destacou-se também o uso das artes e culturas locais como parte de nossos processos e sensibilização. Contamos com as diferentes linguagens artísticas, como a música, argila, pinturas em tela, teatro, literatura e poesia.

Em 2007 desenvolvemos o PEIC 2007 N°90, cadastrado como SIEX/UFU 5217/7, realizado no período de junho a novembro. Ele contou com treze docentes envolvidas, uma técnica administrativa e uma bolsista graduanda do curso de Pedagogia, além de três participantes voluntárias.

Figura 98 – Folder do PEIC N° 90 em 2007

**FOLDER - Vivências em formação continuada I: encontros e desencontros da avaliação educacional**

Fonte: A autora.

Figura 99 - Encontros do PEICI 90 em 2007



Fonte: A autora.

Em 2009 desenvolvemos o PEIC 2009 N°24, cadastrado como SIEX/UFU 7111/8, realizado no período de abril a novembro. Ele contou com dez docentes envolvidas, duas técnicas administrativas, nove estudantes do curso de Pedagogia, sendo uma delas bolsista pelo Programa.



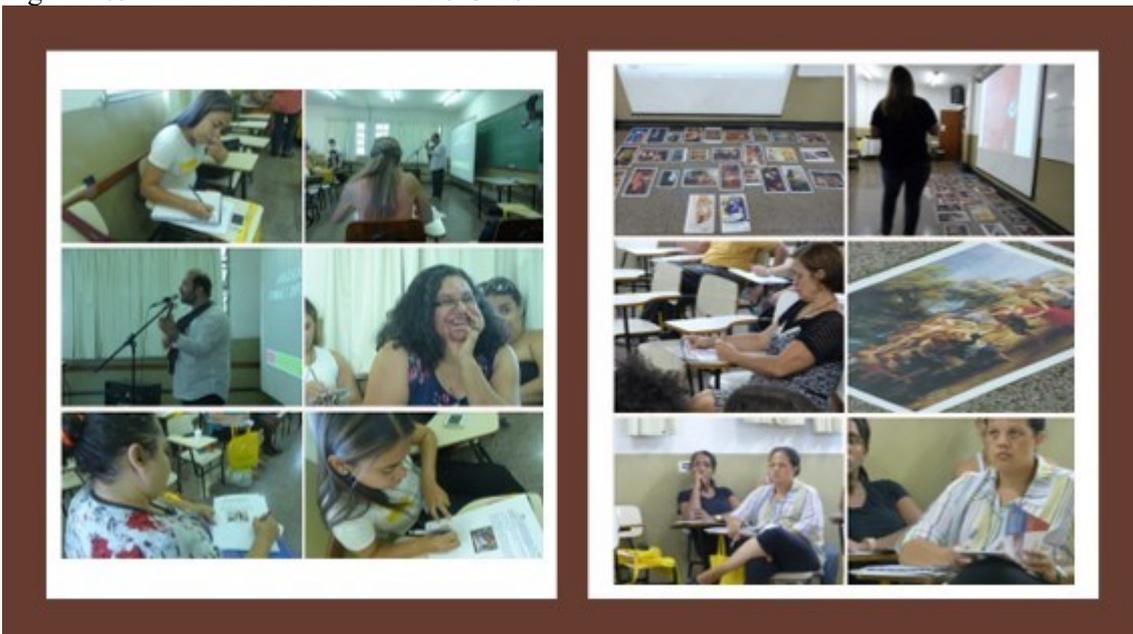


Figura 104 - Encontros do PEIC em 2013-2014



Fonte: A autora.

Figura 105 -Encontros do PEIC em 2013-2014



Fonte: A autora.

Figura 106 - Encontros do PEIC em 2013-2014



Fonte: A autora.

Compartilhamos alguns registros sobre o nosso processo:

A riqueza nos detalhes, a interação e liberdade entre professores e alunas, formandas, preparação dos ambientes, tanto físico como emocional. Liberdade de expressão e acolhida dentre outros. (Maria)  
Aprendemos muito e nos alertou como avaliar o aluno. Também a recepção foi muito carinhosa. (Oneida)

O planejamento, a coerência, espírito de equipe, as temáticas interessantes, as atividades motivadoras, acolhida amorosa, o lanche delicioso! (Nilva)

Pontos a serem melhorados:

Não utilizar o sábado inteiro, pois é muito cansativo. (Nilva)

Penso que não existem pontos negativos, uma vez que todo ocorrido serviu para dialogar sobre a teoria e prática. (Carlos)

Em cada encontro poderia fazer um intervalo para um descanso. “ (Lívia)

Mudanças da visão sobre avaliação:

Estou entendendo a avaliação de uma forma mais ampla, mais crítica, como forma de reconstruir um processo de ensino-aprendizagem. (Carlos)

Entendo a avaliação não como parte isolada no processo de ensino, a avaliação deve ocorrer de forma contínua no processo ensino-aprendizagem. (Carmen)

A avaliação é dinâmica, inclusiva, construtiva e amorosa tendo em vista tomar uma decisão sobre o processo ensino-aprendizagem. (Edilamar)

Avaliação tem que se dar como um processo da aprendizagem e não isolada. Precisa ser compreendida em sua função social para mudarmos nossas ações e práticas. (Helgalisi)

Assim, nós, participantes do Gepae, nos empenhamos muito para que tudo ocorresse da melhor forma possível. O PEIC foi um Programa de grande relevância tanto para a Universidade como para a comunidade. Durante as três edições do projeto tivemos a possibilidade de estabelecer uma relação dialógica com a sociedade, tendo a oportunidade de trocar e interagir de alguma forma na realidade social em que vivemos. Muitos aprendizados significativos, além de um forte estreitamento de laços. Um rico processo de construção com a comunidade. Desse projeto tivemos pessoas interessadas em continuar estudando o tema avaliação, o que resultou em um retorno para a Universidade, seja se integrando ao Gepae, seja para cursar a pós-graduação.

O curso, de maneira geral, constituiu-se como um espaço de reflexão e diálogo, itens essenciais para a formação dos e das profissionais da educação. Isso, porque contou com a participação de professores e professoras, diretoras e vice-diretoras que estão atuando nas escolas públicas de Uberlândia e Araguari (cidade vizinha).

### 7.3 Atuação do Gepae junto à Rede Municipal de Ensino de Uberlândia

No período de 2013 a 2016, a prefeitura de Uberlândia foi administrada pelo ex-prefeito Gilmar Machado, do Partido dos Trabalhadores e Trabalhadoras – PT. Gilmar convidou a professora Gercina Santana Novais, docente da UFU e colega de trabalho, para participar do seu governo como secretária municipal de educação. Trata-se de uma pessoa muito engajada e ligada à educação popular. Essa experiência possibilitou um momento significativo em que vários projetos foram construídos e desenvolvidos em parceria com a Faculdade de Educação. O Gepae fez parte de várias parcerias, tanto na pesquisa quanto na extensão.

O Município de Uberlândia instituiu na Rede Pública Municipal a Lei nº 11.444, de 24 de julho de 2013, pelo Direito de Ensinar e de Aprender (UBERLÂNDIA-MG, 2013). Por meio dela, encontramos possibilidades de desenvolver pesquisas, extensão e o nosso II Seminário Internacional de Avaliação. Foi um tempo de intensas trocas e, com certeza, uma integração relevante entre a universidade e a comunidade.

Foi a pesquisa coletiva do Gepae sobre produção da qualidade a partir da política de avaliação sistêmica mineira nas Redes Municipais de Uberlândia e Ituiutaba, que se iniciou em 2012, que motivou a elaboração de um projeto de pesquisa de doutoramento, sob minha orientação, o qual se propôs a realizar um olhar mais estreito para práticas avaliativas na Rede Municipal de Educação de Uberlândia-MG, com o intuito de

compreender o lugar que a avaliação ocupa na escola. O projeto foi intitulado “Avaliação na Rede Municipal de Educação de Uberlândia –MG: olhares e práticas presentes no cotidiano escolar e por meio do Edital Nº 04/2015 PIBIC/FAPEMIG/UFU. Contamos a participação de uma aluna de pós-graduação em nível de doutoramento e uma bolsista de Iniciação Científica. O trabalho citado abaixo trouxe os resultados obtidos.

**COSTA, Simone Freitas Pereira. Sobre percepções docentes acerca da avaliação da aprendizagem e da Prova Brasil, em turmas do 5º ano do ensino fundamental da rede municipal de educação de Uberlândia-MG.** Uberlândia-MG, 2018. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

Figura 107 - Defesa da tese de doutoramento - minha orientanda de doutorado Simone Costa e eu, professoras Leonice Richter e Gercina Santana Novais, colega do Programa de Pós-Graduação e ex-secretária municipal de Educação na gestão do prefeito Gilmar Machado. Uma das grandes responsáveis pela importante interlocução entre a Universidade e a Rede Municipal de Educação de Uberlândia.



Fonte: A autora.

Destaca-se também um projeto de Licença Capacitação<sup>19</sup> desenvolvido por mim e por minha colega de faculdade, a professora Camila Coimbra, à época também

---

<sup>19</sup> O art. 87 da Lei nº 8.112/1990 estabelece que após cada quinquênio de efetivo exercício, o servidor poderá, no interesse da Administração, afastar-se do exercício do cargo efetivo, com a respectiva remuneração, por até três meses, para participar de curso de capacitação profissional.

participante do Gepae. Fizemos uma proposta de constituição de um grupo de estudos no Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz – Cemepe, durante nosso período de Licença Capacitação - de 17/08 a 14/11/2015.

Tal licença se concretizou com o desenvolvimento do projeto intitulado "Grupos de estudos em avaliação educacional na rede municipal de ensino de Uberlândia: qual o lugar da avaliação na escola?" o qual contou com uma equipe executora composta por vinte e duas pessoas, incluindo eu e a professora Camila, como professoras da Faculdade de Educação/UFU. A formação desse grupo de estudos contou também com a participação de, pelo menos, uma pessoa de cada um dos dez núcleos temáticos do Cemepe e sua diretora, com participação assídua.

O grupo de estudo em Avaliação criado no Cemepe desenvolveu suas atividades em duas dimensões: os momentos de leitura e estudo dos textos, que foram individuais, em dupla ou em grupo, e outro momento de discussão coletiva denominado “Enrola não, desenrola”, em que foram seguidos os passos: Inspiração; Problematização; Aprofundamento Teórico; Plano e Ação e as Sugestões.

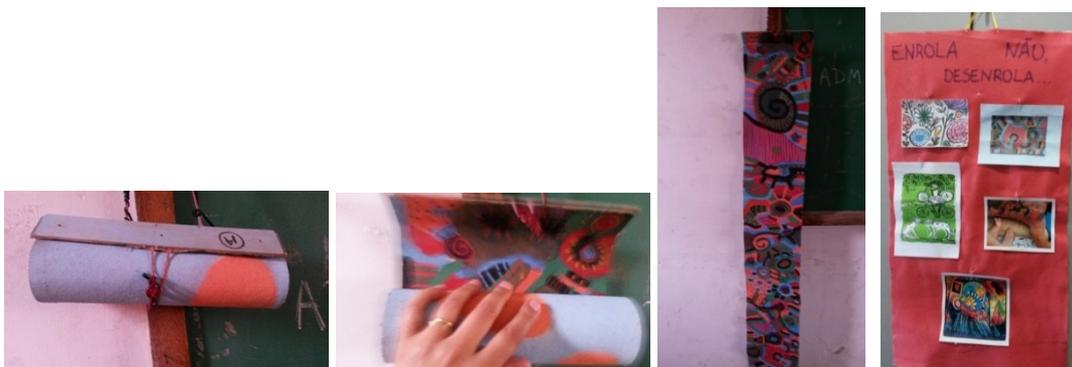
O termo denominado “Enrola não, desenrola”, se deu a partir de uma exposição da artista plástica Daniela Lima. Desse olhar sensível e inspirador, a professora Camila Coimbra propôs a participação de quatro artistas uberlandenses, com suas obras, para a realização do primeiro momento: Hélio de Lima, Alexandre França, Cintia Guimarães e Elaine Corsi. A partir das obras, nos perguntamos: Como inspirar para o conhecimento? Quais sentidos? Quais significados? Quais interesses e desejos se entrecruzam? Em seguida, partíamos para a problematização que tinha a prática, o concreto, o cotidiano da realidade escolar como referências básicas.

O nosso objetivo era levantar os diferentes entendimentos/concepções sobre o tema. Depois dessa discussão, nos organizávamos com o objetivo de buscar aprofundamento teórico. Usávamos fragmentos de textos/artigos de autores que contribuíram com os elementos teóricos que, a partir da problematização, poderiam auxiliar o estudo. Ao final dos textos, havia um roteiro de discussão, com algumas questões para provocar o debate. Em seguida, partíamos para o plano de ação, que remetia à indicação de ações que transformassem a prática, por meio das seguintes perguntas: Como modificar/alterar ou refletir sobre a realidade a partir do estudo feito? O movimento teoria e prática ou reflexão e ação fizeram parte desse processo, o qual buscava uma docência com autonomia para a construção de uma prática educativa. Fechamos o nosso

processo fazendo troca de sugestões, socializávamos filmes, documentários, músicas, livros e tudo o que pudesse complementar/acrescentar as discussões sobre a temática.

Durante os três meses de licença, foi possível obter um alcance do nosso trabalho por meio de encontros promovidos pelo Cemepe com os/as pedagogos/as da Rede e entre algumas escolas também da Rede Municipal de Uberlândia, momento em que nós, professoras da Faced, participávamos e estimulávamos a formação de grupos de estudos nesses espaços. Foram as seguintes escolas: Emei São Francisco de Assis; E.M. Prof. Leôncio do Carmo Chaves; E.M. Eugenio Pimentel Arantes; E.M. Prof. Otávio Batista Coelho Filho; e Escola de Educação Infantil do Bairro Tubalina. Desse modo, o projeto desenvolvido foi implementado em cinco escolas municipais e envolvendo uma média de 200 profissionais da rede municipal, que participaram dos estudos sobre avaliação educacional. Para nós, do Gepae, representou uma oportunidade de construção coletiva muito significativa.

Figura 108 - Obras da artista Daniela Lima, usadas para a inspiração “Enrola não, desenrola”



Fonte: A autora.

Figura 109 - Grupo de estudos no Cemepe - Momento de compartilhamento do “Enrola não, desenrola”



Fonte: A autora.

Esse projeto possibilitou, ainda, o crescimento significativo da demanda de orientação e capacitação que recebemos das unidades escolares. O Gepae foi convidado para trabalhar o tema com professores e professoras de várias escolas municipais.

#### 7.4 Os Cadernos Temáticos

Os Cadernos Temáticos organizados pelo coletivo do Gepae foram inspirados e reinventados a partir de documentos de uma experiência do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, nos anos de 2000. A principal motivação para a criação desses cadernos foi a nossa experiência durante a implementação do projeto “Grupo de estudos em avaliação educacional na rede municipal de ensino: qual o lugar da avaliação na escola?”, durante nossa capacitação em 2015, aqui já mencionada.

A ideia dos cadernos surgiu com o objetivo de registrar algumas das experiências de estudos desenvolvidas na Rede Municipal durante o Projeto, com uma metodologia criada coletivamente. Para tanto, o Gepae se subdividiu em equipes de acordo com as temáticas dos Cadernos. Organizamos cinco deles, sendo cada um com um enfoque, porém, o mesmo eixo: avaliação educacional. O objetivo do Gepae, ao elaborar estes Cadernos, foi compartilhar esta experiência, para que ela fosse reinventada pelos professores e professoras em seus locais de trabalho e para que pudéssemos ampliar o debate acerca desta temática, tão tímida, muitas vezes, nos cursos de formação de

professores e professoras. Cada Caderno, a partir de seu enfoque específico, percorreu a mesma estrutura: apresentar, debater, aprofundar e sintetizar cada tema.

O momento **Inspiração** foi criado com o objetivo de trazer uma imagem para propiciar a sensibilidade necessária ao tema proposto. A escolha de artistas uberlandenses teve como princípio a aproximação entre a obra e o/a artista. Propusemos questões para serem debatidas nos grupos de estudos, as quais foram: a partir desse olhar, como desenrolamos a sensibilidade? Como inspirar para o conhecimento? Quais sentidos? Quais significados? Quais interesses e desejos se entrecruzam? Quais sentidos afloram? Discutir avaliação formativa implica pensar na humanidade que habita cada um e cada uma de nós: afetos, sentimentos, benquerença, dentre outros.

Figura 110 - Caderno Temático volume I – momento inspiração



Fonte: A autora.

Outro momento é o tempo para a **Problematização**, que tem como ponto de partida a prática, o concreto, o cotidiano da realidade escolar. Objetivamente foram levantados os diferentes entendimentos/concepções sobre o tema, a partir de uma outra linguagem. Usamos e abusamos das *charges* para buscar as perguntas sobre o tema.

Figura 111 - Caderno Temático volume I – momento problematização



Fonte: A autora.

Ao inspirar e problematizar a temática, buscamos, por meio da **Contextualização**, localizar as concepções, autores, autoras e fontes que materializam a compreensão do Gepae sobre a Avaliação e, mais especificamente, sobre o enfoque de cada Caderno. A contextualização é o momento em que o Gepae define sua compreensão acerca do tema. Logo depois apresentamos como momento de estudo e de leitura, há o **Aprofundamento teórico**. São apresentados fragmentos de textos/artigos de autores e autoras que contribuem com os elementos teóricos que, a partir da problematização, auxiliam o estudo com elaborações que possibilitam estabelecer novas relações e interpretações sobre o tema.

Como no Aprofundamento Teórico, optou-se pelos fragmentos dos/as autores/as, chamado de momento da **Síntese**. Ele tornou-se imperativo para que o Gepae pudesse, com suas palavras, expressar-se e posicionar-se diante dos pontos importantes da discussão.

Buscando a coerência entre a teoria e a prática, o **Plano de Ação** surge para a reflexão sobre a própria prática, pois remete à indicação de ações que transformem a prática que deu origem ao estudo do tema. Como modificar/alterar ou refletir sobre a realidade a partir do estudo feito? O movimento teoria e prática ou reflexão e ação fazem parte desse processo formativo.

Por fim, em **Sugestões**, são compartilhados os filmes, documentários, músicas, livros e tudo o que possa complementar, acrescentar, ajudar a compreender as discussões

sobre a temática. Outras linguagens são importantes para esse processo formativo, desde o começo, com a inspiração, até o final/reinício, com as sugestões.

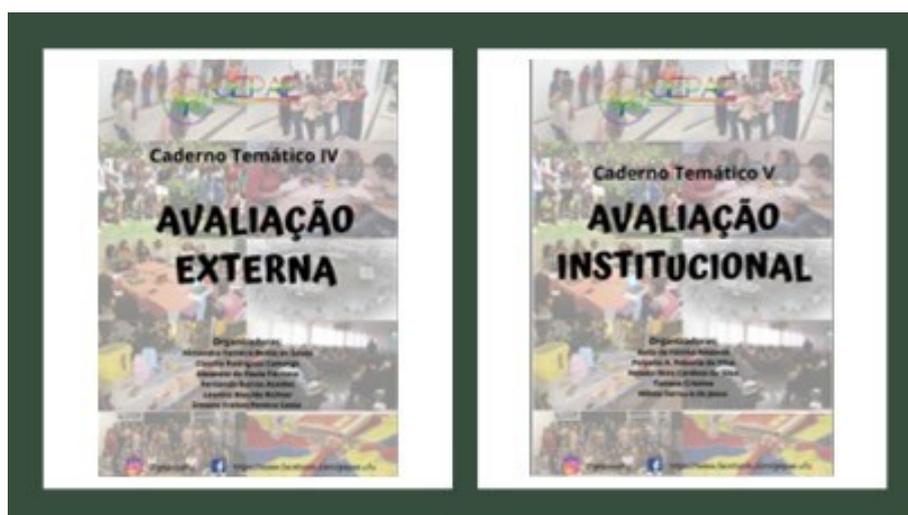
A intenção do Gepae, com esse registro sob a forma de Cadernos Temáticos, foi estimular a criação de grupos de estudos nas escolas, oferecendo uma proposta metodológica de estudos a partir de temas, com sugestões de textos para os estudos. Trabalhamos para que a escola seja um espaço dialógico e sensível e que a formação contínua e permanente seja uma realidade dentro das escolas.

Figura 112 - Caderno Temático volumes II e III



Fonte: A autora.

Figura 113 - Caderno Temático volumes IV e V



Fonte: A autora.

## 7.5 Assessorias e palestras

A nossa trajetória também possibilitou um encontro com várias instituições por meio de encontros pontuais como palestras, minicursos ou mesmo oficinas. Os convites vieram, em sua maioria, em função de nossa trajetória de estudos e pesquisas sobre avaliação educacional. As atividades do Gepae conseguiram ultrapassar os muros da Universidade e, inclusive, da cidade de Uberlândia. Tivemos a oportunidade de ir até alguns municípios vizinhos e região do Triângulo Mineiro, como Araguari-MG, Ituiubaba-MG, Itumbiara-GO, Patos de Minas-MG, Uberaba-MG, Urutaí-GO. Sempre buscamos atender a esses chamados e convites, uma vez que compreendemos a importância de estabelecermos de diálogos com a comunidade.

Tivemos a oportunidade de discutir o tema avaliação com cursos de graduação da UFU, como Biologia, Educação Física, Geografia, Matemática, Medicina, Odontologia, Psicologia, Veterinária e Pedagogia no campus Pontal, na cidade de Ituiutaba, e na escola de aplicação da UFU, a ESEBA. Na Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, em Uberaba, tivemos a oportunidade de trabalhar com todas as engenharias por três anos. Por meio das organizações estudantis, também recebemos convites para participar de palestras e mesas-redondas no curso de Pedagogia de Uberlândia, Biologia, e Geografia e o Diretório Central dos e das Estudantes – DCE.

O Cemepe, a Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia, as escolas públicas estaduais e municipais, algumas escolas particulares, foram espaços importantes de encontros em formatos diversos, os quais propiciaram um importante diálogo sobre avaliação educacional.

Figura 114 - Cartaz de divulgação Encontro do IF Urutaí-GO

**INSTITUTO FEDERAL  
GOIÁS  
Câmpus Urutaí**

**I ENCONTRO PEDAGÓGICO  
2015/1**

*Discutindo a educação no âmbito do ensino, pesquisa e extensão*

Local: Centro de Eventos Nilo Peçanha - IF Goiás - Câmpus Urutaí  
Público alvo: Docentes e técnicos administrativos da instituição

<p><b>27/01/2015</b></p> <p>7h - Recepção e café da manhã</p> <p>8h30min - Palestra: "Apreensão significativa e ensino efetivo" - Prof. Dr. Per Christian Braathen (UNIVCOISA)</p>	<p><b>28/01/2015</b></p> <p>7h - Recepção e café da manhã</p> <p>8h30min - Palestra: "Avaliação de aprendizagens: tendências e desafios" - Prof. Dr. Olenir Maria Mendes (UFU)</p>
<p><b>29/01/2015</b></p> <p>7h - Recepção e café da manhã</p> <p>8h30min - Tema: "A extensão no âmbito das instituições de ensino" - Organizadores: Prof. Dr. Paulo César Ribeiro da Cunha e Prof. Dr. Eduardo de Faria Viana (IF Goiás)</p>	<p><b>30/01/2015</b></p> <p>7h - Recepção e café da manhã</p> <p>8h30min - Palestra: "A importância da pesquisa científica e da pós-graduação nas instituições de ensino" - Prof. Dr. Kátia Fátima Fernandes (UFU)</p> <p>13h - Almoço de encerramento.</p>

<http://www.ifgoias.edu.br/urutaí/home/>

Fonte: A autora.

Figura 115 - Folder Círculo de Cultura curso de Pedagogia UFU Pontal

**Facilitador e docentes do curso de pedagogia**

**Coordenador(a)**

Secretário: Lara Ribeiro Franco  
 Profª. Betânia de Oliveira Lacerda Ribeiro  
 Profª. Luciana Ruffalo Ruckler  
 Profª. Lílian Cibele Silva  
 Profª. Lucio de Fátima Vilela  
 Profª. Lucio Helcio M. de Almeida Oliveira  
 Profª. Maria Aparecida Augusto Sarto Vilela  
 Profª. Valéria Marlene Rezende

**Coordenador**

Profª. Cecília Lima Coimbra  
 Profª. Maria Zilda Passarelli  
 Profª. Néia Desouza Spigolon  
 Profª. Cleir Maria Mendes

**Colaboradora**

Ana Paula de Sá Costa

**UFU**

**FACIP**

**Pedagogia**

**Parceiros**

FAPESP, FINEP, CAPES

**no Círculo de Cultura**

Ana Paula de Sá Costa

13 a 15 de junho de 2016  
 Horário: das 10 h às 23h30min  
 Local: Escola Estadual João Pinheiro  
 Rua 23.351 - Centro, Itapecuru - MS  
 DUA/MS/16

Aprovação	Criação/Implementação	Círculo de Cultura
<p>Dez anos após a implementação do curso de Pedagogia, como parte do Facultade de Ciências Integradas de Pontal (FACIP) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em Itapecuru/MS, iniciou-se um profícuo processo de relação de mão-an-Círculo de Cultura.</p> <p>O Círculo de cultura foi parte de uma concepção teórica, implementada com o objetivo de humanização, formação profissional, relacionamento entre educador e educandos e que resgate a identidade profissional dos envolvidos na realidade de sua localidade.</p> <p>Nesse curso propõe a realização de um Círculo de Cultura no final de cada ciclo de formação, com o objetivo de promover o aprofundamento teórico e prático dos estudantes e educadores.</p> <p>Ciclo I - as esferas teóricas de História e Ciclo II - múltiplas leituras e o respeito pela diversidade e Ciclo III - tempo e espaço pedagógico em construção.</p> <p>Neste Círculo de Cultura visamos um momento especial, uma cidade de todos em efetivar esta proposta pedagógica.</p>	<p>De 08/06/2016</p> <p>Projeto 01 - Círculo</p> <p>Responsáveis: Rogi, Thelma, Luciana, Fernanda Aparecida, Raissa e Dilema</p> <p>Data: 08/06/2016</p> <p>Projeto 02 - Laboratório de social</p> <p>Responsáveis: Rogi, Thelma, Lílian, Luciana, Fernanda Aparecida, Raissa, Dilema</p> <p>Data: 08/06/2016</p> <p>Projeto 03 - Vídeos, apresentação do Círculo de Cultura como parte do curso Pedagogia Pontal - MS</p> <p>Responsáveis: Luciana e Lílian</p> <p>Data: 08/06/2016</p> <p>Projeto 04 - Interdisciplinaridade por ciclo de formação</p> <p>Responsáveis: Rogi, Thelma, Lílian, Luciana, Fernanda Aparecida, Raissa, Vilela, Almeida e Raissa, Raissa e Luciana</p> <p>Data: 13/06/2016</p> <p>Projeto 05 - Círculo de estudos pessoais significativos para sempre o mestre do Círculo de Cultura/Responsáveis: Rogi, Thelma, Fernanda Aparecida, Raissa e Dilema</p>	<p>De 13/06/2016 das 10 h às 23h30min</p> <p>Resumo, Colaboração de textos e histórias de nossa Formação</p> <p>Atividade com o(a) participante Raissa (Ela Passarelli)</p> <p>Local: Escola Estadual João Pinheiro</p> <p>De 14/06/2016</p> <p>Objetivo: Trazer para o debate o tema de cada ciclo de formação e as experiências com o ensino, visando o aprofundamento teórico e prático de cada ciclo de formação.</p> <p>Projeto: Ciclo de Formação: Profª. Néia Desouza Spigolon</p> <p>Responsáveis: Cecília Lima Coimbra</p> <p><b>Terceiro Ciclo de Formação:</b></p> <p><b>Profª. Cleir Maria Mendes</b></p> <p>Local: Escola Estadual João Pinheiro</p> <p>De 15/06/2016</p> <p>Objetivo: a apresentação dos ciclos de Formação com destaque ao tema geral do Círculo de Cultura</p> <p>Objetivo: De debates sobre experiências e dificuldades vividas durante o processo pedagógico de construção do círculo de cultura, que será apresentado ao círculo.</p> <p>Local: Escola Estadual João Pinheiro - Itapecuru/MS</p>

Fonte: A autora.

## 7.6 O documentário Mulheres Incríveis

Por fim, concluo o tema extensão, que envolve o meu trabalho acadêmico e a minha relação com a comunidade, trazendo para essas memórias a minha participação no documentário Mulheres Incríveis. Foi uma honra para mim ser convidada para fazer parte de um grupo seletivo de mulheres que participaram desse lindo e importante projeto. Para mim, mais uma evidência de que minha atuação tem tido uma repercussão significativa.

O documentário Mulheres Incríveis teve como objetivo apresentar e celebrar a vida de dezesseis mulheres, levantando questões sobre o cuidado com a outra pessoa, cuidado de si mesma, suas lutas diárias, seus sonhos e conquistas. Este documentário consistiu em mostrar a luta feminina em diversos aspectos, no âmbito racial, religioso, educacional, político, passando pela luta das mulheres com deficiência e mostrando que tal enfrentamento vem de geração em geração.

O documentário foi produzido em formato de série, contendo quinze episódios, cada um contemplando uma das mulheres. O projeto foi realizado via financiamento cultural da Emenda Parlamentar da Deputada Áurea Carolina. A produção executiva foi feita pela Lília Carneiro, a produção dos conteúdos e decupagem dos vídeos foram feitas pelas estagiárias Aleska Trindade, Francine Raimundini, Glenda Silva, Isabela Bicalho, Laurianne Silva, Rúbia Aquino e Thamires Nascimento. O roteiro e a direção de cena e conteúdos foram feitos pela Nara Sbreebow, enquanto Ana Terra ficou responsável pela edição da série. A produtora responsável por todo o processo foi a Ekobé Filmes/Projeção e Imagem. A emissora TV Universitária de Uberlândia reproduziu os episódios no mês da mulher, de segunda a sexta, sendo que o primeiro deles foi exibido no dia 8 de março de 2022 e o último no dia 30 de março daquele mesmo ano. Após seu lançamento, os episódios ficaram registrados no Instagram e Facebook da coordenadora geral do programa, professora Jorgetânia da Silva Ferreira e estão disponibilizados na plataforma YouTube.

Figura 116 - Cartaz divulgação e página no Facebook projeto Mulheres Incríveis



Fonte: A autora.

## 8 GESTÃO/ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS

Realizei poucas atividades administrativas nesse percurso profissional. Até me dispus a duas tarefas administrativas, porém não fui eleita. Uma, como candidata à pró-reitora de graduação na chapa UFU pra valer: academia e sociedade, no ano de 2008, encabeçada pelo professor Antônio de Almeida. A outra, como candidata à coordenadora do curso de Pedagogia, em 2009. Confesso que hoje sinto um alívio em ter perdido as duas eleições.

Fiquei honrada em fazer parte de uma chapa construída coletivamente e que ousei pela primeira vez apresentar-se como chapa completa para disputar eleições para a reitoria. O habitual é apenas apresentar reitor e vice e compor a gestão após ter vencido o pleito. Construímos juntos um programa muito bacana e batalhamos para vencer, ou seja, fizemos a nossa parte. O professor Antônio, hoje aposentado, sempre teve uma história de engajamento social e político e era, de fato, uma alternativa concreta de experiências democráticas.

A chapa **UFU PRA VALER: ACADEMIA E SOCIEDADE** expressa o compromisso de docentes, discentes e técnicos administrativos com o fortalecimento da Universidade Federal de Uberlândia como instituição pública de excelência acadêmica, em que a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão seja confirmada na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico, artístico e cultural e da superação da exclusão e das desigualdades sócio-econômicas, raciais, de gênero, das pessoas com deficiência e outras.

Esse compromisso se associa à convicção de que a UFU deve avançar também como uma instituição autônoma, **verdadeiramente do público**, confirmando o seu papel na construção de uma sociedade justa e igualitária e não admitindo quaisquer formas de preconceitos.  
(Folder com os compromissos da chapa – 2008)

### **UFU PRA VALER: ACADEMIA E SOCIEDADE**

**Reitor:** Prof. Dr. Antônio de Almeida

**Vice-reitor:** Prof. Dr. Jomar Medeiros Cunha

**Pró-Reitoria de Graduação:** Profa. Dra. Olenir Maria Mendes

**Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação:** Prof. Dr. José Francisco Ribeiro

**Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis:** Profa. Dra. Gercina S.Novae

**Pró-Reitoria de Planejamento e Administração:** Prof. Dr. José Antonio Galo

**Pró-Reitoria de Recursos Humanos:** Lílian Machado de Sá

**Prefeitura Universitária:** Paulo Fernandes de Bessa

Dessa rica experiência, muito me impressionou conhecer a Universidade em sua grandeza. Foi muito interessante andar pela instituição, dialogar com as pessoas e sonhar uma Universidade mais democrática, plural e transformadora.

Nas eleições para o curso de Pedagogia, na verdade, me sinto vitoriosa. Se fosse uma eleição paritária, eu teria ganhado. Fui mais votada entre os e as estudantes, porém, a tradicional votação proporcional, com um peso elevado para docentes (70%), desde em meu tempo de estudante de Pedagogia, resulta que quem decide somos nós, docentes. Ne nesse grupo eu perdi por dois votos. Sempre participei da luta para que os processos democráticos de escolha de candidatas e candidatos na UFU fossem por meio do voto paritário, muito antes de ser candidata. Depois de muitos anos, finalmente a Faced aprovou essa opção. Sempre acreditei e defendi a participação estudantil em todos os processos, inclusive nas decisões.

Atuei como coordenadora da equipe de Didática, no período em que nos organizávamos em departamentos. Foi um momento em que havia mais docentes contratados/as do que efetivos/as. Tivemos que nos organizar com apenas três professoras efetivas e por isso o papel principal foi juntar turmas a serem oferecidas para toda a Universidade. Tempos difíceis, gestão de Fernando Henrique Cardoso (1999 a 2002, segundo mandato) e impedimento de realização de concursos para substituir as vagas resultantes das aposentadorias, um tempo de estagnação e até encolhimento das Universidades, de várias tentativas de privatização e, justamente por isso, momento de muitas greves e lutas.

Bem mais tarde, março de 2020, início de uma pandemia mundial, me tornei novamente coordenadora, agora Núcleo de Didática, que é o atual formato dentro da Faculdade de Educação, a partir do novo estatuto da UFU. Outra organização e outro contexto, numa pós-gestão de Lula e Dilma, período em que houve uma expansão das Universidades públicas, com dez docentes efetivas e efetivos. Usamos o tempo de pandemia para nos articular como Núcleo, estudar e aprender sobre o ensino remoto. Uma experiência coletiva bastante interessante.

Outras experiências de gestão foram nos colegiados do Curso de Geografia e depois no de Pedagogia. Nesses espaços tive a oportunidade de participar das discussões sobre os projetos dos cursos e vivemos experiências complexas no campo das decisões coletivas, porém muito relevantes. Foi um tempo que conseguíamos reunir docentes para planejar e desenvolver atividades coletivas a serem realizadas com as turmas.

Por fim, a minha participação como membra do Conselho, antes Dpope, e hoje da Faculdade de Educação. Durante a maior parte de minha trajetória, o nosso conselho sempre foi universal, com participação de todo o corpo docente e de representação estudantil, porém, no último ano, o Conselho da Faculdade, durante a pandemia e em formato online, aprovou a constituição de seu conselho por representação. Acho que foi um retrocesso, mas o tempo dirá. Nas reuniões, experimentamos diferentes debates, conflitos, que resultaram em experiências democráticas significativas.

Considero também significativa minha participação na Comissão Própria de Avaliação – CPA/UFU, criada em 2005, nos moldes do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior – SINAES, pela Portaria n. 302 de 08 de abril de 2005, com o objetivo de conduzir o processo de avaliação interna da instituição, em conformidade com a Lei no 10.861/04 e nos termos das diretrizes e portarias da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior – CONAES.

Particpei da CPA/UFU por indicação de representação docente, por meio do nosso sindicato, ADUFU-SS, segundo a Portaria nº 1020 de 27 de maio de 2013, com mandado de dois anos, e recondução conforme a Portaria n. 642 de 10 de junho de 2015, por mais dois anos. Foram longos quatro anos os quais procuramos contribuir com o processo de avaliação institucional da UFU, buscando levar os princípios da avaliação institucional formativa, almejando mais do que meramente aplicar questionários, mas levantar dados que pudessem revelar as reais necessidades da Universidade com o intuito de obter melhoria de sua qualidade. Foi um esforço coletivo também procurar compreender os dados levantados por meio de análises e discussões em grupos de trabalho. O empenho foi grande, mas conseguimos realizar um encontro entre coordenadores de cursos, docentes, estudantes e técnicos em pequenos grupos temáticos, com o intuito de construir propostas concretas de ações para o alcance das melhorias. Realizamos encontros de discussões e debates com o propósito de obter a participação da comunidade universitária. O Gepae foi chamado por sermos pesquisadoras em avaliação.

O trabalho foi significativo, porém não suficiente por não conseguirmos uma regularidade da própria comissão e por não haver uma prática de avaliação constante dentro da instituição. De qualquer modo, terminados os quatro anos não pudemos continuar, por não haver possibilidade de uma segunda recondução.

## 9 OUTROS SABERES E SABORES

### 9.1 Memórias sindicais

Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste. (Paulo Freire, Pedagogia da Autonomia)

Eu não poderia contar as minhas memórias sem trazer as experiências que tive nas lutas em favor do movimento docente em nosso país, seja na educação básica, seja no ensino superior. Minha história sempre esteve atrelada às lutas sociais e segui a carreira docente a partir dessa coerência. Sou militante sindical desde minha formação profissional na educação básica, em movimentos sociais de modo geral, associação de bairros, de igreja (Cebes, Cebi e grupos de jovens), sempre nas lutas contra a fome e a desigualdade social. Um grande aprendizado sobre a coletividade como força de luta e de resistência.

Como docente da educação básica, me filei à União de Trabalhadores e Trabalhadoras em Educação de Minas Gerais - UTE, hoje Sindicato dos e das Trabalhadoras em Educação de Minas Gerais – SindUte, assim que tomei posse como professora efetiva. Assembleias, praças, greves e congresso do sindicato foram as atividades e os aprendizados. Tenho em minha memória uma de nossas greves em meados dos anos de 1990, em que fomos fechar rodovias como protesto por melhores condições de trabalho e salários. Foi o movimento Minas sem saída. Nesse dia, um motorista de caminhão não respeitou nossa mobilização e saiu da fila de carros e caminhões que se formou na rodovia e veio descendo na contramão, ameaçando passar por cima de nossa barreira humana. Nos demos as mãos e nos sentamos no chão e cantamos a música: “o motorista é um bom companheiro, ninguém pode negar!” Lembro-me até hoje do medo que sentimos. Se o motorista não tivesse se sensibilizado, teria sido uma catástrofe. Mais de cinquenta pessoas, entre docentes e estudantes, teriam sido mortos ou feridos. Por sorte, ele desistiu e parou o caminhão.

Logo que assumi o primeiro contrato na UFU, ainda como professora substituta, me filiei ao nosso sindicato, Associação de Docentes da UFU, Seção Sindical – ADUFU-SS, base da Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior – ANDES. Naquele

tempo, nos departamentos ligados às áreas de humanas, era natural chegar e se filiar. Engajei-me nas lutas e fiz parte de todos os comandos de greve desde então, e nessa trajetória foram muitas, sem dúvida. Nesses vinte e seis anos como efetiva, já participei da diretoria da ADUFU-SS por três gestões. Essa experiência de liderança sindical trouxe também importantes aprendizados e me permitiu compreender a importância, o valor e a dificuldade que é a luta coletiva.

Minha história de engajamento sindical é, sem dúvida, influência de minha caminhada nos movimentos, em especial, na igreja da teologia da libertação, porém não seria legítimo se não reconhece a forte influência de uma grande mulher de lutas que tem muito me inspirado e nos ensinado sobre a nossa força quando somos coletivo. O Sindicato me possibilitou a vivência mais intensa ainda com minha grande amiga/irmã, também professora da UFU, e engajada nas lutas sindicais, Jorgetânia da Silva Ferreira. Ela tem nos inspirado e muito nos orgulha. O nosso primeiro encontro foi nas lutas sociais, no movimento da pastoral da juventude e hoje como professora do Instituto de História - INHIS. Ela foi presidenta da ADUFU-SS por dois mandatos. Atuei e atuo junto com ela no movimento sindical e nos movimentos sociais. Uma mulher que enfrentou e enfrenta até hoje as lutas com coragem e com ela aprendi que nós, mulheres, somos irmãs e que uma segura a mão da outra. Conheci também outras mulheres sindicalistas e lutadoras que não posso deixar de mencionar, como a professora Adriany Ávilla, que foi também presidenta da ADUFU-SS na primeira gestão em que participei da diretoria (2007-2009). Cito também a Mara Nascimento, professora do INHIS, além de Mariza Barbosa de Oliveira e Ínia Novais, com as quais participei em minha terceira gestão (2017-2019). Com essas e muitas outras nos fortalecemos e buscamos ocupar o nosso espaço nas lutas. Somos resistência. Sabemos que historicamente os sindicatos têm sido espaços dos homens e romper com essa lógica não tem sido nada fácil, mas para as mudanças que queremos, fazem-se necessárias tais mudanças.

As atividades sindicais foram permeadas por participações em Congressos Nacionais do ANDES, com destaque para a organização e tomada de decisões coletivas de forma bastante democrática, uma escola para nossas práticas coletivas. Primeiro nos preparamos em nossas bases e estudamos os materiais coletivamente. É preciso aprovar a delegação em assembleia e durante os congressos as participações se dão por meio de grupos de discussões e depois debates e votações para aprovação em assembleias.

Atuei no sindicato como suplente na gestão 2007 a 2009 pela primeira vez, mas com apenas quatro pessoas nessa gestão, acabei assumindo junto com a então presidenta,

professora Adriany Ávila. Naquele tempo tentávamos animar a categoria para a importância da participação coletiva. Vivíamos um período em que a maior parte da militância sindical ocupava cargos na reitoria, durante uma gestão mais popular e nacionalmente a segunda gestão do governo Lula. Foi um momento em que as lutas sindicais se encontravam estagnadas por causa do apoio da classe trabalhadora ao presidente e por confiar que as mudanças chegariam, talvez mais facilmente. Ledo engano. Assim, o grande desafio era tentar aproximar a base do sindicato, mas na verdade esse sempre foi um grande desafio. Fizemos pouco, mas conseguimos melhorar o nosso diálogo com a categoria.

Em outros momentos, mesmo não participando da diretoria da ADUFU-SS, eu continuava sempre atuante nas reuniões colegiadas, nas assembleias e nos Grupos de Trabalho – GTs. Foi assim que participamos do Congresso Municipal de Educação, em 2014, organizado pela prefeitura de Uberlândia, na gestão do professor Gilmar Machado. Tal experiência resultou em construções coletivas e representou uma importante atuação na elaboração coletiva do Plano Municipal de Educação da cidade. Essa experiência resultou na publicação de um artigo e apresentação em eventos científicos.

Figura 117 - Participação do Congresso Municipal de Educação de Uberlândia-MG



Fonte: A autora.

ANTUNES, Marina F. S.; MENDES, Olenir Maria; FERREIRA, Jorgetânia da Silva. O processo de construção do Plano Municipal de Educação em Uberlândia: um espaço político de vivências e aprendizagens democráticas. In: VIII Simpósio Internacional O

Estado e as Políticas Educacionais no Tempo Presente, 2016, UBERLÂNDIA. **Anais do VIII Simpósio Internacional O Estado e as Políticas Educacionais no Tempo Presente**, 2016. v. 39. p. 302-311.

Na segunda gestão, participei da chapa “Fortalecer as lutas” e a professora Jorgetânia a encabeçava como presidenta. Nela, assumi a secretaria cultural. Foi uma gestão muito atuante em um contexto político que assim exigia. Nacionalmente, iniciávamos o segundo mandato da ex-presidenta Dilma Rousseff. Vivemos tempos difíceis, greves e lutas contra o golpe que a derrubou da presidência. As mobilizações locais e nacionais foram geradoras de grandes aprendizados.

Figura 118 - Folder chapa Fortalecer as Lutas

**CHAPA FORTALECER AS LUTAS!**

**Presidenta:**  
Jorgetânia da Silva Ferreira  
(INHS)

**2º Tesoureiro:**  
Antonio Carlos Freire Sampaio  
(IGT/UFU)

**Vice Presidente:**  
Filipe Almeida do Prado Mendonça  
(IE)

**Secretário de Formação Sindical:**  
Paulo César Peix de Andrade  
(INFIS)

**Secretária Geral:**  
Lúcia Helena de Paula Menezes  
(aposentada – ESEBA)

**Secretária Cultural:**  
Olenir Maria Mendes  
(FACED)

**1ª Secretária:**  
Iara Maria Mora Longhini  
(FACED)

**Suplente:**  
Nilton Perelm Júnior  
(FAMED)

**1ª Tesoureira:**  
Rosana Ono  
(FOUFU)

**Suplente:**  
Fátima Conceição Ferreira  
(aposentada – ESTES)

**HORÁRIOS E LOCAIS DE VOTAÇÃO**

- ✓ Campus Santa Mônica  
Saguão do Bloco 3Q  
Horário: 9h às 21h
- ✓ ESEBA  
Sala 1N 341  
Horário: 9h às 17h
- ✓ Campus Umuarama  
Bloco 4K (em frente ao áudio visual)  
Horário: 9h às 20h
- ✓ Faculdade de Ciências Integradas do Pontal  
Unidade I  
Horário: 9h às 21h
- ✓ Educação Física  
Portaria da Educação Física  
Horário: 9h às 12h e 14h às 17h
- ✓ Patos de Minas  
Horário: 9h às 19h
- Monte Carmelo

**Chapa**  
*Fortalecer as Lutas*

**ADU=U** ELEIÇÃO 2015

**EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA!**

**ELEIÇÃO 2015**

**01 de Setembro de 2015**

**PARTICIPE! VOTE SIM!**

Fonte: A autora.

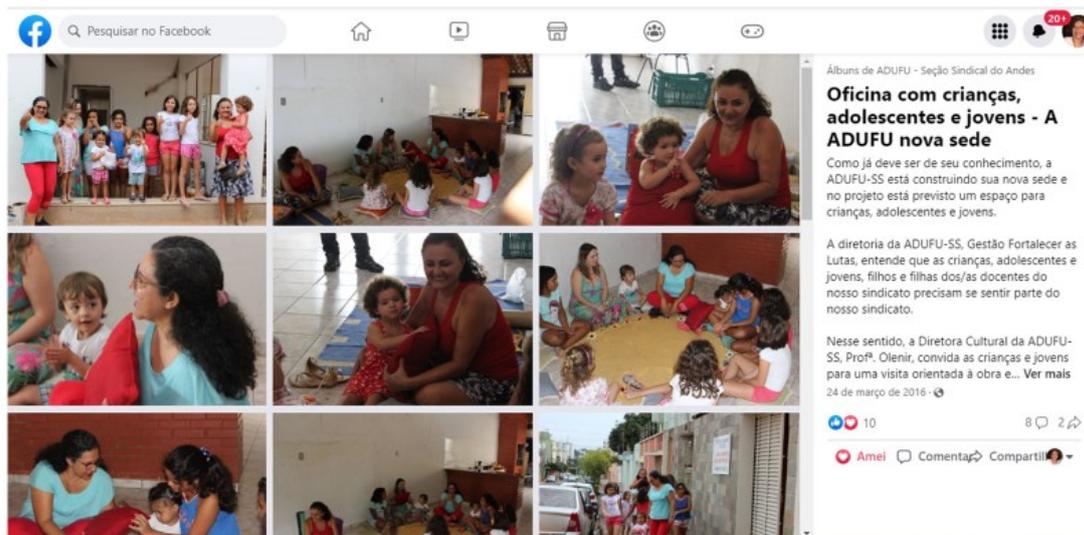
Essa gestão, sob o comando da professora Jorgetânia, se destacou por ter propiciado uma forte participação popular. Vários foram os momentos em que se sentaram em torno de uma mesa mais de sessenta representações. Foi um trabalho gigante e de exercício constante de democracia. A ADUFU-SS foi espaço concreto de participação, inclusive das crianças, da juventude, espaço para professoras e professores se sentirem bem dentro do seu sindicato. Foram lutas, madrugadas, fechamento de garagem, abraço em torno da UFU, trancamento de portão, greve, greve, greves,

participação, coordenação de assembleias, disputas de ideias, enfim, tudo extremamente democrático.

Esse tempo nos proporcionou também vivências e relações que se fortalecem como as festas, arte, cultura, shows, bailes, lutas, lutas, Leonardo Boff, Chico César, Martinália... Muitas alegrias e muitas lutas.

Destaca-se, entre tantas ações, a construção da nova sede da ADUFU-SS como um marco significativo. Tive a oportunidade de coordenar importantes ações educativas dentro do sindicato durante esse processo e uma delas foi a rica discussão sobre a sede do sindicato como um espaço das mulheres, em uma realidade em que ser sindicalista implicava carregar seus filhos e filhas para o movimento sindical. Essa foi uma preocupação ainda da primeira gestão na qual participei. Fizemos essa discussão e conseguimos ao menos um quartinho e compramos alguns brinquedos para acomodar nossas crianças, isso ainda na gestão da professora Adrinany. Na nova gestão, como estávamos construindo uma nova sede, tivemos o total apoio para que fosse projetada uma sede já pensando no espaço das crianças e foi muito bonito o processo. Durante o projeto, reunimos as crianças, jovens e adolescentes e conversamos sobre o espaço novo do nosso sindicato e como ele deveria ser. As crianças pequenas desenharam e os jovens fizeram uma conversa com o arquiteto. Depois, fizemos uma visita as obras e na inauguração preparamos um dia especial para as crianças.

Figura 119 - Atividades da Adufu com as crianças



Fonte: A autora.

Figura 120 – Imagens na inauguração do Espaço Multiminação



Fonte: A autora.

Uma nova Sede. A ADUFU-SS completava 37 anos de lutas em defesa da categoria docente e da universidade pública, gratuita e de qualidade socialmente referenciada. Sua atuação foi e é marcada pelo trabalho com os movimentos sociais. A construção de uma nova sede, erguida pelo trabalho de muitas pessoas, buscava melhor atender à categoria e à luta por democracia, igualdade e direitos.

Fez parte das comemorações de aniversário e inauguração da nova sede da ADUFU-SS um grande show que conseguimos organizar com a ajuda do professor e colega de faculdade Haroldo Rezende. Trouxemos para a festa um show maravilhoso de Chico César, com quase cinco mil pessoas dentro da UFU em uma noite de poesia. Inesquecível!

Figura 121 – Inauguração da nova sede da Adufu com presença do cantor Chico César



Fonte: A autora.

Mais uma vez a minha inserção na igreja possibilitou um grande encontro promovido por nossa gestão, que fez parte da programação de aniversário da ADUFU – Seção Sindical. Conheci alguns padres franciscanos que se tornaram grandes amigos e foi por um deles, o querido amigo frei Sinivaldo Tavares, que conseguimos trazer em Uberlândia Leonardo Boff, teólogo, escritor e professor universitário, mas, principalmente, um grande homem que, de fato, quer mudar o mundo. No dia 20 de setembro de 2016, no Centro Esportivo Universitário do Campus Santa Mônica da UFU Leonardo Boff proferiu a palestra “Utopias Literárias: ainda há espaço para a política?” Ele abordou importantes questões da conjuntura política e econômica daquele contexto e terminou com uma sessão de autógrafos para mais de 3 mil pessoas. E eu tive a honra de receber, acolher e apresentar esse grande homem em um evento grandioso. Foi um lindo encontro entre pessoas que acreditam na transformação social, na justiça social. Um sonho de sociedade nova.

Figura 122 - Presença do teólogo Leonardo Boff nas atividades da Adufu-SS



Fonte: A autora.

Figura 123 - Durante o dia recebemos Leonardo Boff na sede da ADUFU-SS para uma conversa



Fonte: A autora.

Na terceira gestão, participei da chapa Resistir e Lutar. Formamos uma equipe maravilhosa, com muito trabalho e coletividade. Foi uma experiência valorosa. Assumi a tesouraria da ADUFU-SS, mas sem deixar as atividades culturais com as quais sempre me engajei muito.

Figura 124 - Folder chapa Gestão Resistir e Lutar



Fonte: A autora.

Em todo esse tempo de militância, passamos por inúmeras greves como forma de resistência e garantia de melhoria de nossa carreira e de nossos salários. As greves também têm sido espaços de formação e de aprendizado para a minha vida. Compartilho alguns movimentos grevistas com forte participação de docentes, estudantes e demais trabalhadores e trabalhadoras seja da educação, seja de outros setores em momentos de fortalecimento político.

Figura 125 - Greve na praça organizado pela diretoria da ADUFU-SS – Dezembro de 2016



Fonte: A autora.

Figura 126 - Movimento de greve em 2016



9 de Dezembro de 2016 – Greve na praça Ismene Mendes

Fonte: A autora.

Figura 127 - Ato na praça Ismene Mendes em 2017



6 de dezembro de  
2017- Praça  
Ismene Mendes

Fonte: A autora.

Figura 128 - Manifestações contra a Reforma da Previdência em 2017



Fonte: A autora.

Figura 129 - Atos pelo fora Bolsonaro em 2019



15 de maio de 2019 – Ato pela educação e contra as ações do ex-presidente golpista Jair Messias Bolsonaro

Fonte: A autora.

### 9.1.1 Performance CEGOS

Em novembro de 2016, participamos de uma atividade extremamente rica e significativa para minha vida pessoal e profissional. A ADUFU-SS apoiou e participou de uma atividade organizada pelo curso de Teatro da UFU, em que contamos com a intervenção artística urbana do grupo de Teatro Desvio Coletivo, com a performance CEGOS. Esteve em Uberlândia o ator Marcos Bulhões, que dirigiu uma oficina e depois a realização da performance na cidade. O sindicato participou financeiramente, mas também com a atuação de docentes, inclusive eu. Foi um dia inesquecível e de grandes aprendizados.

CEGOS é uma intervenção urbana cuja proposta visual é criticar a condição massacrante característica do trabalho corporativo, iconizado nos trajes sociais que homens e mulheres das grandes metrópoles utilizam como armadura cotidiana. O trabalho foi realizado a partir de uma oficina, com a participação de atores, atrizes, estudantes e docentes da UFU. CEGOS é uma obra aberta a diferentes leituras: a redução da nossa existência à função produtiva e ao consumo, o excesso de trabalho, o aprisionamento e a petrificação da vida, a automatização do cotidiano, a degeneração ética que se alastra no atual estágio da sociedade. Enfim, CEGOS são as nossas lutas.

Figura 130 - Performance Cegos em Uberlândia, com participação da Adufu



Fonte: A autora.

Figura 131 - Performance Cegos em Uberlândia, com participação da Adufu



Fonte: A autora.

### 9.1.2 Dia Internacional da Mulher – 8M em Uberlândia

Pudemos participar de uma forte organização das mulheres de Uberlândia e região a partir da nossa inserção na ADUFU-SS na gestão da professora Jorgetânia. A partir de 2017, passamos a nos organizar no grupo Mulheres 8 de março. Em todos os anos, organizamos o dia Internacional de Lutas das Mulheres. Vivemos momentos muito significativos, de grande unidade das mulheres e organizações de lutas na cidade de Uberlândia e região. O ano mais marcante foi em 2017, quando o movimento feminista de nossa cidade definiu por rebatizar a praça central de Uberlândia.

Tivemos conhecimento que Tubal Vilela, ex-prefeito da cidade, que dá nome à praça, foi assassino de sua esposa Rosalina Buccironi, quando ela estava grávida. Decidimos que, como mulheres em luta, não aceitaríamos que o local mais importante de Uberlândia tivesse o nome de um feminicida. Assim, nos organizamos e, em 8 de março de 2017, em meio à tantas lutas daquele ano, rebatizamos a praça com o nome de Ismene Mentos. Ela foi uma militante política, formada pela UFU no curso de Direito, morta durante a ditadura militar. Foi um acontecimento bastante importante, que marcou a história da cidade. Apesar da força do movimento, que impactou os setores progressistas, fazendo que até o Google passasse a reconhecer o novo nome da praça por um determinado período, a denominação do local continua oficialmente com o nome do

feminicida. As classes dominantes têm muito apreço por suas memórias e precisamos seguir lutando para que a lembrança das e dos vencidos também encontrem seu lugar. Mas as nossas lutas continuam.

Figura 132: Manifestação no dia internacional da Mulher em 2017



8 de março de 2017 – Dia Internacional da Mulher – batismo da praça Ismene Mendes  
PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER / CONTRA A REFORMA DA PREVIDÊNCIA / FORA TEMER!

Fonte: A autora

Figura 133: Momento Místico de memória às mulheres assassinadas em Uberlândia



Fonte: A autora

Figura 134 - Momento de Batismo da praça - Ismene Mendes



Fonte: A autora

### 9.1.3 O GTPE

Outra importante atuação foi minha participação do Grupo de Trabalho em Política Educacional – GTPE, da ADUFU-SS, do qual já fazia parte mesmo antes de assumir a diretoria. Por meio desse grupo, em 2017 organizamos o III Seminário Estado e Educação regional, em preparação para o III Seminário nacional, com forte participação de estudantes e docentes. Esse evento marcou-me sobremaneira, pois conseguimos reunir a classe trabalhadora para falar de nossos projetos e sonhos para a educação. Contamos com a presença de lideranças dos movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra - MST, o Movimento dos trabalhadores e Trabalhadoras Sem Teto – MTST, os sindicatos de professores e professoras da rede estadual, o SindUte, o Grupo de União e Consciência Negra – Grucon, movimentos secundaristas de estudantes e o Diretório Central dos e das estudantes – DCE, além de docentes da UFU, técnicos e técnicas.

Figura 135 – Imagens do III Seminário Estado e Educação



Fonte: A autora.

Figura 136 – Imagens do III Seminário Estado e Educação



Fonte: A autora.

O GTPE propiciou também nossa articulação e resistência contra o movimento Escola Sem Partido, criado em 2004, pelo advogado Miguel Nagib. Foram mais de sessenta projetos que tramitaram nas assembleias municipais, estaduais e federais, sendo um deles apresentado pelo senador e pastor evangélico Magno Malta (PR) ao Senado do Brasil, juntamente com uma proposta de consulta pública sobre o Programa Escola sem

Partido, em junho de 2016, e intitulado PLS 193/2016. Tivemos que nos organizar, denunciar e resistir contra mais um ato fascista, de retrocesso. Esse projeto pretendia fragilizar a autonomia docente, uma importante condição para o trabalho na educação de modo geral. Um projeto conservador do ponto de vista social, econômico e político. Lutamos e conseguimos barrar o que ficou conhecido no meio popular de resistência como a Lei da Mordação. Esse projeto visava, em especial, a deslegitimação da profissão docente e o desmonte da escola como espaço de resistência, luta e formação de consciência crítica. Desse movimento resultou, como resposta, o projeto Escola Sem Mordação. Várias propostas de ações foram apresentadas e organizou-se uma Frente Ampla envolvendo a cidade e região, a qual teve como ações principais: 1) Mapear as entidades para ampliar a frente em termos de representatividade, convidando outras entidades para participar; 2) Promover cursos de formação para o enfrentamento ao Movimento Escola sem Partido (MESP); 3) Acompanhar a tramitação de Projetos do Legislativo que diziam respeito ao MESP; 4) Visitas às escolas para restabelecer o diálogo com a comunidade escolar; 5) Subsidiar os diversos movimentos em termos jurídicos para o enfrentamento ao projeto em curso; 6) Participação em eventos diversos, dando visibilidade à Frente; 7) Suscitar a formação sindical nas licenciaturas. Esse movimento conseguiu juntar o SindUte (Sindicato de Trabalhadoras e Trabalhadores da educação do Estado de Minas Gerais); SINTET (Sindicato de trabalhadoras e trabalhadores técnicos do Ensino Superior), o Conselho Municipal de Educação da cidade; DCE (Estudantes de Graduação da UFU) e a ADUFU-SS (Associação de Docentes da UFU).

Figura 137 – Reunião da Frente Regional Escola sem Mordação – 7/5/2019



Fonte: A autora.

Além disso, por meio do GTPE, atuamos como membra do Conselho Municipal de Educação, em frentes de lutas em defesa da educação pública, gratuita e de qualidade. Participamos também dos enfrentamentos contra a reforma do ensino médio, por meio da Lei nº 13.415/2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

#### 9.1.4 Grito dos e das excluídas

Sempre participamos desse movimento que nasce dentro dos movimentos sociais, em especial, as comunidades eclesiais de base, para mim, uma referência muito importante de lutas. Nem sempre ocorreu em Uberlândia, pois, por ser regional, há um rodízio de cidades. Sempre no dia 07 de setembro de cada ano, os movimentos sociais, sindicatos, partidos políticos, igrejas, dentre outros aproveitam o feriado da independência para dar o seu grito. Essa tem sido uma data para denunciar as opressões e injustiças da sociedade capitalista. O ato tem sido uma forma de dizer que esse sistema injusto, de exploração da força de trabalho, de lucro e de injustiças não vale!

Figura 138 - Setembro de 2019 - em Uberlândia, na Praça Sérgio Pacheco, o 25º Grito dos/as Excluídos/as



Fonte: A autora.

De fato, a vida sindical possibilitou a integração com diferentes movimentos sociais que sempre atuaram de forma conjunta para organizar lutas e resistências. Naquele tempo, vivemos um importante espaço de interlocução com A Frente Brasil Popular e Frente Povo Sem Medo, CUT local, MST, MTL, MTST, CMP e outros. Nessas interlocuções foi possível construir espaços culturais de integração e Lutas. Fez parte desse contexto também a atuação no movimento feminista da cidade e participação na organização do dia internacional da Mulher como marca de luta e resistência.

Por meio daquele espaço, foi possível realizar as comemorações do dia dos trabalhadores e trabalhadoras de modo integrado com diferentes movimentos, inclusive com intervenções artísticas e educativas em praças públicas.

Figura 139 - Movimento no dia do e da trabalhadora – 1º de maio de 2019



Fonte: A autora.

## 9.2 O teatro em minha vida: força na alma, no coração e no corpo

O teatro começou a fazer parte de minha vida por causa do meu filho mais velho. Se não me falha a memória, em 2010 ele participou das oficinas de teatro da UFU e daí não quis mais parar. Em sua escola, teve a felicidade de ser aluno do Ronan, meu atual professor de teatro e foi assim que ele conheceu a Trupe de Truões, um ponto de cultura maravilhoso em Uberlândia. Meu filho começou a fazer aulas de teatro lá em 2011 e hoje é estudante de Teatro na UFU. Por causa dele eu passei a frequentar o ponto dos Truões. Antes, como espectadora, não perdia as apresentações do grupo por nada e ainda não perco.

Em 2016, por meio do Grupo de Educação e Culturas Populares, o Gepecpop, fomos desenvolver projetos na escola E.M do Bairro Shopping Park, um bairro da classe trabalhadora, com muitas dificuldades. Eu participava das atividades da escola no noturno, horário em que havia mais turmas de educação de jovens e adultos. Naquele ano, tentamos desenvolver várias atividades na escola e foi em nossos encontros de discussão e organização das atividades em conjunto que descobrimos que os alunos e alunas da escola nunca tinham ido ao teatro. Foi assim que conseguimos uma parceria com a Trupe

de Truões. Organizamos um ônibus e levamos quase cem pessoas ao teatro. Foi maravilhoso, uma alegria imensa e foi nesse mesmo dia, conversando com Ronan, que tivemos a ideia de organizar uma turma com um grupo para experimentações cênicas, juntando teatro e educação. O curso foi oferecido pela Trupe e Ronan se dispôs a ser o professor. Eu me matriculei nessa turma e iniciamos em 2017, e como meu filho, também não parei até hoje. Descobri que o teatro é vida pulsante e tem contribuído significativamente para o meu trabalho como docente; por isso não poderia deixar de compartilhar esse acontecimento em minha trajetória.

A experiência de usar o teatro como pretexto para falar de educação possibilitou riquíssimas discussões e aprendizados. Criamos o nosso caderno de teatro e produzimos o nosso próprio espetáculo, a partir de nossas reflexões e críticas.

Há muito que não escrevo sobre o teatro. Hoje foi uma noite muito profunda! Estou ainda com dores no corpo e com o coração e a respiração afetadas.

Fizemos um jogo para de experimentação com o objetivo de expressar a opressão e a liberdade.

Estamos construindo o nosso processo de teatral com a temática Liberdade e parece que vai rolar mesmo.

Começamos com exercícios leves de aquecimento e respiração, tudo tranquilo. Depois nos posicionamos dentro de um quadrado para iniciar nossa experimentação/sentimento acerca da opressão. A caminhada inicial, olho em foco, passar por uma pessoa e olhar, passos largos, aumento de velocidade, não andar em círculos, sentir todo o pé encostado no chão, esses foram alguns dos comandos do Ronan, nosso professor de Teatro.

Ronan orientou que deveríamos, quando achássemos que fosse o momento, uma pessoa por vez, para ser perseguida por toda a turma e iríamos trocando. Iniciamos timidamente e até com risos, mas também com receio de machucar alguém quando nos tocávamos. O Ronan orientava: persegue, não deixa de caminhar, tente escapar, façam movimentos, procurem imprimir a opressão, persigam, dificulte para a pessoa se desvencilhar da outra.

Não consigo dizer sobre os gestos das outras pessoas, me senti muito envolvida com essa atividade, corria para prender outras pessoas, fomos nos impondo, cheguei ao ponto de tapar os olhos da Camila, antes arrastei a Nayana pelo chão e aos poucos sentia que estávamos indo mais fundo... mais fundo... mais fundo...

Chegou minha vez de ser perseguida, tentei me encolher, gemia, me dobrava no chão, e rolei, rolei, rolei, comecei a gritar, mas baixo e Ronan gritou: mais forte Olenir! E eu fui mais forte, mais forte, rolava e gritava, a respiração muito ofegante. Socorro! Me senti sendo torturada, dor, aperto...

Noutro momento, Ronan orientou: vocês são animais que perseguem, que animal você é e eu me lembro que cai em cima do Antônio com toda a minha força e urrava como um animal feroz, muito mais forte... comecei a ser mais forte com todas as pessoas e pressionei o pescoço da Nayana, ela tentava fugir forte e eu também ficava mais forte. Quis

perseguir muito, com força, pegar todas as pessoas com a raiva do mundo. Muito forte!

Paramos! Ronan interrompeu o jogo.

Nos posicionamos nas raias, para um pequeno descanso mas sem perder a energia. Apenas recuperar o fôlego.

Deveríamos pensar no que é a opressão, respirar de forma que transparecesse a opressão e pensar em caminhar até perto do palco de forma que a caminhada revelasse a opressão e quando quiséssemos deveríamos criar uma imagem que fosse a opressão. Nesse momento pensei em coisas que poderiam ser opressoras, ouvíamos um áudio ao fundo era uma voz... uma voz rouca, feminina, forte... a voz repetia palavras de ódio, ódio ao pobre, ao negro, ao gay, aos ricos, enfim e repetia: você consegue me ouvir? Você consegue ouvir o ódio que todo ser humano sente de ser humano? O ódio que o ser humano sente do pobre? Do preto? Você consegue ouvir?

Nesse momento deveríamos respirar e pensar no ódio e construir o caminhar pesado desse ódio e eu percebi o que me trazia esse ódio. Me lembrei de situações de opressão desse mundo machista, de homens opressores. O quanto me senti oprimida em pensar em algumas situações já por mim vividas...

Isso me deu muita raiva, isso me tocou muito fundo, isso me fez entender uma opressão que eu vivi e tive que engolir calada. Muitas vezes triste, mas eu tinha que aceitar. Só me restava aceitar e hoje tenho certeza que isso não é normal. Isso é social e pertence a esse mundo machista. O machismo me oprime! Eu não suporto o machismo! ...

Pensar sobre essa opressão me fez caminhar totalmente curvada com as mãos quase tocando o chão. Meu caminhar lembrava os exercícios que sempre fazemos de encolher o corpo começando pela cabeça e vamos caindo até ao chão. Me arrastei lentamente e tentei entortar os ombros também pelo peso da opressão. Quando eu estava quase chegando ao ponto final, me virei para o lado, ainda bem caída e fui subindo bem devagar, com uma perna à frente e outra atrás bem dobrada, subi as mãos bem devagar passando pelo peito, pelo rosto e dali a mão esquerda foi para a frente meio diagonal para cima e a mão direita ficou bem próximo do rosto no mesmo sentido da mão esquerda. Fiquei nessa posição por muito tempo.

Encerrei minha imagem já com o coração dilacerado. Sentia a opressão no meu corpo, na minha carne. Senti a dor da opressão e chorei... chorei por dentro e por fora.

Naquele momento eu entendi a linguagem do teatro: é a verdade! É preciso viver uma verdade para conseguirmos passar para o público os sentimentos. Eu vivi a opressão como nunca!

(Meu caderno de Teatro Dia 14/09/2017 – Uma carta para a Liberdade)

Figura 140 - Exercícios durante as aulas de teatro



Fonte: A autora.

A nossa primeira turma foi composta por um grupo exclusivo de professoras: Luciana Guimarães, professora de rede municipal, ex-aluna do curso de Pedagogia e atualmente é minha orientada de mestrado; Camila Coimbra, minha colega da Faced, parceira do Gepae; Nayana, professora e psicóloga; além de um professor aposentado, amigo Antônio Almeida, também da UFU. O nosso processo de construção da peça foi uma experiência muito rica. Combinamos que não nos preocuparíamos com o tempo e com isso tivemos melhores condições para experimentar diferentes sensações e compreender melhor o que é o teatro.

Assim, depois de um longo processo de trocas e uma lenta construção coletiva do roteiro e das cenas, construímos nossa primeira peça, o nosso primeiro trabalho: Carta para a Liberdade. Uma construção cheia de vida, criatividade e arte.

Figura 141 - Fotos de divulgação da peça Carta para a liberdade – Turma Educação e Teatro da Trupe de Truões



Fonte: A autora.

Fizemos uma pré-estreia em julho de 2019 e, depois, com mais segurança, realizamos uma nova temporada em fevereiro de 2020.

#### CARTA PARA LIBERDADE

Dias 15 e 16/fev às 19h

O que é liberdade pra você? Em quais situações você já se sentiu tolhido/a de sua liberdade? Se você pudesse escrever uma carta para a liberdade o que você diria?

Elenco: Antônio Almeida, Camila Lima Coimbra, Luciana Guimarães, Nayana Shimaru e Olenir Mendes.

Direção: Ronan Vaz

Figura 142 - Divulgação da temporada de espetáculos da Trupe de Truões



Fonte: A autora.

Figura 143 - Cenas da peça Carta para a Liberdade



Fonte: A autora.

Figura 144 - Cenas da peça Carta para a Liberdade



Fonte: A autora.

Figura 145 - Cenas da peça Carta para a Liberdade



Fonte: A autora.

Figura 146 - Cenas da peça Carta para a Liberdade



Fonte: A autora.

Depois de nossa primeira experiência, vieram outras peças e outros momentos muito ricos. Até hoje o teatro tem me proporcionado energia, criatividade e alegria para dar aulas e me sintonizar com os e as estudantes. Descobri que ele nos ajuda a viver melhor, a nos compreender como pessoas inteiras e que o corpo é também a alma, é a voz, é a nossa capacidade de pensar e, mais ainda, aprendemos que o corpo fala e tenho usado o meu no meu trabalho como docente.

Figura 147 - 2ª peça: As almas pertencem a Deus - Melodrama



Fonte: A autora.

Figura 148 - Nossa primeira experiência de teatro online durante a pandemia



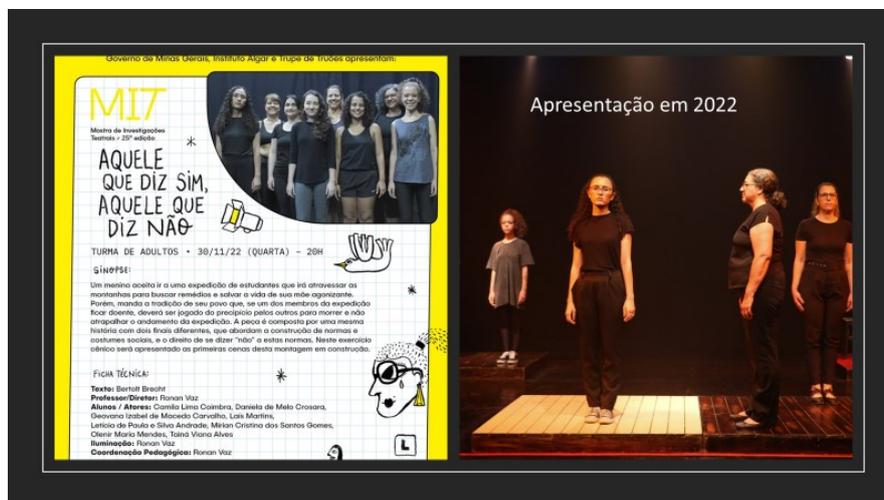
Fonte: A autora.

Figura 149 – Teatro online em tempos de pandemia – Cena Entrevista com Elza Freire esposa de Paulo Freire, Camila a entrevistadora e eu, Olenir, interpretei Elza Freire.



Fonte: A autora.

Figura 150 - Retorno presencial – Uma leitura dramática de Bertold Brecht, Aquele que diz sim, aquele que diz não



Fonte: A autora.

Figura 151 – Cenas de Aquele que diz sim, aquele que diz não

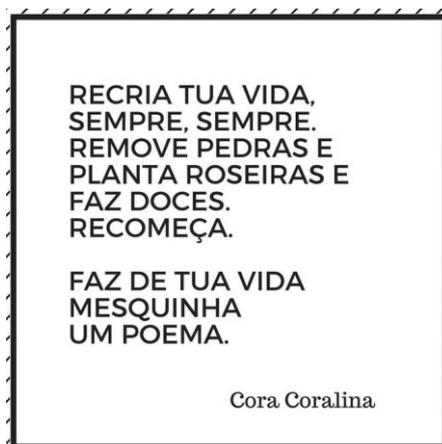


Fonte: A autora.

Em breve, novos espetáculos...

## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confesso que não foi nada fácil chegar até aqui. Durante a caminhada, encontrei muitas pedras, mas me lembrei de uma grande mulher que soube muito bem o que fazer com elas e mais uma vez me fortaleci.



Escrevo essa parte do memorial com o coração apertado, com a preocupação de mãe que chora pela dor da filha, que passa por um tempo carregando também as pedras da depressão em plena adolescência. Descobrir como ajudá-la é o que mais me preocupa neste momento. Mas o coração chora também como filha, que cuida da mãe com 83 anos, uma mulher que sempre carregou o mundo nas costas. Mulher forte, cuidou de muitas pessoas, mas não aprendeu a receber cuidados e menos ainda admitir que precisa, afinal, aprendeu que ser forte é nunca demonstrar fraqueza. Hoje carrega sua pedra, depende de ajuda para ir ao banheiro, para tomar banho, tem que usar fraldas, e estar com alguém como apoio sempre. Aproveito as brechas do sono das duas (minha filha e minha mãe) para escrever as considerações finais.

Escrever aqui detalhes da minha vida, minha intimidade, foi uma decisão política. É também uma denúncia. Ser mulher não tem sido fácil há séculos e entendi que temos que mudar o mundo e ele não muda se nos mantivermos em silêncio, se fizermos de conta que somos fortes e que sempre vamos conseguir. Não vamos e precisamos dividir os cuidados que a vida humana exige. Nós, mulheres, não podemos e não devemos conseguir sozinhas! Não é correto carregar, limpar e ainda tocar o piano. O mundo precisa entender isso.

Concluo essa escrita com um sentimento de cobrança para comigo mesma. Sempre me vi, e as pessoas ao meu redor também, como uma profissional competente, séria, militante e engajada nas lutas coletivas. Hoje, a minha luta ocorre dentro da minha casa e isso me traz um sentimento de fraqueza; parece que abandonei as lutas. Pesa dentro de mim a dor de não ter cumprido os prazos para realização da minha progressão na carreira, me prejudiquei financeiramente por quase um ano. Ao mesmo tempo, olho para trás e vejo que carreguei meio mundo durante a pandemia. Sabemos que a pandemia foi responsável por uma outra lógica dentro de nossas casas. Tudo se misturou: trabalho doméstico e trabalho profissional. Enquanto leio uma tese de minhas orientandas, ajudo minha filha a ter forças para não desistir do terceiro ano de ensino médio, a ajudo a cumprir o peso dessa etapa e a acreditar que vai conseguir passar no Enem. Enquanto preparo as aulas com a dedicação que sempre quis ter, vejo o que precisa ser feito para o almoço, e não posso me esquecer dos remédios de minha mãe. Me vem à cabeça a *live* que fizemos no início da pandemia com a participação do professor Luiz Carlos de Freitas. Discutimos, a partir de uma análise crítica, sobre a importância de entendermos que a casa não é a escola. Confesso que, nesse momento de minha vida, as barreiras que separam a casa e o trabalho não estão mais visíveis. Tudo se misturou. A minha casa se tornou o meu local de trabalho e, por isso, às vezes ouço a reclamação de que eu só trabalho. Por outro lado, vejo que estou em atraso com o meu trabalho.

Moro em uma chácara, um enorme quintal e durante a pandemia esse lugar foi um privilégio. Vieram me ajudar duas pessoas que me trouxeram forças e um olhar para a resistência: Gabriela e Fhaesa, cuidadoras exemplares do nosso planeta. Duas mulheres que buscam na natureza, os aprendizados sobre a agroecologia, a agrofloresta. Elas são parte do movimento que procura compreender, lutar e resistir garantindo vida ao planeta. Uma delas, Gabriela SANTOS, escreveu sobre sua experiência com as plantas e suas descobertas, as quais têm sido um recriar para a minha vida.

Invisíveis, marginais, esquecidas, essas plantas aparentemente insignificantes espalham a potência da vida que se abriga nas ruínas, germinando e florescendo onde menos se espera, lenta e silenciosamente.

Por mais arrancada, brutalizada, envenenada e controlada que ela seja, há sempre uma nova semente, uma nova possibilidade de vida que germina não apesar, mas a partir da adversidade.

Dos terrenos baldios, da beira das calçadas, das fendas nos muros: a silenciosa revolução que cresce pelas margens nos convida a redescobrir a potência soberana, rústica, crua e visceral, que insiste em existir na vida." (SANTOS, 2019, p. 31-33)

Essas plantas chamadas de ruderais (do grego ruderes, ruínas) são plantas que conseguiram se adaptar e sobrevivem nos ambientes mais inapropriados, como nas rachaduras do cimento das calçadas, por exemplo. Segundo Santos (a Gabriela que cuida do meu quintal), essas plantas são a única defesa de alguns solos. Elas fazem parte de uma teia da vida e, inclusive, “a flora ruderal é, em grande parte, alimentícia e medicinal, própria para o consumo humano.” (SANTOS, 2019, p. 31).

Com Gabriela e Fhaesa, aprendi a respeitar e a observar o ambiente, as plantas, as formigas, as larvas e ver como todo o ser vivo tem um papel muito importante para manter o mundo vivo. Essas mulheres cuidam do que é vivo no planeta. Semanalmente elas vinham para o meu quintal fazer o manejo e observar o comportamento das plantas, dos seres vivos. Aprendi e me liguei, especialmente, nas chamadas plantas ruderais. Com elas e por elas compreendi o que é, de fato, resistência. "Mato, inço, capim, erva daninha. Muitos são os nomes que damos para os pequenos vegetais que brotam nas rachaduras do asfalto, na beira das calçadas, nos terrenos baldios" (SANTOS, 2019, p. 31). Entender o papel dessas plantas na manutenção do nosso planeta foi extremamente fortalecedor para mim. Depois de descobrir o poder das plantas comumente chamadas de “erva daninha” para garantir a qualidade do solo, comecei a ver que a vida também é assim. Lembrei-me que também entre nós, seres humanos, tem sido assim. Há também pessoas desprezadas, excluídas, discriminadas, porém também elas garantem a resistência e insistência da vida.

E não seria essa ruptura o exemplo mais elementar da capacidade de insubordinação da biopotência ao biopoder? Justamente por nascer bem ali, onde o cimento – marca direta da interferência humana - se rasga, se desgasta e se desmancha, não seria possível a nós dizermos que, ali também se rasga, se desgasta e se desmancha toda forma de controle predatório, para nascer, mesmo que de maneira efêmera, a face mais selvagem da nossa habilidade ancestral de resistir e lutar? (SANTOS, 2019, p.32)

Daí, me vejo forte e querendo fazer parte da resistência humana. Não abandonei a luta. Só descobri que as minhas forças não são suficientes para dar conta de tudo. Sou guerreira, mas sou humana, filha da Dona Orlandina, que queria dar conta de tudo sem mostrar fragilidades. A humanidade que reconheço nas outras pessoas, a menina que teve que desistir da música sem contar pra ninguém, engolindo o choro, que se fez forte, mas que também tem fragilidades. Vamos conviver com ela? Vamos reconhecer que é humanamente impossível ser boa em tudo que fazemos, na sociedade em que vivemos sendo professora, mãe, filha, esposa, amiga, companheira, militante nas condições em

que vivemos? Ao rever o percurso, vi que fiz muitas coisas significativas e fui uma profissional e pessoa dedicada em muitas dimensões da minha vida. Forças novamente. Creio e sou esperançosa com as transformações sociais, com o fim das desigualdades socioeconômicas, das discriminações, dos machismos, das violências e, com o fim do capitalismo; por que não? Uma sociedade comprovadamente que não deu certo, que tem gerado mortes, não pode ser o bom exemplo para as vidas que virão.

E, assim, compreendo melhor a manifestação que muito me honra, da professora de música da ESEBA, Lucielle, durante conversas no grupo de WhatsApp da escola, sobre indicar o meu nome para Ministra da Educação. Sim, que reconhecimento tão profundo. Logo após as eleições no ano passado, Lula iniciava a formação de novo governo e a sociedade se mobilizava. Compartilho aqui a conversa com a autorização da professora:

Pessoal, está rolando um movimento de construir coletivamente uma lista com sugestões de profissionais mulheres para os ministérios. Após esse processo, os movimentos envolvidos farão uma curadoria suprapartidária e baseada em qualificação para o cargo indicado, compilarão em um documento e entregarão para a equipe de transição do novo presidente eleito, Lula.

Somos muitas, somos diversas e estamos prontas. Vamos juntas por elas?

Mandem sugestões até 11/11 aqui >

<https://forms.gle/TH5GdJRF6XY9BYfm9>

Vi isso e pensei na Olenir para ministra da Educação. Tem conhecimento de teorias, de povo, de chão da escola, de gestão. Humana. Maravilhosa. (Professora Lucielle – ESEBA)

Então olho para minha trajetória profissional e sinto que sou também uma dessas plantas ruderais que resistem, que brotam no asfalto, que são forças de transformação da terra, que melhoram o solo. Olho para trás e vejo minha história como professora, pesquisadora, sindicalista, feministas, educadora popular firme e forte para seguir em frente. Afinal,

É preciso trabalhar para viver.

Quem não produz algo, está vivendo às custas de quem trabalha. Mas a vida não é só trabalhar.

Tem que deixar um bom capítulo para as loucuras que cada um tem.

Você é livre quando gasta o tempo de sua vida com as coisas que te motivam. Que você gosta.

Para um pode ser jogar bola, para outro pescar, outro investigar uma molécula, outro a arte...

Que seja! É que somos diferentes.

Mas ter uma causa, ter uma paixão... Isso leva tempo. É uma filosofia de vida. E a filosofia não está na moda, porque não custa dinheiro. Mas há muita infelicidade no mundo. Não só a pobreza. Há pobreza aqui, na cabeça e na alma. E para sentir as coisas é preciso dedicar a elas tempo também. O problema é: em que você gasta o tempo de sua vida? Em que você gasta o milagre de ter nascido? Se você não se fizer essa pergunta, não se preocupe. O mercado vai fazer por você. E você vai passar a vida toda pagando contas e comprando coisas, e etc. Até que você seja um velho destruído. E você não compra com dinheiro. Compra com o tempo de sua vida que gastou para ter esse dinheiro. Mas o tempo da vida não se repõe. A vida é uma aventura. (Pepe Mujica, ex-presidente do Uruguai)

Está decidido! Vou continuar construindo minha vida participando dos coletivos em prol das transformações sociais. Quero continuar construindo esperanças e alimentando sonhos de futuros e futuras professoras.

Por fim, confesso que resgatar as minhas memórias me trouxe também alegrias e a possibilidade de mostrar um processo rico em aprendizados sobre a docência. A confirmação de trocas e de como aprendemos com os nossos erros e acertos. Viver vale a pena!

*Dentro de mim, tudo se aquietou. Paz e serenidade vieram para ficar. Igual a criança depois de mamar, dorme tranqüila no colo da mãe.*

*Salmo 131 (130)*

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **A Gramatiquinha da Fala Brasileira**. Ed. organizada por Edith Pimentel Pinto. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

BEAUVOIR, Simone. **Memórias de uma moça bem-comportada**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo: método do Boal teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. 220 p.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educação popular: antes e agora. **Ideação**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 10–24, 2000. DOI: 10.48075/ri.v15i1.8505. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/8505>. Acesso em: 17 dez. 2022.

CARLINO, Paula. **Escrever, ler e aprender na universidade: uma introdução à alfabetização acadêmica**. Tradução de Suzana Schwartz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 239p. (Coleção Compreensão Leitora: Teoria e Prática)

DAHLBERG, Gunilla et al. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Editora Penso, 2019.

DEMO, Pedro. **Avaliação sob o olhar propedêutico**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

ESTEBAN, Maria Tereza. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

FERNANDES, Domingos. **Avaliar para melhorar as aprendizagens: análise e discussão de algumas questões essenciais**. 2011. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/5664> Acesso em: 16 jul. 2021.

FERNANDES, Domingos. **Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FRANCO, Paki Venegas; CERVERA, Julia Pérez. **Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz... bem se entende**. PROTECA, 2006. Disponível em <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/manual-para-o-uso-nao-sexista-da-linguagem.pdf>. Acesso em: 25 maio 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança – um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Edição reimpressa em 2007)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREITAS, Luiz Carlos de. Avaliação: para além da “forma escola”. **EDUCAÇÃO: Teoria e Prática**, v. 20, n. 35, p. 89-99, jul./dez.2010.

FREITAS, Luiz Carlos. et. al. **Avaliação educacional**: caminhando pela contramão. Petrópolis – RJ: Vozes, 2009.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Ciclos; seriação e avaliação**: confronto de lógicas. São Paulo: Moderna, 2003.

FREITAS, Luiz Carlos. **Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática**. 10. ed. Campinas: Papyrus, 1995. v. 1. 288p.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GEBARA, Ivone. **Teologia em ritmo de mulher**. São Paulo: Paulinas, 1994.

HADJI, Charles. **A avaliação, regras do jogo**: das intenções aos instrumentos. Porto: Porto Editora, 1994.

HOFFMANN, Jussara. **Pontos & Contrapontos**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1999.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola a universidade. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação**: mito e desafio. Uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1991.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Sobre notas escolares**: distorções e possibilidades. São Paulo: Cortez, 2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1995. 180p.

LUCKESI, Cipriano Carlos . **Avaliação da aprendizagem escolar: sendas percorridas**. 1992. 560 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Tradução de Reginaldo Sant’anna. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. Livro I.

MEANA, Teresa. **Palabras no se las lleva el viento... Por un uso no sexista de la lengua**. Valencia: Ayuntamiento de Quart de Poblet, 2004.

MENDES, Olenir Maria; RICHTER, Leonice Matilde; MARTINS, Christian Alves; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de; COSTA, Simone, Freitas Pereira (Orgs). **Pesquisa coletiva, avaliação externa e qualidade da escola pública**. Curitiba – PR: CRV, 2018.

MENDES, Olenir Maria. **Formação de professores e avaliação educacional: o que aprendem os estudantes das licenciaturas durante sua formação**. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2006.

MENDES, Olenir Maria. **Os cursos de Licenciatura e a formação do professor: a contribuição da Universidade Federal de Uberlândia na construção do perfil de profissionais da Educação**. Uberlândia, 1999. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Uberlândia, 1999.

MOURA, Anna Regina Lanner; PALMA, R. C. D. Avaliação em matemática: lembranças da trajetória escolar de alunos de Pedagogia. *In*: BURIASCO, R. L. C. (Org.). **Avaliação e Educação Matemática**. Recife: SBEM, 2008, p. 11-28.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação da aprendizagem, entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

PINTO, Zivaldo Alves. **O Menino Maluquinho**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

PISTRAK. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

REGO, Teresa Cristina. Trajetória intelectual de pesquisadores da educação: a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 58, jul-set, 2014.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SANTOS, Gabriela Paes dos. **Matéria orgânica: Agroecologia como plano de composição da dança contemporânea**. Uberlândia-MG: Composer, 2019.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. 7 ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança. Por uma práxis transformadora**. São Paulo: Libertad – Caderno Pedagógicos, 1998.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas e outras. **Avaliação das aprendizagens em livros: 1960-2020**. Curitiba/SC: CRV, 2022.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas (org.). **Avaliação formativa: práticas inovadoras.** Campinas, SP: Papirus, 2011.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas e outras. **O projeto político-pedagógico e a avaliação.** Campinas/ SP: Papirus, 2007

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

## ANEXOS

### Anexo 1 – Parecer da prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Dulcéria Tartuci

Sessão de avaliação da apresentação e defesa pública de  
memorial da Profa. Dra. Olenir Maria Mendes  
15 de junho de 2023 - Faculdade de Educação/UFU

Parecer ao memorial “*Profissão docente: saberes e sabores... e lutas*”, por Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.  
Dulcéria Tartuci<sup>20</sup>

Sou grata pelo convite e a confiança da Profa. Olenir e pela possibilidade de diálogo desta manhã. Senti impulsionada por iniciar minhas breves notas sobre o Memorial acadêmico da professora com as palavras de Cora Coralina.

#### *Aninha e Suas Pedras*

Não te deixes destruir...

Ajuntando novas pedras  
e construindo novos poemas.

Recria tua vida, sempre, sempre.

Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.

Faz de tua vida mesquinha  
um poema.

E viverás no coração dos jovens  
e na memória das gerações que hão de vir.

Esta fonte é para uso de todos os sedentos.

Toma a tua parte.

Vem a estas páginas  
e não entres seu uso  
aos que têm sede.

Estas páginas me remeteram a um ajuntamento constante de novas pedras, da resiliência de uma mulher professora, que na luta construiu novos poemas e por certo viverá na memória de seus alunos e nos corações dos jovens, e agora também em minha memória.

---

<sup>20</sup> Professora titular da Universidade Federal de Catalão. Membro da Comissão Especial de Avaliação da apresentação e defesa pública de Memorial da Profa. Dra. Olenir Maria Mendes, juntamente com Prof. Dr. Marcos Daniel Longhini – Universidade Federal de Uberlândia (UFU) presidente; Prof. Dr. Domingos Manuel Barros Fernandes - Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE); Profa. Dra. Maria Vieira da Silva - Professora visitante da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Dra. Marta Genú Soares - Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Conhecer a história de Olenir, história de tantas pedras – trajetórias – que tanto plantou roseiras e por certo fez doce a vida de tantos alunos e alunas.

Falar do ensino, da pesquisa e da extensão, de saberes e sabores, atravessados pelo Centro de Estudos Bíblicos – CEBI, pelo sindicato, o teatro, Grupo de Trabalho em Política Educacional – GTPE. É falar de seu lugar na universidade, na vida e na luta.

Olenir elege para iniciar sua narrativa, dizer de um tempo de silenciamento da democracia e o tempo presente, presente conquistado de esperança, do verbo esperar, que povoa o Brasil que, foi as urnas para dizer não ao fascismo. Seguida de uma seção em que reflete sobre sua luta constante de ser mulher e de sua defesa sobre o poder da língua para libertação da sociedade, de uma aversão/rebeldia às imposições machistas, sexistas, racistas, entre tantas outras, e que, apesar de datá-las como 15 anos, por certo a semente já germina naquela mulher que teve que abandonar a aula de violão. Dá voz a memória de mulher, da feminista que fala das experiências vivenciadas de machismo.

Em seguida, na Seção 3, trata da sua trajetória na educação básica, agora como professora e com um olhar atento as diferenças e toda relação de poder envolvida nos processos escolares trazendo à tona questões como: escolas de qualidade X escola sem qualidade/piiores; ensino noturno e alunos trabalhadores, das relações dialógicas e do autoritarismo...Trata também de suas primeiras iniciativas de ações coletivas. Sua formação docente já se inicia no ensino médio e é este lugar que possibilita seu ingresso no magistério. Trata da sua formação no Curso de Pedagogia e estabelece uma discussão sobre o direito à educação pública e gratuita no ensino superior.

Chama atenção ao projeto formativo vivenciado no Curso de Pedagogia da UFU, em um contexto fortalecido pelo tecnicismo, mas também em que emergia ações de luta e de oposição a divisão do trabalho, como outrora vivenciara na escola de magistério. É nesta perspectiva que se constitui sua formação na educação superior. Vivenciar a formação em Pedagogia, com foco na docência e em uma formação que possibilitasse uma atuação crítica e transformadora na gestão.

Neste contexto o envolvimento dos docentes do curso tinha como foco principal o ensino. Todavia, questiona o modo como o estágio foi estabelecido, ainda que buscando produzir mudanças, este não contou com o direcionamento e contribuição do pensar coletivo com os professores de estágio. Mas foi neste contexto, para além da sala de aula, que Olenir pode vivenciar os movimentos sociais e de juventude, o movimento estudantil e o Diretório Acadêmico.

Também diz de sua formação no mestrado da UFU, da pesquisa desenvolvida em que constatou os desafios para construção de um projeto político-pedagógico das Licenciaturas, seja em razão do abandono das licenciaturas por professores em favor dos bacharelados ou mesmo pelo papel da Faculdade de Educação em relação à sua responsabilidade pelas disciplinas pedagógicas. Em relação ao doutorado na USP-São Paulo, ressalta os desafios vivenciados naquele período em relação às restrições impostas às universidades e aos servidores pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso e da “energia” necessária para resistir e buscar estratégias de mobilização e luta. Mas foi neste contexto que teve oportunidade de participar de grupos de pesquisa coordenados por sua orientadora, Marli André, que foi referência na área da pesquisa qualitativa no Brasil. Além disso, a temática da avaliação se define como área de pesquisa. Fala das oportunidades de cursar o doutorado com licença, direito garantido por meio da luta dos professores, mas também ressalta os desafios vivenciados como mulher, mãe neste período. Trata ainda da formação que vivenciou em contextos não formais, em especial os vivenciados nos estudos bíblicos e de leitura popular da Bíblia do CEBI.

Ao tratar de sua trajetória profissional, do ser docente, na seção 4, e trazer as memórias de atuação na educação básica, rememora sua iniciação como monitora, ainda quando cursava o ensino fundamental e logo em seguida, após cursar o magistério tem sua primeira vaga como docente. E é na escola de ensino fundamental que é demonstrado as dificuldades do professor iniciante, diante de um contexto, muitas vezes desfavorável. Suas primeiras experiências com o “aluno concreto”, com “uma escola tida como de má qualidade”, de “uma escola que atende estudantes de baixo poder aquisitivo”, o que implica problematizar a “qualidade”. Ainda vivencia a situação de criação de um ambiente separado – sala especial para atender demandas de alfabetização. E hoje na universidade tem condições de revisitar estes lugares, com as lentes já ampliadas pela formação acadêmica e aquela que se dá fora das paredes da sala de aula, que vão configurar propostas de formação crítica e transformadora de licenciandos e licenciandas.

A sua trajetória no ensino superior é vivenciada por 3 anos em uma instituição privada e também em uma instituição pública conveniada ao mesmo tempo que já atuava na UFU como professora substituta, mas é com seu ingresso como docente efetiva que hoje soma 26 anos de trabalho, de lutas e resistências, na universidade. Sua “militância” configura sua atuação, sempre em um viés coletivo, no ensino, pesquisa e extensão.

Ações que tem como central a avaliação e a didática. Defende, conforme suas palavras, a “ação docente como peça fundamental para a organização da práxis

pedagógica transformadora nos diversos espaços formativos.” E é a práxis pedagógica que a possibilita revistar alguns conceitos de boa professora, de seriedade e competência, compartilhando reflexões com Paulo Freire e de outros teóricos estudados e pessoas com quem pode compartilhar a construção de saberes e sabores. E é ensinando e aprendendo que “ela se despede da cantora para incorporar/encenar a professora”, ensinando Didática, avaliação, fazendo pesquisa e compartilhando em ações extensionistas. E é no ensino da didática, que a sua prática se torna objeto de estudos e de práxis.

Ao tratar de sua trajetória no ensino da Didática ela traz um verdadeiro compêndio de Didática, poderia se constituir em um capítulo de livro ou artigo, ao tratar de suas aulas e das configurações coletivas assumidas em sua prática docente. Por certo, interessaria a qualquer docente a sua leitura atenta.

Ela traz ainda sua atuação no Pibid, considerada por ela como uma experiência potente e promissora para formação de professores e professoras. Ela teve uma participação como coordenadora do Pibid no Curso de Pedagogia e considera que sua ação pode contribuir para atenuar a distância e a falta de diálogo entre os níveis de educação e ao mesmo tempo estreitar laços entre a formação inicial e continuada, bem como propiciar a inserção dos alunos e alunas nas realidades das escolas.

E a partir daqui que Olenir estabelece uma separação/descontinuidade para tratar da “avaliação formativa na práxis”, eu diria como adágio popular “Quem anda na linha o trem pega. Andar na linha...inevitável...” E é a partir deste desvio que ela trata da temática que tem sido alvo de ensino da professora, seja na graduação ou pós-graduação. Alvo ainda do Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação (Gepae). Considero que ela faz uma contextualização, descrição e análise importante para se pensar o ensino, inclusive poderia compor o capítulo/livro já mencionado aqui.

Em seguida ela traz, na seção 6, sua atuação em relação a pesquisa retratada e discutida e constituída no Gepae. Ela diz da incipiência da pesquisa na fase inicial de sua atuação na UFU. Nesta direção ela recebe convite de alunas, no início de 2000 para criar o grupo de estudo em avaliação (GEA), que mais tarde vai ser lócus de suas pesquisas e mesmo da extensão – Gepae, grupo que mantém diálogo com vários pesquisadores na área de avaliação, como Luiz Carlos de Freitas, Mara Regina Lemes de Sordi, Domingos Fernandes. Além disso, tem o trabalho coletivo como definidor de suas ações, bem como a relação que estabelece com as escolas de educação básica.

Ela aponta as três fases de estudos e pesquisas do grupo: primeiro foco na lógica excludente da cultura avaliativa; na avaliação externa e agora avaliação formativa. E é a

partir do desenho das ações do Gepae que ela vai traçando as suas pesquisas e ações e do próprio grupo ao longo dos 23 anos descrevendo e apresentando imagens. E é neste contexto que ela diz sobre o aprender a pesquisar coletivamente, as propostas e projeto aprovados com financiamento, a realização dos eventos científicos, com destaque para os Seminários Internacionais de Avaliação. Apresenta ainda a participação do Grupo em eventos, congressos e Seminários, a produção intelectual/publicações, bem como outras pesquisas interinstitucionais e experiências relevantes em sua trajetória, que resultaram em publicações. Finaliza esta seção elencando algumas produções.

Nas ações e atividades de extensão, seção 7, ela demarca a questão do diálogo com as comunidades, que são consideradas por ela como interligadas ou pesquisas que se desdobram em ações extensionistas. E é neste contexto que é ressaltado sua participação nos movimentos populares e a potencialidade para o diálogo universidade e comunidade, descrevendo alguns deles, como os Projetos junto às juventudes, “Apoio a Projetos para Estudantes do Ensino Médio – Curso Paulo Freire (vinculado ao Projeto liderança Juvenil: asas da Juventude. Olenir ainda apresenta os projetos de extensão desenvolvidos pelo GEPAE – “vivencias em formação continuada I, II e III: encontros e desencontros da avaliação educacional (2007, 2009 e 2014), bem como a aponta a atuação do Grupo junto à rede municipal de ensino de UDi (2013 a 2006) analisando o período de uma gestão comprometida com os trabalhadores, bem como o fato de uma profa da universidade assumir a secretaria de educação, pessoa esta ligada à educação popular. Destaca ainda um projeto desenvolvido na rede municipal sobre avaliação no período de licença capacitação com a profa. Camila Coimbra e os cadernos temáticos. Interessante ressaltar que neste caso, o projeto é desenvolvido por meio de algumas etapas, tais como a Contextualização, Aprofundamento teórico, Sínteses que buscam a coerência entre teoria e prática o Plano de ação e as sugestões. Interessante que estes procedimentos se aproximam a algumas etapas da pesquisa ação, da pesquisa colaborativa e/ou das sessões reflexivas. Considero que parte destas discussões poderiam compor o capítulo ou referido livro. Por fim aponta ainda as assessorias e palestras.

Em relação a gestão/atividades administrativas ela afirma ter realizado poucas atividades administrativas, com atuação em algumas coordenações de núcleo da Didática e na Comissão Própria de Avaliação CPA/UFU, bem como iniciativas de candidaturas. Todavia, me parece que a própria liderança no Gepae se constitui em forma de gestão, bem como é o caso das atividades e lideranças no movimento popular.

E mais uma vez entre ensino, pesquisa e extensão saberes e sabores são ressaltadas as Memórias sindicais – memórias que com certeza se constituíram como núcleo de toda a sua atuação na universidade – militante sindical e em movimentos sociais, na escola, na igreja e na comunidade. E é quase no fim que podemos apreciar a atuação e os sabores da vida e profissão da profa. Olenir, que é “fechado/aberto” com a sua vivência no teatro e a relação que se estabelece com suas atividades de ensino. Se o “destino” de quem não se dobra desviou-se da música a arte se fez presente por meio do teatro.

Por fim, nas considerações finais ela faz uma análise de sua caminhada no registro de suas vivências na universidade. Outras vozes de mulher ecoam a partir desta trajetória que é singular, mas que também é coletiva, em que pude em cada cena “enxergar” professoras diversas e a mim própria, o meu ser professora, oportunidade impar de atravessar este percurso de mãos dadas com Olenir e no fechar das portas poder me ver como a mulher, que depois de mãe, se vê na condição de mãe da mãe e no desafio de atuar como docente e pesquisadora...entre outros adjetivos, sem perder a ternura e boniteza pelo trabalho docente. Talvez como Olenir, eu e outras professoras poderemos ser “plantas ruderais” ou simplesmente MULHERES em todas as suas pluralidades e esperanças. Assim, convido a Olenir neste momento a revistar seu memorial a partir das múltiplas lentes aqui presente.

**Anexo 2 – Parecer da profª Drª. Maria Vieira Silva**

**Sessão de avaliação da apresentação e defesa pública de  
memorial da Profa. Dra. Olenir Maria Mendes**

**15 de junho de 2023 - Faculdade de Educação/UFU**

Parecer ao memorial “*Profissão docente: saberes e sabores... e lutas*”, por Profª. Drª. Maria Vieira Silva<sup>21</sup>

temos no peito  
a matéria do céu  
o pó deslumbrado  
do fim do deserto

no peito vive secreto  
o desassossego que  
se tece no desvario  
dos olhos e da pele

é velha a inquietação  
das tēmporas viventes  
e dos seres palpitantes  
nas velas tensas do peito

Sirvo-me destes versos do querido professor e poeta Domingues Fernandes (que se encontra conosco, nesta sessão de trabalho) para dizer que trago alguns olhares sobre os momentos, a matéria, os desassossegos, os desvarios e as inquietações que o texto de Olenir suscita.

Agradeço o trabalho da Comissão de Avaliação de Relatórios de Progressão/Promoção da Faculdade de Educação, UFU, que, em uma etapa anterior à esta desenvolveu um importante trabalho de análise do Relatório e da documentação comprobatória das atividades desenvolvidas pela Profa. Olenir verificando o atendimento aos critérios estabelecidos pela Resolução 05 de 22/08/2018 do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia. A referida comissão foi composta pelas professoras Iara Longhini e Valéria Resende e pelos professores Cairo Katrib e Marcos Longhini. Reconhecemos, igualmente, o primoroso suporte das secretárias da Faculdade de Educação - UFU, sempre atentas e dedicadas ao bom andamento dos trabalhos institucionais.

---

<sup>21</sup>Professora titular aposentada da Universidade Federal de Uberlândia. Professora visitante da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro da Comissão Especial de Avaliação da apresentação e defesa pública de Memorial da Profa. Dra. Olenir Maria Mendes, juntamente com Prof. Dr. Marcos Daniel Longhini – Universidade Federal de Uberlândia (UFU) presidente; Prof. Dr. Domingos Manuel Barros Fernandes - Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE); Profa. Dra. Dulcéria Tartuci - Universidade Federal de Catalão (UFCat) e Dra. Marta Genú Soares - Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Feitas estas considerações, voltamos nosso olhar para a “matéria” das memórias que Olenir nos apresenta. O seu memorial tem como título *Profissão docente: saberes e sabores... e lutas*, e é por este título que começo algumas considerações: no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de José Pedro Machado, a raiz da palavra **saber** é originária do latim 'sapere', cujos significados são: “ter gosto; exalar um cheiro, um odor; perceber pelo sentido do gosto; fig., ter inteligência, juízo; conhecer alguma coisa, conhecer, compreender, saber”. Por seu turno, a palavra **sabor**, também derivada do latim 'sapore', significa "gosto, o sabor característico de uma coisa, em sentido próprio e figurado; no pl., coisas de bom gosto; odor, perfume; gosto, acção de provar; (...)”. Ainda segundo o autor, as primeiras acepções do verbo *sapere* são todas ligadas a sabor, ao paladar: o substantivo *saporis*, surgiu como derivado de *sapere*.

Esse mergulho na etimologia das palavras, *sabor e saber* revela que o título é bem representativo do conteúdo presente no corpo do texto, dada a ligação entre o paladar e o intelecto, entre o vivido, o sentido e o pensado. O texto é envolvente, pulsante... suas palavras chegam como um abraço e a alquimia de suas palavras desestrutura, subverte, embarga, recria, reposiciona, desconcerta e alerta para as injustiças sociais e as possibilidades do devir, inspirando, ferindo, irrompendo, exercitando o olhar a contrapelo.

As narrativas sobre histórias de vida, a profissão docente e a militância política de Olenir se bifurcam com riqueza de detalhes que, possibilita uma interação entre texto e leitor/a, entre nossa visão de mundo - na condição de leitora - e o repertório do texto. Assim, a recepção de seu texto no imaginário do/a leitor/a ativa sentimentos, paisagens e imagens sobre as experiências de trabalho na infância e adolescência, como empregada doméstica; as importunações de “adolescentes machos” em seus percursos em direção às aulas de violão, as passagens pela Av. Cesário Alvim e o bloqueio de seu sonho de cantar. O “coração de estudante” na Escola Estadual Antônio Luiz Bastos e no Museu e tantas outras passagens são cenários para a assunção de sua negritude; para a defesa da classe trabalhadora; para a construção de sua existência cristã baseada na leitura popular da Bíblia; para a luta contra o patriarcado; para as práticas de educação popular e para a participação em Movimentos Eclesiais de Base; para sua trajetória acadêmica e laboral.

Assim, este memorial marca a composição de um texto engajado o qual espelha também o engajamento de sua autora. Suas memórias evocam e externalizam aprendizados, dores, medos, angústias, adoecimentos, mas, também passagens portadoras de alegrias, conquistas, utopias, esperanças e lutas. De acordo com Artières (1998)

“arquivar [manter na memória] a própria vida não é privilégio de pessoas ilustres. Todo indivíduo, em algum momento da sua existência, por uma razão qualquer, se entrega a esse exercício (Artières, 1998). E, nesta sessão de trabalho, nos reunimos para compartilhar impressões e considerações desse exercício que a professora Olenir se propôs neste momento de sua trajetória acadêmica e profissional, revisitando experiências, promovendo reflexões de sua trajetória laboral ao longo de suas experiências.

Assim, o presente memorial apresenta processos constitutivos e constituintes de seu percurso formativo, desde os primeiros anos de escolarização até sua trajetória profissional na Educação Superior. Escrito ora na primeira pessoa do singular, ora na primeira pessoa do plural, o texto, com teor autobiográfico, é dotado de parcialidade e subjetividade. Acessando memórias e tecendo narrativas Olenir disponibiliza registros, de modo a refletir e dialogar sobre suas vivências, em distintos espaços. Espécie de mosaico individual e coletivo, a meu ver, o texto não se trata de uma síntese, mas uma composição de sua história em que o aspecto profissional dá o tom da diversidade de ações aqui afixadas e levadas para a apreciação da banca examinadora e para o conhecimento público. No texto organizado em dez itens com os respectivos sub-itens, Olenir descreve, de forma circunstanciada, as atividades realizadas em seu percurso formativo e laboral nos espaços escolares e nos movimentos sociais, e, afirma: “aqui estão memórias que foram retiradas das estantes e espalhadas pelo chão do meu escritório... sem ordem, sem critério, tudo embaralhado [...]”.

Esse mosaico de significados resgatados por Olenir e atribuídos à memória, indicam a preservação de recordações e apontam também para um movimento de vida. *Mnemosyne*, deusa que personifica a memória, filha de Urano e Gaia, representa, em linhas gerais, a proteção do esquecimento. Assim pensando, de certo modo, a memória pode também nos preservar da morte pelo esquecimento. De acordo com Marilena Chauí, “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total, [...] é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança (CHAUÍ, 1996: 125 a 130). Sob tal prisma, memória se relaciona, a uma vida que, atualizada, presentifica o passado no presente.

A percepção individual e as concepções elaboradas nos registros deste memorial são fragmentos de situações vividas no percurso educacional e laboral de Olenir: são lugares, espaços, pessoas e experiências vividas. Essas memórias, como ela mesma

afirmou não abarcam a multiplicidade e a totalidade de elementos que a têm constituído ao longo de sua vida, pois, é um exercício seletivo em que são rememorados momentos mais significativos de seu percurso profissional. Este é um dos pontos abordados pelo historiador brasileiro Ulpiano Meneses, no que se refere a “memória versus amnésia”, em seu texto “Os paradoxos da memória”. Ao abordar o binômio “memória-esquecimento”, o autor afirma

(...) a memória é, também, um mecanismo de seleção, de descarte, de eliminação. Não é possível entender a memória sem entendê-la, também, e talvez mais ainda, como mecanismo de eliminação: a memória é um mecanismo de esquecimento programado (MENESES, 2007: 135).

Fernando Pessoa escreveu um curto poema em que nos inspira a pensar a potencialidade e fragilidade da memória e de nós mesmas: “Aquele arbusto fenece, e vai com ele parte da minha vida. Em tudo quanto olhei fiquei em parte. Com tudo quanto vi, se passa, passo. Nem distingue a **memória** do que vi do que fui”.

Ainda sobre as memórias LeGoff (2003) questiona: “Qual o tempo natural da memória? Seria o passado? Eu responderia: sem dúvida. O tempo da memória é o presente, mas ela necessita do passado. O tempo da memória é o presente por que é no presente que se constrói a memória. A memória não se constrói no passado, se constrói no presente. (Le Goff, 2003). Ainda de acordo com Le Goff, “memória é um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões, informações passadas ou informações que ele representa como passadas (2003: 119). Desta maneira o texto, escrito sob o signo da paixão, apresenta memórias de uma trajetória profissional ao longo de décadas, visando "atualizar o passado" e remontar o presente. Mas, estas lembranças e memórias autobiográficas, sendo individuais, estão também imbricadas em um contexto social constitui Olenir como pessoa.

E nesta sua constituição como sujeito histórico Olenir, por meio deste texto, também nos possibilita uma viagem sobre diferentes contextos históricos de Uberlândia e em nível nacional. Suas narrativas autobiográficas ajudam-nos a reconstituir fios historiográficos importantes da educação escolar e do currículo formal e oculto, em diferentes momentos na escolarização: no Curso Primário, no Ginásio, no Curso de Pedagogia UFU e na Pós-Graduação, na vida privada, nos movimentos sociais e sindicais.

A escrita sensível de Olenir relata sua alfabetização precoce, seu medo da professora de Matemática, seu encantamento por algumas professoras, sua lida nos

movimentos sociais e sindicais possibilita-nos pensar, tendo por referência Walter Benjamin, que a noção de experiência possui uma relação bastante intrincada com as noções de memória e de narração (ou “arte de contar histórias”): para este autor, o acesso à memória é o que permitiria a transmissão, via narração, da experiência. Segundo Walter Benjamin, nosso tempo é marcado por um processo de declínio das ações experiência; na acelerada modernidade capitalista, não há mais tempo para ouvir histórias, únicas vias de transmissão da experiência em seu sentido pleno; preferem-se, hoje, os jornais (e acrescento, aqui as redes sociais da internet), fonte de informação concisa e de fácil assimilação, logo, mais compatível com o acelerado cotidiano moderno. O problema é que esse tipo de informação não se integra à experiência do indivíduo, deixando-o pobre em termos desta; com a vida sendo guiada pelo imediatismo, pela efemeridade do instante, a vivência assume a dianteira, colaborando decisivamente com o declínio da experiência. Com bem assinalam Dardot e Laval (2019), em A “nova” fase do neoliberalismo, “O trágico do neoliberalismo é que, em nome da razão suprema do capital, atacou os próprios fundamentos da vida social, do modo como havia sido formulado e imposto na época moderna.

Prosseguindo suas experiências, além de seu percurso formativo na graduação e na pós-graduação, Olenir possibilita-nos ainda uma incursão na dinâmica organizacional da Faculdade de Educação, antes estruturada em departamentos e sua imersão primeiramente no movimento estudantil na condição de estudante e, depois no Sindicato, na condição de docente. Suas experiências de ensino, pesquisa, extensão, produção intelectual e trabalhos no GEPAE de forma inequívoca proporcionaram importantes contributos para a entrada dos princípios da educação popular na Universidade Federal de Uberlândia, ajudando a pintar o espaço acadêmico com as cores do povo, assim como, certamente, os trabalhos desenvolvidos no GEPAE têm proporcionado a contribuição da formação de pesquisadoras e de profissionais da educação baseada em princípios da avaliação emancipadora, por meio de estudos, pesquisa e extensão.

O engajamento político e a imersão nas lutas políticas evidenciam grandeza de Olenir ao escolher ficar ao lado dos “esfarrapados do mundo” (parafraseando Paulo Freire), conjugando o verbo esperar de forma intensa e simples... mas, valendo-me de um aforismo de Clarice Lispector, “que ninguém se engane, só se consegue a simplicidade através de muito trabalho” e complemento com Oscar Wilde “Adoro as coisas simples. Elas são o último refúgio de um espírito complexo”.

Feitas estas considerações, convido Olenir para dialogar conosco sobre alguns aspectos que seu texto suscita. Em 2019, o *rapper* Emicida lançou a obra “AmarElo” (inspirado na canção “Sujeito de sorte”, de Belchior), na qual, por meio do disco e documentário também veicula sua trajetória de vida e a história da população negra e da “parcela dos que não têm parcela” (Chico de Oliveira), dos/as subalternizados/as, excluídos/as e empobrecidos/as. Reproduzo aqui um trecho deste *rap*...

*Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes  
que nem devia tá aqui  
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
Tanta dor rouba nossa voz  
sabe o que resta de nóiz?  
Alvos passeando por aí  
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
Se isso é sobre vivência  
me resumir a sobrevivência  
É roubar o pouco de bom que vivi  
Por fim, permita que eu  
fale, não as minhas cicatrizes  
Achar que essas mazelas me definem  
é o pior dos crimes  
É dar o troféu pro nosso  
algoz e fazer nóiz sumir  
Tenho sangrado demais  
tenho chorado pra cachorro  
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro*

Olenir, sua trajetória tem fortes marcas de experiências vivenciadas nos movimentos sociais e na Educação Popular referenciados em princípios veiculados por Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Oscar Jara, Adão Lara e na luta contra a **invisibilização** e silenciamento de sujeitos subalternizados. No entanto, o espaço universitário tem sido historicamente marcado, por um modelo de Universidade Operacional (conforme Marilena Chauí) e ainda sob a lógica de um Estado Gerencial. O que é possível fazer para que a universidade pública que conquistamos se aproxime de um projeto popular?

- Ao se remeter ao início de sua atuação como docente na Educação Superior, afirma: *eu chegava na sala, trazia em mãos o material, organizava o espaço, recebia a turma com seriedade, dava um bom dia, boa tarde ou boa noite e seguia com o conteúdo para não perder tempo*” (p.87), posteriormente ao fazer uma autoavaliação você afirma: *Conseguimos vivenciar experiências que confirmam a importância de construirmos processos de relação docente/estudantes que buscam a confiança, respeito e interação.*

Tendo como referência o início de sua carreira docente e a experiência acumulada na profissão, quais os principais desafios para a docência universitária no tempo presente? Quais as principais rupturas provocadas entre a prática narrada no início de sua carreira e as práticas experienciadas atualmente?

Por fim, Olenir quero dizer que para mim foi uma grande honra e uma enorme alegria participar desta sessão de trabalho e conhecer mais de perto sua trajetória de vida como mulher, profissional, militante. Que sua arte prossiga trazendo beleza e consciência ao mundo!

Irmanadas<sup>22</sup> pelo querido Tiago Adão Lara... o TAL, despeço com um de seus poemas:

Queremos uma escola, Onde a ideia não amarre, mas liberte; A palavra não apodreça, mas aconteça; A imaginação não desmaie, mas exploda; O pensamento não repita, mas invente um saber novo que é do povo. Escola oficina da vida, que se faz saber do bem querer (Tiago Adão Lara)

---

<sup>22</sup> A memória mais recente que tenho sua em uma atividade presencial foi em cima de um caminhão gritando “fora Bolsonaro” e a mais remota também foi em cima de um caminhão, animando a juventude a protestar com palavras de ordem “*arroz, feijão, saúde e educação*”, no final dos anos 1980. Naquele contexto você participava da Pastoral da Juventude e eu do Centro de Defesa dos Direitos Humanos – CDDH. O grupo tinha uma dinâmica de trabalho em quatro eixos de ação: estudos, trabalhos comunitários, cursos de formação para movimentos sociais e intervenções jurídicas em prol de entidades e sujeitos que tivessem os Direitos Humanos violados. Sob a coordenação de Tiago Adão Lara, o grupo era aberto a todas as pessoas interessadas e que tivessem perspectivas políticas alinhadas às concepções dos Direitos Humanos. Embora ocorresse certa rotatividade de membros, havia um núcleo fixo composto por Carlos Roberto Vieira (Banha), Sérgio Pereira, Wilma Ferreira de Jesus, Newton Torres, Rosimeire Marciano Santana, Maria Perpétua, Paulo Roberto de Oliveira Santos, João Marcos Alem. Tínhamos também uma assessoria jurídica, por meio da advogada Márcia Leonora Santos Régis, e uma secretária, Valéria Gonçalves da Silva, ambas contratadas por 40 horas semanais. As ações do CDDH, a modesta estrutura e os pagamentos da secretária e da advogada eram financiadas pelas entidades Cáritas e Miserium. O CDDH também era vinculado à Anistia Internacional, a qual investia de forma expressiva na formação de quadros para desenvolver trabalhos comunitários, fornecendo materiais e disponibilizando cursos. Embora essa entidade fosse laica, sua sede se localizava em uma sala da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, ao lado de outros espaços onde estavam instaladas sedes da Pastoral Operária, Pastoral da Terra, Pastoral Carcerária, Pastoral da Juventude, Pastoral do Menor e Pastoral da Catequese, Comunidades Eclesiais de Base - CEB's - e Grupo de União e Consciência Negra de Uberlândia - GRUCON -, assim, desenvolvíamos alguns trabalhos conjuntos, com vários setores vinculados aos Movimentos Eclesiais de Base, ligados à Teologia da Libertação, instalados no Centro de Formação Diocesano de Uberlândia, tinham Tiago com grande referência. Estas entidades, possuíam muitas linhas de ação, destaco aqui, que, juntamente com os demais movimentos sociais, compuseram o Comitê Pró-participação Popular na Constituinte, coletando assinaturas para as Emendas Populares à Constituição Federal. Embora em entidades diferentes, participamos ativamente do processo de coleta de assinaturas para o Comitê Pró-Participação Popular na Constituinte, tanto em reuniões das Associações de Bairros, quanto na Praça Ismene Mendes (Praça Tubal Vilela, Uberlândia), dentre outras frentes de luta. Por isso, as imagens que tenho dos anos 1980 e do tempo presente são emblemáticas de sua persistência na luta contra as injustiças sociais.

### **Anexo 3 – Parecer da profª Drª. Marta Genú Soares**

#### **Sessão de avaliação da apresentação e defesa pública de memorial da Profa. Dra. Olenir Maria Mendes**

**15 de junho de 2023 - Faculdade de Educação/UFU**

Parecer ao memorial “*Profissão docente: saberes e sabores... e lutas*”, por Profª. Drª. Marta Genú Soares <sup>23</sup>



#### **Universidade do Estado do Pará Centro de Ciências Sociais e Educação Programa de Pós-Graduação em Educação**

**Parecer:** Defesa de Memorial “**Profissão Docente: saberes, sabores e lutas**”

Candidata: Olenir Maria Mendes

**Parecerista:** Marta Genú Soares (Universidade do Estado do Pará- UEPA)

**Assunto:** Trata de parecer do texto de memorial sobre carreira docente e classe empregatícia.

O memorial anuncia a experiência do corpo em movimento como uma ontologia do sensível, e o movimento da Olenir frente às atividades expressa os aspectos políticos, acadêmicos e orgânicos de uma professora que se faz mulher, pesquisadora e militante das causas da vida e pela vida. Ao longo de sua escrita, organizada em seções que separam a vida somente para a melhor apreciação da leitura e compreensão de sua criação na linha do tempo viver, Olenir traça seu perfil em memória de mulher e informa sua permanente construção de corpoconsciente durante sua formação feita nas agências educativas de caráter público, gratuito e coletivo.

Sua andança começa na rua, com a educação do povo, e adentra a escola de forma protagonista e colaborativa como se tornou toda a sua trajetória profissional, no caminho da rua para a universidade e desta de volta para a comunidade. Ao tratar de sua prática profissional a nomeia práxis, com justa causa, dados que confirma o anunciado em seu

---

<sup>23</sup>Professora titular Universidade do Estado do Pará. Membro da Comissão Especial de Avaliação da apresentação e defesa pública de Memorial da Profa. Dra. Olenir Maria Mendes, juntamente com Prof. Dr. Marcos Daniel Longhini – Universidade Federal de Uberlândia (UFU) presidente; Prof. Dr. Domingos Manuel Barros Fernandes - Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE); Profa. Dra. Dulcéria Tartuci - Universidade Federal de Catalão (UFCat) e Dra. Maria Vieira Silva - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

currículo, projetos, ensino e ações descritas com tanta riqueza de detalhes que leva o leitor junto em suas andanças, a verdadeira escrevivência com o tom da força, da vontade, da competência e da alegria.

Nas demais seções do Memorial, em que são constatados os saberes que discorrem tinta de caneta como sangue nas veias, Olenir atende critérios formais da academia, e o faz com maestria, assim como, canta e dança em ousadias contadas oralmente sobre o que escreve no texto.

Mas, vale ressaltar outros saberes que denotam sabores em seu leitor, como a natureza de falar de ciência de forma *lightwieght*, distanciando-se a si e a nós, leitores, da ciência *hard*, o pensamento linear causal, porque a vida, mesmo que dance como no filme “Retratos da Vida” em compassos de Ravel, de ritmo invárial, se faz da dinâmica e orquestração que conferimos, e Olenir soube conduzir de forma regente seu mundovida, fazendo a caminhada dita por Cora Coralina e a travessia necessária de Guimarães Rosa e Paulo Freite, num movimento único do bolero raveliano.

Podemos afirmar que Olenir tem domínio de conhecimento e competência técnica que a liberam para tamanha criatividade, multiplicidade de atividades e frentes de trabalho, e lutas, vivências em espaços culturais com saber e sensibilidade. É de uma capacidade interventiva que transformou o curso de pedagogia em sua formação inicial, lá em 1987, propondo de forma coletiva e amistosa um novo currículo para uma outra formação e que se tornou sua marca d’água, regsitrando outros fazeres e novos olhares. Dessa forma, essa memória de mulher é sobre profissão docente e vida, saberes, sabores e lutas.

Com meu respeito e reconhecimento, um abraço fraterno.

Belém úmida e quente, cidade das mangueiras.

15/06/2023

Marta Genú Soares

Doutora em Educação

PPGED/UEPA

SIAPE 6011888